

# Kim Phuc Phan Thi

Trang Bang, Vietnã - 8 de junho de 1972

Foto: Huynh Cong "Nick" Ut

## A MENINA DA FOTO



*Minhas memórias: Do horror da guerra ao caminho da paz*



**“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor.”**

~ e-Livros.SITE, e-Livros.XYZ, e-Livros.WIN ~

**KIM PHUC PHAN THI**

# **A MENINA DA FOTO**

MINHAS MEMÓRIAS:  
DO HORROR DA GUERRA  
AO CAMINHO DA PAZ

Traduzido por CECÍLIA ELLER NASCIMENTO

**MC**  
mundocristão  
São Paulo

# Mídias Sociais



curta



siga



confira



assista



acesse

Copyright © 2017 por Kim Phuc Phan Thi  
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (usado com permissão da Tyndale House Publishers), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Equipe MC:* Daniel Faria (editor)

Heda Lopes

Natália Custódio

*Diagramação:* Triall Editorial Ltda

*Capa:* Jonatas Belan

*Diagramação para e-book:* Yuri Freire

*CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação*  
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

---

T363m

Thi, Kim Phuc Phan, 1963-

A menina da foto [recurso eletrônico] : minhas memórias do horror da guerra ao caminho da paz / Kim Phuc Phan Thi ; tradução Cecília Eller. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2018.

recurso digital

Tradução de: Fire road : the napalm girl's journey through the horrors of war to faith, forgiveness and peace

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-433-0287-4 (recurso eletrônico)

1. Thi, Kim Phuc Phan, 1963-. 2. Vietnã, Guerra do, 1961-1975 - Crianças - Biografia. 3. Autobiografia. 4. Livros eletrônicos. I. Eller, Cecília. II. Título.

18-50729

CDD: 959.7043092

CDU: 929:94(597)"1961/1975"

---

*Categoria:* Autobiografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

1ª edição eletrônica: setembro de 2018

*Para minhas três famílias:*

*Meus pais e irmãos, cuja compaixão tornou suportável o sofrimento de uma garotinha.*

*Meu marido e meus filhos, minha nora e meu neto, cujo amor incondicional me cura um pouco mais a cada dia.*

*Minha família da fé na Igreja Batista Faithway, cujas orações me ajudam a permanecer no rumo certo.*

# Sumário

---

|                                    |                                                                                |
|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Introdução</b>                  | Guerra e paz                                                                   |
|                                    | Mapa da Indochina, incluindo Vietnã do Norte e Vietnã do Sul e países vizinhos |
| <b>Prólogo</b>                     | Em busca de uma pele lisa                                                      |
| Parte I — Um corpo em chamas       |                                                                                |
|                                    | 1. Guerra? Que guerra?                                                         |
|                                    | 2. As ordens do soldado                                                        |
|                                    | 3. “Quente demais! Quente demais!”                                             |
|                                    | 4. Dentro do necrotério                                                        |
|                                    | 5. Viva, mas nada bem                                                          |
|                                    | 6. A maldição de ser diferente                                                 |
|                                    | 7. A saída                                                                     |
|                                    | 8. Enfim, o fim da guerra                                                      |
|                                    | 9. Recomeço                                                                    |
|                                    | 10. Partida definitiva                                                         |
| Parte II — Uma biografia explorada |                                                                                |
|                                    | 11. De volta às manchetes                                                      |
|                                    | 12. Basta!                                                                     |
|                                    | 13. Entregando-me a Deus                                                       |
|                                    | 14. Perigo por todos os lados                                                  |



15. Auxílio extremamente oportuno
16. O querido Bac Dong
17. Uma circunstância inconveniente
18. Não há nada para mim aqui
19. Isto é progresso?

Parte III — A paz tão procurada

20. Fim da lua de mel
21. Milagre sobre milagre
22. Vá, Deus, vá!
23. Lançando fora todo o medo
24. Três quilos e meio de perfeição
25. Deus provedor
26. Tempo de perdoar

Parte IV — A redenção da minha história

27. O reencontro
28. Protegidos o tempo inteiro
29. Mais dor para que a dor diminua
30. Cicatrizes expostas
31. Enfim, paz

**Epílogo**      Firme na esperança

**Agradecimentos**

# Introdução

---

## UMA PALAVRA AO LEITOR

# GUERRA E PAZ

Sonho com este livro há cerca de uma década — talvez até mais do que isso, considerando meu anseio de escrever, algo que deixei de lado enquanto meus filhos ainda eram pequenos e necessitavam de cuidados constantes. Eu pensava: “Quando eles estiverem maiores, corro atrás desse sonho”. Era uma reação apropriada para aquela fase da vida. Bem, agora eles estão maiores.

Denise Chong escreveu um livro sobre minha história, um maravilhoso e detalhado relato da guerra civil que vivenciei no Vietnã e, em especial, da foto que tiraram de mim enquanto eu fugia de um ataque de napalm. Chong fez um trabalho completo no que diz respeito à história, à geografia, aos bombardeios e às vítimas de guerra. Mas há uma história por trás dessa, um suporte divino que por décadas nem eu mesma fui capaz de identificar, um asfalto que, sem eu saber, pavimentou o caminho que me levaria a Deus.

*Essa* é a história que desejo contar nestas páginas. Quero falar sobre a fidelidade com que Deus me tratou enquanto estive envolta pelo medo paralisante. Desejo contar sobre suas ternas provisões no período em que me vi desabrigada, faminta e com frio. Quero contar como ele me buscou quando minha certeza era de que passaria os dias marginalizada e sem amor. Acima de tudo, porém, quero falar sobre sua paz, aquela “que excede todo entendimento”,<sup>1</sup> a paz que guarda nosso coração e nossa mente por intermédio de Cristo Jesus. Pois, mais que a cura de minhas feridas e esperança para meu coração, eu desejava paz para minha alma aflita. *Paz!* Sim, eu preciso escrever sobre essa paz.

Devo dizer que, por ter ansiado tão profundamente por paz e então — milagre dos milagres — realmente tê-la *encontrado*, minha abordagem a tudo na vida gravita em torno de estar *em*

*paz*. Desejo receber o dom da paz de Deus todos os dias. Quero permitir que essa paz se infiltre em meus pensamentos, minhas reações, meu trabalho. Desejo levar essa paz comigo por onde for. E quero compartilhar essa paz com todos que cruzarem meu caminho.

Para você, meu caro leitor, isso quer dizer que, se chegou a este livro com a intenção de obter opiniões aprofundadas sobre a guerra, temo desapontá-lo. Creio ter havido uma época em que eu tinha esse tipo de opinião; quando tratarmos desse período, abordarei brevemente tal estado de espírito. Mas quase quatro décadas se passaram desde então, e eu descobri que a paz é um tema muito mais cativante. Acredito que um estudo cuidadoso sobre a paz pode unir as pessoas de um modo que nem mesmo a análise mais minuciosa dos horrores da guerra jamais alcançará. Os problemas se resolvem quando se vive em paz e se é uma pessoa pacífica.

Meu maior objetivo ao escrever esta história? Que você conheça e viva plenamente a paz que eu encontrei. Se, em algum momento do futuro, nos encontrarmos face a face, você não pode imaginar como ficarei feliz ao ouvir que minha história o ajudou a achar *paz*. Não pode haver elogio maior, eu lhe garanto!

Mais duas confissões antes de você começar. Primeiro: embora eu desejasse que minha memória fosse mais afiada para relembrar os acontecimentos de quatro décadas atrás, talvez seja pela graça de Deus em minha vida que, às vezes, ao me esforçar para recriar cenas e eventos, eu refleti, vasculhei as lembranças e não consegui recordar cada detalhe. Sempre que possível, consultei envolvidos relevantes na tentativa de apresentar o retrato mais preciso de como as coisas sucederam. Mas reconheço abertamente que, como minha história já foi contada milhares de vezes por tantas pessoas, algumas das informações que apresento nestes capítulos sem dúvida não conferem com as de outros relatos. Assumo a responsabilidade pelo que escrevi aqui.

Segundo: amigos meus que são fluentes na língua inglesa já me disseram que falo de uma maneira muito distinta, incomum no mundo de hoje. “Ah, sim! Já ouvi isso muitas vezes!”, respondo com um sorrisinho. Como você deve imaginar, cresci falando vietnamita, que ainda é o idioma mais natural para mim. Mais tarde, minha história me levou para Cuba, e isso explica como também sou relativamente bem versada em espanhol. Depois fui para o Canadá, mas, infelizmente, ainda não sei francês. Vivendo em Toronto, uma das cidades com maior diversidade do mundo, comecei a estudar inglês e, embora tenha me esforçado de verdade — “Vamos, Kim! Você precisa entender isso direito”, eu dizia comigo —, não é um idioma fácil de entender. Tantas regras! Tantas exceções! Tantas conjugações confusas para se lembrar!

Minha parceira de escrita, minha revisora, minha editora e minha agente, todas me garantiram que o livro faz sentido, mas caso algumas arestas mal aparadas tenham passado despercebidas por nossos esforços coletivos, peço que perdoe os erros e os considere meus.



*Amados, não se surpreendam com as provações de fogo ardente pelas quais estão passando, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo.*

*Pelo contrário, alegrem-se muito, pois essas provações os tornam participantes dos sofrimentos de Cristo, a fim de que tenham a maravilhosa alegria de ver sua glória quando ela for revelada.<sup>2</sup>*

*Apóstolo Pedro, a várias igrejas da Ásia Menor*

*O objetivo do sábio não é obter prazer, mas evitar a dor.*

*Aristóteles*

## Prólogo

---

# EM BUSCA DE UMA PELE LISA

### FEVEREIRO DE 2016

“Acho que nunca vou me acostumar com isso.”

Eu deveria estar recebendo de bom grado a mudança drástica de clima, já que a Flórida é conhecida por ventos quentes, clima ameno e tranquilos dias de sol. Contudo, tendo deixado mais uma vez nossa casa no Canadá, Toan, meu marido, e eu agora nos vemos cortando o céu até chegar ao Aeroporto Internacional de Miami, onde somos atingidos por uma forte rajada de vento que mais parece um forno. Com isso, as cicatrizes que me definiram ao longo dos últimos 44 anos parecem gritar, enraivecidas pela umidade e pelo calor. Sim, minha pele estava mais esticada horas antes, no ambiente invernal de Toronto, mas pelo menos as coisas mantinham uma regularidade. Eu sabia exatamente o que esperar. Portanto, não é apenas o calor de Miami que me machuca, mas o fato de se tratar de uma circunstância diferente da que deixei para trás.

Vejo vários repórteres de diferentes veículos de comunicação esperando para cobrir minha viagem e reúno coragem para me aproximar dos microfones e cumprimentá-los — toda sorrisos, em paz. Após uma breve coletiva de imprensa no terminal, sou levada até o veículo que me transportará ao hotel onde sempre nos hospedamos.

— Como está se sentindo hoje, Kim? — os repórteres perguntaram. — Os tratamentos a *laser* estão mesmo curando suas feridas?

Durante os vinte minutos de deslocamento até meu destino, reflito na profundidade dessas indagações. “Como *estou* me sentindo?”, eu me pergunto. “Isso tudo está de fato ajudando?” Para falar a verdade, não tenho certeza. “Só vou emitir uma avaliação depois de completadas

as sete sessões”, digo para mim mesma, ciente de que, se emitir uma opinião cedo demais, posso precisar admitir que não esteja na situação que esperava.

— Estamos prosseguindo! — respondi, cerrando um dos punhos confiantemente diante do enxame de repórteres que ocupava o aeroporto. — Continuamos certos de que minha pele ficará lisa!

Na manhã seguinte, Toan e eu somos levados para a clínica da dra. Jill Waibel, a dermatologista responsável por meu tratamento. Sou recebida por ainda mais repórteres, cada um deles ansioso por atualizar sua pauta: “Como exatamente você descreve o progresso feito até aqui?”, “Para que servirá o tratamento de hoje?”, “Quanto tempo durará o procedimento?”, “Qual é seu nível de dor enquanto é atendida pela dra. Jill?”.

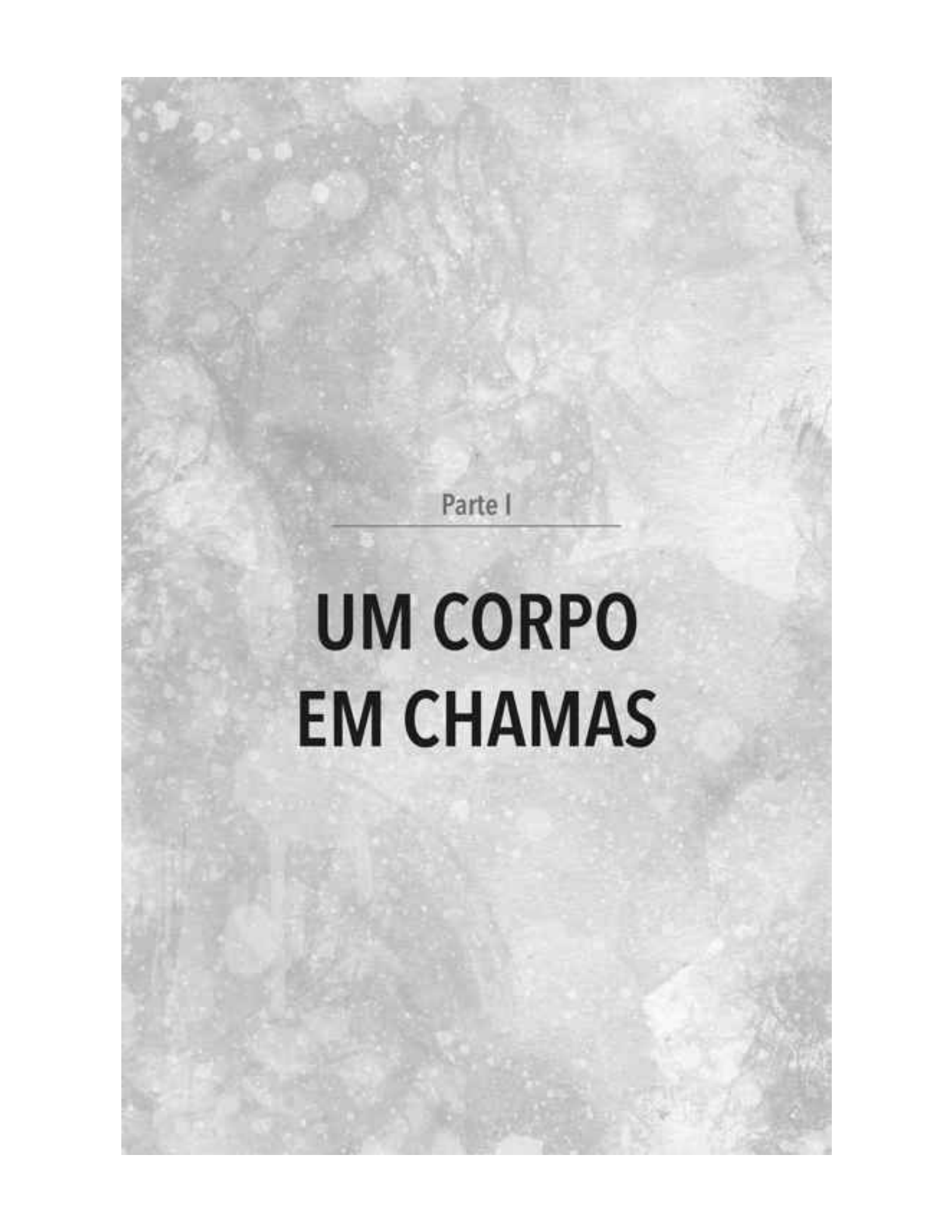
Para responder a esta última pergunta, forcei um sorriso e disse com honestidade:

— Até mesmo os melhores analgésicos só conseguem disfarçar 30% da dor. Eu sinto os outros 70%. É como se eu fosse colocada em uma grelha de churrasco e assasse cada centímetro da minha vida.

A dura verdade acerca dos tratamentos a *laser* é que, para estimular a cura das cicatrizes deixadas pelas queimaduras, a dra. Jill precisa queimar minha pele toda de novo. Durante cada um dos longos procedimentos, as cicatrizes são submetidas a milhares de perfurações microscópicas, na esperança de que isso promova a circulação sanguínea nessas áreas feridas, algo que não ocorre desde minha infância.

— É necessário, Kim — a dra. Jill me explicou durante nossa primeira consulta, há quase um ano. — Digamos que se trata de uma dor com propósito.

Aqui em Miami, pela quinta vez em oito meses, tento ignorar as brincadeiras triviais dos jornalistas, que contam histórias uns para os outros na recepção da clínica, comendo petiscos e sanduíches, enquanto me esperam. Concentro minha atenção na tarefa do dia: “Hoje deixaremos você mais perto da saúde plena, Kim. É a dor com propósito. Há um propósito maior por trás dessa dor”. Coloco a roupa hospitalar. Deito-me na cama fria e cinzenta para ser examinada. Dou vazão à tremedeira que sempre me acomete segundos antes do início do tratamento e escolho acreditar na palavra da dra. Jill.

The background of the entire page is a grayscale marbled paper pattern, featuring intricate, swirling, and mottled textures in various shades of gray.

Parte I

---

# **UM CORPO EM CHAMAS**



---

**TRANG BANG, VIETNÃ****GUERRA? QUE GUERRA?****PRIMAVERA DE 1972**

Com 8 anos de idade, ao fim de um típico dia na escola, volto pulando para casa depois de percorrer o trajeto de um quilômetro com outras crianças da vila; nesse dia, tínhamos a companhia do meu irmão Número 5. (Em famílias grandes como a nossa, é mais fácil lembrar números que nomes. Eu sou a Número 6.) Trilhamos o caminho sujo em meio à plantação crescida. Pouca coisa interrompe nosso percurso: uma vaca transportando uma carga pesada e sendo conduzida por um camponês ansioso por chegar à cidade com seus fardos de verduras e legumes ou grãos frescos; ou então um homem rico todo empertigado em cima de sua motocicleta, ansioso por fazer-nos lembrar de sua riqueza.

Ao sair do espesso dossel de árvores e pôr os pés na enorme varanda de cimento pavimentada por meu pai, fiquei maravilhada ao ver quanto do solo ele já havia coberto. Esse tipo de construção é raridade em minha vila e uma declaração pouco sutil de que nós, também, encontramos riqueza. Não estou pensando nem um pouco em sistemas de armas, avanços estratégicos, zonas táticas e tentativas de dominação, nem na Ofensiva Leste ou na diminuição do apoio dos Estados Unidos. Não penso em nada remotamente ligado à guerra, exceto pela curiosidade persistente acerca daquelas pegadas de sandálias produzidas com borracha de pneu para as quais minha avó aponta em algumas manhãs. Vietcongues fizeram mais uma incursão no meio da noite pela propriedade de minha família, muito possivelmente em busca de provisões emergenciais — curativos e remédios, explicam-me, ou então arroz e sabão.

Eles sempre vinham à noite, arrastando-se pela selva com seus pijamas pretos, evitando em silêncio o olhar do Vietnã do Sul. A fim de conseguir suprimentos ou dar ordens a aldeões que haviam recusado submissão a suas exigências, emergiam do complexo emaranhado de túneis subterrâneos que outrora cavaram. Em muitas ocasiões, diziam para minha irmã mais velha, Loan (Número 2): “Temos uma mensagem para você entregar”. (Nunca há um “Número 1” nas famílias vietnamitas do sul. Somos um tanto estranhos, devo concordar.) Loan — ou Hai, como a chamávamos — era professora formada e uma das poucas alfabetizadas entre a maioria dos adultos de nossa região. Isso a tornava uma das principais marionetes para a transmissão de decretos aos dissidentes. Ela dedicava sua lealdade ao Sul, é claro, mas sabia muito bem que era melhor se calar. Loan valorizava a própria vida, assim como todos nós. Reunindo coragem, ela limpava a garganta e lia o decreto.

“Por meio desta, informamos que, por não auxiliar os esforços do Vietcongue<sup>3</sup> em nossa guerra civil, você sofrerá morte iminente”, ela era forçada a dizer para um ou outro vizinho. Não consigo imaginar como deve ser colocar essas palavras para fora, mas era isso que minha irmã tinha de fazer.

Por causa do pavimento ao redor de nossa casa, meus irmãos, minhas irmãs e eu rumamos para a casa da vovó, que fica a cinco minutos a pé; queremos ver as pegadas novas. O lar de nossos avós ainda era rodeado de terra, e ali conseguíamos enxergar as pegadas. “Vejam! Vejam ali!”, *ba ngoai* exclamava, apontando para o chão lamacento e sulcado.

Meus irmãos e eu — éramos oito, nove se contarmos Tai, que morreu ainda bebê — esboçávamos *oh* e *ah* em admiração. Em nossa mente expandiam-se os mitos acerca desses guerreiros de nossa amada terra pátria, o Vietnã do Sul, que tiveram a audácia de unir forças com os exércitos do Norte. Eu imaginava numerosos exércitos de soldados se esgueirando pela calada da noite, muito embora, na realidade, provavelmente se tratasse de um pequeno grupo de oito ou dez.

É claro que nós, crianças, apenas ecoávamos as explicações e reações dos adultos em relação a tudo que dizia respeito à guerra, pois apenas Loan e Ngoc, os mais velhos, tinham condição de entender tais coisas. Nosso entusiasmo pelo assunto acabava tão depressa quanto havia aparecido. Afinal, quem tinha tempo para ficar falando de campo de batalha e ataques aéreos, quando havia brincadeiras para nos divertir, livros para ler e um pomar de goiabeiras para escalar? Como sinto falta daquelas árvores queridas!



Durante a infância, quem entrava na propriedade de minha família deparava com um charmoso paraíso interiorano, um refúgio esplendoroso e autossuficiente. Sempre que Hanh, minha melhor amiga, voltava comigo da escola, eu deixava a mochila no portão de entrada, escalava como um macaquinho animado uma das 42 goiabeiras que delineavam o perímetro

de nossa casa, colhia da ponta dos galhos duas das mais carnudas e maduras frutas de casca amarela e mordida a primeira enquanto jogava a segunda para Hanh. Ríamos satisfeitas enquanto o caldo da goiaba descia por nosso queixo. O significado literal de meu nome, Kim Phuc (pronunciado “fuc”), é “felicidade dourada”, e a vida era exatamente assim: radiante, alegre, excepcional. Eu amava os dias e os anos. (As palavras “Phan Thi” compõem o sobrenome da família e, em minha terra, esse “último” nome, na verdade, vem primeiro. Por anos, eu de fato era chamada de “Phan Thi Kim Phuc”, mas depois de um tempo mudei para a configuração atual, a fim de simplificar as coisas para o público ocidental.)

Meus pais — Nu e Tung — criavam mais de cem porcos de uma vez, vendendo os filhotes assim que a engorda estivesse concluída. Todas as tardes, galinhas, patos, cisnes, cães e gatos perambulavam por aquele pedaço de terra de quase um hectare, como se todos fossem donos do local. Além das goiabeiras, tínhamos pés de banana e me lembro vividamente das muitas ocasiões em que meus irmãos e eu atacávamos uma penca inteira assim que madurava, simplesmente porque as frutas estavam ali e nós sentíamos fome. Havia coqueiros e pés de durião. Havia também as toronjas mais doces que já provei; elas cresciam até o tamanho da minha cabeça. Quase toda noite, mamãe nos trazia sobras de verduras, frango e arroz de seu restaurante na cidade, servidas com frutas frescas. Comíamos bem todos os dias, e isso fazia que eu me sentisse parte da realeza.

Na verdade, “realeza” não seria uma descrição adequada para a vida que minha família e eu levávamos, mas, em comparação com nosso entorno, de fato éramos abastados. Atribuo essa condição ao trabalho extenuante de mamãe. Antes mesmo de meus pais se casarem, papai percebeu quão deliciosa era a sopa de macarrão oriental que mamãe preparava. Em 1951, logo depois de casarem, tiveram uma ideia.

“Sua sopa é tão boa que acho que as pessoas vão querer pagar por ela”, disse-lhe papai, o que a deixou muito animada para testar a ideia. Logo ela juntou seu pequeno forno de barro e os ingredientes necessários — carne de porco e anchovas, temperos e ervas, verduras, macarrão de fabricação própria — e se instalou gratuitamente em frente a uma espécie de comércio local, com o caldeirão de sopa pronto para servir.

Quando meus pais conseguiram economizar o suficiente para se mudar da casa de meus avós e comprar uma residência própria, mamãe teve condições de sair da frente do mercado e alugou um pequeno restaurante, já com mesas e tamboretas. Mandou fazer uma placa oficial e a pendurou em cima da modesta estrutura: “Chao Long Thanh Tung”, mencionando tanto sua especialidade — *chao long*, o caldo de porco e arroz que mamãe usava como base da sopa — quanto o nome de seu marido, Tung. O negócio decolou.

Em sete anos, mamãe conseguiu comprar não só o próprio estabelecimento, mas os outros dois comércios que ficavam ao lado do dela. Aumentou a capacidade do restaurante para oitenta pessoas sentadas, trocou os móveis de bambu por peças de madeira maciça e lucrou durante o grande fluxo de soldados norte-americanos, todos eles, ao que parecia, famintos e

com vontade de tomar uma boa sopa. Para dar conta da procura, mamãe se levantava bem antes do nascer do sol, muitas vezes depois de duas ou três horas de sono. Saía em silêncio pela porta dos fundos, tomando o cuidado de não acordar os filhos que dormiam profundamente, e iluminava com um lampião o caminho até o mercado, onde comprava os ingredientes para a sopa do dia.

Ela voltava para casa à tardinha ou no início da noite, cuidava do trabalho da fazenda, administrava as finanças do restaurante, lavava as roupas da família e então colocava os filhos para dormir. Realmente mamãe permanecia ocupada o dia todo, mas, nos poucos segundos livres noite adentro, quando ela deixava que eu me aninhasse ao seu lado no momento em que finalmente se deitava para dormir, meu tanque emocional enchia até transbordar. Ela era o abrigo e a segurança de sua adorável garotinha.

Papai também era um excelente cozinheiro, que preparava alimentos em grelhas de barro feitas por ele mesmo. Ele as acendia com carvão e gravetos, colocava sobre elas os peixes brancos que havia pescado e os assava até a perfeição absoluta. Enquanto se ouvia o barulho dos peixes sendo grelhados, papai pegava os legumes que tínhamos no dia e os preparava em uma frigideira, dando um toque especial até mesmo às refeições mais simples. Embora fosse um homem bondoso e nos disciplinasse com delicadeza, faltava intimidade em meu relacionamento com papai, não apenas porque ele priorizava o negócio cada vez mais lucrativo de mamãe, mas também por causa do malabarismo que precisava fazer para dar conta de atender tanto às exigências dos soldados vietnamitas do sul quanto às do Vietcong. Não sobrava tempo para frivolidades como brincar com os próprios filhos. Por ser um morador rico de nossa vila, os combatentes esperavam que papai lhes suprisse cada vez mais, e esse era um fardo diário que ele precisava carregar. O objetivo dele era a sobrevivência da própria família e, milagrosamente, conseguiu alcançá-lo.

Meu tio-avô morava conosco e cuidava das crianças enquanto mamãe e papai estavam fora. Nos dias de sol, eu ia até o cantinho especial de leitura que eu mesma havia criado no meio das árvores e ali devorava as páginas de *Te Thien Dai Thanh* [O rei macaco]. Às vezes, meu tio-avô me gritava pelo apelido que recebi de vovó — My, que significa “bela” —, a fim de me arrancar dali em direção à mesa de almoço, onde arroz e peixe grelhado nos aguardavam. Mas, em vez de revelar onde estava, eu sorria em meu cantinho secreto, mergulhando ainda mais na leitura. Quando mamãe voltava do trabalho, ralhava comigo por ter me recusado a comer. O que ela não sabia era que, naquele meu abrigo no topo das árvores, quase todos os dias eu me alimentava de frutas frescas e deliciosas.

Quando eu saía do meu refúgio de leitura, normalmente o fazia em razão de alguma travessura. Na propriedade havia duas construções: uma grande casa para receber convidados, e a residência de nossa família, menor e dividida em cômodos. Entre elas havia um pátio cimentado, um lugar agradável e relaxante. Com frequência, titio pegava no sono ali, na rede, e dormia por uma a duas horas após o almoço.

Um de meus passatempos preferidos era esperar até que ele caísse em sono profundo, evidenciado pelo ronco ritmado, e ir furtivamente até o lado dele com um monte de sal e uma colher na mão. Eu enchia a colher até transbordar, jogava tudo dentro da boca aberta do tio e então corria o mais rápido que conseguia, gritando de alegria a cada passo. “My! My!”, ele gritava atrás de mim, depois de se ver novamente privado de sua repousante soneca. “Myyyyy!”

Nos dias mais quentes, o tio dormia sem camisa na rede. Número 5 e eu enchíamos um tubo com água gelada e a gotejávamos devagar no umbigo do pobre homem adormecido. Mais gritos. Mais correria. Mais diversão.

De vez em quando, o calor era interrompido por tempestades violentas, que apareciam sem aviso prévio. Toda vez que essas gotas bem-vindas caíam, meus irmãos, amigos e eu corríamos para o pátio de cimento com os pés descalços, esperávamos a superfície ficar completamente molhada e então deslizávamos em círculos, rindo histericamente a cada volta. Minha infância foi tudo que uma infância deve ser: despreocupada, valorizada, livre, cuidada, agradável, plena, *cheia de vida*. Eu não tinha como imaginar que tudo aquilo estava prestes a mudar, de uma hora para outra.



Quando a primavera deu lugar ao verão em 1972, a Guerra do Vietnã readquiriu parte do ímpeto que havia perdido depois da Ofensiva Tet, uma grande reviravolta militar ocorrida quatro anos antes. Na primavera de 1968, forças comunistas atacaram a embaixada norte-americana em Saigon, nossa capital, despertando tanto a ira dos líderes dos Estados Unidos quanto a do Vietnã do Sul. Eu tinha apenas 5 anos na época; não sabia de tais eventos e desconhecia o que eles significavam para minha família e eu. A relevância de Tet só se mostraria anos mais tarde, quando a vingança ocorreu, em minha cidade natal. Mas, à época, dentro da minha bolha de proteção, a guerra estava “lá”, muito longe e distante de mim.

Se eu estivesse atenta, reconheceria que minha família estava começando a receber cada vez mais convidados durante o fim do inverno e o início da primavera. Eu chamava nossos visitantes de “povo da floresta”, pois eles sempre chegavam da região densamente arborizada situada a nordeste de nossa vila, uma área montanhosa que se revelava um esconderijo perfeito para os rebeldes do Vietcongue. Eu mesma nunca tinha visto as vilas do povo da floresta, mas quando cresci um pouco entendi que, à medida que a guerra se aproximava da fronteira com o Camboja, mais famílias eram forçadas a fugir como refugiadas, depois de seus lares serem bombardeados.

Quando pequena, eu não sabia o motivo que trazia tais pessoas até nós. Só sabia que mamãe e papai as acolhiam, lhes davam pequenos lotes de terra de nossa propriedade para cuidarem e lhes serviam refeições caseiras de carne de porco e mandioca, batata-doce e frutas

orgânicas. Para onde quer que se dirigissem em sua jornada, aqueles hóspedes recebiam um vigoroso apoio durante o tempo que passavam conosco — semanas ou, em alguns casos, meses.

A razão da dor de cabeça do povo da floresta era a Ofensiva da Páscoa, iniciativa militar que aconteceu em março de 1972 e fez o comunismo avançar até uma distância de cem quilômetros de Saigon. Eles levavam muito a sério a unificação do Vietnã sob seu sistema político. Não importava quantos soldados precisassem perder para alcançar seu objetivo, estavam preparados para pagar o preço. “Vocês matarão dez de nossos homens e nós mataremos um dos seus, mas no final vocês é que se cansarão de tudo isso”, dissera o líder revolucionário comunista Ho Chi Minh a seus adversários quase três décadas antes, um grito de guerra ao qual os combatentes rebeldes ainda aderiam.

Eu não compreendia essas coisas na época, mas meus pais, sim. Eles sabiam que haveria tiros, terror, agonia e morte? Não. Mas sabiam que problemas estavam a caminho. E temiam que acabassem vindo em nossa direção.



Na manhã de 6 de junho de 1972, acordei quando ainda estava escuro do lado de fora, ao ouvir a voz de mamãe sussurrando meu nome em tom de urgência.

— My! My! Venha, precisamos partir.

“Que estranho! A essa hora mamãe já deveria ter saído para cuidar do restaurante.”

— Por que você ainda não saiu? — perguntei, ainda confusa de sono.

Ao que ela respondeu:

— Shh, My! Silêncio. Não pergunte nada, pequena.

Posteriormente, descobri que o Vietcongue havia passado a noite inteira em nossa casa. Seus soldados, desnutridos e maltrapilhos, tinham chegado logo depois da meia-noite, com a firme intenção de ocupar a casa a fim de cavar túneis que os levariam para mais perto da estrada principal. Ao vê-los surgir em massa, não mais um bando errante de rebeldes aqui e ali, mamãe teve a certeza de que nossa vila não era mais segura. Mas para onde levar a família? Imediatamente, ela pensou no templo, que ficava nos arredores da pequena cidade. Era próximo o suficiente caso fosse possível voltar para cuidar dos animais ou pegar outros bens, mas distante o bastante para nos prover segurança até que a guerra acabasse.

Com os pés firmes no chão e o olhar fixo no comandante rebelde que vociferava suas ordens, minha mãe disse baixinho:

— Deixarei que você entre, mas posso primeiro tirar minha família daqui?

— Não! — o comandante retorquiu com grosseria. — Se vocês partirem agora, o Sul saberá onde estamos.

Tanto os olhos do Vietcongue quanto os do Vietnã do Sul estavam por toda parte, o tempo todo. As tropas precisavam que ficássemos quietos a fim de terminar seu trabalho sem ser detectados pelos inimigos que almejavam derrotar.

— Três, quatro horas! — o comandante gritou com mamãe. — Construiremos nosso túnel e depois vocês vão embora.

A verdade é que meu tio-avô sofria de uma grave enfermidade no estômago e mamãe temia que ele não sobrevivesse até o fim da noite. O estresse e a confusão recém-instalados em nada ajudariam. Se naquela noite ela soubesse que tinha acesso a um Deus que ouve, estou certa de que teria clamado em oração. Naquela situação, porém, fez a única coisa que podia: esperou as quatro horas se passarem.

Foi depois de receber o sinal de partir que mamãe me acordou e juntas chamamos meus irmãos e minhas irmãs, carregando nos braços o maior número de coisas que conseguimos. Enquanto saíamos, percebi que nossa casa não tinha mais portas. O Vietcongue as removera horas antes. Ao olhar em volta, vi um homem com aquele pijama preto inconfundível do Vietcongue e, atrás dele, mais homens com a mesma roupa preta, ao lado de uma caótica pilha de armas.

— Oh, mamãe! — gritei, assustada com tudo que certamente aconteceria, mas ela só fez um sinal ainda mais intenso para que me calasse e me pegou mais forte pela mão enquanto saímos correndo noite adentro.



Pouco depois, minha família já se havia realojado no conforto do templo local, um ambiente que nos era bastante familiar e onde eu havia participado de cerimônias religiosas a vida inteira. Era o local mais lógico para se esconder, considerando a importância do templo para a vila. Além de sua arquitetura imponente fazer dele a maior construção num raio de vários quilômetros, também era um lugar sagrado. Separado. Sem dúvida, o local mais seguro da terra.

Quando meus irmãos e eu entramos pelas portas do templo naquela terça-feira de manhã, o terror das primeiras horas do dia foi, de certa forma, aliviado pela familiaridade daquele lugar que eu havia aprendido a amar. Acima de mim, estava o teto arqueado, com pinturas em cores vivas. À minha frente, colunas ornamentadas, enfeitadas com dragões gigantes coloridos de fúcsia, laranja, turquesa e dourado. Sob meus pés, azulejos de mármore fixados à mão formavam espirais de branco e bege que cobriam todo o chão do recinto. Às vezes, durante as cerimônias religiosas, eu tentava contar aqueles azulejos, sem nunca conseguir chegar ao total. Como me sentia agradecida pelo fato de aquele lugar vigoroso nos abrigar quando o restante do mundo inteiro parecia cair aos pedaços!



Para minha família, o templo de Cao Dai em Trang Bang representava mais que um mero símbolo religioso. O grande terreno que ocupava havia sido doado por meus avós maternos aos anciãos Cao Dai de outras vilas, os quais buscavam espaço em Trang Bang. Tanto vovô quanto vovô eram líderes religiosos muito importantes e, por isso, desfrutavam enorme respeito de toda a comunidade. Seguindo meus avós, papai e mamãe, que cresceram sem conhecer nenhuma outra religião além do caodaísmo, também se dedicaram ao serviço no templo. Sim, eles eram extremamente ocupados, mas nos grandes dias santos, que aconteciam duas vezes por mês e em outros três ou quatro dias do ano, deixavam de lado qualquer outro compromisso a fim de passar horas e horas em adoração.

O caodaísmo se apresenta como uma fé universal, que reconhece em todas as religiões “a mesma origem divina, que é Deus, ou Alá, ou Tao, ou o Nada” (ou o Macrocosmo, ou Javé, ou Ahura Mazda, ou Monad, ou os deuses da montanha, os deuses da natureza, nossos ancestrais há muito falecidos... ou todos os citados) e considera que todas são manifestações diferentes da “mesma Verdade”.<sup>4</sup>

Pode-se dizer que éramos adoradores que davam oportunidades iguais a todo e qualquer Deus/deus. Em termos de aplicação prática para os caodaístas, essa ampla tolerância tem ligação com três objetivos: primeiro, valorizar o amor e a justiça acima de todas as outras coisas; segundo, honrar todos os líderes religiosos como iguais; terceiro, dedicar-se à prática da “autopurificação”, que, segundo minha compreensão, dizia respeito a fazer o bem, recusar-se a fazer o mal e evitar comer carne durante períodos específicos, do contrário, o indivíduo se mostraria rebelde e correria o risco de, um dia, reencarnar como o animal que consumiu. “Você é deus e deus é você”, esse era o mantra inculcado em nós — algo muito empoderador para uma jovem menina, devo admitir. Mas enquanto eu abria os olhos para enxergar a verdade dessa questão, que focava em excluir sumariamente de nossa comunhão os malfeitores, comecei a desconfiar de que estivesse me considerando meu próprio deus. E se eu falhasse na busca da autopurificação, da perfeição em fazer somente o bem? Como ficaria nesse caso? Eu logo descobriria...

Nessas ocasiões “especiais” em que meus pais abriam mão de todos os outros planos a fim de passar o dia no templo, nós honrávamos o legado dos fundadores das cinco maiores religiões do mundo, bem como a primeira mulher nomeada sacerdotisa do Cao Dai e o romancista francês Sua Excelência Victor Hugo, autor de obras como *Os miseráveis* e *O corcunda de Notre-Dame*. Para nós, Hugo era mais que um escritor famoso: era um espírito extremamente influente que defendia as mesmas crenças religiosas que nós — a moralidade como o segredo para uma vida espiritual bem-sucedida e a ausência de necessidade de ofender *qualquer um* dos deuses. Afinal, e se um dia você precisar da intervenção de um deles?

Ao olhar para trás, vejo a religião de minha família como uma espécie de bracelete da sorte colocado em meu punho, cheio de pingentes balançantes, com um deus após o outro. Quando



ocorriam problemas — e eles pareciam acontecer todos os dias —, eu era incentivada a esfregar aqueles amuletos da sorte um por um: o Imperador de Jade, Buda Dipankara, Tai Shang Lao Jun, Confúcio, Jesus Cristo... “E não se esqueça de Victor Hugo, pequena My”, pensava enquanto cruzava os dedos à espera de que a ajuda chegasse. Levaria anos e anos para eu reconhecer a inutilidade de tal crença. Na época, eu era uma ávida adepta, esforçando-me para ser a melhor caodaísta que pudesse. Um dia, seria mais devota que o mais devoto entre nós.

Mas ainda não era o caso. Quando criança, eu lutava para manter a atenção concentrada em objetivos tão elevados — o que é totalmente compreensível, considerando-se a estética de um culto típico. A decoração luxuosa, os desenhos rebuscados, o friozinho bem-vindo do chão de mármore, as calças e túnicas branquíssimas dos fiéis, em contraste com as cores vibrantes do santuário interno — como tudo aquilo parecia maravilhoso! Alguns seguidores do Cao Dai — os que foram alçados ao nível de sacerdotes — alcançavam uma posição especial e recebiam permissão para usar vestes sacerdotais de cor amarelo vivo, verde ou vermelho, tons que atraíam o olhar das pessoas e prendiam a atenção do observador. Ao longo dos noventa minutos de culto, durante os quais eu deveria me concentrar nos trechos da Santa Palavra que pediam que recitássemos, eu analisava os sacerdotes, maravilhada com sua reverência, sua retidão, a forma profunda e sincera com que se prostravam, a qual me fazia presumir que refletiam uma fé igualmente profunda e sincera. Sua aparente santidade atraía como um ímã minha alma jovem e suscetível, muito embora eu ainda não compreendesse exatamente o que o conceito de “alma” significava de fato.

Eu tinha a impressão de que o esplendor e a veneração que caracterizavam as cerimônias do Cao Dai despertariam em todos o mesmo respeito e a mesma lealdade que eu sentia vez após vez. Meus irmãos, porém, eram prova viva de que é possível se denominar religioso sem encontrar utilidade nenhuma para a religião professada. Sim, meus irmãos e minhas irmãs iam ao templo nos dias santos. Sim, eles recitavam os Cinco Votos: “Que o Cao Dai seja proclamado por toda parte. Que a salvação seja assegurada a todos. Que Deus abençoe todos os seus discípulos com o perdão. Que a paz seja concedida a toda a humanidade. Que a segurança envolva nosso templo”. Sim, eles fingiam interesse enquanto o líder apresentava o sermão e fazia os anúncios congregacionais. Sim, eles mexiam os lábios em uníssono enquanto os cânticos de louvor eram entoados.

Mas eu? Eu sabia a verdade. Eu era muito mais devota que eles. Ou, pelo menos, estava me *preparando* para uma vida de grande devoção.

Uma das coisas que eu fazia era integrar o coral do templo. Isso quer dizer que eu ficava depois do culto para ensaiar as músicas. Tempos depois, minha participação nos cultos já não ocorria algumas vezes por ano, mas sim algumas vezes por *dia*. Houve uma época em que raramente perdia uma reunião que começava à meia-noite.

Sem dúvida, durante a infância — em que foi lançado o alicerce para tal devoção — eu não entendia completamente tudo que significava ser caodaísta. Só sabia que meus avós amavam o Cao Dai. Meus pais amavam o Cao Dai. Meus irmãos pelo menos  *fingiam*  amar o Cao Dai. Todos os meus vizinhos, amigos e outros habitantes da vila amavam o Cao Dai. E assim, a jovem Kim Phuc escolheria amar o Cao Dai também. E eu o amaria de todo o coração.



Enquanto mamãe nos conduziu pelo salão de culto até as construções externas situadas nos fundos do templo, passamos por duas estruturas menores onde os cuidadores do templo moravam. Esses servos eram muito importantes para nossas reuniões, pois preparavam as refeições que, após as cerimônias, eram servidas na sala de jantar adjacente àqueles dois pequenos lares. Ver aquela cozinha bem abastecida me animou, pois minha família e eu amávamos comer. “Seremos bem alimentados aqui. Ficaremos seguros. As coisas darão certo.”

A parte de trás do templo era cercada por uma grossa fileira de altos bambuzais, ladeados por suculentas goiabeiras e jaqueiras. O poço com água potável ficava no meio da vegetação, e a visão de tanta vida foi um toque de esperança muito bem-vindo. Dentro de nosso novo lar longe de casa, quando a manhã de terça-feira deu lugar à tarde, nossas barrigas começaram a roncar. Juntando arroz, legumes, verduras, biscoitos e os restinhos de proteína que conseguiram encontrar, as mulheres prepararam almoço, deram um prato cheio para cada um e então insistiram para que nós, crianças, fôssemos correr e brincar.

Por causa da falta de brinquedos de verdade em nossa vila, as brincadeiras a que meus amigos e eu nos dedicávamos dependiam, em grande parte, de uma imaginação ativa. Brincávamos de “príncipes e princesas” usando pequenas espigas de milho como marido e mulher; espigas menores ainda eram os filhos. Também usávamos bambus, folhas de bananeira e galhos caídos das árvores a fim de construir casas para as bonecas. Caçávamos melros por toda parte, fingindo que eles tinham poderes mágicos ou que nós também sabíamos voar.

Para ser bem franca, o temor justificado dos adultos acerca do que acontecia fora das paredes do templo tornava o ar um tanto pesado. Mas nós, crianças, nos esquecemos do medo assim que os rebeldes do Vietcongue saíram de nosso campo de visão. Nossa única certeza era de que havia muitas crianças no mesmo espaço e muito tempo extra para passarmos juntos; além disso, nossos pais não paravam de nos mandar ir brincar. “Que aventura!”, pensei. Aquela seria a experiência mais próxima a um acampamento de verão que eu teria.

Quem mais me chamava atenção era meu priminho Danh, de 3 anos, filho de Anh, irmã de mamãe. Ele era um amigo querido para mim, a criança mais fofa e gordinha que eu já vira, e

em algum momento passei a considerá-lo um de meus irmãos, ensinando-o a traçar as letras, os números, a desenhar o primeiro rosto sorridente.

— Mamãe! — ele identificou aquele primeiro rosto, apertando ainda mais o lápis e acrescentando sentido à cena. Então desenhou dezenas de outros rostos sorridentes, representando seu pai, seus irmãos, avós, primos, tios e tias — sua vida. Não havia nada que eu amasse mais do que criar arte com Danh. Ou comer com ele.

— Danh, coma isto! — eu incentivava, enquanto lhe oferecia algo, só para vê-lo contorcer o rosto, pois era muito seletivo para comer.

— Eca! — ele retrucava. — Eu não gosto, My!

Eu também adorava brincar de pega-pega com Danh e fazê-lo rir tão intensamente a ponto de todos que estivessem por perto caírem no riso também. Danh era inocente, amoroso, perfeito, um menino agradável para chamar de *amigo* e uma alegre distração para mim ali no templo.

Os garotos mais velhos do grupo brincavam de “guerra”, o que não exigia muita imaginação, já que ali éramos vigiados por mais ou menos uma dúzia de soldados de verdade, armados até os dentes. Aqueles militares haviam sido designados por um pelotão vietnamita do sul estabelecido nas imediações com o propósito de proteger os cidadãos da vila. Os soldados levavam seu papel muito a sério, informando os adultos acerca de tudo que acontecia tanto nas áreas próximas quanto nas distantes. Descobri mais tarde que, toda vez que uma bomba caía na região, eles alertavam minha mãe e os outros adultos, explicando onde havia sido a ocorrência e o que fora atingido.

As bombas sempre eram lançadas em pares: duas sobre determinada área da floresta, duas sobre uma pequena vila. Embora causassem danos significativos, nosso grupo nunca foi encaminhado a nenhum dos abrigos antibombas que ficavam no subterrâneo do templo. Quando me concentro nas lembranças daquele período em que permanecemos no templo — por três dias, ficamos apenas do lado de dentro — recordo-me nitidamente dos sons e dos cheiros de queimado: campos, casas e árvores em chamas. Talvez eu devesse ter sido alarmada, mas isso não aconteceu. Estávamos em um lugar santo, protegido.

Na quinta-feira, 8 de junho, eu já estava com saudade de casa. Era verão, minha estação do ano preferida, e ansiava pela segurança da minha árvore favorita — não de qualquer árvore, mas da *minha* árvore. Sentia saudade dos jantares apenas com minha família e da comida de papai, que eu tanto amava. Também sentia falta do meu pai. Já fazia três dias que não nos víamos e, sempre que me dava conta de sua ausência, isso me fazia lembrar que nem tudo estava bem.

Algumas semanas antes, papai tinha ido morar com um amigo da família que vivia em Trang Bang, a vários quilômetros da área que abrangia o templo e nosso lar. Papai tentara permanecer conosco, a fim de que a família ficasse unida, mas os soldados do Vietcongue tinham a expectativa de que ele lhes suprisse uma quantidade exorbitante de suprimentos.

Como as demandas dos militares eram cada vez maiores, papai receava continuar ali e sofrer violência, até mesmo a morte, caso se recusasse a atender aos pedidos dos rebeldes. Por isso, a cada dia, quando a luz do sol começava a desaparecer e o anoitecer chegava, papai ia embora, deixando mamãe responsável por nosso lar — as árvores, os porcos, as galinhas, os patos e o grande grupo de filhos, cheios de energia.

Embora aquela situação já fosse difícil o bastante para todos nós, as ações militares perto de casa se intensificaram, pelo que longos trechos da estrada principal que levava a Trang Bang ficaram interditados para todas as formas de transporte, inclusive para deslocamentos a pé. Com isso papai teve de ficar fora não só à noite, mas também durante os três dias nos quais mais precisamos dele. No entanto, lembro-me vividamente de receber uma explicação clara para sua ausência e entendê-la com maturidade. Da mesma maneira que os habitantes de áreas rurais sabem muito bem que não podem deixar seus animais de estimação ir para muito longe durante a noite, para que não virem jantar de um predador faminto, nós, do Vietnã do Sul, sabíamos que a noite pertencia aos vietcongues. Eles eram animais ferozes em missão, dispostos a devorar qualquer um ou qualquer coisa que entrasse em seu caminho. Nunca os víamos durante o dia, mas, assim que a noite caía, permanecíamos dentro de casa. Eles sempre apareciam na escuridão. Papai era sábio e ficava quieto.

Já se passaram anos desde aquela estada inesperada no templo, e as pessoas sempre me perguntam por que o Vietcongue não tratava mamãe com a mesma violência e ganância. Então lhes falo sobre uma norma cultural: no Vietnã onde cresci, a mais elevada posição dentro do lar pertence ao homem, a quem todas as decisões devem ser submetidas. No fim das contas, é claro, os rebeldes acabaram procurando mamãe, apresentaram suas exigências extravagantes e ocuparam nosso lar. Do ponto de vista de papai, porém, sua ausência adiou de maneira significativa esses inevitáveis eventos.

Da *minha* perspectiva, aqueles vietcongues deviam saber muito bem como mamãe era corajosa e destemida e, por isso, escolheram ir atrás dela apenas como último recurso. Eles deviam saber que ela estava determinada a proteger sua família, que se comprometera a ver os filhos prosperarem, que era resiliente, mesmo diante das circunstâncias terríveis que sempre acompanham qualquer guerra.

Por exemplo, meses antes de minha família ser expulsa de casa, mamãe estava trabalhando no restaurante quando um grupo de dezenove pessoas parou para comer sopa em comemoração a um casamento. Elas celebraram alegres enquanto se sentavam para comer. Momentos depois, porém, a cena mudou de festiva para horrenda. Inexplicavelmente, vietcongues que estavam na região estacionaram do lado de fora uma bicicleta carregada de explosivos. Quando o dinamite detonou, todas as dezenove morreram. Minha pobre mãe viu tudo isso acontecer bem diante dela. Que cena terrível para se testemunhar!

Pior ainda foi o que aconteceu mais tarde, depois que as vítimas foram retiradas. Líderes do Vietnã do Sul chegaram e prenderam mamãe, gritando: “Você é do Vietcongue! Você está

com o Vietcongue!”. Ela ficou presa um mês inteiro, o que foi um absurdo ultrajante, dada a inconsistência das acusações. Ainda assim, mamãe esperou com paciência as coisas se resolverem. Concordou educadamente com a cabeça quando o prefeito e o chefe da polícia de Trang Bang, informados da situação por bons amigos de papai que trabalhavam para o governo, chegaram até onde ela estava encarcerada e disseram: “Fomos alertados quanto a um desentendimento de nossa parte”. Ela retornou calmamente para a venda de sopa, que ficara fechada por 31 dias, e começou a lucrar de novo.

A coragem de mamãe foi minha fortaleza enquanto permanecemos no templo. Se papai precisava ficar distante por um período, eu tinha comigo a melhor alternativa possível: à sombra de mamãe, eu sabia que ficaria bem.



Durante boa parte da manhã, chuvas fortes e o aumento nos bombardeios que aconteciam cada vez mais perto mantiveram fechados no interior do templo os cerca de trinta de nós que morávamos ali. A expressão facial dos adultos tornava perceptível a crescente preocupação que sentiam com nossa segurança. A cada dia que passava, tornavam-se mais frequentes as ocasiões em que o ar era cortado pelo som assustador das explosões. Após esses barulhos, víamos coisas difíceis de explicar: um muro de chamas que chegava até um céu vermelho como sangue, e a paisagem tomada pela fumaça. A diversão e a aventura tinham cessado. Eu só queria ir para casa. Queria que aqueles barulhos e aquelas cenas tivessem fim. No entanto, não foi nada disso que aconteceu. Naquele 8 de junho, não consegui nada do que queria.

Mais ou menos uma hora depois do almoço, um avião militar desceu abruptamente até poucos metros do prédio onde nos encontrávamos. Logo depois, uma granada de fumaça detonou, revestindo a cena de roxo e dourado vivos. Era um sinal para o piloto vietnamita do sul que vinha em seguida: “Jogue suas bombas exatamente aqui”.

Uma marca colorida dentro do templo? Aquilo só podia ser um erro! Por que as tropas de nosso país atacariam o próprio povo?

Percebendo que a atmosfera do ambiente havia mudado, deixei a brincadeira de lado e olhei para cima, a fim de estudar a expressão de um soldado próximo. Quando olhou pelo vidro de uma pequena janela de moldura pintada, ele compreendeu o que estava prestes a acontecer. Então, arregalou os olhos e seus lábios exprimiram não um nome, mas uma maldição: “Jesus Cristo”.

TEMPLO DO CAO DAI

## AS ORDENS DO SOLDADO

**8 DE JUNHO DE 1972**

*Chay ra mau len!*

*Chung ta phai roi khỏi noi nay, không có an toàn ở đây nữa,*

*Chung nó sẽ hủy diệt cái chùa này.*

*Đi nhanh lên!*

*Con nít chạy trước đi đi ngay bây giờ!*

Saiam! Corram!

Precisamos sair deste lugar! Aqui não é seguro!

Vão destruir tudo!

Vão! Crianças, corram primeiro!

Vão! Vão agora!

---

**RODOVIA 1, TRANG BANG****“QUENTE DEMAIS!  
QUENTE DEMAIS!”****8 DE JUNHO DE 1972**

Ao que me parecia, o “Jesus Cristo” a quem o soldado clamara devia estar ocupado com outras coisas naquele dia, pois nem ele nem nenhum dos outros deuses a quem eu havia adorado até então foram capazes de impedir as circunstâncias que nos sobrevieram.

As ordens do soldado não deixaram brecha para nenhuma ambiguidade. Então nós, que estávamos morando no templo, fizemos exatamente o que ele mandou: com as crianças à frente, fugimos dali em direção à estrada adjacente, a Rodovia 1 de Trang Bang. Movíamos as pernas o mais rápido que conseguíamos enquanto o inferno tomava conta da terra.

Segundos depois, vi um avião se aproximando de mim. Foi avassalador ver algo tão imenso, rápido e absurdamente barulhento. A magnitude daquilo tudo me deixou paralisada na estrada. Fiquei boquiaberta enquanto o avião passou zunindo, com sua imensa barriga cinzenta escondendo temporariamente os vestígios de luz solar que tinham conseguido atravessar as tempestades matinais. Possivelmente eu teria permanecido ali para sempre, incapaz de mexer os pés, com o corpo fixo naquela estrada de terra, não fosse pelo que vi em seguida.

O voo rasante não fora por acaso, pois da parte inferior daquele avião caíram quatro grandes bombas negras. E elas caíram suavemente no solo, aterrissando uma por uma, fazendo cambalhotas — *tuc-tuc, tuc-tuc, tuc-tuc, tuc-tuc*. Tive a certeza de que precisava fugir. Diferentemente do que eu ouvira dizer, elas não despencaram pesadamente do céu.

Não, todas aquelas bombas desceram como se estivessem flutuando. Havia algo de sinistro dentro daquelas latas.

— Nããão! Nããão! — gritei para ninguém além do ar que me cercava, depois de todas as outras crianças e os soldados desaparecerem nas densas nuvens de fumaça que agora nos cercavam. A Rodovia 1 era conhecida como o maior trecho da famosa rede de estradas asiáticas que vai de Tóquio à Coreia, passa por Hong Kong, Bangladesh, Afeganistão e Irã e se estende até a fronteira entre Turquia e Bulgária. No entanto, de todos os trechos daquela enorme rota, era *ali* que eu precisava estar, em Trang Bang, onde a Rodovia 1 e todos os seus habitantes se dissolviam em meio a explosões do fogo atroz. “Vou morrer nesta estrada. Serei consumida até a morte em meio a essas chamas!”



Se em 7 de junho de 1972, um dia antes de as bombas caírem, você me perguntasse qual fora a pior dor que eu havia sentido, a tímida, quieta e reservada Kim Phuc Phan Thi provavelmente daria de ombros e, envergonhada, com olhar esquivo, responderia: “Ahn... Acho que foi quando caí da minha bicicleta e ralei o joelho”. E a menininha ria nervosa pela atenção que recebera.

Assim tinha sido minha infância, ou, pelo menos, aqueles oito anos marcados por amor, risos e pouquíssimos desconfortos para relatar. No entanto, depois de 8 de junho de 1972, minha resposta seria definitivamente outra. De fato, que diferença um dia faz!

No centro da minha experiência naquele dia de verão estava uma arma táctica aterrorizante conhecida como napalm, assim denominada por causa dos dois principais componentes que lhe davam a característica de gel e a tornavam tão espessa: os ácidos naftênico e palmítico. Apesar de seu uso disseminado durante a guerra civil em meu país, eu nunca tinha ouvido falar do napalm antes que ele invadisse minha província e meu corpo. Porém, depois de termos sido apresentados um ao outro de modo tão peculiar, posso lhe garantir que é o adversário mais implacável que o ser humano pode enfrentar.

Há dois grandes problemas com o napalm: primeiro, sua consistência pegajosa o faz aderir de maneira inexorável a toda e qualquer coisa que tocar, inclusive a pele humana; segundo, depois que adere, ele torna seu alvo em cinzas.

Nem as pessoas que cuidaram de mim naquele dia nem eu entendíamos totalmente a dinâmica de como o napalm queima. Só sabíamos que eu estava pegando fogo e precisava desesperadamente de ajuda. Anos depois, eu aprenderia que aquele não era um fogo comum. A água entra em ebulição a 100 graus Celsius, e um incêndio comum, nos momentos mais quentes, varia entre 650 e 800 graus. Mas o napalm? Ele queima a 2.760 graus! Essa substância não brinca em serviço. Infelizmente, naquele dia, ela deu expediente na minha vila.





Primeiro as chamas me perseguiram por trás. Minhas pernas impulsionavam meu corpo a prosseguir pela estrada o mais rápido que conseguiam me levar, mas eu não era a mais ágil corredora, nem era conhecida por ser uma criança ativa. Estava usando roupas típicas da região: uma blusa larga, parecida com uma túnica, em cima de calças largas de algodão. O fato de não estar com a pesada jaqueta de combate que todos os soldados vestiam pode muito bem ter salvado minha vida. As chamas aderiam ao material sintético daquelas jaquetas e se recusavam a ir embora, criando uma espécie de forno de alta temperatura para os soldados. Sua morte era rápida e certa. Mas as mesmas chamas que ceifaram a vida deles se extinguíam parcialmente nas fibras das minhas roupas. Enquanto o fogo consumia minhas vestes, os resquícios de calor que permaneciam em mim já haviam perdido grande parte de sua intensidade.

Ainda assim, o napalm havia causado graves danos e, à medida que eu prosseguia pela Rodovia 1, agora nua e gritando de dor e medo, qualquer pessoa que conseguisse ver a parte de trás do meu corpo — minha nuca, minhas costas, meus braços — ficaria chocada. Minha pele queimada descascava deixando à vista uma fina e pálida camada de pele que nunca vira a luz do dia. Eu seguia em frente, sem fazer a menor ideia de qual seria meu destino, nem do que encontraria quando chegasse.

“Onde está mamãe? Onde estão meus irmãos? Onde estão os homens armados responsáveis por proteger minha família justamente de uma ameaça como esta? Por que isto está acontecendo conosco... comigo? Como vou sobreviver a esse calor imenso?”

Eu não fazia ideia de como tinha chegado ali nua, com medo e sozinha.

Soldados em pânico nos expulsando do templo.

O ronco dos motores cruzando o céu.

Monstros de metal descendo à terra: um, dois, três, quatro.

A estrada encharcada pela chuva e lambida por chamas que por ela se alastravam e a devoravam.

Nada além de fogo.

Quente demais! Quente demais!

Antes que eu conseguisse absorver tudo que estava acontecendo, o fogo tomou conta do meu braço e, da mesma maneira que alguém tira um inseto incômodo que pousa na manga de sua blusa, por reflexo levei a mão direita ao braço esquerdo para tirar as chamas. Claro que eu não sabia que aquilo fazia espalhar o grudento napalm. É por isso que hoje, além das profundas cicatrizes que se espalham por todo o lado esquerdo de meu corpo, ainda sinto na mão direita a dor abrasadora associada a esse tipo de queimadura.

Por fim, meu vigor acabou. Senti-me tão exausta que não tive opção além de parar ali, no meio da estrada, embora tudo implorasse que eu seguisse em frente. À medida que crescia a

distância entre mim e o fogo, a nuvem de fumaça que me cercava começou a se dissipar e consegui ver que, a meu lado, estavam dois de meus irmãos, dois primos de segundo grau e um grupo de soldados do Vietnã do Sul absolutamente perplexos. Agora também faziam parte da cena vários repórteres, jornalistas e fotógrafos vestidos em uniformes militares.

— *Nóng quá! Nóng quá!* — gritei, na esperança de que alguém, *qualquer um*, aparecesse para me ajudar. “Quente demais! Quente demais!”

Aquilo era desesperada e dolorosamente quente. Eu me sentia quente de dentro para fora. Muito embora não houvesse chamas visíveis em meu corpo, o napalm se infiltrara fundo em minha pele, queimando tudo em seu caminho. Fui cozida até os ossos e, naquele momento, o que eu mais queria na vida era escapar de tamanho tormento.

Um dos repórteres ali presentes, homem que mais tarde eu descobriria ser o sr. Christopher Wain, da BBC, pegou seu cantil e começou a derramar pequenos goles de água em minha garganta. A cada tragada, eu tinha a esperança de que o líquido apagaria o vulcão que me consumia por dentro. Como eu ansiava que aquela agonia chegasse ao fim! Contudo, as coisas ainda ficariam muito piores.

Momentos depois daqueles apreciados goles, o bondoso sr. Wain, ouvindo minhas súplicas incessantes para que alguém me ajudasse a não sentir tanto calor, levantou o cantil acima de minha cabeça e o virou para que o líquido fresco me lavasse e extinguisse todo o fogo. A água desceu pela cabeça, pelo pescoço, pelas costas e pernas. Nenhum de nós tinha como saber aquilo que hoje entendemos tão bem: o napalm faz combustão parcial de oxigênio em qualquer forma que o encontre; portanto, molhar-me com água, cuja estrutura molecular incluir oxigênio, era a pior coisa a se fazer. Eu peguei fogo mais uma vez!

Ali, em pé na estrada principal que conduzia à minha amada vila, em um local que antes esbanjava beleza e fartura, o lugar que eu chamara de lar durante toda a vida, eu me vi cercada por observadores cheios de boas intenções e desesperados para me ver sobreviver a um tipo de queimadura que ninguém consegue aguentar. Então, desmaiei e fiquei como morta.

---

**PRIMEIRO HOSPITAL INFANTIL, SAIGON****DENTRO DO NECROTÉRIO****11 DE JUNHO DE 1972**

Não me lembro de como me levaram ao necrotério do Primeiro Hospital Infantil em Saigon, mas o fato de ter sido deixada como morta quando ainda estava muito viva me assombraria por três décadas. Cheguei ao hospital em coma, perdendo e recobrando momentaneamente a consciência, embora nunca de maneira completa e nítida. Não tive condições de dizer ao funcionário: “Não, não me leve para o necrotério. Ainda não estou morta! Sei que pareço estar morta, ou pelo menos a caminho de morrer, mas ainda estou aqui! Estou aqui, em algum lugar”.

Se tão somente mamãe ou papai conseguissem me encontrar!

Eu não sabia que mamãe, meu pai e Número 5 me procuravam freneticamente, sem fazer a menor ideia de para onde (nem por quem) eu fora levada.

Três dias antes, logo depois que as bombas de napalm foram lançadas, meu tio-avô conseguiu chegar até mim e os repórteres e fotojornalistas que tentaram me ajudar.

Enquanto um dos fotógrafos da Associated Press, Huynh Cong “Nick” Ut, envolvia meu corpo magro e ensanguentado com uma capa de chuva emprestada, meu tio-avô se aproximou e gritou:

— As crianças! Por favor, leve as crianças para o hospital!

Apesar de minha condição inegavelmente debilitada, eu não era a única criança ferida naquele dia. Dando ouvidos àquela exortação, o fotógrafo me levou à *van* da Associated Press, colocou-me cuidadosamente junto dos outros que já estavam lá dentro e mandou o motorista partir o mais rápido possível.

Nick Ut tinha apenas 21 anos e estava ali meio que por acidente, pois de súbito decidira ir a Trang Bang, na noite anterior. A batalha entre as forças vietnamitas do sul e as do Vietcongue pelo controle da vila em que eu morava vinha sendo travada havia três dias, então o jovem fotógrafo pensou que talvez ela estivesse chegando ao limite. Às oito da manhã, ele dirigiu até um local que ficava a apenas um quilômetro do templo, onde meus familiares e eu estávamos escondidos. Ali montou sua câmera e, durante horas, fotografou as colunas de fumaça que se erguiam dos bombardeios à distância, os jatos militares que passaram em cima de nossa cabeça, os bandos de refugiados frenéticos que deixavam Trang Bang na tentativa de evitar a morte certa.

Tio Ut, como eu passaria a chamá-lo, era praticamente autodidata em fotografia. Aos 17 anos, decidiu que seguiria os passos do irmão, fotógrafo de guerra da mesma agência que morrera em serviço em 1965, quando as forças comunistas tomaram o delta de Mekong. Embora tio Ut não fosse um fotógrafo com formação especial, estava disposto a aprender. Trilhara seu caminho até ali começando como assistente de revelação até se tornar fotógrafo de campo, determinado a deixar seu irmão orgulhoso.

Posteriormente, tio Ut me contou que planejava ir embora para Saigon em 8 de junho pouco antes do almoço, achando que já tinha fotos suficientes para o dia. Mas, enquanto guardava câmeras, baterias e filmes, raios escarlates e dourados apareceram em sua visão periférica.

— Isso não é uma bomba — disse em voz alta. — Isso é um sinal!

Ele jogou as bolsas no chão e se posicionou para documentar o que estava acontecendo, capturando primeiro as quatro bombas jogadas do Skyraider. Em seguida, a onda de fogo e fumaça. Então, soldados e civis correndo para salvar a própria vida. E após tudo isso, eu. Enquanto eu corria pela Rodovia 1, tio Ut clicava e clicava o obturador de sua câmera, perguntando-se, à medida que me aproximava, por que eu estava sem roupa. Foi só quando passei por ele que conseguiu ver que meu corpo estava queimado.

— Estou morrendo! Estou morrendo! — ele me ouviu gritar. Isso o levou a deixar a câmera de lado e correr para me ajudar. Além de salvar minha vida, ele também registrou provas de meus dias. Tudo que sei sobre aquele dia e os seguintes, devo ao tio Ut. Como estive inconsciente, suas lembranças se tornaram as minhas.



Assim que a *van* da Associated Press saiu em alta velocidade, meu tio-avô foi até meus pais para lhes dar três notícias terríveis: sua filha fora queimada, desmaiara em razão do choque e fora levada por um estranho para algum hospital de alguma parte do Vietnã do Sul.

Número 5 e meus pais viajaram a pé de nossa vila, Trang Bang, até Saigon, juntando-se aos refugiados que também fugiam. A Rodovia 1 era uma confusão de pessoas tentando escapar

do inferno que nossa província havia se tornado no breve instante em que um avião passou por sobre nós. Mas creio que meus pais eram os mais desesperados de todos. Quando mamãe e meu irmão questionaram os funcionários da clínica mais próxima que conseguiram encontrar, o Hospital Bac Ha em Cu Chi, vilarejo a vinte quilômetros de onde eu estava, a resposta que receberam foi: “A menina não está aqui”. Quando papai indagou a equipe de Cho Ray, o maior hospital geral de Saigon, ouviu: “A menina não está aqui”.

Sem que soubessem, mamãe e papai estavam se dirigindo para o mesmo local: o Primeiro Hospital Infantil. A jornada foi de pouco mais de cinquenta quilômetros e lhes custou três longos dias de caminhada. Em 11 de junho, meus pais chegaram com horas de diferença um do outro, cada um deles convencido de que finalmente localizariam a filha. Quando os funcionários disseram para mamãe e meu irmão: “Ela não está aqui”, uma silenciosa resignação ameaçou tomar conta deles. Em vez disso, mamãe não cedeu e sussurrou para meu irmão:

— Vamos procurar mesmo assim. — E foi isso que fizeram, vasculhando os oito andares da instituição, determinados a encontrar sua pequena Kim Phuc.

Durante a busca, mamãe deparou com um homem que trabalhava na limpeza do hospital.

— Você viu uma jovem vítima de queimaduras, uma menina de 9 anos? — ela despejou, ansiosa por qualquer indício do meu paradeiro. — A menina deve ter sido internada há dois ou três dias.

As vítimas de queimadura de guerra dificilmente sobreviviam, fato que aquele homem, sem dúvida, conhecia. Em resposta à súplica de mamãe por respostas, ele preguiçosamente apontou o esfregão na direção de uma pequena estrutura do lado de fora da porta principal e murmurou:

— Está vendo aquele cômodo ali? É lá que colocam os mortos.

Mamãe reuniu forças e caminhou rumo à construção anexa, sem fazer ideia do que lhe esperava atrás daquela porta fechada.



Na verdade, tio Ut havia tentado encontrar ajuda para mim em Cu Chi, mas a equipe de enfermagem dali se recusou a me aceitar. Eles não tinham pessoal qualificado para cuidar de mim, disseram, nem recursos para tratar queimaduras graves. Tio Ut mostrou suas credenciais de imprensa e fez uma ameaça nada sutil:

— Cuidem dessa menina hoje, senão estarão em grandes apuros amanhã.

Quando tio Ut guardou as credenciais e se virou para correr até o escritório da Associated Press, onde poderia arquivar as incríveis fotografias do dia, a equipe de enfermagem de Cu Chi me internou sem hesitar.

Devo ser honesta quanto àquele hospital: eles deram seu melhor para me atender. Fizeram curativos em minhas feridas e conseguiram minha transferência para o Primeiro Hospital Infantil em Saigon, uma instituição maior e mais sofisticada que, na opinião deles, era mais bem equipada para o meu caso. No fim das contas, porém, a decisão daquele pessoal foi uma sentença de morte emitida em meu nome. Os médicos e enfermeiros em Saigon me examinaram, avaliaram as queimaduras de terceiro e quarto graus que tinham destruído todas as três camadas de pele — bem como os músculos e ligamentos que uniam os ossos de meu corpo — e determinaram que não havia esperança para mim. Eles tinham visto dezenas de situações semelhantes ao longo dos trágicos anos de guerra, e as vítimas de queimadura com napalm nunca sobreviviam. Assim, inconsciente e sem nenhum acompanhante que pudesse me defender, fui lançada à morte.



Dentro daquela cabana designada para ser o necrotério do Primeiro Hospital Infantil, eu me vi encurvada em uma cama pequena. Meu cabelo fora chamuscado e agora estava grudado com pus e sangue. Meu rosto inchava o equivalente a três vezes seu tamanho normal. Os curativos em volta do pescoço, dos braços e das costas, feitos em Cu Chi, estavam encharcados, e a secreção dos ferimentos os fez aderir à pele carbonizada. Minha pele começava a apodrecer, enchendo o ar com um cheiro metálico repugnante.

Havia um garotinho deitado na cama ao lado, e embora eu estivesse em condição terrível, ele estava ainda pior. Ele sofrera queimaduras profundas por causa de uma brincadeira com fogos de artifício que dera errado. Suas feridas demoraram tanto para ser tratadas que vermes agora se refestelavam em sua carne. Tempos depois, mamãe me contou que alguns daqueles vermes haviam encontrado minha cama e chegado até meu rosto e meus órgãos internos, que estavam expostos. Ao ver aquelas criaturas devorando a filha, mamãe estremeceu, com dificuldade de acreditar.

Cobrindo o nariz com seu xale, mamãe chegou ao meu lado e ergueu meu corpo queimado, colocando-me no colo. Então chorou, sem saber mais o que fazer. Sua menininha se fora e ela nem tivera a chance de dizer adeus.

Mamãe não estava sozinha ali dentro, pois, sentada ao seu lado, se encontrava a mãe do garotinho, também tentando processar a perda do filho. Após muitos minutos em silêncio, a mulher olhou para mamãe e indagou sussurrando:

— Permita-me perguntar... Quem é Danh?

Uma espécie de escuridão sobreveio à expressão já sombria de mamãe. Meu amado primo de 3 anos, Danh, o menininho que eu amava como a um irmão, não fora rápido o bastante para fugir do fogo. Na pressa em deixar o templo, mães e avós haviam pegado os bebês da vila que ainda não sabiam andar. Danh precisou correr com as perninhas curtas e gorduchas

acostumadas apenas a andar de forma desengonçada, mas não a correr com equilíbrio e graça. Danh percorreu vários metros da estrada até que um soldado bondoso o viu e o segurou nos braços. O soldado correu o quanto pôde, mas não conseguiu sair da fumaça. O fogo tomou o corpo do soldado por inteiro, queimando-o e fazendo Danh cair no chão.

Minha avó viu Danh e o pegou na estrada. Mas era tarde demais. Cada centímetro do corpo de meu primo fora queimado. Enquanto vovó corria até um lugar seguro, com os pés descalços pisando as poças de lama que salpicavam o chão, a pele do garotinho em seus braços se desprendeu e começou a balançar com a brisa, dando-lhe a aparência de um animal na época da muda de penas. Danh estava morto.

Tia Anh perdeu os dois filhos em consequência das bombas de napalm: Danh naquele dia e Cuong, de nove meses, que morreu dois meses depois. Assim como eu, ela também sofreu queimaduras; as cicatrizes em sua perna e mão esquerdas seriam um lembrete constante daquele horror.

— Danh é meu sobrinho — respondeu mamãe. — Ele morreu durante o bombardeio de nossa vila há três dias.

A mulher olhou para minha mãe com simpatia e disse:

— Sua filha se manteve o tempo todo em silêncio, com exceção de um momento ontem, quando a ouvi gritar: “Danh, espere Danh! Eu vou com você”.

---

UNIDADE BARSKY, HOSPITAL CHO RAY, SAIGON

## VIVA, MAS NADA BEM

### VERÃO DE 1972 E UM POUCO ALÉM

Dizem que, ainda minúsculo dentro do útero materno, o bebê já reconhece o som da voz da mãe e reage a ele. Se for verdade, esse fenômeno pode explicar, pelo menos em parte, por que, quando nada mais foi capaz de me tirar do estado de inconsciência, o som da resposta de minha mãe conseguiu me levar pelo menos a um estado semialerta. Lembro-me de ouvi-la dizer, a respeito de Danh: “Ele morreu”. Lembro-me dos sussurros suaves, de uma mãe em luto para outra. Lembro-me de suas expressões de amor por mim, enquanto, deitada ali, eu secretamente desejava morrer como Danh.

Então me mexi, na direção da doce voz de mamãe, como uma flor se volta para o sol. Com esse sutil movimento, a esperança de mamãe renasceu. Eu estava viva. Sua My estava viva!

Em questão de minutos, sucedeu uma série de acontecimentos que hoje considero “milagrosos”. Mamãe e meu irmão, ao me perceberem viva, me pegaram para me levar de volta ao hospital; foi então que literalmente esbarraram em papai. Mamãe lhe contou o mais rápido possível tudo que havia acontecido e insistiu: “Rápido! Precisamos encontrar ajuda!”.

Papai foi depressa para o edifício principal do hospital, determinado a identificar alguém que pudesse ajudá-lo com sua filha quase mas ainda não morta. Foi nesse momento que encontrou um médico em final de plantão, pronto para ir para casa.

— Senhor! — gritou papai enquanto puxava o doutor pelo jaleco. — Minha filha foi colocada no necrotério, mas ela ainda está viva. O senhor precisa nos ajudar! Ela precisa do seu auxílio... *Por favor!*



Quando os olhos do médico e os de papai se encontraram, ambos levaram um susto. Momentaneamente desorientados por verem um ao outro ali, no corredor do hospital, em meio àquela crise envolvendo uma criança, eles se esforçaram para se lembrar de onde se conheciam. Durante vários segundos, simplesmente se encararam, reconhecendo-se, mas incapazes de recordar o que os unia.

— A universidade! — disse por fim o médico estalando o dedo, com um largo sorriso celebrando a lembrança que lhe viera. Foi assim que papai e seu colega de turma de vinte anos antes se reencontraram em Saigon.

Em meia hora, uma ambulância parou na porta do Primeiro Hospital Infantil a fim de me transportar para o Centro Cho Ray de Cirurgia Plástica e Reonstrutora em Saigon, conhecido pelos moradores locais como Unidade Barsky, em homenagem a seu fundador, o falecido médico norte-americano Arthur Barsky. Havia 54 leitos na instituição. Meus pais e o médico amigo de papai tinham a esperança de que um deles estivesse disponível para mim.

A Unidade Barsky, onde trabalhavam principalmente médicos locais, já havia recuperado mais de 3.500 crianças feridas na guerra. O amigo de papai não telefonara antes, temendo que, se o fizesse pedindo permissão para me levar, a resposta seria negativa. A unidade não “recebia” novos pacientes, mas os “convidava”. A lista de espera tinha quase quatrocentos nomes. Além disso, ninguém esperava que eu sobrevivesse. Internar-me significaria destinar recursos valiosos para mim, e a condição financeira em Barsky já estava difícil.

Quando a ambulância chegou a Barsky, os funcionários presumiram que deveriam mandá-la embora, enviando-a para outro hospital em Saigon que talvez tivesse mais recursos e espaço. Mas não foi nada disso que aconteceu. Uma das cirurgiãs plantonistas, a dra. Le My, olhou para mim e teve a certeza de que, se Barsky não me ajudasse, então ninguém mais poderia fazê-lo. Simplesmente não havia nenhuma outra instituição equipada para me tratar naquela condição tão grave. Ela me olhou, viu minhas queimaduras e enxergou a súplica nos olhos de meus pais. Engoliu a seco o regulamento do hospital e a burocracia oficial e disse baixinho:

— Vou tentar ajudar.

Primeiro, eu precisava de sangue. Meus pais desconheciam meu tipo sanguíneo (e também o deles), e era praticamente impossível encontrar sangue viável em meu corpo queimado para fazer o exame. A doutora finalmente extraiu do meu coração uma amostra e descobriu que sou tipo A. Outros testes rápidos provaram que mamãe era compatível, e ela se preparou para doar. Uma vez que quase todas as veias da parte superior do meu corpo haviam se fechado, a dra. Le My fez uma incisão em uma veia próxima a meu tornozelo direito. Quando a primeira gota do sangue de mamãe entrou por aquela veia, meu corpo reagiu e meus sinais vitais melhoraram. Todos tiveram a certeza: *eu sobreviveria*. Mas ainda havia uma longa jornada à frente. Ao longo dos dias seguintes, começaram os tratamentos para as queimaduras; eu estava sendo preparada para a primeira das dezesseis cirurgias pelas quais

passaria naquele hospital. Uma décima sétima operação ocorreria na Alemanha muitos anos depois, quando eu tivesse 21 anos. Mas, naquele momento em Barsky, ninguém sabia se eu chegaria a essa idade.

Há muito de que não me lembro acerca de minha permanência no centro clínico — as pessoas que conheci, os pacientes com quem dividi o quarto, as cirurgias que precisei enfrentar —, mas uma memória que nunca me deixará é a dos banhos diários para as queimaduras. O objetivo, segundo contaram aos meus pais, era triplo. Estava comprovado que os banhos nas queimaduras melhoravam a elasticidade da pele queimada. Sabia-se que eles aumentavam o alcance de movimentos e a capacidade de realizar os exercícios na fisioterapia. E proporcionavam maior sensação de conforto e bem-estar para a vítima. (O que a equipe do hospital não mencionou para os meus pais é que, antes de desfrutar a parte do “conforto”, o paciente precisaria suportar um verdadeiro tormento.)

Toda manhã, assim que o sol nascia, duas ou três enfermeiras apareciam com um sorriso nos lábios aos pés do meu leito hospitalar feito de metal pintado.

— Kiiiim — sussurrava uma delas. — Bom dia, pequena Kim. É hora do banho, doce Kim. Kiiiim, você está acordada?

Para falar a verdade, eu acordava minutos antes, ao ouvir os passos delas se aproximando. Ao permanecer ali imóvel, de olhos fechados, minha intenção não era enganá-las. Na verdade, uma força no meu interior mais profundo resistia a tudo que estava prestes a acontecer. Eu não gostava dos banhos nas queimaduras. Não gostava daquela dor que me torturava quando a água entrava em contato com minhas feridas. Não gostava de nada relativo àquele tratamento, por isso ficava deitada ali, na esperança de que houvesse qualquer outra opção.

— Kiiiim? Oi, Kim? — dizia a enfermeira. — Vamos colocar você na maca agora.

E assim começava meu dia, da mesma maneira a cada manhã, por semanas e semanas a fio. Meu corpo nu era levantado da cama hospitalar para a maca de transporte, que, em razão do meu baixo peso, nem barulho fazia. Uma das enfermeiras me empurrava devagar até um banheiro estéril, no qual uma banheira de aço inoxidável me aguardava. Quando entrávamos ali, eu ouvia o som mecânico dos aquecedores e o murmúrio dos jatos que espirravam a solução medicamentosa durante o banho. Aqueles barulhos me pareciam uma marcha da morte.

— Você está prestes a sofrer — diziam elas.

Iniciado o banho, uma enfermeira aumentava a intensidade dos jatos até a velocidade máxima, e eu ficava submersa por trinta minutos enquanto a água amaciava minha pele.

As dolorosas pontadas que sentia nessas ocasiões eram tão insuportáveis que, quase todas as manhãs, eu desmaiava momentos antes de ser colocada na banheira. Uma das enfermeiras precisava segurar minha cabeça para que ela não escorregasse para debaixo da água e eu me afogasse. Com o tempo, o corpo tende a desenvolver tolerância a analgésicos. Por isso,

diferentemente do que ocorrera no primeiro banho — e o mais horrível também, considerando a quantidade de carne carbonizada que precisava ser amaciada e removida —, não havia nada que as enfermeiras pudessem me oferecer para amainar os receptores de dor de meu corpo, com exceção de seus sorrisos confiantes e suas mãos bondosas. Não havia morfina, nem oxicodona. Não havia *nada* para aliviar o forte ímpeto da água em movimento que atingia terminações nervosas desprotegidas.

Quando aquela meia hora terminava, as enfermeiras se posicionavam uma de cada lado para segurar em minhas axilas e me tiravam da banheira do modo mais delicado possível, colocando-me de volta na maca de transporte. De volta ao quarto, outras enfermeiras usavam tesouras médicas estéreis para cortar fora toda a pele morta. Logo que uma quantidade suficiente de pele podre saía, acontecia mais uma cirurgia de enxerto de pele. Houve uma época em que deixei de computar a frequência desses procedimentos.

Em diversas ocasiões, papai vestiu as roupas estéreis fornecidas pelo hospital e entrou no banheiro comigo, muito embora se sentisse impotente diante de minha dor. Mamãe nunca presenciou o procedimento, pelo simples motivo de que nossa família necessitava de renda e esses meus banhos sempre coincidiam com as horas em que ela estava mais ocupada no restaurante.

Hai, minha irmã mais velha, foi me visitar no hospital certa manhã, com a intenção de me apoiar durante a rotina de banho. Entretanto, assim que me viu entrar na água, desmaiou bem ali mesmo.

— Não temos pessoal suficiente para cuidar da sua filha *e* dos acompanhantes — a enfermeira chefe advertiu papai. Era um sinal claro de que meus visitantes deveriam ser dotados de nervos de aço. Quem tivesse estômago fraco não poderia entrar. Se eu estivesse em melhores condições de comunicar meu estado de espírito, também acabaria expulsa daquele lugar!

Ainda hoje, sempre que sinto dor, relembro aqueles banhos e penso: “Não importa quanto esteja me sentindo mal agora, não é tão ruim quanto naquela época”. Se existe uma demonstração mais adequada da expressão “verdadeiro inferno” do que o banho nas queimaduras, não sei qual é. Aqueles banhos eram piores que a morte em si. Estar morrendo é bem pior que a morte.



Durante a primeira semana, mamãe se deslocava entre Trang Bang e Saigon, numa viagem de ônibus que durava cerca de uma hora e meia, fazendo seu melhor para administrar o restaurante ao mesmo tempo que dava apoio à filha em dificuldades. Papai ficava sentado ao lado de minha cama desde o início da manhã até a noite. Só saía pouco antes da minha hora de dormir, quando os funcionários informavam que o período de visitas havia terminado.

Então, ele passava pelas portas da frente do hospital e ia até o banco de pedra que usava como cama. Ajeitava-se da maneira mais confortável possível e, durante as poucas horas em que era forçado a ficar longe de mim, descansava como podia. Assim que as portas do hospital se abriam novamente pela manhã, ele voltava para o mesmo lugar a meu lado.

Por cerca de quarenta dias, permaneci em condição crítica em Barsky, levando médicos, enfermeiros e meus pais a se indagar se eu me recuperaria de verdade, se “voltaria a mim”. Toda a alimentação que recebia era por via intravenosa. Não podia vestir roupas e, embora os esforços de reabilitação tenham começado depois de um tempo, o progresso era dolorosamente lento. Eu não conseguia ficar em pé. Não conseguia andar. Minha cabeça não girava. Minhas mãos não conseguiam segurar as coisas. Eu era uma inválida, deficiente de todas as maneiras imagináveis.

Sempre que mamãe e papai estavam juntos, estudavam cuidadosamente minha situação. Mais de um terço do meu corpo fora profundamente queimado. Meus órgãos se encontravam extremamente vulneráveis a infecção. A circulação no tronco e nos membros era vagarosa. Isso significava que minha mobilidade estava terrivelmente comprometida. E, como meu corpo lançava mão de todos os recursos de que dispunha para tentar curar minha pele, minhas forças eram sugadas dia após dia.

Mais tarde eu viria a saber que mamãe sussurrava isto para papai quando eu não conseguia escutar:

— Se ela for ficar assim, tão debilitada, a vida inteira, creio que seria melhor que morresse.

Igualmente determinado a não querer que sua filha sofresse pelo restante de seus dias, meu querido papai concordava seriamente com a cabeça.

— Sim, eu concordo. Quem desejaria tamanha dor para sua garotinha?

E assim, ao longo daquele período tão tumultuado por tantos cuidados, mamãe implorava aos deuses do Cao Dai: “Por favor, levem minha filha desta vida”.

---

---

**MEU LAR, TRANG BANG****A MALDIÇÃO DE SER DIFERENTE****AGOSTO DE 1973**

Quando a guerra chegou a Trang Bang, minha vila, foi como se alguém desligasse um grande interruptor. Tudo que antes era brilhante e bonito agora se encontrava dizimado e obscuro. Acabaram-se o riso e as fantasias; acabaram-se aquelas prósperas árvores frutíferas; acabaram-se os dias preguiçosos e a inocência; acabou-se a fartura em todas as suas formas. Quando aquelas bombas de napalm caíram, tudo explodiu: nossos recursos, nossa liberdade, nossa vida.

Ao contrário do que pediam as desesperadas orações de mamãe para que eu fosse tirada desta vida, e desafiando as hipóteses de todos os médicos inteligentes acerca de minha sobrevivência, recebi alta do hospital — um ano e dois meses depois de ser internada. Ao chegar em casa, constatei pessoalmente aquilo que meus pais já vinham me contando fazia tempo. Nós *de fato* tínhamos perdido tudo. Éramos agora oficialmente pobres.

A casa onde minha família morava ainda estava de pé, mas o telhado estava tão comprometido que dava para ver as estrelas enquanto eu entrava no que sobrara do meu quarto. As paredes eram tão precárias que qualquer pessoa podia entrar e sair quando quisesse (não haveria o menor problema com isso caso se tratasse de um amigo, e não de um ladrão).

Certa vez, alguns ladrões entraram em casa. Amarraram meu tio-avô, dois de meus irmãos e a mim. Então ameaçaram nos matar se não atendêssemos às exigências de lhes dar o dinheiro que acreditavam que possuíamos, muito embora não tivéssemos absolutamente nada para entregar.

— Você vai ficar amarrado aqui até nos dizer onde está o dinheiro! — um dos homens gritou para meu tio-avô, que posteriormente levantou a hipótese de fofoqueiros da região terem afirmado que minha família recebia auxílio financeiro de gente bondosa interessada em custear minha recuperação.

A verdade é que tais recursos nunca chegaram até nós. Misteriosamente, entre as mãos dos filantropos e as mãos de meus pais (com a mediação do governo para fazer o câmbio), tais valores desapareciam.

Enquanto eu estava sentada ali, com os pulsos atados e pontadas de dor subindo e descendo pelo braço, só conseguia piscar os olhos, sem acreditar que aqueles ladrões reviravam o que sobrara dos móveis enquanto ordenavam que permanecêssemos em silêncio.

— Parem de mentir para nós! — eles vociferavam para minha família. — Vamos matar vocês se não disserem a verdade!

Felizmente, meu tio-avô deixou o medo de lado o suficiente para perceber que aqueles homens mal-intencionados não haviam amarrado direito o Número 5.

— Frouxo demais! Eles o amarraram frouxo demais! — sussurrou várias vezes para meu irmão. — Desfaça o nó. Está frouxo! Saia!

Meu irmão se aproveitou da distração dos bandidos, que vasculhavam freneticamente os outros cômodos da casa, em busca de riquezas. Cinco minutos após a chegada dos ladrões, Número 5 conseguiu se soltar e fugiu para a casa de vovó. Momentos depois, minha avó, meu avó e minha tia chegaram à nossa propriedade, gritando para quem quisesse ouvir:

— Bandidos! Há ladrões aqui! Estão querendo nos matar. Ladrões! Socorro! Ajudem-nos, por favor!

Os ladrões, pressentindo que logo estariam em menor número, saíram aos tropeços para ir embora quanto antes. Em minha memória, ainda os vejo fugindo de mãos vazias em plena luz do dia.

Vovô correu para perto de mim e começou a soltar o forte nó, tomando cuidado para não cutucar minhas feridas, que àquela altura já estavam todas latejando. Ficamos aliviados por ter sobrevivido a tamanho terror, mas a experiência deixou em mim uma marca profunda. Por terrível que tivesse sido morar por mais de um ano no hospital, passei a desejar voltar para lá, onde era cuidada e bem alimentada, além de desfrutar de segurança.

Quanto à sorte da população de Trang Bang, estávamos entre os mais bem-afortunados. Para muitos amigos e vizinhos, enquanto o ano de 1973 passava, a única coisa que podiam ver era um gigantesco buraco no chão, visto que uma ou outra bomba apagara por completo qualquer prova de já terem vivido ali. No entanto, à medida que os dias se arrastavam, eu não me sentia nem um pouco sortuda. Não havia mais os banheiros dentro de casa, os quais nós nem valorizávamos antes. Não havia mais geladeira para conservar nossa comida, nem o congelador do qual tirávamos gelo — uma perda especialmente significativa, levando em conta o calor que minha pele queimada produzia e as dores de cabeça que agora me

assolavam todos os dias. Foram-se os dias em que meus pais tinham dinheiro de sobra, já que agora todos os recursos se destinavam a custear remédios para minha dor e terapias para a recuperação da minha pele. Como eu ansiava poder esticar os braços e fechar o punho! Mas não conseguia.

Tínhamos pouca comida, apenas o que dava para mamãe trazer ao fim do dia no restaurante. Antes éramos prósperos, mas, depois que a guerra chegou a nós, já não havia prosperidade nenhuma.



Minha alta da Unidade Barsky aconteceu no verão. Embora inicialmente eu estivesse empolgada com todas as coisas que faria — subir em minha árvore preferida, comer as deliciosas goiabas, retomar a leitura de histórias de amor no meu refúgio secreto e brincar com minha querida amiga Hanh —, a vida de volta ao lar não foi nem de perto tão agradável quanto eu esperava. Por dois anos, meus irmãos, minhas irmãs e eu vivemos sob péssimas condições, tomando banho do lado de fora, em uma poça enchida por uma mangueira. Subsistíamos de restos de arroz e legumes frios, tremendo de medo toda noite ao pensar que outros ladrões poderiam aparecer.

Para mim, as coisas pioravam ainda mais pelo fato de que estava debilitada e sentia dores constantes. Elas eram muito agudas naquela época, a mais crítica que já vivi! Para encontrar alguma forma de alívio, eu precisava dar golpes rápidos em meu corpo. Consequia usar o punho direito até certo ponto, mas várias vezes precisei pedir a um de meus irmãos que me desse socos na tentativa de estimular minha circulação sanguínea.

Era evidente que minha pele estava brava comigo. Era grossa e esticada. Eram mínimos os movimentos que eu conseguia fazer. Minha pele era quente — quente demais, já que eu não conseguia suar porque os folículos capilares haviam se queimado. E eu sentia coceira, uma coceira *tamanha* que não dava para aplacar. Meu corpo chorava sua recusa em ser confortado. Eu odiava aquelas queimaduras, aquelas cicatrizes, aquela dor. Ansiava por um alívio que nunca chegaria. E, apesar de cada uma das circunstâncias externas que ameaçavam me derrotar — derrotar minha mente, meu corpo e minha alma —, a dor mais agonizante que sofri durante essa época de minha vida irradiava do coração.

Antes da guerra, minha querida amiga Hanh e eu brincávamos juntas toda tarde: duas meninas risonhas que aproveitavam a vida e conversavam sobre o amor. Juntas, sonhávamos com o momento em que conheceríamos o esperado príncipe encantado. Ah, que lindas noivas seríamos um dia! Gostávamos uma da outra como irmãs. Na verdade, tínhamos certo grau de parentesco, pois ela era filha de uma prima de segundo grau de mamãe, ou algo do tipo. Eu amava Hanh, e ela me amava.

Quando voltei para Trang Bang, para minha casa, antes mesmo de verificar como meu quarto havia ficado após a guerra ou se o pé de goiaba ainda estava lá, eu fiquei olhando a estrada, ansiosa por encontrar o rosto de Hanh. Com certeza, ela havia me visto chegar. Logo apareceria para brincar. Conversaríamos, riríamos, subiríamos em árvores e nos divertiríamos. “Venha, Hanh, venha! Venha à minha casa. Estou aqui esperando você!”

Ao olhar a Rodovia 1 no sentido sul, vi o doce rosto de Hanh a uma boa distância. “Minha amiga!”, pensei. “Estou em casa! Agora podemos brincar!”

Hanh me viu balançar desengonçada em sua direção; o entusiasmo me fazia avançar pela estrada. Em resposta à minha animação, ao largo sorriso e ao braço que acenava, ela permaneceu ali, imóvel. Diferente de mim, Hanh não se mostrava animada. Não sorria. Não acenava com o braço. Em vez disso, manteve-se estática. Diminuí o ritmo e segui trotando, depois caminhando lentamente, até parar desiludida. Minha querida Hanh não queria que eu chegasse mais perto. Não queria mais ser minha amiga. “Puxa!”, sussurrei para o ar pesado que me cercava. “É verdade. Hanh ficou sabendo de tudo. Estou queimada. Estou cheia de cicatrizes. Não sou mais normal.”

Meses depois, o pai de Hanh estava em nossa casa e me observou tentando tomar caldo em uma das xícaras de porcelana que mamãe trazia do restaurante. Minha recuperação progredia até que bem, mas minha mão esquerda ainda tinha vontade própria. Por exemplo, apesar de meu cérebro pedir-lhe que segurasse a alça da xícara, minha mão simplesmente se recusava a fazer a curva para tanto. Nesse dia, a xícara escorregou da minha mão e se espatifou no chão. A sopa quente espirrou em minha perna e me fez chorar. No entanto, as lágrimas não foram de dor, mas sim de vergonha. Eu era uma menina de 10 anos que não conseguia nem segurar uma xícara.

O pai de Hanh olhou para minha mãe e disse:

— Você precisava arranjar uma cuia de coco para a menina usar. É a única maneira de proteger suas louças finas!

Na ocasião, não o ouvi dizer isso. Passaram-se anos e mais anos até mamãe me contar o que ele falou. Mesmo então, aquelas sílabas doeram. Foram uma pontada tão aguda quanto a causada pelo napalm, e não há nada que cause pontadas mais dolorosas que o napalm.



Algum tempo depois de voltar de Barsky para casa, consegui refletir naquela tarde de bombardeios, buscar as lembranças daquele dia de junho e pensar em tudo que havia acontecido. Minha família fazia perguntas, levando-me a juntar as peças do que me recordava. E, vez após vez, a única coisa que me lembro de ter pensado, mesmo enquanto corria, fugindo do templo pela Rodovia 1, era esta: “Estou feia agora!”. Não pensava no



fogo, na minha família, nem em questões de vida e morte. Só pensava nas cicatrizes que eu teria e em como elas seriam horrorosas.

Até certo ponto, minha preocupação com a beleza física — fortemente arraigada em mim já aos 9 anos — era parte natural da vida vietnamita. Em minha cultura, as mulheres cuidam do corpo, do cabelo e da pele com mais atenção que em qualquer outra cultura que já vi. Quando criança, eu observava mamãe se preparar para o dia de trabalho soltando de um coque suas madeixas longas e escuras para que secassem da maneira apropriada, ao sabor do vento. Com cuidado, ela aplicava óleo nas pontas e então penteava as mechas até estarem perfeitamente lisas. Depois de espalhar creme nas bochechas, na testa e no queixo, vestia seu prático *ao ba ba*.

Mamãe não escolhia as estampas florais preferidas pelas outras mulheres. Em vez disso, optava pela simplicidade de calças pretas de pernas amplas e uma túnica branquíssima como blusa. As mangas boca de sino que chegavam até o pulso, e o corte que ia do osso do quadril até a cintura formavam uma silhueta impressionante em torno de sua delgada figura. Eu não sabia o que queria ser quando crescesse, mas, sem dúvida, esperava que incluísse me parecer com mamãe. E agora, que esperança havia para mim, uma estrangeira em sua própria terra?

Se eu tão somente pudesse voltar para o hospital, onde *ninguém* se encaixava nos padrões! Ali todos tinham um problema, uma doença, uma deficiência, uma cicatriz, uma dor. Eu me misturava tão bem àqueles desajustados! Mas aqui? Até minha melhor amiga estava assustada demais para chegar perto!

Agora eu entendo por que mamãe orou pedindo que eu morresse.



Fiz um acordo comigo mesma enquanto o napalm fustigava minha roupa, depois a pele, depois a gordura, os músculos e os outros tecidos que antes vicejavam nas camadas embaixo de minha pele: considerando que, daquele momento em diante, eu sempre seria vista como “diferente”, então não era digna de ser amada.

Minha bela pele pálida agora era nojenta, enrugada, encaroçada e vermelha.

Sou indigna de ser amada.

Meus cabelos longos e brilhantes, que antes caíam como cascatas até o meio de minhas costas, agora eram um Chanel embaraçado e desigual.

Sou indigna de ser amada.

Não me parecia mais em nada com as outras meninas.

Sou indigna de ser amada.

À medida que os dias se transformaram em semanas e meses e minha “cura” começou a acontecer, percebi que meu sofrimento, iniciado naquele fatídico dia de 1972, não se restringiria a um curto período de tempo.

Na clínica para queimaduras onde eu estava sendo tratada, os médicos me diziam: “Infelizmente, este sofrimento permanecerá. Você sempre terá cicatrizes, sempre enfrentará desafios e sempre sentirá muita dor”.

Não é difícil imaginar que tais notícias me alarmavam, já que eu tinha apenas 9, 10 anos. Mas a mensagem subjacente que eu ouvia alto e bom som abalou ainda mais o íntimo de meu ser: “Você é indigna de ser amada agora, Kim”.

Essa era a mensagem que eu ouvia.

Anos depois, quando entrei na adolescência, curvas femininas substituíram minha estrutura reta, e aquele voto interior de ser indigna de receber amor se alojou ainda mais fundo em meu coração. Sem dúvida, as mudanças físicas e hormonais que naturalmente delineavam meu corpo me compeliavam a me sentir bonita, a atrair um homem com quem passaria o restante da vida, a me apresentar de maneira desejável e atraente — algo que os vietnamitas chamam de *hấp dẫn*. Porém, também não havia dúvida de que nada disso aconteceria. Afinal, quem desejaria uma mulher com passado trágico, pele de couro de búfalo e incapaz de conceber? (Os médicos me haviam alertado quanto a essa possibilidade. Quem era eu para questioná-los?)

Naquela época, aos 10 anos, vivendo numa casa em ruínas em Trang Bang, suportando uma dor devastadora que na maioria dos dias me deixava deitada, tentando ao máximo administrar tanto o calor interno do meu corpo quanto a temperatura externa de mais ou menos 35 graus escaldantes, eu sabia com certeza que não era mais “dourada” nem “feliz”, ao contrário do que afirmava meu nome. Eu não me importava com a Kim Phuc que havia me tornado, mesmo porque não demoraria muito para que eu fosse desafiada a lutar pela vida mais uma vez.

---

**RODOVIA 1, TRANG BANG****A SAÍDA****24 DE ABRIL DE 1975**

As bombas de napalm que me queimaram foram jogadas pouco tempo depois de eu ter concluído o terceiro ano fundamental. Minha estada no hospital tomou todo o tempo em que eu deveria estar cursando o quarto ano. Quando voltei para casa, todas as crianças da vila estavam se preparando para o período letivo seguinte, ocasião em que meus colegas entrariam no quinto ano. Eu estava totalmente despreparada para acompanhá-los, mesmo tendo determinado em meu coração que o faria. Procurei Número 2, a professora da casa, e apresentei minha situação.

— Se você for minha tutora — disse para Hai —, vou conseguir acompanhar. Por favor, não deixem que me coloquem no quarto ano. Quero continuar com minha turma.

O fato de minha irmã não ter hesitado nenhum pouco revelou tudo que eu precisava saber sobre a confiança que ela depositava em mim.

— Vou ajudar você, My — respondeu ela. — Claro! Vamos começar agora mesmo.

O outono de 1973, todo o ano de 1974, o inverno e o começo da primavera de 1975 — esse período de vinte meses ainda hoje me vem à memória como a “época de correr atrás”, momento em que meu único foco era reconquistar pelo menos parte do que havia perdido. Dobrei a quantidade de lições de casa. Enquanto Hai me explicava o básico de álgebra, eu ouvia com atenção, implorando a meu cérebro que trabalhasse mais. Fui além da minha dor o máximo que podia, concentrada em terminar aquilo a que me propusera. No fim das contas, meu esforço focado valeu a pena. Em um único período letivo, concluí o quarto e o quinto anos; foi um choque para todos, inclusive para mim mesma.

Da mesma maneira que eu tentava reaver o tempo perdido na escola, mamãe e papai trabalhavam com afinco em casa. Mamãe ainda precisava cuidar do restaurante, mas, sempre que tinha uma hora de folga, se unia a papai em seus esforços para reconstruir nosso lar. Fiquei sabendo que a guerra voltara a nossa vila quatro vezes enquanto estive no hospital. Meus pais acabavam de reconstruir uma parte da casa e logo sofriam perdas ainda mais graves quando sobrevinha a destruição seguinte. Na época em que voltei para lá, as coisas já se haviam acalmado em nossa vizinhança mais próxima, mas uma nuvem negra ainda pairava: “Haverá uma quinta vez? Trang Bang se tornará uma zona de conflito de novo?”.

Infelizmente, a resposta para ambas as perguntas seria “sim”.

Quase três anos depois das queimaduras, meus familiares e eu fomos definitivamente expulsos de casa pela guerra. Dessa vez, as bombas que explodiam ao nosso redor eram diferentes. Eram chamadas de “granadas de morteiro” e receberam esse nome por causa dos projéteis de morteiro disparados do cano da arma. Elas não caíam direto de um avião no céu, como as de napalm; eram arremessadas de um tripé no chão, atingindo o alvo só depois de fazer um alto e longo arco no céu.

No início de 1975, dois anos depois de os Estados Unidos se retirarem da guerra e um ano depois de meu país sancionar o cessar-fogo com o inimigo, as forças comunistas e vietnamitas do sul despertaram mais uma vez o ódio de uns pelos outros, e, pelo menos para os vietcongues, as armas da vez eram as granadas de morteiro. Ouvia-se um distinto assovio em dois tons quando uma delas explodia, causado, muito provavelmente, pelos fragmentos de metal que se esfacelavam no ar. Até hoje, sempre que ouço um barulho semelhante, um arrepio percorre minha coluna.

Lembro-me de estar dentro de um ônibus não faz muitos anos, atravessando inocentemente a cidade durante minha rotina diária normal, quando acabei sofrendo uma reviravolta emocional. Um militar embarcou, e a combinação de seu uniforme do exército com o assovio do freio do ônibus enquanto o motorista retomava a rota me deixou em tamanho estado de pânico que precisei virar as costas para o homem e me forçar a respirar. O militar, é claro, não queria me fazer mal nenhum. Mas aquela aparência singular, aquele som terrível... as lembranças voltaram a toda velocidade.

Ao voltar a Trang Bang, em abril de 1975, eu não fazia ideia do que o futuro me reservava. Só sabia que enfrentava dificuldades tanto em meu mundo interno quanto no externo. Elas eram *muitas*, mas, ainda assim, não havia tempo para recuperar o fôlego, uma vez que a vida da minha família estava em risco. Aqueles assovios das granadas de morteiro cortaram o ar de nossa vila e das redondezas com tanta frequência que pareciam um único e demorado grito. Pressentindo o pior, mamãe se apressou em garantir que nós, crianças, saíssemos de casa mais uma vez.

Ali eu estava, aos 12 anos, apenas uma menina, nem adolescente ainda. Mas quanto da vida eu já tinha visto! Quanta dor e quanto medo!

— Corram, crianças, corram! — mamãe implorou, enquanto bombas explodiam por toda parte. Voltamos para o nosso templo, que fora poupado durante o ataque de napalm iniciado a poucos metros de sua porta frontal. Entramos dessa vez no santuário principal. Se houve algum momento em que precisamos que algum deus sorrisse para nós, foi aquele; necessitávamos de uma intervenção divina imediata. Nosso mundo estava sendo detonado de dentro para fora. Sabíamos que aquele era o nosso fim.

Da segurança do santuário interno, eu fitava o mundo exterior com os olhos arregalados. Encontrei uma janela bem nos fundos daquele ambiente ornamentado e, em silêncio, levantei a cortina decorativa. O que vi foram estilhaços de granada voando pelo ar. Eu sabia que era isso que encontraria quando olhasse, pois tinha escutado aquele assovio temível. Mas foi chocante presenciar a devastação que ele deixava em seu encalço. Assustador demais!

— Essa foi grande — sussurrei para meu irmão, que havia se unido a mim em nosso observatório.

Depois de passarmos a noite no templo, mamãe decidiu que precisávamos ir para mais longe, pois não estávamos nada seguros naquele local. Por isso, corremos para um templo menor do outro lado da vila. Nosso templo era considerado o “templo-pai” e nosso destino, o “templo-mãe”. Mas eles não ficavam perto um do outro. A pé, levava meia hora para percorrer a distância que os separava.

Corremos por estradas de terra cobertas por árvores frondosas. Isso significa que, assim que aumentamos a velocidade, nos tornamos alvo dos helicópteros que passavam acima. Tais aeronaves eram pilotadas por soldados do Vietnã do Sul. Eles nunca machucariam seus conterrâneos propositalmente, mas, como a floresta era fechada e nossos pés se moviam muito rápido, eles se confundiram e acharam que éramos vietcongues. E o que fizeram ao identificar aqueles dissidentes vietnamitas do sul foi abrir fogo, fogo e mais fogo. Balas assobiavam passando ao lado de nossos tornozelos, fazendo-nos seguir em frente com determinação e velocidade ainda maiores.

Mais tarde, eu aprenderia sobre as regras da guerra e sobre como evitar o que é ridiculamente chamado de “fogo amigo”, como se qualquer “fogo” pudesse ser amigo, como se na guerra pudesse haver algo agradável. Mas a regra é esta: sempre que estiver em meio a um confronto, nunca corra, *nunca* mesmo! Em vez disso, fixe os pés no chão enquanto os aviões ou helicópteros passam por você, voltando a cabeça para o céu e mantendo o corpo imóvel. Eles saberão que você é inofensivo, um mero cidadão lutando pela vida.

No entanto, preciso lhe dizer: quando existem bombas explodindo no chão onde você pisa e as tropas adversárias as contestam com balas disparadas pelo ar, não há como ignorar seus impulsos naturais de *correr, correr e correr*, sem parar, em velocidade máxima. Ficar *parado*? Olhar *para o céu*? Permanecer *calmo*, como se tudo estivesse bem? Impossível! Para sobreviver é preciso, pelo menos, tentar correr.

Depois de um tempo, mamãe, meus irmãos e eu conseguimos chegar ao templo-mãe. Naquele dia, meu pai estava na vila, em sua rotina costumeira dos tempos de guerra. Quando chegamos ao abrigo temporário, descobrimos que dezenas de vizinhos haviam feito o mesmo trajeto que nós. Minha avó também estava lá, bem como duas tias com seus vários filhos. Tanta gente recorreu àquele local que os recursos se esgotaram e, no segundo dia, já estávamos desesperados por comida. Dois templos do Cao Dai lotados por muitos dias, um coro de orações suplicantes por ajuda divina, mas nenhum dos tantos deuses que reverenciávamos parecia ser capaz de nos tirar daquela confusão.



Na tarde do segundo dia de nossa permanência no templo-mãe, Lieu, um primo de mamãe, entrou no caminhão que usava em seu trabalho com silvicultura e anunciou que estava indo com a família para Tay Ninh, a capital de nossa província, que tinha esse mesmo nome. Ele falava de maneira entrecortada e em tom urgente, perguntando se algum de nós queria acompanhá-los em sua viagem de cinquenta quilômetros. Entendi que precisaríamos pagar um valor pelo transporte e observei de perto enquanto papai, que se unira a nós no início da manhã daquele dia, trocou rápidas palavras e acenos de cabeça com mamãe, chegando a uma decisão em poucos segundos. “Sim, sim, nossa família vai também.”

Descobrimos que Lieu era um ótimo motorista — para o alívio dos trinta que estavam a bordo —, visto que era necessário trafegar por estradas esburacadas, evitar ser atingido diretamente pelas balas que passavam sobre nós e desviar dos estilhaços que explodiam por toda parte. Já vi jogos de *video game* que parecem brincadeira de criança em comparação com a louca viagem que minha família enfrentou naquele dia.

Quando eu era mais nova, a vida idílica que levava me distraía a ponto de eu não temer a guerra. Mas agora? Agora eu já era mais velha. Sabia das coisas o suficiente para ficar amedrontada. Como me senti bem por deixar Trang Bang, o foco das últimas batalhas! Em Tay Ninh, encontraríamos um bom abastecimento de recursos. Em Tay Ninh, veríamos a Santa Sé, o maior e mais grandioso templo de nossa religião. Em Tay Ninh, acharíamos ajuda, esperança e o recomeço que tanto desejávamos. Se tão somente conseguíssemos chegar a Tay Ninh, a vida poderia começar de novo.

---

**VILAREJO DE GIENG-GIENG****ENFIM, O FIM DA GUERRA****FINAL DE ABRIL DE 1975**

Lieu, o primo de mamãe, nos levou até onde foi possível. Ele precisou parar abruptamente em um trecho da Rodovia 1 que havia sido fechado por soldados do Vietnã do Sul.

— Você não pode prosseguir — um dos militares aconselhou Lieu. — O confronto está pesado demais para você atravessar com seus passageiros. Além disso, o solo está cheio de explosivos. Não conseguirão chegar vivos a Tay Ninh.

Lieu fez que sim com a cabeça. Não podíamos ir em frente, mas também não dava para voltar. Trang Bang estava sendo destruída por ataques do Vietcongue. O que faríamos? Sem opção, Lieu manobrou o veículo, afastou-se da fita de interdição e retornou pela estrada que havíamos acabado de percorrer. A essa altura, o fogo da artilharia era tão intenso que, por vários minutos, Lieu tirou sua camisa branca e começou a balançá-la fora da janela do motorista, um sinal de rendição, na esperança de que isso impedisse que o caminhão se tornasse alvo dos disparos.

Depois de mais ou menos um quilômetro, Lieu pegou a estrada secundária que levava ao vilarejo de Gieng-Gieng, onde um tio-avô de mamãe morava com a família. Aparecer na casa de alguém sem aviso prévio não era costumeiro, mas aquele não era um dia comum. Assim que Lieu identificou a casa, mamãe desceu do caminhão e andou cheia de confiança rumo à porta da frente.

— Precisamos de sua ajuda — disse ao tio Thieu, que a atendeu à porta. Esse meu tio-bisavô terá nossa eterna consideração por ter concordado em dividir o que restava de seus alimentos com trinta viajantes famintos, a maioria dos quais ele nunca tinha visto. Thieu

abriu os dois depósitos de sua propriedade e permitiu que dormíssemos ali não só por uma noite, mas por quatro.

Os dias se arrastavam devagar como a lama grossa que, depois de uma tempestade torrencial, anseia por chegar ao pé do morro. Mas, pelo menos, estávamos seguros. Ou aproveitamos nossa *sensação* de segurança, melhor dizendo. Nós, crianças, corríamos e brincávamos pelos campos do tio Thieu enquanto os adultos conversavam baixinho sobre o que fazer, para onde ir e como conseguir comida para a família. Durante o tempo que permanecemos em Gieng-Gieng, o som penetrante de morteiros explodindo no ar e dos disparos que ricocheteavam no chão em reação às explosões fazia uma trilha sonora desconcertante, mas o barulho ocorria a certa distância. Não parecia que as explosões ocorriam bem em cima da gente, como acontecia quando estávamos em Trang Bang. A impressão que tínhamos era que havíamos nos afastado do epicentro daquele tumulto — até esse epicentro mudar e nos encontrar de novo.

Assim que nasceu o sol do dia 30 de abril, mamãe me acordou e disse que prosseguiríamos para Tay Ninh. Tanto os alimentos quanto nossas opções haviam acabado. Parecia haver uma folga no ritmo dos bombardeios, suficiente para conseguirmos nos mover. Eu não fazia ideia de como passaríamos pela barricada militar que nos obrigara a ir para Gieng-Gieng, mas era inteligente o bastante para guardar as dúvidas comigo. Reuni alguns pertences, ajudei mamãe a conduzir meus irmãos e encontramos lugar dentro do caminhão.

Nenhum dos companheiros de viagem permaneceu em Gieng-Gieng. Todos concordaram com mamãe que aquela era nossa chance. Tio Thieu também veio junto, mas dirigindo a própria *van*, em vez de arriscar uma sobrecarga no caminhão já lotado de Lieu. Por algum tempo, os dois veículos seguiram bem em caravana pela Rodovia 1, mas, quando começamos a acreditar que talvez tivéssemos saído da zona de perigo, disparos de artilharia explodiram por todos os lados.

— Nããão! — Lieu gritou pelo ar, agora repleto de estilhaços e bombas. Ele pisou forte no freio, mas imediatamente desceu o pé no acelerador, dando uma guinada repentina e levantando pó. Ele não queria ficar ali, mas também não queria prosseguir em viagem — esse era o grande apuro no qual todos estávamos.

Lieu acelerou e seguiu em frente, com tio Thieu logo atrás, até chegar a uma viçosa fileira de árvores bastante altas. Ele desviou para um caminho de pedestres e parou em sacudidelas depois de uns quinhentos metros. O coração dele estava acelerado. Meu coração estava acelerado. Acho que o coração de todos estava acelerado. A espera ali na floresta pareceu levar horas. Todos nós nos apertamos no veículo de tio Thieu até descobrir o que fazer em seguida. Finalmente, sentindo uma mudança no ambiente, tio Thieu aproximou seu rádio portátil do ouvido e ouviu algo que chamou sua atenção.

— Shh! — disse quase cuspindo nas crianças. — Silêncio!



Obedecemos imediatamente. Tio Thieu arregalou os olhos, sem acreditar nas notícias transmitidas: a guerra havia terminado. O Vietnã do Sul recebeu a ordem de baixar as armas de uma vez, pois o Norte tomara Saigon. Éramos todos comunistas agora.

---

---

CASA DO NÚMERO 3, PROVÍNCIA DE TAY NINH

## RECOMEÇO

**1º DE MAIO DE 1975**

— Todos os soldados, retornem! — disse o presidente do Vietnã do Sul, Duong Van Minh, em sua última comunicação via rádio, para um país extremamente exausto. — Vocês devem se render. A guerra terminou.

A maioria se rendeu e admitiu a derrota para o novo regime. Mas alguns se recusaram a entregar suas armas e as voltaram para si próprios. Preferiram morrer de uma vez a capitular diante daqueles contra quem lutaram até momentos antes. Eu, porém, transbordei de entusiasmo e energia renovada. Nada mais de guerra! Nada mais de bombas! Nada mais de correr aterrorizada em meio a tiros! Eu estava em êxtase. A vida me seria devolvida afinal. E o riso também. Ah, como todos necessitávamos de uma boa risada!

Na verdade, houve momentos de leveza ao longo do caminho. Como sempre ocorre, até mesmo as situações mais traiçoeiras têm interlúdios bem-humorados aqui e ali. Nossa experiência na guerra não foi diferente. Quando mamãe começou a nos organizar para que saíssemos de um templo para o outro a fim de fugir de mais um daqueles terríveis morteiros, ela começou a contar os corpinhos para ter certeza de que todos estavam lá. Minha irmã e meu irmão mais velhos já não moravam em casa nessa época. Ela era casada e ele estava noivo, prestes a se casar. Por isso, restavam seis filhos.

— *Một, hai, ba, bốn, năm...* — mamãe só conseguia contar cinco. Ela nos contou várias e várias vezes, mais ansiosa a cada uma. — Onde está o bebê? — gritou (mais em tom de acusação que de pergunta,) para nós, devidamente contados.

Por um instante, ficamos em silêncio, então um de meus irmãos respondeu baixinho:

— Mamãe, você o está segurando bem aí no seu colo.

Mais tarde, enquanto corríamos pela trilha para chegar ao templo-mãe, vi um dos altares externos, feitos à mão, que os caodaístas costumam construir em frente de casa, tanto para receber as bênçãos dos deuses quanto para afastar qualquer espírito mau. Dentro do altar, que me parecia a adaptação de um alimentador vertical de pássaros, havia uma pilha de incenso, um buquê de flores e galhos e um cacho de bananas maduras. Sem diminuir o ritmo, corri diretamente para o altar, peguei o cacho inteiro nas mãos, tirei uma das bananas, descasquei-a e a coloquei inteira na boca. Banana nenhuma teve gosto melhor do que essa, devo admitir.

Ao relembrar esses momentos, rio sem parar. Foi muito bom sentir algo semelhante à felicidade pelo menos por alguns instantes. Mas, agora já em Tay Ninh, com a guerra para trás, eu esperava haver mais desses momentos nos dias seguintes.



Seis de nós — papai, meu irmão Número 5, os três filhos mais novos e eu — nos instalamos na casa do meu irmão mais velho, que ficava dentro de uma propriedade caodaísta e que mamãe havia comprado para ele com o lucro do restaurante, mais ou menos um mês depois que ele se casou. Mamãe se sentira tentada a vir conosco, mas sabia que a única esperança de sobrevivência da família era a renda proveniente de seu restaurante de sopa de macarrão oriental em Trang Bang. Então, tomou a dura decisão de voltar e ficar por lá.

Assim como muitos jovens de sua idade, meu irmão Número 3 havia driblado com sucesso o recrutamento militar do Vietnã do Sul, abrigando-se no templo do Cao Dai em Tay Ninh, a Santa Sé. Em troca de alimento e um pequeno salário, fazia serviços administrativos e de limpeza no templo. Ngoc — seu nome, mas o chamávamos de “Ba”, que significa “três” — encontrava segurança em meio àquele grupo, assim como todos nós o faríamos após a guerra.

Ba e a esposa tinham duas filhas gêmeas. Com dez pessoas abarrotadas em uma casa feita para quatro, as coisas eram um pouco apertadas. Não havia espaço extra. Não havia encanamento do lado de dentro. A comida era bastante escassa. E a ilusão de segurança e previsibilidade de que desfrutamos inicialmente — ir andando para a escola, manter a casa limpa, sentar juntos para fazer as refeições em família, descansar em paz em esteiras de bambu à noite — logo seria desfeita. Então, três anos e meio após o fim da guerra, fomos pegos pela ascensão do atroz movimento genocida promovido pelo Camboja por toda a fronteira do país com Tay Ninh. Era uma reação ao ataque do Vietnã, no Natal de 1978, sobre Kampuchea, o nome comunista do Camboja.

Foi interessante: originalmente, vietnamitas e cambojanos haviam se unido no esforço de eliminar qualquer simpatizante anticomunista. No entanto, como muitas vezes acontece com os malfeitores, eles acabaram se voltando um contra o outro. Os cambojanos passaram a

temer as intenções do Vietnã e decidiram acabar com elas antes que os vietnamitas se levantassem para tomar definitivamente o poder.

No início de 1979, a “vida cotidiana normal” foi substituída por um momento de terror após outro. Cada um de nós, residentes, temia pelo pior. Por vários anos, minha rotina típica envolvia me arrumar para a escola, permanecer depois das aulas como voluntária para ajudar a limpar ou organizar as salas, voltar para a casa de meu irmão a fim de fazer o dever de casa, ir ao templo para diversos cultos e ajudar minha cunhada a cuidar das gêmeas. Mas, quando os lançamentos de morteiros se tornaram excessivamente frequentes, acontecendo não só de noite, mas também em plena luz do dia, até mesmo idas e vindas corriqueiras passaram a ser consideradas arriscadas demais.

A escalada para o abrigo antibombas caseiro trazia pouco alívio, pois mal cabia todo mundo ali dentro e, para piorar, cobras se abrigavam ali também. Eu tinha medo das bombas. E das cobras. Tinha medo da vida diária. Tanta coisa havia mudado para mim dos 8 aos 15 anos! Eu gostava muito mais da vida quando era mais nova.

A fim de suprir a incessante necessidade de alimentos de nossa família, papai pegava o ônibus para Trang Bang toda semana e mamãe lhe dava um grande saco de arroz. Por muitos anos, mamãe morou dentro do restaurante, dormindo em uma esteira de bambu disposta sobre o chão do restaurante.

Dias depois de nossa ida para Tay Ninh, mamãe voltou a Trang Bang a fim de avaliar como estava nossa propriedade. No lugar da nossa casa, encontrou uma imensa pilha de ruínas. Os animais da fazenda haviam sido decapitados. Membros de corpos ensanguentados de soldados salpicavam a paisagem. Estilhaços cobriam o chão. Uma grossa camada de poeira e destroços enchia o ar.

— Acabou-se — disse ela em voz alta, meneando a cabeça em descrença.

Depois que nós, os filhos, nos acomodamos em Tay Ninh, papai voltou a Trang Bang para ajudar mamãe a vasculhar os destroços, na esperança de encontrar pelo menos algum tesouro em meio a tanto lixo, mas não havia nada para achar. Tudo explodira, pedacinho por pedacinho. Nossas roupas oficiais usadas nos cultos do Cao Dai, um livro de oração e meu prontuário de Barsky: essas foram as únicas coisas que restaram, e somente porque papai tomara a precaução de guardá-las no restaurante de mamãe.

Além disso, a fim de garantir nossa sobrevivência, toda semana mamãe trabalhava à exaustão, separando parte do lucro e o arroz que sobrava. Pronto para dedicar mais uma semana aos filhos, de quem era o principal cuidador e cozinheiro, papai voltava a Tay Ninh com o alimento em mãos. Sim, sempre amei a comida que ele preparava, mas, com tão poucos ingredientes disponíveis, suas refeições deliciosas agora deixavam muito a desejar.



No que diz respeito ao meu mundo interior, à medida que as semanas viraram meses e os meses se transformaram em anos, alguns problemas recorrentes começaram a emergir, aprisionando-me em uma sensação de desespero. Em primeiro lugar, eu sentia dor. Meu sofrimento físico era intenso. Todos os dias, papai ou um de meus irmãos tentava me ajudar a chegar a áreas do meu pescoço e das minhas costas que eu não conseguia alcançar, e pressionavam minha carne com toda força. Mas esse alívio era, no máximo, momentâneo. Assim que paravam de pressionar, a dor prevalecia novamente.

Quase todos os dias, ao chegar em casa depois da aula, eu encontrava um cantinho tranquilo e chorava sem parar. “Quando essa tortura vai terminar? Quando me sentirei feliz e completa?”

E ainda havia a distância de mamãe. Uma jovem que adentra a vida adulta feminina precisa de uma mãe atenta por perto. E a minha morava em outra vila, o que era como se fosse outro planeta.

Em termos práticos, eu entendia por que mamãe precisava permanecer em Trang Bang. Ela era *famosa* lá, ou pelo menos seu restaurante de sopa oriental o era. Mamãe vinha aperfeiçoando sua receita havia *quarenta anos*: a carne de porco crocante e os legumes cozidos em fogo baixo que ela laboriosamente enrolava em papel de arroz caseiro e deixava boiar no caldo salpicado de cebolinha. As pessoas viajavam de vários lugares dispostas a pagar uma bela quantia por aquela sopa deliciosa. Seria tolice exigir que ela mudasse para Tay Ninh conosco, onde ninguém conhecia nem ela, nem sua sopa.

Emocionalmente, porém, era outra história. Eu era apenas uma mocinha que ansiava pela presença da mãe.

Às vezes, a distância era grande demais para mamãe suportar também, e nesses dias ela trocava de roupa imediatamente depois de fechar o restaurante, pegava o ônibus para Tay Ninh e nos reencontrava, ansiosa por sentir a familiaridade de um lar. No verão, às vezes eu pegava o ônibus no sentido sul para visitá-la. Eu queria, de todo o coração, aproveitar aquelas visitas, mas o ambiente não me fazia bem. O restaurante de mamãe ficava na Rodovia 1, e o barulho incessante do trânsito — as buzinas, o som do motor dos caminhões, os gritos dos jovens vietnamitas — somado ao desconforto da fina esteira de bambu e ao toque do mosquito em minha pele tão sensível me privavam do sono mesmo nos dias em que me sentia absolutamente exausta.

Pobre mamãe! Seria muito melhor para ela morar com minha avó, cujo lar ficava bem perto do restaurante. Mas duas tias já estavam morando lá e, como boa parte da casa de vovó havia sido despedaçada por bombas, mamãe precisaria da esteira de bambu ali também. O restaurante era mesmo a melhor alternativa. Mas eu não gostava nenhum pouco dele.

Outro desafio para mim era que eu não tinha amigos — pelo menos ninguém com quem desfrutasse a mesma intimidade que tivera com Hanh. As cicatrizes terríveis que levava na pele haviam transformado uma doce menina tímida em uma moça reclusa, insegura e

envergonhada, que tinha medo de se aproximar das pessoas. O que elas pensariam quando vissem minha pele horrorosa?

Para ser honesta, eu não queria saber a resposta. Era mais seguro ficar sozinha.

— Por que você não usa roupas de manga curta? — perguntavam às vezes as meninas da escola. Ah, se elas soubessem!

Assim, as garotas bonitas, com suas blusas de manga curta e a autoestima lá em cima, passavam por mim em pequenos grupos tagarelas, falando de relacionamentos que eu desconhecia. E os rapazes bonitos passavam acelerando suas bicicletas e motos, sem fazer a menor ideia de quanto eu os amava. O mundo continuava a girar, mesmo que eu estivesse presa à areia movediça de minhas inseguranças pessoais.

Sem ter ninguém a quem recorrer para aliviar a dor que me apertava o peito todos os dias da semana, todas as semanas do mês, eu me dedicava aos estudos a fim de ter algum tipo de comprovação de que estava “vencendo” na vida. Fui uma garotinha muito competitiva, que amava o desafio das tarefas escolas. Depois das queimaduras, porém, passei a ter grande dificuldade de me concentrar. Aquilo que meus colegas de classe levavam de meia hora a 45 minutos para realizar, eu fazia em pelo menos duas horas, às vezes mais.

— Você não precisa ser a melhor! — meu irmão e minha cunhada sempre me diziam, tentando me consolar. — Estamos felizes porque você está viva! Não seja tão dura consigo mesma, Phuc. Aprenda o que puder e aproveite a escola. As pessoas entenderão se você não for a melhor da turma.

Eu desprezava aquela condescendência. Eu queria ser a melhor.

Durante o período que passei em Barsky, fiquei tão emocionada pela equipe que cuidava de mim toda manhã e toda noite que decidira, em meu coração, virar médica também. Eu não poderia trabalhar em um restaurante como mamãe. Ficar em pé o dia inteiro não era uma opção, e eu não tinha vontade nenhuma de permanecer tão perto do fogo. Mas medicina? Quem sabe não seria esse o caminho para mim? Queria ajudar as pessoas da mesma maneira que eu fora ajudada. E, assim, eu me esforçava sem parar, terminando tarefas de matemática, aprendendo anatomia com todo o cuidado e exibindo um sorriso para os professores, mesmo que, por dentro, eu abrigasse um oceano de lágrimas.

Além de me aplicar na escola, decidi me dedicar também à religião. Mergulhei de coração no Cao Dai, na intenção de obter todo o apoio divino que a fé pudesse proporcionar. O caodaísmo condena a fofoca, por isso eu me recusava a tagarelar como as outras meninas. O Cao Dai incentiva longos períodos de vegetarianismo, então por uma década inteira rejeitei toda carne — não só pelos dez dias exigidos por mês, mas todos os dias. O caodaísmo requer uma série de orações como parte da purificação moral, por isso, antes de participar de um culto, antes de ouvir uma conversa religiosa, aos finais de culto, ao voltar para casa após minhas atividades diárias, antes de me deitar todas as noites, ao despertar do sono pela manhã, antes de me sentar para estudar, antes de colocar comida na boca a cada refeição, ao

terminar o café da manhã, o almoço ou o jantar, por ocasião da morte de um ente querido, ao enfrentar qualquer nova forma de sofrimento e no que pareciam ser dezenas de milhares de outras ocasiões, eu fazia a oração que de mim era esperada. Não sei ao certo para *quem* eu orava. Mas era fiel em proferir aquelas palavras.

O Cao Dai faz quatro cultos por dia: à meia-noite, chamada de Hora do Rato; às seis da manhã, a Hora do Gato; ao meio-dia, a Hora do Cavalo; e ao pôr do sol, a Hora do Galo. Em todas essas quatro ocasiões, eu me dirigia ao gigantesco templo de Tay Ninh, o verdadeiro império de nossa fé. Antes de cada um dos cultos, eu vestia cuidadosamente minhas roupas brancas de adoração e me preparava para o que estava por vir.

Haveria o toque ritual do gongo cerimonial; seriam entoados os cânticos oficiais de abertura; todos se prostrariam em deferência aos outros adoradores reunidos; e a música cresceria até encher o templo. Eu concentrava meu olhar no Olho Divino, o símbolo de nossa fé, enquanto todas as divindades recebiam as boas-vindas naquele lugar majestoso, ao som do clarinete, do fagote, da bateria, dos címbalos e do chifre de búfalo. Eu me ajoelhava quando mandavam, levantava-me quando assim instruía, levava a mão ao ombro ou à testa quando recebia tais orientações, absolutamente atenta, plenamente engajada, esperando todo e qualquer benefício devido a uma pessoa tão devota quanto eu. Ouvia com atenção quando o líder da cerimônia terminava o culto com oferendas de vinho, flores e chá para as divindades e falava com clareza junto com a congregação ao recitar as Cinco Promessas antes de partir. Então, saía do templo sentindo o mesmo tumulto interior experimentado uma hora e meia antes de tudo aquilo.

Talvez precisasse de mais tempo e mais devoção; assim, esforcei-me rumo a esses objetivos, dizendo para mim mesma: “Dê tempo ao tempo, My. Esforce-se de todo o coração. Não desista. Essa é sua única esperança!”. Ao 16 anos, porém, precisei enfrentar a realidade: nem o mais alto grau de devoção me daria o nível de paz que eu tão desesperadamente procurava. É claro que havia vislumbres de felicidade em meio àquele tumulto, como nos momentos em que andava de bicicleta entre árvores a caminho do templo, cantando para os pássaros, meus amigos de penas que passavam por sobre minha cabeça. Mas tais vislumbres eram passageiros, e não só no sentido figurado. No caso da bicicleta, foi literal. Ladrões invadiram a casa de meu irmão certa noite, levando todas as posses que tínhamos: minha bicicleta, meu prontuário hospitalar e os recortes de jornal que descreviam minha experiência com o napalm.

As perspectivas de esperança eram tão infrequentes que não conseguiam esconder a dor que eu suportava.

Minha cunhada tinha o costume de me dizer:

— Quando você se ajoelha, seus problemas parecem montanhas. Mas quando você se levanta, o mundo está aos seus pés.

Essa filosofia me parecia boa, por isso a adotei como mantra de vida. “Erga-se, My. A vida estará aos seus pés!”

E assim eu faria. Eu me ergueria diante de meus problemas, deixando todos eles para trás.



## PARTIDA DEFINITIVA

### AGOSTO DE 1979

Eu tinha 16 anos, era apenas uma estudante do segundo ano do ensino médio, quando entrei pela primeira vez em um barco para fugir do Vietnã. Por vinte anos após a guerra, sobretudo em 1978 e 1979, mais de dois milhões de refugiados vietnamitas fugiram de sua terra natal<sup>5</sup> na esperança de recomeçar a vida em um lugar mais seguro. Aglomeravam-se em grupos de cinco a dez vezes maiores que a capacidade de grandes botes redondos, barcos a remo, barcos de pesca, enfim, qualquer embarcação que pudesse cruzar o mar em um êxodo noturno. Essa gente depositava sua fé nas mãos de uma princesa de bom coração que apareceria milagrosamente, como foi com o bebê Moisés, que flutuara pelo rio em um vulnerável cesto de junco. No entanto, para a maior parte desses que fugiam, a viagem não terminava em resgate, mas sim em morte provocada por tempestades marítimas devastadoras, doenças não tratadas, ataques de piratas, fome, desidratação ou simplesmente porque o barco não era forte o suficiente para fazer a perigosa jornada.

Talvez essa seja a razão de minha mãe e meu pai nunca terem falado nada sobre uma eventual fuga. Eles viam o que acontecia com quem tentava fugir e concluíam que o risco não valia a pena. Ou então não conseguiam vencer o obstáculo da falta de recursos necessários para tal viagem. Era preciso pagar taxas — o dinheiro do organizador da viagem, o do capitão do barco, o dos mercadores que vendiam os equipamentos de sobrevivência para a travessia — e enfrentávamos pressões financeiras de todos os lados. Só mais tarde eu descobriria que houve uma ocasião em que tínhamos bastante dinheiro separado e poderíamos ter fugido.

Ao longo dos anos, muitas vezes, quando viajantes paravam no restaurante de mamãe para comer sopa, ofereciam seus bens em troca de dinheiro local. Imaginando que um dia tais mercadorias pudessem ser úteis, mamãe sempre se dispunha à negociação. Dia após dia, ela trocava *dongs* vietnamitas por itens valiosos — barras de ouro, joias, porcelana do Camboja — e os enterrava debaixo de um pé de bambu, em nossa propriedade, para mantê-los em segurança, para que fossem *nossos*.

O que mamãe não levou em conta foram os túneis feitos pelos vietcongues (e a escavação necessária para construir cada um deles). Certa ocasião, durante minha internação no hospital, ela e meu tio-avô foram até aquele pé de bambu e cavaram até machucar as mãos; então, descobriram que a terra cedia sob seus pés, dando acesso a um túnel localizado justamente onde aquelas riquezas estavam outrora escondidas. Todos os bens terrenos de mamãe tinham sido levados.

Contudo, para falar a verdade, mesmo que meus pais dispusessem de recursos para ir embora, teriam entrado em um daqueles barcos? Nossa família estava no Vietnã. Nosso potencial de renda estava no Vietnã. Nossa *vida* estava no Vietnã. Para onde iríamos? Pelo menos para mim, a resposta era simples: a terra que me destruía não poderia me ajudar a me reerguer. Se fosse verdade que a melhor maneira de derrubar um adversário é usar as mesmas armas ou táticas que o oponente usou contra você — “fogo contra fogo”, ou, em minha língua materna, *lấy độc trị độc* —, então eu escolheria dar as costas ao país que dera as costas a mim.

Aos 16 anos, ah, como eu fantasiava sobre aquela viagem pelo mar da China meridional; e depois para o norte, rumo a Hong Kong; ou leste, para as Filipinas; ou sul, para a Malásia. Eu não queria saber para onde iríamos; só me importava *ir*.

Eu sonhava com a liberdade que teria fora do Vietnã, com as pessoas que conheceria, com a nova realidade que desfrutaria. Na época, não contei nenhuma dessas fantasias para minha mãe, nem para meu pai, sabendo que eles dariam fim a qualquer plano dessa natureza. Ainda hoje eles não sabem que tentei escapar. Com certeza ouvirei alguma coisa depois que lerem este livro!

Creio que parte de minha motivação secreta era o fato de saber como papai e mamãe estavam ocupados com suas respectivas preocupações diárias. Mamãe precisava manter o restaurante em funcionamento, e papai necessitava cuidar da sobrevivência dos filhos. Até certo ponto, eu imaginava que minha partida proporcionaria algum alívio. Seria uma boca a menos para alimentar. Para falar a verdade, eu temia deixar a província da minha família sem o conhecimento de meus pais, sentia medo da vastidão do oceano e do que a polícia faria comigo e com meus amigos se nos pegasse tentando fugir, mas não havia vida para mim em minha pátria. Eu não tinha escolha a não ser escapar.

— Vai ser amanhã à noite — uma colega sussurrou para mim certo dia na escola. — Por favor, Phuc, esteja pronta.

Como a província de Tay Ninh fica longe do litoral, eu precisaria pegar um ônibus para chegar ao local de onde sairia o barco. Os pais da minha amiga, que também estavam fugindo do Vietnã, cuidaram de todos os preparativos: compraram a passagem de ônibus, organizaram os planos. Quando minha amiga encarou meus olhos aquele dia na sala de aula, eu sabia o que aquele olhar significava. “Isso é sério, Phuc. Questão de vida ou morte, para deixar bem claro. Não traga nada consigo. Nenhuma roupa, a não ser a do corpo, nenhuma identificação, nenhuma bagagem de mão, nenhuma mala, nenhuma comida. Só você e nada mais. É preciso sair de mãos vazias deste lugar.”

Durante o pior dos períodos no Vietnã, o sentimento comum que ecoava pelas numerosas províncias era: “Se os postes tivessem pés, até eles sairiam correndo daqui”. Isso explica por que tantos de nós estavam dispostos a arriscar tudo, até mesmo a própria vida, para partir.

Tal como minha amiga instruía, cheguei ao terminal de ônibus em Tay Ninh na hora marcada, peguei o ônibus que se dirigia para o centro de Saigon e desembarquei sentindo minhas mãos suarem frio. Onde está o homem que me levaria até a praia?

— Ele estará de calça *jeans* vermelha, jaqueta preta e um chapéu preto — foi só isso que me disseram. — Ele a levará até o deque do barco, mas isso é tudo que você pode saber.

Nervosa, reparei na roupa de cada pessoa ali na rodoviária, até encontrar o homem que estava procurando.

— Sim — sussurrei ao me aproximar dele. — Sou uma das passageiras, senhor.

A viagem de Saigon até a praia sem nome levou menos de uma hora, mas como aqueles minutos se arrastaram! Senti o maior medo da minha vida até então! “Em quem posso confiar? Com quem devo conversar? Quem me dirá qual será o próximo passo?”

Momentos depois de chegar à praia, outro estranho empurrou algo pela areia em minha direção e sussurrou em tom urgente:

— Vá! Entre na boia e na água. Reme até o barco que você verá adiante.

Eu nunca tinha visto uma boia antes, mas fiz exatamente o que me mandaram — e rápido, não só por causa dos riscos associados àquela experiência, mas também porque a grossa borracha preta da boia absorvia o calor escaldante do sol, tornando-a quase insuportável para eu encostar.

O barco aguardava a mais ou menos quinhentos metros, mas, considerando que não sei nadar, poderia muito bem estar tão distante quanto Marte. Como eu queria que minha amiga estivesse ao meu lado para me dar apoio moral, aquela cujos pais haviam organizado a fuga. Mas ela tinha me explicado:

— Kim, grupos com afinidade não podem escapar juntos, pois isso torna a captura ainda mais provável. Esse é um trabalho que precisamos fazer sozinhas.

Embora à minha frente e atrás de mim houvesse quarenta ou cinquenta pessoas remando até o barco, eu me sentia completamente só.

Por fim, consegui me aproximar do barco e, enquanto esperava em fila na água, aguardando minha vez de ser levantada da boia, ouvi o capitão gritar:

— Voltem! Vocês precisam voltar!

Infelizmente, a polícia havia descoberto nosso plano e, com certeza, nos cercaria se tentássemos embarcar. Recebemos a instrução de voltar para a praia e nos dispersar. Em outras palavras: “Salve-se quem puder”.

Assim, na primeira vez em que fugi, fui forçada a desaparecer em meio à multidão, dar um jeito de chegar a uma rodoviária e voltar para casa me desfazendo dos últimos tostões da mesada que mamãe me dava. Na segunda vez em que fugi, a polícia descobriu que eu não tinha boas intenções e me perseguiu na praia, balançando varas de metal pelo ar. Na terceira vez, o capitão do barco em que eu iria se machucou. Entre os que planejávamos embarcar naquela noite, espalhou-se a notícia de que a missão fora abortada. Então, tivemos de voltar o mais rápido possível para casa. Três tentativas e eu fiquei totalmente de fora. Ou totalmente *dentro*, devo dizer. Pois parecia que, no que dizia respeito ao Vietnã, não havia como sair.

Na terra pátria da qual eu estava tentando fugir, costuma-se afirmar que, depois de tentar algo três vezes seguidas e falhar, é preciso parar de tentar, a menos que se queira despertar a ira dos deuses. Talvez eu deva ser grata por minha fuga não ter dado certo da primeira vez (nem da segunda, nem da terceira), pelo simples fato de que, com base nas estatísticas, eu teria morrido.

Assim, deixei de lado a fantasia de escapar do país e voltei para casa desanimada. Em Tay Ninh, concentrei-me ao máximo nos estudos. Depois de um tempo, concluí o ensino médio com o objetivo de ingressar na universidade naquele mesmo ano, seguindo os estimados passos de meu irmão mais velho — Número 3 —, que havia estudado agronomia, e de minha irmã — Número 2 —, que, claro, cursara pedagogia. Com duas tentativas (ainda bem que não foram três!) de passar no exame de admissão da faculdade, fui aprovada, em 1982. Contrariando todas as possibilidades, a medicina agora era uma opção real para mim. Terminarei a graduação, resolvi. Entrarei no curso de medicina. Vou me dedicar mais que qualquer outro aluno. Traçarei um novo rumo para mim. Serei *bem-sucedida*.

Parte II

---

# **UMA BIOGRAFIA EXPLORADA**

## DE VOLTA ÀS MANCHETES

### AGOSTO DE 1981

Eu tinha 19 anos e me sentia empolgada por haver terminado o ensino médio e ansiosa por entrar na universidade, mesmo que precisasse estudar o ano inteiro para refazer o exame admissional no qual eu não tinha passado da primeira vez. Não importava. Eu havia tirado uma nota decente, ainda que inaceitável pelos padrões da universidade. Com um pouco mais de esforço, poderia correr atrás do sonho de cursar medicina. Sentia-me pronta para começar esse novo capítulo em minha vida. Pronta para ajudar crianças da mesma maneira que eu havia sido ajudada.

Estava sentada em minha classe preparatória quando quatro homens que se identificaram como “oficiais de Tay Ninh enviados por Hanói” apareceram. Fui retirada da classe imediatamente e instruída a dedicar àqueles homens o tempo de que precisassem. Senti-me feliz por ajudá-los, pois a importância deles me fazia sentir importante também. Hanói é o centro dos principais líderes de nosso país. Pessoas desse calibre queriam falar *comigo*?

Eles conseguiram me achar por meio do restaurante de mamãe em Trang Bang, explicaram. Um de meus irmãos estava trabalhando com mamãe naquele dia e respondeu às perguntas dos homens a respeito do paradeiro da “menina do napalm”. Com certeza, um antigo repórter da guerra vira minha foto em seus arquivos e pensara: “O que será que aconteceu com essa garota?”. Uma curiosidade inocente. Muitas consequências nocivas para mim.

— Ela está estudando em Tien Giang — meu irmão respondeu com pureza de coração.

E, com essa informação, os homens partiram.

— Você é mesmo Kim Phuc? — um dos homens me perguntou.

— Sim, sim — respondi, levantando a manga da camisa para revelar meu braço esquerdo.  
— É ela mesma — disse outro homem para seu camarada. — Hanói ficará feliz. Ela continua viva.



Algumas semanas depois, os quatro apareceram de novo, dessa vez para me levar em viagem. Eu os acompanhei sem protestar. Dez anos haviam se passado desde o ataque de napalm, um deles me explicou, e jornalistas bastante conhecidos, de diversos países, tinham sido chamados para me perguntar como eu estava. Ouvi com atenção as palavras daquele homem, pensando: “Eu não sou ninguém. Por que esses jornalistas se importariam com o que tenho a dizer?”.

Pouco mais de uma hora depois de sair da escola, fui conduzida a um auditório no andar principal de um hotel em Saigon, onde diversos repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, um intérprete e o organizador do evento estavam reunidos.

— Sim, sim! Kim Phuc! É você! — o organizador se animou. — Bem-vinda, Kim Phuc! Por favor, sente-se aqui.

Seguiu-se um alvoroço: uma pessoa me encaminhou para uma cadeira, outra colocou um microfone em minha túnica, outra testou a iluminação e o som, outra ainda confirmou a grafia do meu nome. As primeiras perguntas, sem dúvida, foram as mais simples: “Como eu estava?”, “Como me sentia?”, “O que estava estudando?”. Mas, assim que eu me acomodei nessa conversa inofensiva e simpática, um dos repórteres me encarou com olhar férreo e perguntou:

— Kim Phuc, você odeia os norte-americanos pelo que fizeram com você ainda criança?

Respondi com a maior honestidade que podia, explicando que as bombas de napalm que me feriram haviam sido jogadas por nossos homens, do Vietnã do Sul, não pelos norte-americanos. Mas, pelos sorrisos e acenos afirmativos com a cabeça manifestados por todos à minha volta, pude perceber que o tradutor que me fora designado tinha agenda própria.

Após a entrevista, fui levada para o quinto andar do hotel, onde uma exibição extravagante de iguarias culinárias havia sido colocada à disposição de todos nós. Em deferência ao Cao Dai, ignorei a imensa oferta de carnes e também as bandejas de legumes e verduras, imaginando que tivessem sido preparadas com gordura animal. Comi apenas pão e sal e tomei um copo de água gelada. Ainda assim, a visão daquela fartura me chocou. Minha família poderia ter se alimentado por *semanas* com aquela única refeição.



Em outubro daquele ano, comecei os estudos universitários em Saigon com toda animação. Eu estava empolgada por iniciar a jornada rumo à pediatria, a especialização que havia

escolhido. Porém, apenas três semanas após o início da rotina acadêmica de outono, descobri que a visita inusitada daqueles oficiais do governo durante o verão significaria mais viagens para fora do *campus*. O aniversário de dez anos da minha foto era, sem dúvida, um grande atrativo para a mídia, e agora que eu tinha sido localizada os oficiais não me deixariam em paz. Uma vez por semana e, posteriormente, duas, um ou dois “inspetores” de Tay Ninh apareciam sem avisar, exigiam que eu mudasse de roupa e colocasse o uniforme escolar feito pelo governo e transportavam-me em uma *van* deplorável até os escritórios governamentais, onde jornalistas ocidentais munidos de infinitas perguntas já estavam instalados.

Sempre que os encontros com os jornalistas eram marcados para o início da manhã, os inspetores me pegavam no dormitório em Saigon na noite anterior e faziam minha cama no sofá da recepção do escritório de algum oficial. Em geral, a noite mal dormida era a última de minhas preocupações. Durante aquelas entrevistas, tradutores escolhidos pelo governo continuavam a transmitir aos jornalistas opiniões muito divergentes do que eu pensava sobre a guerra, o ataque com napalm e a vida pós-guerra no Vietnã do Sul. Levaria muitos anos para eu descobrir que eles nunca traduziam o que eu *realmente* dizia. Em vez disso, apenas repetiam a pauta que seus superiores lhes haviam passado. Eu não odiava os Estados Unidos. Não desprezava os norte-americanos. No entanto, era impossível imaginar isso a partir de tudo que eu “dizia” naquelas entrevistas.

À medida que as semanas se passaram e a frequência daqueles sequestros aumentou, a vida se tornou cada vez mais insuportável. Para piorar as coisas, eu não podia confidenciar a verdade da minha situação para ninguém — nem para minha família, meus colegas de classe, nem para nenhuma viva alma — por medo de sofrer retaliação do governo. Todas as vezes que voltava para as aulas depois de uma entrevista forçada, explicava minha ausência aos colegas dizendo apenas que não estava me sentindo bem, embora eles soubessem exatamente o que estava acontecendo. Eu estava sendo usada por homens tiranos e armados. Meus colegas de turma e eu éramos prudentes o bastante para saber que não podíamos dizer essa verdade em voz alta. Assim, os inspetores continuaram a vir e Kim Phuc continuou indo com eles. A cada ausência da sala de aula, eu me atrasava mais nos estudos. Três meses após o início daquele primeiro semestre, eu passava mais tempo em Tay Ninh do que estudando. Não importava o quanto me esforçasse, nunca conseguiria acompanhar.



A perda do meu único sonho — o de me tornar pediatra — foi um golpe mais profundo que qualquer outro que já senti na vida. Eu havia aceitado certas verdades a meu respeito que tinham se tornado minha nova realidade: “Minhas queimaduras me tornam diferente. Nunca encontrarei amor para meu coração, nem paz dessas dores. Não sou nada mais que minhas cicatrizes”. Por isso, minha única esperança de uma vida satisfatória era encontrar um



trabalho pelo qual fosse apaixonada e me agarrar a ele com todas as forças. Mas... e se eu nunca pudesse me dedicar a esse trabalho? O que seria de mim? Se eu não conseguisse frequentar as aulas, não teria condições de me sair bem nas provas. Se não fosse bem nas provas, não conseguiria me formar em medicina. Se não conseguisse me formar em medicina, não poderia trabalhar como pediatra.

— Vocês não podem fazer isso comigo! — eu gritava com o inspetor, ganhando coragem a cada vez que ele aparecia. — Precisam me deixar terminar os estudos! Sou uma estudante agora, não uma ferramenta de propaganda!

— Você é muito importante agora! — o inspetor respondia com os lábios entre os dentes. — O governo precisa de você e você precisa colaborar.

De todos os civis feridos na Guerra do Vietnã, por que eu precisava ser a escolhida para transmitir as mensagens antiguerra, antidemocracia e anti-Estados Unidos que eles queriam? Eu era uma jovem de 19 anos, inocente e pouco experiente, mas, embora talvez não conhecesse muito bem as engrenagens deste mundo, sabia o suficiente para ter a certeza de que aquela *importância* toda não me ajudava em nada.

Alguns meses depois de iniciar os estudos, fui informada pela universidade que meu tempo naquela instituição havia “chegado ao fim”. Essas foram as exatas palavras que usaram e, quando caiu a ficha do que significavam, minha frustração atingiu o ápice. Os líderes da universidade foram instruídos por oficiais da capital a me forçar a sair e, temendo retaliação, colaboraram sem nenhuma resistência. Para ser bem franca, eu não podia culpá-los. Os mesmos oficiais do governo deixaram claro que, se eu continuasse a me opor, meus pais seriam presos, ou pior. Que outra escolha tinha, a não ser me sujeitar? Ainda assim, eu conseguia pensar em uma alternativa. E, quanto mais pensava nela, mais perfeita me parecia.

---

**CASA DA NÚMERO 2, SAIGON****BASTA!****OUTUBRO DE 1982**

Era um dia brilhante de sol quando me assentei no banco de madeira do quintal da casa de minha irmã, mas meu coração estava escuro: 9,5 de desesperança em uma escala de 0 a 10. Estava pronta para deixar esta vida. Eu tinha planejado sair pelo portão dos fundos e ir para uma rua movimentada que ficava a um quarteirão de distância. Em um sábado à tarde, sem dúvida a via estaria repleta de famílias cuidando de seus afazeres, aproveitando o clima maravilhoso e enchendo as quatro pistas da avenida. Eu esperaria o sinal ficar verde, correria para a faixa central e ficaria totalmente imóvel. Tomaria coragem para permanecer em pé, convidando os carros a me atingir e me matar.

Imaginei essa cena em minha mente vez após vez, ponderando que a dor daqueles carros se chocando contra mim, arremessando-me como um míssil pelo ar e quebrando meu corpo, seria severa, mas não pior que a agonia que eu já havia suportado. O fogo veemente que penetrara meu corpo; os banhos para queimaduras que vieram em seguida; a pele seca e as coceiras; a impossibilidade de suar, que fazia da minha pele um forno no calor escaldante do Vietnã. A falta de analgésicos, a falta de gelo, a falta de aceitação, a falta de amor. A morte do único sonho que me restava, a morte de minha esperança — que dor poderia ser pior do que todas essas? Sim, esse era o único fim adequado para a minha história. Eu mesma poderia escrever o último capítulo.

Eu vivia no extremo da solidão. Se tivesse uma amiga, uma confidente, alguém a quem visitar de tempos em tempos, talvez meus maiores apuros fossem evitados. Talvez eu me enchesse de esperança de novo. Mas a quem eu poderia recorrer? Minha irmã, agora no

segundo casamento, ainda sentia a perda do primeiro marido, Nang, que morrera enquanto combatia pelo Sul. Além disso, criava o filho adolescente e trabalhava em tempo integral. Mamãe estava sobrecarregada com as demandas de sustentar não só nossa família, mas também vários tios, tias e primos desprovidos de qualquer condição financeira, uma carga pesada demais para uma única mulher. O governo comunista havia tomado conta de todo o Vietnã do Sul, forçando-a a pagar taxas cada vez maiores — “licenças” misteriosas, impostos sem precedentes etc. — só para manter o restaurante em funcionamento. Como eu poderia esperar que ela dedicasse tempo e energia para mim?

Não poderia recorrer a uma amiga, pois ninguém queria fazer amizade comigo. E, para ser franca, quem poderia culpar essas pessoas? Minha amizade colocaria a pessoa em risco de ser vigiada pelo mesmo governo que me procurava continuamente. Eu era tóxica, e todo mundo sabia disso. Ficar perto de mim era o mesmo que buscar dificuldades. Quem era sábio mantinha distância.

Eu também não poderia recorrer aos deuses. Após anos de orações não respondidas, ficou claro para mim que ou eles não existiam, ou não se importavam em me ajudar.

Por isso, eu me vi isolada, o que significa estar a mil quilômetros de distância da solidão. Estava sozinha, sem querer estar só. Sozinha em cima de uma montanha de raiva. Por que aquelas bombas atingiram justamente a mim? Por que eu precisava ter todas aquelas cicatrizes terríveis? Por que eu fora lançada a um regime perverso e oportunista, como carne crua na boca aberta de um leão?

Cresci ouvindo um provérbio: “O vento sempre golpeia cada pedaço da árvore que quer ficar sozinha”. Essa era eu: uma árvore golpeada pelo vento. E tudo que eu desejara por tantos anos era que me deixassem só, que as forças externas parassem de me golpear e abater. Agora que eu estava sozinha, no pior sentido da palavra, temia nunca mais conseguir me erguer.

Várias semanas antes daquela miserável tarde de sábado, eu me agachei dentro da biblioteca central de Saigon e, com o dedo indicador, puxei da estante mais baixa os livros vietnamitas sobre religião, um por um. Para falar a verdade, eu estava me escondendo do governo. Fazia dois dias inteiros desde que um inspetor havia me procurado. Isso significava que, com certeza, alguém apareceria naquele dia. Eles tinham olhos nas costas, mas talvez não pensassem em procurar ali dentro da biblioteca, ao lado de uma seção bem ao fundo.

A pilha à minha frente no chão incluía um livro sobre a fé bahai. Um livro sobre o budismo. Um livro sobre o hinduísmo. Um livro sobre o islã. Um livro sobre outra forma do Cao Dai que eu não conhecia tanto. E também um exemplar do Novo Testamento, da Bíblia cristã. Eu tinha alguma familiaridade com todas essas religiões, pois, até certo ponto, já havia adorado seus deuses. Mas nunca havia averiguado seus sistemas de crença. Pouco sabia além do nome de cada uma.

Folheei vários livros antes de colocar o Novo Testamento no colo. Qual era a do cristianismo, afinal de contas? Eu tinha a esperança de descobrir.

No intervalo de uma hora, eu havia pesquisado os evangelhos e armazenado na mente todos os meus questionamentos, com medo de escrevê-los no papel e ser pega. Quando cheguei ao livro de João, pelo menos dois temas ficaram extremamente claros. Primeiro, apesar de tudo que eu aprendera no Cao Dai — que há muitos deuses, que existem vários caminhos para a santidade, que grande parte do meu “sucesso” na religião fica sobre meus ombros exaustos e curvados —, Jesus se apresenta como *o* caminho, *a* verdade e *a* vida.<sup>6</sup> Todo o seu ministério parecia apontar para uma prerrogativa bem direta: *Eu sou o caminho para você chegar a Deus; não há outro caminho além de mim*. Ao ler isso, minha reação imediata foi menear a cabeça. “O quê?”, disse comigo mesma. “Como assim? Há *milhares* de caminhos para chegar a Deus. Todos sabem desse fato. Que posição ousada Jesus assumiu ao alegar ser o único caminho existente!”

Minhas mãos tremiam enquanto eu fechava aquele livro de uma vez, assolada por confusão e medo. Se era verdade que somente esse Jesus era capaz de me conectar com Deus, com a verdade e com a *vida* verdadeira, então eu havia passado dezenove anos adorando os deuses errados, dedicando-me completamente a uma causa que nunca seria capaz de aplacar a profunda dor que eu sentia na alma. O que fazer agora?

Essa pergunta persistia em minha mente enquanto eu refletia sobre o segundo dos temas que havia descoberto. Esse Jesus havia *sofrido* em defesa dessa alegação. Ele foi zombado. E torturado. E morto. Indaguei-me: “Quem faria essas coisas se não fosse, de fato, Deus?”. Sua dor *deve* ter acontecido com um propósito, raciocinei; caso contrário, ele não teria suportado tão fielmente as dificuldades.

Eu nunca tinha ouvido falar desse aspecto de Jesus — ferido, com cicatrizes. No Cao Dai, Jesus me foi apresentado como mais um de vários profetas, um homem bom, com certeza, mas não um homem que era Deus. Armazenei essa nova informação na mente como se tivesse uma pedra preciosa em mãos, apreciando a luz que ela lançava em todas as direções. Se esse Jesus fosse realmente quem dizia ser, e se ele realmente suportara tudo que disse ter suportado, então, quem sabe, poderia me ajudar a encontrar sentido em minhas cicatrizes e finalmente chegar a um acordo com elas?



Eu morava com minha irmã Loan e sua família quando fiquei sabendo que o filho dela precisaria passar por uma cirurgia e ficaria hospitalizado por quase duas semanas. Anh, primo do primeiro esposo de Loan, que atuava como pastor auxiliar de uma igreja cristã próxima, nos visitou em cada um daqueles doze dias, para orar com Loan e depois ir ao hospital ver meu sobrinho durante sua recuperação. Por muito tempo, Anh nos visitava

semanalmente para ter a certeza de que Loan estava bem. Quando fiquei sabendo qual era sua profissão, me animei. “Tenho tantas perguntas! Quem sabe esse homem possa ajudar?”

Assim que conheci Anh, comecei a lançar-lhe os tijolos grossos e pesados da racionalização que eu usara pra construir meu muro de descrença.

— Por que Jesus precisa ser o único caminho para Deus? — perguntei incrédula. — E todos os outros deuses? E essa conversa de que a simples crença leva a algo tão valioso quanto o céu? Não é preciso provar nossa devoção sincera, fazendo coisas dignas?

Prossigui sem parar, bombardeando aquele pobre seguidor de Cristo com o sem-fim de perguntas surgidas na biblioteca; eu estava ansiosa por uma resposta imediata para cada uma delas. Anh vinha de uma vila cuja influência cristã vinha desde muito antes de seu nascimento. Missionários dos Estados Unidos e da Inglaterra haviam forjado o hábito de visitar essa vila, distribuir Bíblias em idioma vietnamita e explicar para os habitantes locais como ter um relacionamento pessoal com Jesus e como crescer nesse relacionamento por meio da leitura das Escrituras. Anh não sabia nada sobre a fé caodaísta, exceto por aquilo que minhas perguntas revelavam acerca dos pressupostos subjacentes à minha crença. No entanto, dia após dia, conversa após conversa, com paciência e graça sem limites, Anh respondeu de bom grado às minhas perguntas, virando devagar as páginas de sua Bíblia bastante gasta, a fim de encontrar as palavras da verdade.

— Somente por meio de um relacionamento com Jesus Cristo você pode ter acesso a Deus — disse Anh. — Ele é o único caminho.<sup>7</sup>

— Então o que eu devo fazer? — perguntei em resposta. — Na minha religião eu já fiz de *tudo* e, mesmo assim, nada funcionou.

— A fé vem pelo ouvir — Ahn me disse. — Ouvir a palavra do Senhor.<sup>8</sup>

Ele me disse que, se com minha boca eu confessasse Jesus como Senhor e cresse em meu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, então eu seria salva.<sup>9</sup>

— Eu devo apenas *dizer* que creio? — perguntei, atônita pela loucura que tudo aquilo parecia representar.

Ahn citou de cor a passagem sobre a graça vir por meio da fé, não de obras, e sobre as boas obras serem o plano divino para o nosso estilo de vida *após* a salvação, não sua expectativa para nós antes dela.<sup>10</sup> Então aquele sábio homem me disse:

— Phuc, as boas obras são uma *resposta* à salvação, não o caminho por meio do qual ela é conquistada.

Eu não tinha certeza se podia acreditar nessa notícia de Anh, mesmo que algo em meu interior reconhecesse a veracidade de suas palavras. No entanto, havia mais uma questão premente que eu precisava apresentar a Anh, talvez a mais importante de todas.

— Mas, Anh, e o ataque de napalm e essas queimaduras horríveis que precisei suportar? Onde estava esse “Deus” quando fui deixada como morta? Por que ele não me poupou de anos de dor, dando-me uma vida melhor ou simplesmente permitindo que eu morresse? —

Lágrimas encheram meus olhos. — E como seu Jesus justifica uma tragédia como essa na vida de uma garotinha inocente?

Por um momento, Anh estudou minha expressão suplicante e, então, sorriu como quem sabe de alguma coisa.

— Acho que agora você precisa ir à igreja.



Anh havia identificado corretamente alguma boa vontade, uma abertura para as coisas de Deus. Não “deus” com *d* minúsculo, como os tantos deuses que, quando criança, eu aprendera a adorar, mas sim Deus com letra maiúscula, Javé Deus, o Deus da criação.

Na primeira vez em que entrei na igreja de Anh, fiquei surpresa com as diferenças que vi. Em lugar das roupas brancas de adoração do Cao Dai, as pessoas usavam túnicas e calças longas de todas as cores imagináveis — roupas confortáveis, que poderiam usar para trabalhar ou ir à escola. Não havia a necessidade de se prostrar, ajoelhar e levantar conforme a ordem dos líderes, diversas vezes ao longo de cada cerimônia. Os adoradores se assentavam relaxados em bancos estofados, levantando-se somente na hora de cantar. Nada de cerimônias quatro vezes ao dia. Descobri que, ali, os cultos formais só aconteciam uma vez por semana.

Então um homem — o pastor Ho Hieu Ha — se levantou, abriu a Bíblia e começou a falar sobre como os maridos devem amar a esposa do mesmo jeito que Jesus Cristo ama sua igreja.<sup>11</sup>

— Nós somos a noiva de Cristo — disse-nos o pastor naquele dia. E essa frase foi doce como açúcar para minha alma.

Por um instante, memórias da infância inundaram minha mente. “Hanh”, pensei, “lembra quando brincávamos de noiva e noivo com aquelas espigas de milho, esperando ansiosamente pelo dia em que encontraríamos o homem dos nossos sonhos? Ah, que festa de casamento nós teríamos!” Com os olhos arregalados, sentada na igreja de Anh naquele domingo, eu me via com um belo vestido branco de casamento. Seria verdade que esse Jesus *me* queria como noiva? Como eu amava a ideia de ser procurada dessa maneira, de que esse “Príncipe da Paz”, como Anh dissera que o profeta Isaías o havia chamado, pudesse ser o príncipe pelo qual eu havia ansiado a vida inteira!

Por cinco finais de semana seguidos — o período das visitas de Anh para Loan — eu acordei cedo aos domingos de manhã e fiz a caminhada de meio quilômetro até a igreja com Anh. E, por cinco domingos seguidos, guardei em meu coração a ideia preciosa de que eu poderia ser amada por alguém tão santo quanto o próprio Jesus Cristo.

Mas então meu sobrinho se recuperou e Anh passou a atender casos mais urgentes. Com o afastamento dele, minhas visitas à igreja se tornaram menos frequentes. Era difícil para mim

me apegar à ideia de que eu era “amada” e “digna de ser buscada”. Em vez disso, escolhi voltar para as trevas que me diziam ser desprovida de valor, sem esperança e sozinha. Os inspetores continuavam a me buscar, e meus estudos, agora relegados a simples aulas de idiomas em uma escola particular noturna na qual eu havia me matriculado, seguiam negligenciados. A dor continuava a tomar conta tanto da minha pele quanto da minha alma.

Ao longo das semanas, a pressão se acumulou, não apenas por forças externas como também por motivos interiores, até que me encontrei no precipício do desespero. Tudo dentro de mim gritava: “Basta!”. Eu *tinha* de encontrar uma maneira de me livrar de tudo. Não dava para viver assim: arruinada, abandonada e sozinha.

No banco de madeira do quintal de minha irmã, olhei para o céu. Vi um azul tão brilhante que quase parecia branco e meneei a cabeça ao pensar na inutilidade de tudo aquilo. “Qual é a vantagem desse dia lindo se minha vida está tão feia e desolada?”

Comecei a soluçar descontroladamente. Logo comecei também a gritar:

— Deus! Onde você está? Será que você existe mesmo? Por que preciso sofrer assim? Por que você não vem me ajudar?

Chorei até ficar exaurida, até não ter mais lágrimas, até o último resquício de energia, até que me vi fraca, quieta e imóvel. Foi quando fiz um acordo com Deus. Disse para o céu: “Se você tão somente me der uma amiga, uma pessoa que me conheça e que possa me ajudar a conhecer você também, então concordarei em não dar cabo da minha vida”.

Dei 24 horas para Deus fazer a parte dele. Assim, levantei do banco e fui para dentro de casa.



Naquela noite de sábado, não dormi bem. Eu fechava os olhos, com as pálpebras pesadas de cansaço, mas, assim que relaxava, acordava sobressaltada, com a mente preocupada em saber se Deus faria aquilo que eu havia pedido. Suponho que eu estava provando a Deus. Dera-lhe um ultimato e tinha a esperança de que ele não me decepcionasse.

No domingo de manhã, levantei cedo da cama e me vesti rapidamente para ir à igreja. Pensei: “O lugar mais provável para Deus cumprir meu desejo será dentro de uma igreja cristã”. Durante a caminhada de vinte minutos da casa da minha irmã até o templo, imaginei a amiga que eu conheceria. Ela seria vietnamita, gentil e estaria sentada sozinha no meio da igreja. Resolvi que aquele seria o sinal acerca da pessoa mandada por Deus.

Cheguei à igreja trinta minutos antes do horário marcado para começar o culto. Algumas pessoas estavam no *hall* de entrada, mas fui direto para dentro do santuário. Ao colocar a mão direita na maçaneta de uma das portas e abri-la, exteriorizei minha ansiedade com um “ai” audível e adentrei o templo.

“Oh, Deus, por favor, não me decepcione.”

“Por favor, por favor, por favor!”

Examinei o templo em questão de segundos. Havia uma mulher sentada sozinha no banco mais central da igreja. A pele dos meus braços se franziu e formigou, em uma sensação que hoje reconheço equivaler a um frio na barriga. Para ser franca, achei que a mulher fosse uma assombração. No Cao Dai, fantasmas são mencionados com frequência, e, ao dar os primeiros passos pelo corredor rumo à mulher, tudo dentro de mim me dizia que ela não era real. “Ela é apenas fruto da minha imaginação, criada pelos olhos da mente.”

Meus passos eram lentos, mas determinados. Enfim, vi-me em pé ao lado do banco. Pude ver o rosto dela, suas mãos, seu peito fazendo os movimentos de respiração. Não era nenhum fantasma, mas um ser humano vivo. Minha *amiga*. Deus havia me enviado uma amiga.

Permaneci em pé junto ao banco por um instante, encarando sem jeito o rosto dela. Ao perceber minha presença, ela levantou suavemente a cabeça e sorriu.

— Bom dia — disse em vietnamita. — Meu nome é Thuy. Você veio para o culto hoje?

Sua voz era suave como um sussurro; sua presença, doce e angelical.

— Sim — respondi. — Foi para isso que vim. Sou nova no cristianismo. Venho de uma fé diferente.

Thuy me convidou para sentar do lado dela e, durante os vinte minutos que faltavam para o início do culto, nós nos familiarizamos uma com a outra. Ela era sete anos mais velha que eu e seguira Jesus praticamente a vida inteira. Havia acordado cedo naquela manhã para ir à igreja a fim de orar pela mãe, que estava muito doente.

— Estou feliz por ter encontrado você aqui hoje — eu disse com um largo sorriso, sem revelar o motivo.

Domingo após domingo, Thuy e eu nos encontrávamos na igreja antes do início do culto matutino, para conversar sobre as coisas de Deus. Os outros seis dias da semana ainda eram desesperadamente solitários para mim, mas eu sabia que, se Thuy e eu nos encontrássemos em público em qualquer outro lugar, o governo começaria a vigiá-la a partir de então. Não queria que ela fosse prejudicada como eu, por isso tomei o cuidado de não partilhar com ela detalhes de minha vida, relegando nosso relacionamento quase que exclusivamente àquelas conversas aos domingos pela manhã, nos quais eu chegava munida das perguntas espirituais mais urgentes da semana. (Houve uma ocasião em que aceitei o convite de Thuy para tomar chá na casa dela certa tarde, porém, enquanto voltava para casa, percebi que havia violado uma regra velada. “Não posso colocá-la em risco dessa maneira”, disse decidida comigo mesma. Daquele dia em diante, passei a recusar seus gentis convites.)

Tranquila, paciente e detalhista, Thuy respondia a cada pergunta da maneira mais honesta que podia. Ela me ensinou a estudar os assuntos por conta própria, usando as páginas de referência que havia em minha Bíblia. Explicou-me como conectar um verso das Escrituras a outro — referências cruzadas, era assim que se chamavam — para que eu pudesse obter um



quadro mais completo do que o texto significava, sobretudo do cumprimento das profecias do Antigo Testamento em Jesus.

Mas talvez a lição mais valiosa que aprendi com Thuy tenha sido como orar. Ela me ensinou a conversar com Deus, a convidá-lo a guiar meus dias, e isso salvava minha vida cada vez que eu me despedia de Thuy. Da igreja até a casa de minha irmã, eu precisava passar pela mesma rua movimentada que eu pensara em usar para me despedir deste mundo. Por alguns instantes, durante cada uma daquelas caminhadas, uma força das trevas tomava conta de meus pensamentos, tentando-me a sair da calçada e colocar um fim em tudo. Meus pensamentos se embaralhavam um sobre o outro, deixando um sentimento terrível dentro do peito: “Você não pode escolher a fé em Jesus, Phuc! Sua família vai deserdá-la na mesma hora! Além disso, por que Deus iria querer você, que blasfemou o nome dele a vida inteira? As coisas erradas que você cometeu contra o nome de Deus nunca podem ser consertadas. Você não tem esperança, Phuc. Viver é inútil. Você deve simplesmente acabar com tudo de uma vez”.

Thuy havia me ensinado:

— Você pode dominar seus pensamentos, e Deus é capaz de ajudá-la a dar uma direção diferente para eles.

Thuy também me incentivou a orar textos da Bíblia, como se fossem salmos, para Deus.

— Simplesmente pegue as palavras e use-as como um pedido ao Senhor —aconselhou minha amiga.

Então eu tentei: “Pai celeste, por favor, ajude-me a caminhar em integridade enquanto volto da igreja para casa. Por favor, mostre misericórdia por meus erros passados e coloque meus pés sobre um lugar plano enquanto sigo rumo ao futuro. Por favor, ajude-me a *bendizer* o seu nome, a não o amaldiçoar naquilo que penso, digo e faço”.<sup>12</sup>

A princípio, essa interação tão pessoal e íntima com o Senhor foi extremamente estranha, muito diferente daquilo que eu praticava quando criança. Para mim, “religião” significava deferência completa aos deuses, sem expectativa nenhuma de que pudesse ocorrer qualquer diálogo entre nós. Eles eram distantes. Estavam mortos. E, pelo menos em minha experiência, absolutamente alheios às minhas necessidades. No entanto, quanto mais eu praticava o cristianismo, mais confortáveis as coisas iam se tornando. Ainda assim, havia uma verdade dolorosa que eu sabia que me aguardava: ao comprometer minha lealdade somente a Jesus, eu certamente seria repudiada por minha família.

## PROVÍNCIA DE TAY NINH, CASA DE MEU IRMÃO

## ENTREGANDO-ME A DEUS

## JANEIRO DE 1983

Eu estava viajando de Saigon para Tay Ninh, onde toda minha família se reuniria para participar da cerimônia de adoração por Tet, a manhã do primeiro dia do ano novo lunar. Mamãe estava vindo de Trang Bang com vários de nossos parentes. Eu estava ansiosa por rever meus amados, mesmo sabendo que aquela visita seria diferente de todas as outras.

Conforme era o costume quando eu visitava a casa de minha família, esperava-se que eu fosse ao templo e, como parte dessa experiência, trajasse as roupas oficiais de adoração, o *ao dai* branco cerimonial. O que minha família não sabia até eu chegar em casa naquele dia era que eu não seguia mais o caodaísmo. Eu havia entregado minha vida ao Senhor Jesus Cristo.

Minha experiência de salvação acontecera semanas antes, exatamente na véspera do Natal. Fui ao culto especial e, ali, na noite anterior à celebração mundial do nascimento do Messias — um bebê nascido numa manjedoura numa cidade minúscula e esquecida —, convidei Jesus, o único caminho, para entrar em meu coração. Eu havia estudado as Escrituras por vários meses, escolhendo usar os raros momentos longe do inspetor para devorar as copiosas promessas de Deus. Ah, elas desciam como grandes pedaços de goiaba, a fruta deliciosa que eu apreciava tanto quando criança.

Quanto mais eu lia, mais acreditava que Deus — Javé Deus, o Deus das Escrituras — realmente era quem dizia ser, realmente fizera o que afirmava ter feito e, o mais importante de tudo para mim, realmente faria o que havia prometido em sua Palavra. Como eu orava para que aquelas promessas fossem verdadeiras... Paz! E alegria! Vida plena e verdadeira!

Se era mesmo verdade que eu podia desfrutar todas essas coisas, eu entregaria *mil* corações a esse Jesus, caso os tivesse.



Na véspera do Natal, o pastor Ho Hieu Ha começou a falar à congregação com uma pergunta:

— Em que ano estamos?

Olhamos uns para os outros com certo desconforto, cientes da resposta óbvia, mas achando que deveria haver alguma pegadinha.

— Em que ano estamos? — ele perguntou mais uma vez, agora com uma bela risada, gesticulando com as mãos, como se dissesse: “Vamos lá, podem falar!”.

— Mil novecentos e oitenta e dois — uma pessoa mais corajosa finalmente respondeu.

— Mil novecentos e oitenta e dois! Mil novecentos e oitenta e dois! — todos nós concordamos.

— Sim! Correto. Agora me digam: por que é 1982?

Tivemos a certeza de que era mais uma pegadinha. Ninguém disse nada.

Para nossa alegria, o pastor Ho Hieu Ha nos tirou daquela situação difícil.

— É 1982 porque mil novecentos e oitenta e dois anos se passaram desde que o Messias veio à terra. O único motivo para haver algo que chamamos de *ano* é o fato de Deus ter escolhido enviar a nós o seu Filho amado. Esse acontecimento, a *encarnação*, foi tão significativo que a humanidade resolveu usá-lo para marcar o tempo. Cada vez que você escreve uma data em um cheque, em uma correspondência, ou em seu calendário, está reconhecendo o momento da história no qual Jesus Cristo veio habitar entre nós. Está honrando o evento que literalmente *dividiu o tempo* em antes e depois de sua vinda.

O pastor Ho Hieu Ha continuou:

— A ocasião do Natal está muito mais ligada a esse Presente em particular, que foi embalado em carne humana e dado por Deus a nós, do que aos presentes que cuidadosamente embalamos e entregamos uns aos outros. O Presente é Jesus, seu único Filho. Ele é nosso maior Presente.

Ouvi o pastor atentamente, percebendo que algo estava mudando em meu coração. Eu havia lido a Bíblia inteira e Thuy respondera às minhas perguntas mais prementes. Eu estava cultuando fielmente com outras pessoas que criam em Jesus. E agora me sentia pronta para seguir a Deus.

Ao fim de seu sermão, o pastor Ho Hieu Ha disse:

— Se há alguém entre nós nesta noite que nunca convidou Jesus Cristo para ser o Senhor de sua vida, gostaria que pensasse em fazê-lo aqui e agora. A Bíblia diz que o bebê Jesus cresceu e teve uma vida perfeita. A Bíblia conta que ele morreu voluntariamente em uma

cruz romana, servindo de sacrifício pelo seu e pelo meu pecado. A Bíblia diz que Jesus ressuscitou três dias depois, provando seu poder sobre a morte. E a Bíblia diz que só precisamos fazer uma coisa para obter acesso pleno e desimpedido ao único Deus verdadeiro: confessar com a boca e crer no coração que Jesus Cristo é Senhor. Se alguém aqui hoje abrir o coração a Jesus, ele virá até essa pessoa e lhe trará paz, removendo todos os fardos de sua vida.

Era exatamente isso que eu havia entendido ao ler as Sagradas Escrituras! *Sim!*

Quase pulei do banco naquele mesmo instante. Como necessitava desesperadamente de paz! Como estava pronta para o amor e a alegria! Pensei: “Tenho tanto ódio no coração. Esse fardo de amargura é pesado demais para carregar”. Queria perdão de minhas transgressões. Queria abrir mão de toda minha dor. Queria ir em busca da vida, em vez de me apegar à fantasia de morrer. Eu queria esse Jesus.

Quando o pastor Ho Hieu Ha terminou de falar, eu já havia me levantado, seguido para o corredor e caminhado até a frente do templo a fim de dizer “sim” a Jesus Cristo. “Sim, o Senhor é meu Salvador agora! O Senhor é meu Pai, e eu sou sua filha.” Thuy ainda estava sentada na fileira que ocupávamos uma ao lado da outra e, quando levantou a cabeça e abriu os olhos depois de orar, percebeu que eu havia desaparecido. Ao olhar em volta do ambiente, localizou-me no altar.

— Sim! Você se decidiu! — ela sinalizou com a boca, dando socos de alegria no ar. Após o culto, Thuy e eu nos reencontramos, e quando ela pegou ambas as minhas mãos eu a olhei com lágrimas nos olhos e disse:

— Thuy, muito obrigada por orar por mim e por me amar. Você é uma grande, grande bênção em minha vida.

— Você sempre terá paz agora — Thuy me falou, envolvendo-me em um abraço.

Quando eu acordei na manhã de Natal de 1982, tive a primeira celebração do nascimento de Jesus da qual participei *de coração*.

Se mamãe tão somente conseguisse enxergar meu lado da história. “Mãe, finalmente eu sinto paz!”



Durante aquela celebração de Tet, pela primeira vez eu me senti deslocada no templo. Enquanto todos estavam vestindo um *ao dai* branco, eu trajava roupas comuns. Cada vez que me ofereciam um alimento cerimonial em honra aos deuses do Cao Dai, eu balançava a cabeça e recusava.

As pessoas que me ensinaram sobre Deus explicaram que, ao participar de práticas que honram ídolos, eu poderia não só me colocar em perigo espiritual como também influenciar negativamente outras pessoas, desviando-as do conhecimento da salvação pela fé em Jesus

Cristo.<sup>13</sup> A cada vez que recusava as bandejas com pilhas de deliciosas frutas cristalizadas, formas quadradas de bolo chinês, doce de arroz e frango ensopado, eu me via dando um passo de fé — minha nova fé em Jesus Cristo. Ele encontraria uma maneira diferente de me nutrir, algo que não envolvesse comer alimentos contaminados.

Minhas ações chamaram a atenção de mamãe. Ela se aproximou de mim e sussurrou nervosa:

— Phuc! Você tem de comer *alguma coisa*!

— Isso não é mais para mim, mamãe — respondi. — Minha nova fé desaprova esses alimentos!

— Então você não é mais minha filha — ela cuspiu essas palavras em minha direção, com a ira alimentada por sua devoção religiosa.

Eu já estava indo embora quando novas palavras de mamãe puseram grossas lágrimas em meus olhos:

— Tenho vergonha de chamá-la de filha. Você vai pagar por isso, Phuc!

Eu não podia culpar mamãe por estar brava. Exatamente um ano antes, ela me vira fazer a declaração de seguir o Cao Dai a vida inteira. Mamãe participara da cerimônia oficial no templo de Trang Bang em que manifestei aquela minha intenção. Naquela ocasião, prostrada com os olhos fixos no piso de mármore, mirando cada arranhão e defeito que eu havia memorizado mais de uma década antes, repeti o voto de lealdade que mamãe proferira, comprometendo-me plena e completamente com a religião de meus pais e avós. Quando as formalidades terminaram, o rosto de mamãe exibia o mais largo sorriso. Tanta coisa havia mudado em meu coração no intervalo de um ano! Mamãe ficou pasma com minha decisão, achando que eu era inteligente demais para aquilo.



Caminhei por Tay Ninh enquanto o restante da cerimônia era realizado no templo, mas, ao cair da noite, fui para a casa de meu irmão, onde minha família estava reunida para a festa da primeira noite de Tet. Mamãe estava mais calma, provavelmente esperando que eu houvesse caído em mim e estivesse pronta para voltar a ela, à família e ao Cao Dai. Mas esse não era o caso. Mais uma vez, recusei os alimentos cerimoniais e, de novo, mamãe se irritou.

— Phuc, você nunca foi uma má filha para nós, mas isso... isso é a *pior* coisa que você poderia fazer. Se continuar a negar o Cao Dai, arruinará não só sua vida aqui na terra, mas também a oportunidade de ir para o céu conosco. Precisamos ficar juntos, Phuc! — mamãe implorou. — Você não percebe quanto isso é importante?

— Percebo sim, mamãe! Com certeza — respondi. — É por isso que oro a Jesus pedindo que vocês também sejam salvos!

Foi como se eu tivesse apontado uma arma carregada para o coração dolorido de mamãe e apertado o gatilho a sangue frio.

— Phuc! — gritou ela, enraivecida. — Sabe esse seu Deus? Pois vá a ele agora. Consiga seu arroz com *ele*.

Parti de imediato, sabendo que agora eu era considerada uma dissidente, e os dissidentes *nunca* voltavam. No Cao Dai, eram tratados como mortos. Peguei o ônibus para Saigon, sem fazer a menor ideia de como sobreviveria. Mamãe sempre havia me sustentado, mas deixara sua posição bem clara. Eu não poderia mais recorrer a ela para comida, roupas ou livros. Ela não pagaria mais as mensalidades do curso de idiomas. Não pagaria mais as contas hospitalares quando eu ficasse doente. Em 24 horas, meu pai, meus irmãos, os vizinhos em Tay Ninh, amigos e familiares em Trang Bang ficariam sabendo que eu passara de amada para excluída na vida de mamãe. Aos olhos deles, eu não existia mais.

Enquanto o ônibus cambaleava pela Rodovia 1, pensei rapidamente no lembrete de Jesus a seus discípulos de que, muitas vezes, a lealdade a ele envolvia a perda de outras alianças, até mesmo com entes queridos, até mesmo com pai e mãe.<sup>14</sup> Senti-me confortada por isso no momento, mas, logo em seguida, a realidade prática tomou conta da minha mente. A passagem de ônibus havia custado trinta mil *dongs*. Eu ainda tinha um pouquinho de dinheiro da última mesada que recebera de mamãe; porém, aquilo não duraria muito. “Oh, Jesus, ajude-me!”, orei em silêncio, ali no banco. Hoje, quando reflito sobre essa experiência, gosto de imaginar Cristo sorrindo e concordando com a cabeça. “Eu vejo sua fé, minha filha Kim Phuc. E, embora seja pequena, ela é suficiente e verdadeira. Você continua a ser amada por mim e sempre será. Cuidarei de você por todos os dias de sua vida.”

Como eu esperava que ele fosse fiel à sua palavra!

## PERIGO POR TODOS OS LADOS

### PRIMAVERA DE 1983

Por muitas semanas após aquela desastrosa viagem para Tay Ninh, eu repeti o texto das Escrituras: “Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará suas próprias inquietações”,<sup>15</sup> como se cada vez que eu dissesse tais palavras, a vida de algum modo reencontrasse seu equilíbrio e seu ritmo. No entanto, nada disso aconteceu.

Passei fome. Fiquei sem nada para comer até que meus colegas gentilmente me deram pão e leite. Quatro meses depois de meu retorno, a igreja que eu frequentava foi fechada pelo governo comunista e o pastor Ho Hieu Ha ficou preso por seis anos, até o presidente norte-americano George H. W. Bush assinar uma carta exigindo sua libertação. A ferida e o distanciamento causados pela discussão entre mamãe e eu só pareciam aumentar. E o governo continuava a abusar de mim, forçando-me a perder aulas a fim de dar entrevistas que transmitiam incorretamente minhas opiniões.

Para ser honesta, eu estava desabando sob o peso de tantas lutas e tribulações. Anh não tinha me ensinado que Deus era “socorro muito presente em meio à tribulação”, “refúgio para os oprimidos” e aquele que nos exalta com sua destra fiel?<sup>16</sup> Se essas promessas eram verdadeiras, então por que eu sofria uma dor tão incessante? *Por que o Senhor me abandonara?*

Percebi que não conseguia pagar nem as aulas que estava fazendo. Além disso, levando em conta a constante interferência do governo em meus estudos, qual seria o objetivo de continuar na escola? Deixei os estudos, pensando que para mim seria mais importante me firmar em minha nova fé e conseguir uma fonte segura de comida. Quando não estava nas

mãos dos inspetores, eu me perdia nas páginas das Escrituras, concentrando-me com total atenção em histórias como a do apóstolo Paulo, que escreveu com franqueza absoluta sobre tudo que sofreu por crer em Jesus, o Messias.<sup>17</sup> Pobre Paulo! A história dele fazia a minha parecer tranquila. Mesmo assim, meu sofrimento era tão real! Eu necessitava de uma dose de esperança, de algum sinal sobrenatural de que Deus não me perdera de vista.



Na primavera de 1983, a mídia mundial estava concentrada no décimo aniversário do acordo de cessar-fogo de Paris, que levou à retirada dos Estados Unidos da guerra. A atenção do público à minha história se multiplicou, pois diversos jornalistas agora queriam artigos que remetessem ao passado.

Então, em vez de organizar entrevistas individuais com repórteres, os inspetores promoviam grandes coletivas de imprensa. Com frequência, tais eventos eram realizados em Tay Ninh, província que ainda exercia jurisdição oficial sobre minha cidadania.

Em uma dessas ocasiões, terminei minha fala e fui apresentada ao sr. Minh, o fotógrafo de relações públicas do governo. Ele havia recebido permissão para me acompanhar até uma creche pública da região, onde as crianças ficavam brincando por horas enquanto os pais trabalhavam.

— Gostaria de tirar fotos suas sorrindo e brincando em meio às crianças — explicou ele —, para mostrar que está tudo bem com você.

Eu sabia que era inútil protestar.

— Claro — respondi. — Vamos lá então.

Quando entramos na creche, o sr. Minh viu uma linda garotinha de cabelos brilhantes do outro lado do ambiente e me levou para perto dela.

— Aqui! — disse ele, trazendo a menininha para minha direção. — Segure-a nos braços e só converse tranquilamente com ela.

Por um instante, eu me envolvi na alegria pura de segurar um bebê. “Como será maravilhoso ser mãe um dia!” O simples ato de ter nos braços uma bebezinha que se mostrava alegre enquanto eu conversava com ela e lhe cantava alguma música me fez esquecer momentaneamente todas as informações médicas acerca da infertilidade resultante das queimaduras. Mas, assim que o pensamento esperançoso de um dia ser mãe entrou em minha mente, eu o expulsei. “Quem é que vai querer se casar comigo?” Sem marido, não há filhos.

Sorri animada para a câmera do sr. Minh, apreciando os poucos minutos de ternura junto à inocência de uma criança. Então, fui levada para o próximo item da agenda.

Dias depois, uma das fotos que tiraram de mim durante a visita à creche apareceu no jornal nacional do Vietnã, mas isso não foi surpresa nenhuma. O que me pegou desprevenida foi a



legenda que acompanhava a foto: “Uma década depois: Kim Phuc e sua filhinha”.

Quando li essas palavras, fiquei irada, sentindo algo que se erguia de um lugar lá no fundo de minha alma. “O que fizeram comigo?”, clamei em silêncio. “*Agora* o que será de mim?”

É verdade que, com cicatrizes horrorosas e uma recuperação tão dolorosamente lenta, eu tinha pouquíssimas expectativas de um dia me casar e ter filhos. Mas não havia perdido *todas* as esperanças, isto é, não até deparar com aquela imagem. Todos do meu país veriam a foto, a legenda e pensariam: “Oh, Kim Phuc encontrou um marido e, vejam, eles têm uma bebezinha!”. Qualquer esposo em potencial nem pensaria em me procurar.

O sr. Minh não havia solicitado aquela legenda. Aliás, ele só ficou sabendo do problema quando o informei. Não posso culpá-lo, mas como gostaria que ele nunca tivesse tirado aquela foto! Horas depois de sua publicação, foto e legenda circularam por todo o Vietnã, apagando o último resquício de esperança de que um dia eu encontraria amor verdadeiro.



Entre os jornalistas que me procuraram durante a comemoração dos dez anos do cessar-fogo, havia um alemão chamado Perry Kretz. Eu conheci o sr. Kretz em minha cidade natal, Trang Bang, logo depois de voltar do hospital. Ele fazia uma visita ao Vietnã a fim de produzir um relatório sobre o acordo de paz de Paris. O governo de meu país lhe negara entrada e o colocara em prisão domiciliar, muito provavelmente por haver publicado a fotografia de um soldado vietnamita do sul dormindo em seu posto com a metralhadora em mãos — um disparate que o Sul não esqueceria tão cedo.

Em 1973, enquanto o sr. Kretz estava confinado no hotel aguardando o próximo voo de Saigon para Hamburgo, sua cidade natal, ele subornou o vigia com dólares norte-americanos para que o deixasse ir até um escritório da Associated Press que ficava por perto.

— Só vou conseguir ir embora daqui a três dias — comentou com um colega que estava na agência. — Tem alguma ideia de como posso passar o tempo?

— Acho que você deveria dar uma olhada em Kim Phuc.

O sr. Kretz respondeu:

— Quem é Kim Phuc?

— Com certeza você se lembra da menina do napalm! — disse o colega, levando o sr. Kretz a fazer uma visita a Trang Bang naquela mesma tarde.

Eu estava brincando em volta de vovó havia horas quando o grande carro preto estacionou em frente à casa de meus pais. Dali saiu o sr. Kretz. Meu pai, que estava por perto, conduziu o jornalista até mim, explicando que ele queria fazer uma reportagem sobre minhas queimaduras. O sr. Kretz foi gentil, amigoso e muito paciente enquanto eu explicava minhas experiências por meio do intérprete que o acompanhava. A pedido do jornalista, mostrei o que havia restado da casa de nossa família. Levei-o ao templo do Cao Dai e contei que outras

crianças e eu corríamos atrás de melros quando os soldados nos mandaram correr para salvar a própria vida. Então o acompanhei pela Rodovia 1, refazendo os passos que havia dado um ano e dois meses antes, enquanto chamas incandescentes e descontroladas subiam por meus calcanhares.

Naquela época, eu ainda não tinha familiaridade com repórteres, exceto por aquele momento da Rodovia 1 em que me ofereceram algo para beber e encharcaram minha pele efervescente com água. Contudo, soube por instinto que aquele homem tinha um raro nível de compaixão. Ele olhou para mim e me enxergou de verdade. Escutou-me e realmente me ouviu. Confiei nele quase que instantaneamente.



De volta a Saigon pela primeira vez desde aquela visita ocorrida quase uma década antes, o sr. Kretz se pegou revivendo os tempos que passou no Vietnã e saudoso de como era o Sul. Os comunistas haviam mudado nomes de ruas e cidades e alterado modelos de comércio e normas de estilo de vida, sufocando qualquer beleza e liberdade que desfrutáramos no passado, com vistas a nos “reeducar” em seus caminhos. Nada disso passou despercebido pelo sr. Kretz.

Ao voltar para seu lar em Hamburgo, talvez no esforço de reviver ternas memórias da “velha Saigon”, o sr. Kretz buscou em seus arquivos cópias das fotografias que havia tirado durante a guerra tantos anos antes; então, chegou às imagens que fizera dentro da casa de meus pais e em seu entorno. Ele foi o repórter que se perguntou: “O que será que aconteceu com aquela menina?”. Embora sua decisão de me encontrar tenha me levado aos holofotes públicos, trazendo grandes complicações por anos, é possível que também tenha salvado minha vida.

O sr. Kretz preencheu a papelada necessária e conseguiu permissão para voltar ao Vietnã e me entrevistar pessoalmente. Depois de me cumprimentar com um grande abraço, perguntou como eu estava. Precisei falar as mentiras que fora orientada a dizer: “Estou muito bem! Estudo em Saigon para me tornar médica. Estou apreciando muito a faculdade!”.

Achei que tivesse convencido o sr. Kretz, mas ou não fui tão persuasiva quanto imaginara, ou os anos de interesse humano como repórter o haviam tornado extremamente astuto. Ele voltou para a Alemanha assombrado por minha expressão facial. “Algo não está bem com ela”, pensou. “Ela não está tão satisfeita quanto afirma.”

Posteriormente, o sr. Kretz me explicou que simplesmente não conseguiria viver bem com a própria consciência caso não tivesse pelo menos tentado me ajudar a sair de Saigon.

---

DA PROVÍNCIA DE TAY NINH PARA BONN, NA ALEMANHA

## AUXÍLIO EXTREMAMENTE OPORTUNO

### JULHO DE 1984

Pouco tempo depois daquele encontro com o sr. Kretz na primavera de 1983, reuni coragem para lhe escrever uma carta, explicando que estava sem opções — e sem dinheiro. “Será que ele tem alguma ideia para mim?”, me perguntei. Mal sabia eu que ele vinha trabalhando em um plano desde que havíamos nos encontrado em Saigon. Demoraria quinze meses inteiros de foco e esforço persistente, além de toneladas de burocracia, mas, no verão de 1984, o sr. Kretz transformou o plano complicado em realidade, e eu me vi sentada em frente a ele na mesa de um escritório governamental em Tay Ninh. Ele conseguira permissão para me acompanhar à melhor clínica de queimaduras da Alemanha Ocidental, para minha décima sétima — e, esperava eu, a última — cirurgia de enxerto de pele. Tirar do país Kim Phuc, a garota propaganda da ideologia do Vietnã comunista, parecia tão simples e fácil quanto remover um osso apetitoso das presas de um cão feroz.

Mas o sr. Kretz não se deixou deter. “Essa é a única maneira possível de ajudar essa jovem”, disse ele à esposa antes de voltar ao Vietnã. “Preciso fazer a única coisa que posso.”

Na reunião também estavam meus pais, com quem agora eu tinha um relacionamento cortês, porém distante; meu inspetor costumeiro, Tam; e um intérprete, para facilitar minha comunicação com o sr. Kretz. Pouco depois que o diálogo começou, fiquei sabendo os detalhes do plano do sr. Kretz e logo concluí que ele estava fadado a falhar.

— Você não pode simplesmente tirar Kim Phuc do nosso país! — Tam gritou com o sr. Kretz.

Mal consegui acreditar nas palavras que saíram da boca do alemão logo em seguida:

— Estou aqui com a permissão de *seu* governo, senhor, e com o propósito de ajudar uma de *suas* cidadãs.

Ah, que alívio! O sr. Kretz fizera seu dever de casa! Ele já havia apresentado o plano ao ministério de relações exteriores em Hanói, fato de que Tam só tomou conhecimento naquele instante. Tam sabia que, se protestasse e contradissesse seus superiores na capital, arriscava que me transferissem oficialmente da província de Tay Ninh para a deles. Tam e os outros oficiais de Tay Ninh não suportariam perder um recurso tão valioso para a mídia.

— Se você pode ajudá-la — disse Tam em tom áspero, com os olhos gélidos —, então vá em frente. Pode partir agora para o local designado.



Familiares, amigos e espectadores curiosos se reuniram no aeroporto a fim de me ver embarcar para a Alemanha Ocidental, todos animados porque, enfim, eu estava partindo. Era um grande acontecimento, por se tratar de um país não comunista. É claro que tanto eu quanto o sr. Kretz precisamos assinar vários documentos garantindo meu retorno certo e relativamente rápido ao Vietnã, mas outras pessoas já haviam assinado papéis semelhantes; elas saíram e nunca mais voltaram. Coisas estranhas às vezes acontecem. E, em segredo, eu esperava que acontecessem comigo.

O sr. Kretz aproveitou nossa conexão em Bangkok, na Tailândia, para me levar a um dia mágico de compras, adquirindo várias roupas bonitas para mim: blusas brancas de manga longa, pantalonas, um elegante chapéu de palha e uma mala adequada para levar tudo aquilo. Mais de doze horas de jornada depois, chegamos à encantadora cidade de Bonn, às margens do rio Reno, na Alemanha Ocidental. Eu conseguira! O Vietnã estava oficialmente no passado, pelo menos por algumas semanas.

Eu era uma garota entusiasmada de 21 anos, sozinha em uma terra distante, salvo pela supervisão de um homem relativamente estranho. Para mim, aquilo foi um vislumbre da plena liberdade que eu esperava ter um dia. Nada de seguranças, nada de raptos repentinos, nenhuma entrevista forçada, nenhuma notícia falsa na imprensa, nem fome, nem dor. Eu chegara a uma terra de fartura: comida farta, remédios fartos, cuidados fartos. Eu carecia de mais realidades como essa em minha vida, e a viagem à Alemanha seria o primeiro passo crucial nessa direção.

Quando o sr. Kretz me ajudou a me instalar no luxuoso quarto de hotel, por meio de uma série de gestos com a mão, mímicas e palavras em inglês que eu apenas havia começado a entender, ele me deu instruções sobre como atender à porta.

— Você ouviu batida? Não abrir! Olhar pelo buraco! — falou, mostrando o olho mágico.  
— Vê uma pessoa? Não eu? *Não* abra a porta!

Concordei com a cabeça, aliviada por ter entendido tudo.

Naquela primeira noite, sentei-me na beirada da cama e sussurrei em gratidão a Deus: “Eu sei o que aconteceu aqui, Pai. Foi o Senhor quem me trouxe do Vietnã para cá”. Que presente maravilhoso e tão aguardado!

Na manhã seguinte, a tradutora designada pelo governo, Hang, apareceu. Ela me ajudou a compreender cada conversa e também se tornou uma amiga. Gostei imediatamente de Hang, talvez porque uma das primeiras coisas que ela me disse foi:

— Kim Phuc, o *chef* do hotel se ofereceu para preparar qualquer coisa que você quiser comer. Diga o que deseja degustar no dia, e ele cozinhará.

Que oportunidade! Eu provei as melhores comidas alemãs — queijos especiais, doces e cafés —, até meu estômago insistir que era melhor voltar para o arroz, os legumes e as verduras, as comidas simples que eu sempre amara.



O principal motivo de minha ida a Bonn — passar pelo décimo sétimo enxerto de pele — envolvia duas cirurgias de rotina em uma clínica, a fim de soltar faixas de tecido cicatricial, o que me daria mais mobilidade. Tudo correu bem e, em três semanas, recebi alta da clínica para me recuperar antes de voltar para o Vietnã. O sr. Kretz não voltou comigo, então se despediu com um almoço seguido de sorvete.

Os líderes de meu país estavam bem ansiosos quanto à minha viagem para longe, a um país liberal como a Alemanha Ocidental; eles achavam grandes as chances de eu escapar de suas garras. Por isso, insistiram que alguém da embaixada vietnamita em Berlim Oriental fosse me buscar e me levasse de carro por seis horas até o prédio da embaixada, onde eu ficaria até partir da Alemanha. Em vez de voar para Saigon, pela nova rota eu chegaria a Hanói. Eles conseguiriam me vigiar mais de perto na capital do Norte e, levando em conta a forte cobertura de imprensa que imaginavam estar sendo preparada para o meu retorno, resolveram me manter próxima a todo custo.

Fui tratada como realeza durante a permanência na Alemanha Ocidental, mas, ao longo da semana que passei em Berlim Oriental, onde aguardei o voo de volta para Hanói, era vista com suspeita e até mesmo com desdém. Certa mulher em particular, que fora designada para ficar de olho em mim, me tratava tão mal que o motorista, um homem bondoso chamado Quang (que ficara responsável por me levar aos lugares em Bonn e me conduzira até Berlin) comentou comigo:

— Tenho um amigo em Hanói. Você pode ficar na casa dele. Se você ficar onde o governo determina, terá um tratamento tão ruim quanto o que está recebendo aqui.

Respirei aliviada. Finalmente, alguém havia entendido minha luta.

Na noite daquela conversa, fui a uma pequena varanda da embaixada e olhei para o céu noturno, uma vastidão coberta de luzes cintilantes. “Ó Deus”, orei em silêncio, “como anseio

desesperadamente por liberdade! Quero ser tão livre quanto as estrelas que vejo dançar acima de mim.”

---

## HANÓI, CAPITAL DO ANTIGO VIETNÃ DO NORTE

### O QUERIDO BAC DONG

#### SETEMBRO DE 1984

Quando cheguei ao Vietnã, fui saudada por uma densa multidão de repórteres e fotógrafos estrangeiros. Todos queriam saber como fora a cirurgia, como eu estava me sentindo desde a recuperação e como fora finalmente “sair” do país. Respondi a cada uma das perguntas, maravilhada por toda aquela atenção e me perguntando como seria o desfecho daquilo tudo.

Permaneci em Hanói por três semanas inteiras e fiquei satisfeita quando meu retorno foi adiado não apenas uma vez, mas duas, por oficiais do governo que queriam que eu desse ainda mais entrevistas para os jornalistas. Eu literalmente não tinha nenhum motivo para voltar. A retomada da vida em Saigon significaria pobreza absoluta. Eu não tinha estudos, pois havia deixado o curso de idiomas antes de partir com o sr. Kretz para a Alemanha; não tinha nenhum relacionamento afetivo que me fizesse querer voltar; nenhum emprego me esperando para garantir casa e comida. Por que teria pressa de retornar?

Durante parte do tempo que fiquei em Hanói, aceitei a bondosa oferta de Quang de me hospedar na casa de seu amigo. Na verdade, a casa era da mãe de seu amigo, uma viúva de meia-idade, cujo marido tinha sido oficial do exército do Vietnã do Norte. Ao saber como eu havia sido tratada na Alemanha Ocidental, ela pediu ao governo de Hanói recursos para me servir as mais deliciosas refeições todos os dias, e foi atendida. O gesto foi gentil, mas, à medida que se aproximava a data definitiva da minha partida de Hanói, o contraste entre aquela realidade e a que eu enfrentaria ao voltar para casa me deixou ainda mais desesperada com a minha situação. “Preciso de ajuda”, disse comigo mesma, “mas a quem devo recorrer?”

Então me veio à mente a mais óbvia das soluções, centrada no homem que me levava e trazia de volta a cada entrevista: o sr. Minh. Nós nos conhecíamos já havia algum tempo.



— Tenho algo para lhe contar — falei discretamente para o sr. Minh, numa noite em que serviram um banquete de sobremesas em minha homenagem. Eu havia passado a chamá-lo de “tio Minh”, sinal de deferência e respeito na minha cultura. Esperava que ele se mostrasse digno da confiança que estava prestes a lhe depositar.

Os membros da imprensa estrangeira haviam sido convidados para a reunião, e embora os oficiais de meu país estivessem encenando muito bem o papel de anfitriões generosos, na realidade a maioria deles não tinha interesse nenhum em me homenagear. Só queriam tirar vantagem da minha história, da minha dor. Exceto tio Minh. Antes de viajar para a Alemanha, percebi nele um tom diferente, certa compaixão, uma bondade na qual podia confiar.

Ele se inclinou atentamente em minha direção.

— O que foi, Kim Phuc? — perguntou.

— Ao longo dos dois últimos anos, seus patrões, aquela gente do governo, têm me privado do ensino superior — respondi. — Tiraram-me da faculdade e dos estudos e me forçam a ficar fazendo declarações nas quais eu mesma nem acredito, para jornalistas de tudo quanto é lugar. E agora, com essa última fotografia publicada para o mundo inteiro ver, dizendo que sou mãe daquela garotinha, será praticamente impossível para mim encontrar um marido e me casar de verdade! Minha vida está em ruínas, tio Minh! O que devo fazer?

Tio Minh arregalou os olhos.

— O que você está me dizendo? — perguntou, deixando cair o doce de arroz que havia acabado de colocar no prato com os *hashis*. — Isso não pode ser verdade!

Ele mesmo havia sido enganado pela propaganda ideológica de sua equipe, ironia que nenhum de nós deixou escapar.

— É verdade! — sussurrei em tom de urgência. — Estou lhe contando o que me aconteceu... e *ainda* está acontecendo.

— As coisas não podem continuar assim — ele comentou. — Farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la, Kim Phuc. Você é um tesouro nacional. Precisa ser protegida desse péssimo tratamento que vem recebendo.

Tio Minh pediu que eu escrevesse minha história em forma de carta para poder entregá-la a seu chefe. Foi o que fiz de imediato e, dois dias depois, recebi resposta. Foi um convite para jantar enviado pelo escritório do patrão do tio Minh, um homem chamado Pham Van Dong. Eu tinha sido convidada para a mansão residencial do primeiro-ministro do Vietnã!



Sem hesitar, e com orações lançadas como flechas rumo ao céu para que verdadeiros milagres ocorressem em profusão, concordei em ir.



— Kim Phuc — Pham Van Dong me disse assim que cheguei —, eu me sentirei honrado em ouvir sua história. Por favor, sente-se.

Contei tudo ao primeiro-ministro, sem deixar nenhum detalhe de fora. Não poderia haver maior aliado para mim do que o líder mais importante de meu país, esse poderoso patrono que milagrosamente estendera sua simpatia a mim. E eu jamais me perdoaria se deixasse algo não dito, um acontecimento importante ou outro que pudesse fazê-lo ficar do meu lado. Eu levava comigo o artigo de jornal que afirmava que eu tinha me casado e gerado uma filha e, dada a situação em que estava, abri o jornal e lhe mostrei aquela imagem escandalosa.

— Talvez a pior parte de todo o tratamento injusto que tenho recebido seja *esta* — disse eu, com lágrimas nos olhos. — É tão injusto! Vou ficar sozinha para sempre agora, pois os homens pensarão que já sou casada.

O primeiro-ministro Dong deu uma boa olhada no artigo e na fotografia que o ilustrava, encostou as costas na cadeira e começou a dar risada. Ele riu por tanto tempo que tive a certeza de que não havia entendido o que eu dissera. Eu não havia sido clara em minha explicação? Eu sabia que sim. Com expressão incrédula, encarei o primeiro-ministro sem falar nada, silenciada pelo choque que tomara.

Por fim, a risada acabou e ele se compôs novamente.

— Ah, Kim Phuc — disse em tom de ternura, entremeado de amor paternal —, não precisa se preocupar. Não dê atenção a isso. As coisas vão dar certo para você.

Eu não estava tão certa assim quanto a acreditar naquele homem, mesmo em sua elevada posição. O que ele conhecia sobre tragédias e perdas? Ou sobre sofrimento e dor profunda?

Em breve, eu descobriria que ele conhecia muito de tudo isso, pois o primeiro-ministro tinha sua própria história para contar.

Horas depois, eu ainda estava com Van Dong. Depois de uma refeição juntos, ele pediu para ver minhas cicatrizes. Eu teria hesitado, mas percebi, por seu tom de voz, que ele queria participar da minha dor, não simplesmente satisfazer sua curiosidade.

— Claro — respondi, levantando a manga de minha camisa.

Observei o rosto do primeiro-ministro enquanto ele absorvia cada uma das minhas feridas devagar e metodicamente. Com delicadeza e muito cuidado, ele levantou a mão em direção ao meu braço e as pontas de seus dedos roçaram minha pele áspera com um toque extremamente suave.

— Oh, filha! — exclamou. — Quantas aflições você já enfrentou!

Olhou para mim e prosseguiu:

— Você é minha filha agora. Cuidarei de você como se fosse minha criança.

Foi então que fiquei sabendo sobre a família do primeiro-ministro. Ele me contou acerca de seu filho único, que na ocasião já tinha mais do dobro da minha idade. Falou-me a respeito da esposa, que sofria de uma doença mental. Confidenciou que havia passado a vida inteira desejando ter uma filha. Eu seria como uma filha para ele. Daquele momento em diante, eu passaria a chamá-lo de Bac Dong, que significa, “tio amado” ou “tio-avô” ou “avô”.

— Eu cuido da minha esposa todos os dias — Bac Dong me explicou —, por isso eu também entendo o que é sentir muita dor. Não há cura para o que a aflige, mas eu faço tudo que posso.

Bac Dong me contou com detalhes sobre a situação grave da esposa, os remédios que tomava, os tratamentos a que se submetia diariamente, sua esperança de que ela fosse curada e o preço que tudo isso cobrava em seu coração.

— Apenas quero que saiba que também trilho um caminho desafiador — disse para mim pouco antes de minha partida — e que vou ajudar você, minha companheira de sofrimentos, de todas as maneiras que puder.

Ao longo do ano, Bac Dong e eu continuamos em contato e nos encontramos mais 25 a 30 vezes. Em cada ocasião, era como rever um amado membro da família. Creio que foi o próprio Deus quem nos aproximou, dando-me um defensor seguro e garantido, cujo poder foi catalisador de mudanças significativas na minha vida.

A primeira mudança que Bac Dong organizou foi me fazer voltar a estudar. De 1984 a 1985, o ano letivo ocorreu sem muitas interrupções. Sim, inspetores continuavam a aparecer de tempos em tempos, mas a situação havia melhorado. Finalmente terminei um ano com notas decentes.

Optei por estudar inglês, em vez de medicina, imaginando que seria um curso mais fácil de concluir. Quando essa experiência do primeiro ano de faculdade chegou ao fim, lembro-me de aguardar com grande expectativa os meses de verão e o segundo ano universitário. Mas esse plano não se concretizaria — pelo menos, não no Vietnã.

## UMA CIRCUNSTÂNCIA INCONVENIENTE

### ABRIL DE 1985

Era perto do fim do mês mais quente em Saigon, abril, quando meu professor de inglês se aproximou e disse:

— Phuc, a conferência de jovens está confirmando a presença dos participantes no festival deste ano, mas não posso enviar sua inscrição sem você preencher este formulário.

No instante em que olhei para ele, um ressentimento queimou dentro de mim na mesma intensidade do calor excessivo que havia do lado de fora.

A conferência à qual ele se referiu envolvia um recrutamento internacional e a reunião de reeducação para estudantes realizada a cada quatro anos pela Liga Revolucionária de Jovens Comunistas. O “formulário” seria meu consentimento oficial não só para participar da festa, mas também para entrar na organização e apoiar sua causa.

— Mas, senhor — expliquei —, eu não desejo fazer parte da Liga de Jovens Comunistas. E não quero ir à conferência.

— Kim Phuc — disse ele, em tom grave —, se você não realizar a inscrição formal, não participar da conferência e não concordar com a causa comunista, então não poderá continuar os estudos. Seu período como estudante terminará. E mais: você está sendo solicitada a comparecer não apenas como ouvinte, mas também como participante. Irá falar em um debate contra a guerra.

Eu queria ser conhecida como uma estudante excelente. Isso significava que deveria alegar lealdade aos métodos comunistas. Bem, se assim exigiam, assim eu faria — pelo menos exteriormente. Em meu coração? Eu continuava a abominar aquele estilo de vida.

Na capital da Rússia, juntei-me a delegados de mais de cem países, todos reunidos sob a bandeira do socialismo, do desarmamento e da paz. Meus dias foram repletos de palestras, entrevistas individuais e debates em grupo sobre a guerra e suas consequências. Após cada encontro, as pessoas aplaudiam minhas declarações, vinham se apresentar e pediam meu autógrafo. Naqueles momentos, sentia-me uma *superstar*.

Eu não conseguia deixar de rever, com os olhos da mente, uma conversa que tivera em Saigon uma semana antes com um grupo pequeno de colegas de turma que conhecia relativamente bem. Estávamos sentados na sala, mas o professor não apareceu. Então, saímos para o gramado e começamos a conversar.

— Ninguém jamais vai querer namorá-lo — uma das moças do grupo disse, ao que todas as outras riram e menearam a cabeça negativamente.

— De jeito nenhum! — as outras concordaram.

— De quem vocês estão falando? — perguntei para a menina que falou primeiro.

— Do Vu. Sabe, aquele rapaz da cicatriz.

Vu era um jovem bonito e inteligente da nossa sala. Da primeira vez que o conheci, notei de imediato uma cicatriz em sua mão direita. Sempre somos rápidos em identificar nos outros aquilo que mais nos incomoda em nós mesmos, não é verdade? Era uma cicatriz bem pequena, causada por um canivete, presumi. Mas ali estava ela, uma prova permanente de sua imperfeição, um defeito duradouro que maculava tudo o mais que havia de bom nele.

— Quem vai querer segurar uma mão como aquela? — disse a moça, enquanto minha mente vagava bem longe, perdida em pensamentos angustiantes. “Ah, se ela conhecesse as minhas cicatrizes! O que diria a meu respeito?”

Fiquei sem comer por três dias depois daquela conversa. Não conseguia estudar, nem dormir, nem falar, nem sorrir. Mesmo sendo cristã, ainda não tinha maturidade suficiente na fé para saber como enfrentar esse tipo de sentimento. Ninguém jamais me procuraria. Ninguém se importaria. Ninguém me acharia bonita. Não havia esperança para mim. Era inútil e maldita.

“Quem vai querer segurar a mão dele, com aquela cicatriz horrorosa?” Repeti esse comentário à exaustão em minha mente, mudando o pronome e multiplicando a cicatriz.

“Quem vai querer segurar a mão *dela*, com aquelas *cicatrizes* horrorosas?”

“Quem vai querer segurar a mão *dela*, com aquelas *cicatrizes* horrorosas?”

“Quem vai querer segurar a mão *dela*, com aquelas *cicatrizes* horrorosas?”

As palavras eram como a letra de uma música que eu não conseguia esquecer, não importava o quanto me esforçasse. Cada vez que aparecia em minha mente, aquela lamentação se unia ao conselho bem-intencionado que mamãe me dera:

— My, se você tem a esperança de não viver sozinha, deve se dedicar completamente ao Cao Dai, nossa religião. Ela será sua única companheira, minha filha, pois você nunca se casará nesta vida.

“Será que algum dia eu farei as pazes com as minhas feridas?”

Quando o evento chegou ao fim, o organizador me informou que eu havia sido oficialmente convidada a permanecer em Moscou por mais quatro semanas — “uma espécie de férias”, disseram-me. Aquela extensão de um mês foi seguida por mais uma e depois por mais outra. Durante aqueles meses, fui carregada por todo o país, parando em quinze regiões administrativas — entre elas Vladimir, Ryazan, Tula, Bryansk, Orel, Lipetsk e Kursk — a fim de dar entrevistas no rádio e na televisão para canais russos, jornalistas e fotógrafos, todos eles extremamente intrigados por minha história de vida.

Até hoje, não faço a menor ideia do que eu *realmente* disse naqueles programas. Não entendia uma sílaba sequer de russo; meu tradutor era, na melhor das hipóteses, impassível, sua expressão facial não demonstrava emoção nenhuma. E, embora sempre houvesse muitos abraços e sorrisos, tapinhas nas costas e festas após as entrevistas, o único motivo que me fazia estar ali era a propagação da ideologia comunista. Aquelas pessoas e os líderes da minha terra natal eram farinha do mesmo saco. Eu sabia muito bem que não podia acreditar na “pureza” de suas intenções.

Essa rotina continuou por sete meses, então houve uma grande interrupção. Quando chegou o inverno em Moscou, minhas cicatrizes começaram a se ressentir, o que levou meus inspetores russos a optar por me transferir temporariamente para Sóchi, a fim de que eu me recuperasse.



No dia seguinte, peguei um voo para Sóchi — mais de mil e quinhentos quilômetros distante de Moscou —, onde permaneci ao longo das oito semanas seguintes.

As acomodações no centro de reabilitação eram ainda mais admiráveis que as de Bonn. Aquela não era uma instituição médica, mas sim um hotel, um *spa*, um *resort*. Margeada a leste pelo mar Negro e a oeste pela cordilheira do Cáucaso, Sóchi fazia parte da Riviera Caucasiana, um dos poucos lugares da Rússia com clima subtropical. Eu tinha certeza de que estava vivendo um sonho.

Meus dias em Sóchi seguiam sempre a mesma agenda, com toda pontualidade, em um ritmo que passei a apreciar. Todos os dias, no café da manhã, serviam-me massas folhadas e um bule de chá que não acabava nunca. Em seguida, chegava um motorista para me conduzir ao alto da montanha, onde ficava o hospital. Lá, eu tomava meu banho diário de enxofre. O cheiro era horrível, mas o banho funcionava. Eu saía do banho e as funcionárias passavam creme medicamentoso por cima de todas as minhas feridas. Então eu era levada para um restaurante, onde fazia uma farta refeição antes de retornar ao meu quarto de hotel, para uma soneca de duas horas. O jantar era outra refeição elaborada; depois de comer, eu me retirava para descansar à noite.

Duas coisas aconteceram durante aqueles dois meses em Sóchi: minhas cicatrizes pararam temporariamente de doer e meu corpo ganhou *gordura*. Depois de um tempo, a única coisa que me servia era o roupão fornecido pelo hotel! Felizmente, o governo russo teve a generosidade de se oferecer para comprar o que eu precisasse, então fui às lojas próximas resolver o problema do meu guarda-roupa.

Hoje, o fato de permanecer retida por sete meses em um país estrangeiro para servir a propósitos políticos em benefício da agenda ideológica do governo seria considerado por muitos um verdadeiro sequestro, mas, naquela época, ninguém pareceu se importar muito com a minha situação. Quem se posicionaria contra os caprichos do governo comunista? Quem arriscaria o próprio sustento para intervir? Imaginei que, quando chegasse o momento de voltar ao Vietnã, eu retomaria os estudos no ponto onde havia parado. Por ora, precisava admitir: aquele tratamento não era nada mal.



Quando finalmente voltei a Saigon, eu havia perdido quatro meses de aula. Meus colegas de classe estavam se preparando para começar o segundo semestre do segundo ano. Eu sabia que seria necessário muito esforço de minha parte para recuperar o tempo perdido, mas estava pronta para a tarefa. Pouco convencidos das minhas chances, meus professores ameaçaram me expulsar da faculdade.

— Você perdeu aulas demais, Kim Phuc — disseram. — Não tem jeito. Você não pode voltar.

Contendo as lágrimas que vinham de dentro, respondi:

— Mas eu *preciso* voltar. Senão, como vou sobreviver?

Era verdade. Eu dependia da condição de estudante. Todas as pessoas matriculadas em uma universidade no Vietnã recebiam cupons semanais para obter arroz e, sem eles, eu nada teria para comer. Embora houvesse moradia para os alunos, eu ficava na casa de Sau Huong, minha “tia adotiva”, a quem nossa família abrigara durante a guerra, muitos anos antes.

— Veremos o que é possível fazer — disseram os professores, entregando-me uma licença especial para me rematricular. — Mas você precisará começar no primeiro ano de novo — deixaram claro.

A mudança não me agradou, mas pelo menos eu poderia continuar a ser estudante. Eu aceitaria aquela alternativa não muito boa. E *funcionou* — por dois meses seguidos. Até que alguém de Tay Ninh me procurou novamente, dessa vez com uma notícia inacreditável:

— Você vai para os Estados Unidos, Kim Phuc. Temos trabalho para você lá.

Medo e frustração se misturaram em um nó dentro mim.

— Estados Unidos? — gritei para o oficial, sem pensar em como aquele homem poderoso poderia facilmente arruinar minha vida naquele momento. — Não sei que “trabalho” é esse

de que você está falando, mas *não* vou fazer essa viagem.

Eu estava tão brava que as palavras jorraram inadvertidamente.

Ao que parecia, minha viagem publicitária pela Rússia tivera tanto sucesso que o Vietnã cogitou aumentar a visibilidade. Pensaram: “Se a história dela despertou tanto interesse na Europa, imagine a reação nos Estados Unidos!”. O Memorial dos Veteranos da Guerra do Vietnã havia sido inaugurado menos de três anos antes na capital norte-americana, e parecia que os quase sessenta mil nomes inscritos em seu muro de granito convidavam mais uma geração a sentir amargura e confusão por causa do envolvimento aparentemente sem sentido de seu governo em nossa guerra civil. Ao me apresentar como vítima da guerra durante a infância, os líderes comunistas do Vietnã poderiam alavancar esses sentimentos de desgosto e obter mais apoio à sua filosofia de vida. A Liga de Jovens Comunistas não queria ser relegada aos países orientais. Por que não recrutar membros no Ocidente? Eu era o melhor ímã para atrair outros à sua causa. Eles sabiam disso. E eu também.

Minha mente não parava. “Estou tão cansada de ser manipulada! Mas bem que eu gostei de ser tratada como celebridade na Rússia.” Era um sem-fim de contradições.

Então, cheguei à certeza do que precisava fazer. Cheia de resolução, olhei para o oficial de Tay Ninh e disse:

— Senhor, por favor, compreenda o que vou lhe dizer. Não posso atender a esse pedido de visitar os Estados Unidos, pois preciso terminar a faculdade. Já estou bem atrasada, e cada semana longe de Saigon me coloca ainda mais para trás.

O oficial me olhou com uma expressão aborrecida.

— Kim Phuc, você é diferente — disse ele. — Não entendeu isso até agora? Suas cicatrizes a tornam diferente. Você é a única que pode fazer esse trabalho. E precisa obedecer ao governo sem hesitar.



Minha “ordem de trabalho” se originara em Hanói e, assim que os oficiais da província da Tay Ninh concluíssem e enviassem a papelada para a capital, eu partiria. Eu não sabia quanto tempo teria. Era possível que, no máximo, algumas semanas. Pelo que me recordo, aquela foi a única ocasião na qual desejei que a burocracia de meu país aumentasse, em vez de diminuir!

“Mais dias, Senhor”, orei durante três noites seguidas, sem dormir. “Dê-me mais tempo. E, por favor, mostre-me o caminho a seguir.”

Preocupada, refleti por três dias até que uma ideia me veio à mente: eu tinha um aliado do lado de dentro — Bac Dong. Embora nunca tivéssemos conversado sobre política durante nossos longos e profundos diálogos, havia chegado o momento de pedir seu auxílio para escapar das garras apertadas de seus subordinados. Peguei papel e caneta e comecei a

escrever meu emocionado apelo: “Tenho apenas um pedido, que é estudar e, assim, criar um futuro para mim, a fim de que possa ter sucesso e viver livre”. Expliquei-lhe que, para tanto, eu precisava de espaço. Precisava de um tempo tranquilo sem distrações.

Decidi entregar a carta em mãos, para ter a certeza de que o pedido chegaria até Bac Dong.

Na manhã seguinte, um conhecido me contou que um oficial do baixo escalão de Hanói chegara à cidade de avião a fim de pegar um carro do governo e levá-lo de volta para a capital.

Entrei em contato com o oficial e, com ousadia, perguntei se poderia ir com ele.

— Não tenho dinheiro — expliquei —, mas tenho negócios importantes em Hanói.

Será que ele teria misericórdia de mim? No fim, ele aceitou levar não só a mim, mas também outros dois passageiros que eu não conhecia.

A viagem demorou a semana inteira. Só viajávamos durante o dia, quando o motorista conseguia enxergar bem e trafegar pelas estradas esburacadas pela guerra. O carro não tinha ar-condicionado e, por isso, quando a temperatura passava dos trinta e poucos graus, parávamos para nos assentar à sombra, molhar os pés em algum riacho próximo e recuperar o fôlego.

Durante as conversas à beira da estrada, eu era cordial, mas não revelei nenhum detalhe aos meus companheiros sobre o motivo da minha ida para a capital. “Quanto menos eles souberem, melhor!” Não queria colocar a vida deles em risco, nem sabotar minha missão. Também nunca soube qual foi a razão que os levou àquela jornada.

Mas me lembro muito bem das longas horas olhando pela janela do banco de trás do carro, contemplando o belo cenário da zona rural do Vietnã. Estivesse eu em quaisquer outras circunstâncias, teria me esquecido da vida ao ver aquelas colinas cobertas de flores roxas.



Uma hora depois de chegar a Hanói, entrei em contato com um dos auxiliares de Bac Dong, entreguei-lhe a carta e comuniquei sua urgência:

— Por favor, priorize isso.

No meio da tarde, recebi um convite para jantar na residência do primeiro-ministro. Meu pedido havia chegado a ele.

Cumprimentei Bac Dong com um forte abraço e perguntei como ele e a família estavam. Ele me convidou a sentar.

— Kim Phuc, quem a ajudou a escrever a carta que recebi?

— Ninguém! — respondi, dizendo a verdade. — Orei para saber o que dizer e então me esforcei sozinha para colocar cada palavra no papel.

Ele me fitou com orgulho paternal.



— Parabéns! Foi *muito* bem escrita, minha filha. Todos os membros da minha equipe que leram a carta choraram. Eu também chorei. E desejo ajudá-la, Phuc. Vamos dar um jeito.

Aguardei em Hanói por dez dias para receber uma resposta de Bac Dong. Que “jeito” ele conseguiria encontrar para mim? Como me ajudaria a realizar meu sonho?

A notícia da minha viagem para os Estados Unidos havia chegado aos reitores de várias universidades de Nova York. Pela imprensa, todos eles disseram que, se eu quisesse estudar em alguma delas, me receberiam sem cobrar nada. Como meu coração se alegrou com essa possibilidade! Se eu pudesse estudar de graça, viajaria alegremente para os Estados Unidos.

Quando Bac Dong enfim me chamou para revelar seu plano para meu futuro imediato, eu ainda estava empolgada.

— *Três* universidades! — exclamei radiante. — Será que deveria tentar estudar em alguma delas?

Mas Bac Dong era o supervisor de uma operação comunista, e me mandar para uma terra livre era uma vergonha que ele jamais conseguiria superar.

— Kim Phuc — disse ele, desconsiderando minha ideia com um movimento da mão —, já determinei uma maneira para você ir embora do Vietnã e continuar seus estudos.

Aquelas palavras me animaram. Eu iria *embora*? Embora do Vietnã de vez? Poderia ser estudante em tempo integral novamente? Meu sonho estava se tornando realidade?

— Seu voo partirá amanhã cedo. Você retomará os estudos em Cuba, minha filha.

Eu não fazia a menor ideia de onde ficava Cuba, mas, com base na informação de Bac Dong, era fora do Vietnã. Para falar a verdade, isso era tudo que eu precisava saber.

## NÃO HÁ NADA PARA MIM AQUI

### SETEMBRO DE 1986

Havia uma pessoa que eu precisava visitar antes de sair do país. Mamãe continuava morando em Trang Bang e, a despeito da grande distância emocional entre nós, eu precisava que ela soubesse de meus planos. Uma mãe sempre deve saber onde os filhos estão neste mundo.

Como já era de se esperar, eu a encontrei trabalhando no restaurante. Mamãe mal me viu e já foi perguntando:

— Decidiu voltar para o Cao Dai?

Seus olhos mal cruzaram com os meus.

Suponho que minha reação foi a prova de que certo nível de transformação cristã já havia criado raízes dentro de mim. Em vez de responder na mesma moeda, na defensiva ou com raiva, reagi com mansidão e lágrimas.

— Ah, mamãe — disse eu, praticamente sussurrando. — Não, mamãe, não.

Ela me fitou como quem diz: “Então por que você está aqui?”.

Em seu interior, mamãe abrigava uma fé bonita, digna de elogio. Era muito fácil para mim perceber isso. O único problema é que, desde seu nascimento, sua fé fora direcionada para o deus errado, o que também era evidente. Enquanto ela estava à minha frente, com as sobrancelhas franzidas e a consternação estampada no rosto, eu a enxerguei espiritualmente transformada, dedicando sua fidelidade a Jesus. Por um instante, consegui *ver* essa realidade. Sim, um dia isso aconteceria. “Como almejo essa paz para você, mamãe!”

Senti-me impulsionada a falar cautelosamente, medindo as palavras e cuidando do tom de voz.

— Mamãe — comecei, pensando em cada sílaba, cada expressão —, eu amo você. E sei que você me ama. Sei que a magoei profundamente quando deixei a fé de nossa família para seguir a Jesus. Entendo que você esteja muito brava, muito chateada. Eu sou sua filha! Carne da sua carne e sangue do seu sangue.

Mamãe estava ouvindo com grande interesse tudo aquilo que eu estava dizendo. “Pai, por favor, ajude-me a dizer palavras que sejam úteis. Por favor, não me permita magoar mamãe.” Continuei:

— Mamãe, durante todos aqueles anos de sofrimento profundo, com as queimaduras, as cicatrizes, a agonia, a dor, você teria feito qualquer coisa para que eu me sentisse melhor. Sei disso, mas tudo que você podia fazer era chorar. Você não era capaz de me dar alegria. Nem paz. Nem conforto para minha alma. A única coisa que você tinha condições de fazer era derramar lágrimas por mim e me oferecer o Cao Dai, que, no fim das contas, não me trouxe consolo algum. Mas, mãe, quando encontrei Jesus, a alegria e a paz que eu vinha buscando apareceram *de repente*. Senti-me consolada no mais fundo do meu ser. É só em Jesus que se pode achar paz verdadeira, mãe! Como eu poderia dar as costas a ele, depois de ter me dado algo tão essencial?

Mamãe não respondeu nada. Para ser franca, o que ela poderia dizer? Ela sabia que minhas palavras eram verdadeiras. Durante os piores dias — quando a dor era insuportável, quase não havia remédios disponíveis e nem todas as massagens do mundo conseguiriam acalmar minha pele enraivecida —, mamãe só podia me segurar e chorar comigo, mas não era capaz de fazer os problemas desaparecerem. Em Jesus eu chegara ao conhecimento de que todas as coisas realmente cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo seu propósito.<sup>18</sup> Muito embora eu não soubesse exatamente qual “bem” me aguardava, apenas o fato de saber que essa era a realidade próxima já era o suficiente para me ajudar a me manter firme.

“Jesus pode ajudar você, mamãe!” Era isso que eu queria gritar, mesmo sabendo que o chamado para aceitá-lo precisava vir de Deus, não de mim. “Ah, como ele a ajudará no instante em que você o convidar para entrar em sua vida!”

Eu sabia que, desde menina, mamãe tinha problemas com uma autoimagem fragilizada. Quando pequena, em vez de estudar, ela fazia sopa para vender às crianças que iam à escola. Mamãe ficava olhando para dentro da sala de aula por horas a fio, desesperada para aprender as letras, os números, as formas. Essa fragilidade poderia ser transformada em algo belo em Jesus. Em Deus, mamãe veria as reviravoltas da vida não como deturpações a serem desprezadas, mas sim como parte do caminho que a levaria diretamente para ele.

Parti de Trang Bang pensando em mamãe, em Jesus e em minha grande amiga Thuy, com quem eu perdera o contato enquanto estive na Rússia. Depois de voltar para o Vietnã, perguntei sobre Thuy e sua família. A maioria das pessoas a quem indaguei achava que eles haviam se mudado para a Bélgica.

Refleti nas lições de Thuy sobre a oração. “Quanto mais choramos, mais devemos orar”, ela costumava dizer. E como eu conhecia as lágrimas! Enquanto rios de tristeza desciam por meu rosto no caminho para Hanói, considere a veracidade da declaração de Thuy. “Sim, oramos mais em meio às lágrimas do que em meio ao riso.” Foi então que comecei a clamar a Deus para que salvasse minha mãe.

Naquela viagem de ônibus para Hanói, e em incontáveis ocasiões desde então, agradei a Deus por minha grande amiga Thuy. Ela era a demonstração do espírito manso que aspiro ter desde que a conheci. Thuy me ensinou o valor de atribuir paz a todas as situações. Ensinou-me a ouvir bem, a falar com cuidado, a orar com fidelidade e a suportar a dor com muita fé. Ensinou-me a receber de bom grado a sabedoria em vez de afastá-la e a considerá-la uma companheira todos os dias de minha vida.

Ainda hoje, ao escrever estas palavras, meus olhos se enchem de lágrimas. Que presente foi Thuy para mim! Um salva-vidas quando eu estava à deriva no mar. Ah, Thuy, se estas páginas chegarem a suas mãos, saiba que você é um verdadeiro tesouro. Quando eu não tinha ninguém mais a quem recorrer, você apareceu para mim e foi o amor, a sensatez e a luz. Que todos exerçamos o mesmo impacto na vida dos outros, atraindo-os a Jesus por nossa maneira de ouvir, aprender e amar.

---

**HAVANA, CUBA****ISTO É PROGRESSO?****OUTUBRO DE 1986**

Antes que se completassem minhas primeiras 24 horas em solo cubano, precisei ser levada às pressas para o hospital destinado a visitantes estrangeiros. Foi nessa ocasião que me dei conta de que, embora fosse moderado em comparação com o calor escaldante que tomava o Vietnã durante todo o ano, o clima de Havana era instável — e minhas cicatrizes protestaram imediatamente. Por ser uma ilha, Cuba fica à mercê dos caprichos do vento. E quão instáveis os ventos do Atlântico podem ser!

Eu não tinha certeza se queria fazer aquela troca: temperaturas mais amenas em Cuba em vez dos ventos previsíveis no Vietnã. Mas ali estava eu, começando um novo capítulo em uma nova cidade, com novas oportunidades à minha espera. Eu queria aproveitar ao máximo a situação — assim que conseguisse sair do hospital, claro.

As semanas que passei no hospital foram problemáticas por vários motivos, e um deles, nada insignificante, era o fato de eu não falar espanhol. Esse foi um grande choque para mim. Enquanto voava até Cuba, estudei o folheto com o mapa da rota aérea fornecido pela companhia e fiquei surpresa ao me dar conta de como estaria perto dos Estados Unidos. Naturalmente, presumi que os cubanos falassem inglês. Eu também não falava inglês muito bem, mas conhecia melhor esse idioma do que o espanhol. Agora, além de me readaptar ao ritmo de estudos, frequentar aulas e fazer provas, precisaria dominar um idioma totalmente diferente. E essas coisas só poderiam acontecer depois que eu recebesse alta do hospital.

Acima de tudo, meu desejo era que os oficiais da embaixada vietnamita que me receberam quando cheguei a Cuba não me vissem como uma causadora de problemas. E se eles

decidissem que eu não tinha condições de administrar essa nova vida e me mandassem de volta para o Vietnã? Eu não podia deixar que isso acontecesse. Precisava me recuperar, me fortalecer e me tornar mais resistente.

O único motivo que me levava a Havana tinha sido a oportunidade de conseguir a formação que eu tanto desejava. Contudo, não cheguei a participar de nenhuma aula antes de ser internada para observação e descanso. Se eu realmente almejava ter sucesso, não era aquele o caminho a seguir.

Embora Bac Dong tivesse me garantido que em Cuba eu estaria livre da opressão dos inspetores vietnamitas, um funcionário da embaixada chamado Hoa recebeu, logo de início, a incumbência de me visitar quase todos os dias no hospital, conferir como eu estava e conseguir detalhes para relatar a seus superiores. Eu temia que a vida naquele novo lugar caísse no mesmo padrão ao qual me acostumara em minha terra natal, uma rotina marcada por transtornos, abusos e falsos começos.

Quando finalmente recebi alta do hospital e me vi nas agitadas ruas de Havana, meu entusiasmo diminuiu. Hoa, a única pessoa fluente em vietnamita que eu conhecera até então, me levou até minha nova casa, um quarto pequeno compartilhado com outras sete moças. O quarto ficava no quarto andar de um prédio gigantesco, dividido em escritórios universitários e moradia para estudantes. Meu andar abrigava 24 meninas e dispunha de um banheiro para todas nós, no qual havia um chuveiro, um vaso sanitário e uma pia.

Por causa do racionamento que vigorava no país inteiro, só saía água da torneira uma hora por dia, e o horário nunca se mantinha o mesmo por dois dias seguidos. Torcíamos para que alguém do quarto andar estivesse em casa quando soasse o barulho da água passando pelos canos. Assim, essa pessoa poderia abrir a torneira e captar o máximo de água possível na grande cisterna de metal disponível no andar.

Era imprescindível acordar bem cedo para escovar os dentes ou lavar o rosto antes de a cisterna secar. Caso ninguém tivesse estado no andar na hora em que a água corresse pelos canos, minhas colegas de quarto e eu precisávamos descer com baldes até o primeiro andar — e até mesmo sair do prédio — a fim de pedir água para os moradores que viviam por perto e tinham água na torneira por mais tempo.

Duvido que, ao me enviar para Cuba, Bac Dong soubesse dessas condições e dos desafios que eu enfrentaria. Para mim, era obrigatório tomar banho todos os dias. As cicatrizes exigiam ser aliviadas. Eu ficava estressada o tempo inteiro, pensando: “Será que tem água na torneira? A cisterna está cheia? Meu balde está a postos? Será que alguém terá piedade de mim? Preciso tomar banho. Não tenho outra opção!”.

Essas pensamentos constantes eram um fardo pesado, mas não eram a parte mais difícil do meu tormento. Na última conversa que tive com Bac Dong, senti alívio ao pensar que, depois que fosse embora do Vietnã, conseguiria crescer espiritualmente. Eu conheceria a alegria de ser *transformada*. Presumi que teria mais tempo para fazer o que quisesse e que encontraria

uma igreja onde pudesse adorar a Deus. Todos os meus pressupostos estavam errados. Não havia igrejas cristãs em Cuba, nenhum fiel caloroso, de braços abertos, com quem pudesse aprender, servir e crescer. Só havia eu e a Bíblia que Thuy me dera. Isso precisaria bastar.

Para falar a verdade, durante os primeiros meses em Cuba, senti como se tivesse sido jogada à própria sorte em uma ilha deserta. Minha saúde não era boa, eu não tinha bons amigos e não estava gostando nem um pouco de estar ali. Imaginava todos os habitantes locais me olhando com pena, sussurrando: “Quem é essa estranha?”.



Todas as manhãs, ia para o instituto de idiomas no qual fora matriculada em um curso com duração prevista de um ano (eu *ainda* não estava em uma faculdade “de verdade”). Prestava o máximo de atenção possível, confiando que, com o tempo, entenderia o significado das palavras-chave — *escucha, trabajo, examen...* ouça, trabalho, prova — e a partir de então, quem sabe, decidiria o que fazer da vida. Mas não era um plano fácil de ser colocado em prática.

Entre um dia de estudo e outro, eu tentava dormir a quantidade de horas que meu corpo exigia para promover a cura das feridas, cuidava da minha higiene pessoal e me esforçava para estar no ponto de ônibus uma hora antes do início das aulas. Nos seis anos que permaneci em Cuba, nunca tive tempo para tomar o café da manhã.

As aulas iam até duas e meia da tarde; depois disso, meus colegas de classe e eu finalmente podíamos comer. E mesmo quando chegava esse momento, eu tinha dificuldade de engolir a comida. Substituir o gosto suave do arroz, dos legumes, das verduras e frutas frescas pela apimentada comida cubana foi um imenso choque. Ainda assim, fazia meu melhor, reconhecendo que era isso ou nada. E eu já tivera nada por muito tempo. “Vamos lá, barriga!”, eu encorajava meu estômago. “Você consegue fazer isso! Você *precisa* fazer isso por mim!”

As refeições eram poucas e esparsas, com porções cada vez menores à medida que os racionamentos estabelecidos pelo governo se tornavam mais e mais rígidos. Por isso, o esforço para pôr a comida apimentada no estômago só resolvia parte do problema. Eu sempre estava faminta, terrivelmente faminta.

Certo dia, uma colega de classe sugeriu que fôssemos a Havana propriamente dita e tomássemos sorvete na Coppelia. O nome da sorveteria era uma homenagem à célebre comédia de balé do século 19 e, por isso, o logotipo da loja mostrava a imagem de uma bailarina dançando. Era um dos lugares mais populares de Havana, e as pessoas esperavam horas na fila para ser atendidas. Conosco não foi diferente.

Quando chegamos ao balcão para fazer o pedido, eu estava com tanto calor e tão esfomeada que pedi dez bolas de sorvete. “*Si, me gustaría diez bolas de helado, por favor*”,

disse confiante, enquanto entregava os cinco pesos devidos. Escolhi chocolate, manga, nozes, baunilha, morango, creme maltado, abacaxi glacado, caramelo, goiaba e banana. Equilibrei com cuidado as pequenas tigelas de vidro em minha bandeja, tentando impedir que batessem uma na outra enquanto eu ia até a varanda onde minha colega de classe conseguira uma mesa. Ela ficou chocada ao me ver comer tudo aquilo em questão de minutos, algo muito tolo a se fazer. Para falar a verdade, foi quase fatal.

Antes daquele exagero de sorvete, eu havia comido muito pouco — nada no café da manhã, algumas garfadas de feijão e *tortilla* no almoço e quem sabe mais meio copo de feijão e algumas cebolas no jantar. Na manhã seguinte, depois de comer tanto açúcar e leite de uma vez, senti-me extremamente mal e precisei ser levada para o hospital. Naquela tarde, o médico me disse com toda clareza para não comer mais açúcar.

— Você tem diabetes — disse ele com expressão severa.

— Mas eu estava tão *faminta* — expliquei. Ao que ele respondeu:

— Faminta o suficiente para vir parar aqui?

Ah, ele tinha razão.

Por uma semana, fiquei internada em uma clínica onde enfermeiros monitoraram minha glicose e nutricionistas me instruíram acerca de como administrar a tal *diabetes*, que eu não sabia que tinha.

— Você precisa de proteína animal! — lembro de ouvi-los dizer diversas vezes.

Não contei por quanto tempo fui vegetariana estrita. Essa verdade teria causado muitos estragos.

Em vez disso, apenas fiz o que me disseram: passei a tomar um comprimido por dia e a incorporar carne à alimentação sempre que possível. E nunca mais olhei em direção à Coppelia.



Em Cuba, o governo tinha duas prioridades: educação e saúde. Isso significa que tanto a universidade quanto os cuidados hospitalares eram gratuitos. Uma vez que alguém tivesse recebido tais benefícios, não havia nenhum outro tipo de ajuda disponível. Por muito tempo, a União Soviética e vários países do Bloco Oriental contribuíram para a economia de Cuba, mas, depois da queda da União Soviética, esse apoio financeiro se esgotou rapidamente. Cuba não tinha mais condições de custear o bem-estar da própria sociedade. A degradação era uma questão de tempo. Pouco tempo.

Os turistas que visitavam a ilha desfrutavam todas as conveniências modernas, mas, para nós que chamávamos aquele país de lar, a existência era, no máximo, miserável e desesperadora. Não havia garantia de água nem de luz, a comida sofria tributações que tornavam o preço fora de nosso alcance, as estradas carentes de reparos nunca eram



consertadas, e a gasolina para os ônibus que nos levavam até a faculdade se esgotava de uma hora para outra.

Lembro-me distintamente de quando Fidel Castro encomendou milhares de bicicletas para que os estudantes se deslocassem até a escola, quando muitos dos ônibus pararam de circular. Esse gesto pode até parecer um nobre esforço, mas nenhum de meus colegas de classe sabia andar de bicicleta. Por isso, com frequência, um estudante caía da bicicleta no meio do trânsito e morria ali mesmo. Quando havia ônibus disponível, era superlotado. Algumas pessoas simplesmente pulavam na lateral do veículo enquanto ele arrancava e se seguravam como podiam enquanto o ônibus sacolejava para todos os lados em meio às ruas abarrotadas.



Pode soar difícil de acreditar, mas acabei me sentindo mais controlada e manipulada em Cuba do que no Vietnã. É certo que ali menos pessoas sabiam quem eu era, as coisas que havia enfrentado ou por que minha história era relevante para a imprensa, mas eu ainda precisava relatar para a embaixada vietnamita tudo que fazia diariamente.

— Aonde você foi hoje? — Hoa me perguntava todas as tardes.

— Para a aula — eu respondia sempre, na expectativa de que nosso diálogo fosse breve.

— Até amanhã então — Hoa dizia, inexpressivo.

“Um dia, não haverá ‘amanhã’”, era o que eu queria dizer para Hoa, determinada em me livrar de seu controle, mesmo que jamais, de maneira alguma, tivesse coragem de verbalizar esse pensamento. O que Thuy havia me ensinado? “Deixe a sabedoria ser sua amiga.”

Quando relembro o tempo que passei em Cuba, me vem à mente a imagem de um pássaro que sai de uma gaiola só para pousar em outra. Certa vez, sentei-me na minúscula sacada do prédio do dormitório e, tendo nas mãos minha Bíblia de páginas gastas, reli o relato dos sofrimentos do meu amigo, o apóstolo Paulo.

Enquanto o sol mergulhava no profundo abismo, olhei para as águas lá embaixo e chorei. Aquela cena maravilhosa, que deveria ser tão impressionante, não me chamava a atenção, pelo simples fato de eu ainda estar vivendo dentro da gaiola comunista. Durante os anos que passei em Cuba, vi alunos pulando daquela mesma sacada para as águas lá embaixo, vencidos pelo desespero. Que fim trágico para a vida! Como esse desfecho deve entristecer o coração de Deus! “Não, Kim”, eu dizia para mim mesma em meio aos soluços. “Você não vai desistir desta vida. Deve haver algo melhor.”

Eu já estivera naquela situação e encontrara algo melhor. Eu simplesmente precisava escolher Deus em todo momento.



Ao longo dos seis anos que vivi em Havana, eu era diariamente desafiada quase ao ponto de desanimar. Mas tomei a resolução de escolher Deus. Isso significava aproveitar cada momento livre para ler as Escrituras, permitindo que ele colocasse sua lei dentro do meu coração.<sup>19</sup> Embora nenhuma circunstância mudasse, eu era completamente renovada quando me sentava com a Bíblia e permitia que sua verdade penetrasse minhas defesas dilatadas. Enquanto relaxava os ombros, diminuía o ritmo da respiração e descerrava os punhos, antecipando a mesma alegria inocente que tomava conta de mim ao ler *O rei macaco* quando criança. A paz que comecei a descobrir me preservou do desespero absoluto. Enquanto morei em Cuba, as situações terríveis que enfrentei me ensinaram a confiar mais plenamente em Deus e a obedecer-lhe. Eu lia e relia a explicação do apóstolo Paulo sobre como ele havia se condicionado a estar contente com tudo aquilo que tivesse ou deixasse de ter.<sup>20</sup>

“Pai”, eu orava em meio às lágrimas, “por favor, ensina-me a ser contente como Paulo. Ensina-me esse segredo especial de viver de tal modo que não me deixe levar pelo desespero.”

Não demorou muito e as pessoas começaram a me chamar de “a garota que está sempre sorrindo!”. Era mais uma prova de que algo sobrenatural estava acontecendo. A liberdade que eu encontrara não era algo que o mundo conseguisse identificar — liberdade do comunismo, da opressão, da dor. Mas por dentro, na minha alma, eu descobrira um tipo de contentamento que pouco se importa com as circunstâncias exteriores.

Uma das passagens bíblicas que sempre me consolou quando eu me sentia muito desanimada é a lista de bem-aventuranças que Jesus proclamou aos seus discípulos no Sermão do Monte. Ali, ele diz: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados”.<sup>21</sup> Eu colocava o dedo debaixo dessas frases, perguntando-me se tais palavras seriam mesmo verdadeiras. “Se eu buscar seus caminhos, Deus, o Senhor realmente saciará a fome que há em mim?”

Qual era a minha fome naquela época? Aquilo que todos nós desejamos, suponho: segurança e tranquilidade; provisão e paz inabalável; esperança nos momentos mais silenciosos; sensação de ter uma família, mesmo longe de casa. Em algum momento do meu primeiro ano em Havana, as bênçãos de Deus em minha vida mudaram de assustadores saltos de fé para dádivas visíveis e tangíveis. A principal delas foi o convite de mudar do dormitório universitário para uma casa tranquila, estilo apartamento, no lado oeste de Havana, bem mais perto do instituto de línguas, onde eu estudaria por mais cinco meses.



Foi meu professor de espanhol quem percebeu claramente que os desafios da moradia no *campus* não eram nada fáceis para mim, dada a minha condição de saúde. Com milhares de alunos morando em um bloco superlotado de dormitórios, o cenário sempre era agitado,

caótico e barulhento. Por isso, quando uma aluna desocupou um dos quartos da casa no oeste de Havana, fui incentivada a pegar o lugar dela. Eu sempre disporia de água, poderia usar o chuveiro sempre que minha pele irritada necessitasse e me afastaria do barulho da vida no dormitório.

Ao lado da residência, ficava um pequeno dormitório com cerca de cem alunos. Os oficiais da universidade me disseram que eu poderia fazer as refeições com aqueles residentes sempre que quisesse. No primeiro dia naquele refeitório, conheci outra aluna do instituto de línguas, Yami Diaz, uma cubana que estudava alemão na esperança de um dia conseguir emprego na Alemanha. Yami e eu logo nos tornamos amigas, uma mudança muito bem-vinda do isolamento que eu sentia havia tanto tempo. Logo ela começou a me convidar para ir à sua casa nos fins de semana e a passar tempo com seus pais.

Após algumas semanas de visitas, os pais de Yami disseram que eu podia chamá-los de *mami* e *papi*, mamãe e papai. Fazia meses desde que eu recebera uma carta dos meus pais, por isso o gesto de Nuria e Manuel Diaz foi extremamente significativo para mim. Pouco tempo depois, quando recebi uma carta de papai dando notícias do que tinha acontecido nos últimos tempos, pude sentir a distância que havia entre nós. Eu magoara meus pais tão profundamente ao deixar a religião de nossa família que temia que, no futuro, aquele casal cubano se tornasse os únicos pais que eu poderia chamar de meus.

De maneira muito prática, *mami* e *papi* eram Jesus em carne e osso para mim. Até hoje não sei ao certo qual era a condição espiritual deles. Mas, no que diz respeito a me aceitar como eu era e a promover meu crescimento e desenvolvimento para que eu manifestasse todo o meu potencial, eles me amaram tanto quanto é possível: todas aquelas noites com a família inteira reunida, enquanto *papi* bondosamente aplicava creme em minhas cicatrizes; todas as longas conversas com *mami* sobre rapazes e casamento; todas aquelas idas e vindas da escola com Yami, apreciando juntas as alegrias da jovialidade feminina. A família Diaz fez mais do que me aceitar: eles me abraçaram, cercaram-me de cuidados. E, como eles me valorizavam tanto, senti-me compelida a começar a me valorizar também.

Meus caminhos se distanciaram dos de Yami ao fim do ano letivo no instituto de línguas, mas carrego até hoje a marca de sua família em minha vida e em meu coração. Aliás, foi somente pela influência deles, lá no final da década de 1980, que desenvolvi em mim maior capacidade de correr atrás de meus sonhos. Sem dúvida, àquela altura, eu já havia decidido que uma carreira em medicina demandaria uma jornada de estudos rigorosa demais — havia sido esse o motivo de eu ter escolhido me formar em inglês. Mas então comecei a pensar: “Quem sabe eu possa encontrar um meio-termo, algo que ainda ajude as pessoas em questões de saúde, mas que não me sobrecarregue tanto. Farmácia!”. Eu não supervisionaria diagnósticos, cirurgias, intervenções, nem terapias, mas pelo menos seria capaz de prover remédios para aliviar a dor dos enfermos. Essa alteração de rumo significou uma mudança de

volta à moradia universitária, mas imaginei que valeria a pena perseguir uma carreira significativa para minha vida.

Assim, em outubro de 1988, peguei minhas coisas e voltei para o coração de Havana, animada para entrar na faculdade com todo o ímpeto, pronta para estudar e aprender.



É claro que voltar para o dormitório estudantil tinha seus pontos negativos. Por exemplo, as quedas de energia eram frequentes e, nessas ocasiões, não havia água encanada em nenhuma hora do dia. Todos os residentes, inclusive eu, precisavam levar o próprio balde para o piso térreo e enchê-lo com um gerador de emergência que bombeava água. Esse longo e laborioso processo se tornava ainda mais difícil pelo fato de, sem eletricidade, os elevadores não funcionarem. Para mim, a falta de elevador significava percorrer seis lances de escada equilibrando um balde pesado de água. Por causa das cicatrizes, todo o lado esquerdo do meu corpo era fraco, e era difícil demais para minha coluna colocar toda a força no lado direito. Eu deveria ter previsto a insensatez de decidir fazer aquilo, mas era jovem e acreditava que estava à altura da tarefa.

Infelizmente, essa não era a realidade.

Algumas horas depois, estava em um leito de hospital de novo, contorcendo-me de dor. De repente, o responsável por supervisionar os estudantes vietnamitas em minha universidade apareceu para fazer uma visita “de cortesia”, segundo ele.

— Da próxima vez que você precisar subir os seis lances de escada com água — disse ele com sinceridade e gentileza nos olhos —, um auxiliar estará presente para ajudá-la.

Eu era a única mulher vietnamita que estudava na universidade, então não sei se a motivação daquele homem foi pena ou cavalheirismo, mas, logo em seguida, quatro rapazes vietnamitas que estudavam ali, todos eles do Norte, foram reunidos e informados de que, a partir daquele dia, fariam rodízio como meus auxiliares, sempre disponíveis para atender às minhas necessidades. Todos os dias, quando as aulas terminavam, eu encontrava um deles me esperando a fim de carregar água para mim, levar-me de carro a algum lugar ou apenas me fazer companhia. Que presente isso foi para mim!

No quarto dia desse acordo, depois de uma manhã de aulas, entrei no *comedor* em meu prédio, escolhi arroz e feijão e, quando me virei para encontrar um lugar, notei um jovem vietnamita muito bonito sentado em uma mesa próxima. “Ah, esse deve ser o quarto rapaz do rodízio”, pensei, aproximando-me e pedindo permissão para sentar.

— *Vâng, xin!* — ele respondeu, com os olhos brilhando. — “Sim, por favor!” — E se levantou para puxar minha cadeira.

Percebi, pelo sotaque, que ele vinha do Norte, e isso confirmou que fora designado para me ajudar. Mas, desde o momento em que nos apresentamos, eu o considerei um amigo, não um

auxiliar.

— Kim Phuc! — ele dissera radiante. — Que prazer conhecer você! Eu sou o Toan.

Toan tinha um charme irresistível e não conhecia pretensão, nem orgulho. Era alguém que amava a vida, era gentil, tinha um grande coração, sempre fazendo perguntas altruístas e observações generosas.

— Como seu sorriso é bonito! — ele me disse naqueles primeiros momentos juntos. Então ele riu e eu também. Quem se importava com o fato de Toan ser do Norte? Para mim, a única coisa importante era que ele estava ali, à minha frente, naquele momento.

Toan e eu conversamos sobre a saudade que sentíamos do Vietnã, mesmo que nenhum de nós gostasse do que estava acontecendo com nossa terra.

— Bem, pelo menos agora temos um ao outro — comentou. — Vou ajudá-la de todas as formas que puder.

Toan se ofereceu para carregar minha bandeja após aquele almoço inocente, e eu deixei. Fiquei na esperança de que aquele fosse o primeiro de um milhão de gestos de bondade que eu desfrutaria ao longo dos anos seguintes.

A partir daquela tarde, Toan e eu passamos a nos ver quase todos os dias por quatro anos. Foi assim que pude conhecer seu caráter louvável e me sentir atraída por isso.

— Minha família também sofreu muito durante a guerra — ele me explicou durante uma das centenas de caminhadas que fizemos pela cidade. — É por isso que os estudos são tão importantes para mim. São a minha única oportunidade de sair da pobreza que conheço tão bem.

Toan já havia terminado o bacharelado em inglês e tinha sido convidado pela universidade para fazer mestrado em programação de computadores, por causa de suas ótimas notas e seu trabalho diligente.

— É assim que vejo meus estudos também — contei-lhe em seguida. — Mas minha experiência com esse assunto... é complicada.

Ao longo de muitas semanas, nossas conversas só se aprofundaram, até que tudo ficou bem claro para nós: sim, Toan e eu éramos ótimos amigos, mas também estávamos nos apaixonando um pelo outro. Certa tarde, ele se aproximou com notícias inesperadas:

— Uma mulher da minha região de origem está em Hanói, esperando meu retorno da universidade, para que possamos nos casar.

Fiquei chocada.

Quando me dei conta das palavras de Toan, todos os antigos temores retornaram. “Você é diferente, Kim. Não é digna de ser amada. Suas cicatrizes... elas são sua maldição. Você nunca encontrará amor. Nunca vai se casar. Sempre ficará sozinha.” Da mesma maneira que uma vítima de trauma bloqueia as recordações desagradáveis, não consigo lembrar qual foi minha resposta para Toan. “Meu primeiro amor de verdade se foi.” O que havia para dizer?

— Kim, *Kim!* — disse Toan, me fazendo acordar e sair daquela vertiginosa queda de dor e autocomiseração. — Você não está entendendo! Estou lhe contando isso apenas para explicar por que eu escrevi uma carta para ela esta semana. Eu lhe contei sobre você, Kim... e sobre nós. Eu a informei de que já não havia nada entre mim e ela.

— Oh, Toan! — exclamei radiante. — Você é meu amor, meu verdadeiro amor.

Eu amava Toan profundamente, mas ainda assim precisava admitir para mim mesma que as coisas não eram perfeitas entre nós. Ele bebia, fumava e desconsiderava abertamente as coisas de Deus, e isso me fez recusar seu primeiro pedido de casamento.

— Kim — ele me dizia —, não consigo acreditar que essa mulher virgem teve um filho e que esse filho era Deus. Isso é impossível!

Ou então:

— Kim, se esse Jesus podia salvar as pessoas, então por que ele não se salvou quando estava pendurado na cruz?

Ou ainda:

— Kim, você e suas histórias da Bíblia. Por favor, pare com isso.

Eu só balançava a cabeça desapontada, pensando: “Sim, já estive nesse barco também!”.

Havia ainda a notória falta de resposta de meus pais depois que Toan lhes enviou uma carta, abrindo o coração. “Kim e eu gostaríamos de nos tornar marido e mulher”, ele escrevera. “Poderiam nos dar sua bênção para essa união?”

— Você é do Norte — eu o lembrava, tentando explicar o silêncio de meus pais a esse respeito. — Receber alguém do Vietnã do Norte em nossa parentela violaria tudo que uma família vietnamita do sul defende.

— Mas para você não há problema em eu ser do Norte, não é? — Toan me perguntava, mesmo sabendo muito bem qual era minha resposta.

— É só geografia — respondi pela centésima vez.

Sem dúvida, parte da minha tranquilidade em relação à divisão geográfica que definira minha infância se atribui ao provérbio ocidental: “Longe dos olhos, longe do coração”. Quando pequena, eu era lembrada incessantemente: “Você é do Sul. Nosso inimigo vem do Norte”. Já fazia um tempo que eu estava em Cuba, onde simplesmente não se via nenhuma linha divisória. Por algum tempo, eu vinha observando Toan com seus amigos vietnamitas do Norte na faculdade, e todos eles fizeram amizade comigo, me receberam de braços abertos. Da mesma maneira que alguém natural do norte dos Estados Unidos pode achar atraente o sotaque dos estados do sul do país, por exemplo, Toan ficava encantado com meu dialeto, que é mais brando e suave que o dele.

— É como se você estivesse cantando toda vez que fala — ele costumava me dizer.

Levando em conta o afastamento de meus familiares no Vietnã, eu precisava construir uma nova família. E, a despeito das minhas reservas em relação ao estilo de vida de Toan, era com ele que eu queria começar essa família. Ainda assim, hesitava.



Certa noite, no final de agosto de 1992, enquanto Toan e eu estávamos relaxando com nosso círculo de amigos, o assunto do casamento surgiu mais uma vez e o grupo me deu um ultimato: eu tinha três dias para decidir se me casaria com Toan. Concordei em orar por isso.

Ao longo dos três dias seguintes, foi exatamente o que fiz. Minhas orações eram fervorosas, semelhantes às que fizera um mês antes, quando implorei a Deus que abrisse uma porta para que eu saísse definitivamente de Cuba. Em uma atitude ousada, perguntei ao embaixador do Vietnã se eu podia passar três semanas em férias no México e recebi permissão. “A liberdade nunca estará tão próxima”, pensei. “É só cruzar a fronteira para os Estados Unidos.”

Mas meus planos não eram os planos de Deus. Fui mais controlada pelos inspetores no México do que em Cuba. Por mais que tenha orado pedindo um meio de escapar, nada se materializou. Sim, fiquei decepcionada, mas jamais questioneei a sabedoria de Deus. Nunca perguntei por que ele não deu um jeito. Enquanto eu caminhava pela fé, ele estava unindo as peças. E faltava uma grande peça, que me esperava em Cuba: o querido Toan.

Agora, enquanto orava para saber se meu futuro o incluiria, pedi a Deus que guiasse meu coração e me desse paz acerca dessa importante decisão. Três dias depois, eu sabia qual seria minha resposta.

— Sim — eu disse a Toan depois que ele me pediu em casamento pela segunda vez. — Minha resposta, Toan, é *sim*.



Com a decisão tomada, nossos amigos celebraram partindo imediatamente para a ação, organizando todos os detalhes do casamento que aconteceria dentro de dez dias. Uma amiga encontrou um belo vestido para mim e outra cuidou de achar um terno para Toan. As flores, a decoração e a comida foram providenciadas. Antes de terminar meu segundo ano de estudos na Universidade de Havana, Bui Huy Toan e eu, com alianças emprestadas, trocamos votos nupciais perante um grande grupo de amigos da faculdade, na casa do embaixador vietnamita em Cuba. Nenhum de nossos familiares estava presente, por isso, durante a cerimônia tradicional, o embaixador representou a família de Toan, e o militar de mais alta patente representou meus parentes. Apesar da chuva torrencial que caiu a tarde inteira, aquele foi o dia mais bonito da minha vida.

Nós pertencíamos a mundos diferentes: ele, do Vietnã do Norte, eu, do Sul; ele, da religião política do comunismo, eu, uma seguidora devota de Jesus Cristo. Mas a sensibilidade que ele demonstrava pela dor que eu sofria e o amor altruísta que me envolvia todos os dias me faziam saber que ele era o homem certo para mim.

“Mas, Toan!”, a família dele protestou por carta em resposta à novidade. “Por que você quer se casar com uma moça queimada e deficiente, se há tantas mulheres fortes e bonitas para escolher?”

Ele respondeu sem entrar na defensiva: “Por que é a Kim Phuc que eu adoro”.

De fato, eu me sentia exatamente assim: adorada. O dia do casamento foi a primeira vez que meus lábios tocaram os de Toan. Durante nosso namoro, eu ansiava por pureza, mas não somente por motivos espirituais, embora sem dúvida isso contasse muito. As razões emocionais pesavam muito mais: eu *morria de medo*. Morria de medo do que Toan pensaria quando visse minha pele nua. Morria de medo de qual seria a sensação que eu teria quando seu toque encontrasse minhas cicatrizes. Morria de medo da rejeição que, em meu coração, eu sabia que ocorreria. Por isso, mesmo depois de meses do início do nosso namoro, ele só segurava minha mão, beijava minha bochecha e se perdia em meu largo sorriso. À medida que as coisas progrediram da inocência da amizade para uma intimidade que nenhum de nós dois era capaz de negar, eu lhe mostrei todo o meu braço esquerdo. Não permiti que ele tocasse a pele, apenas que a visse. Ainda assim, ao desnudar minhas cicatrizes para ele, estava dizendo: “Eu confio em você, Toan. Eu o amo. E essa sou eu”.

Toan entendia tudo isso. Compreendia a seriedade daquilo que eu estava lhe mostrando. E permitiu que aquela escassa proximidade bastasse.

Eu sabia que Jesus havia sofrido demais durante sua vida terrena. O fato de ele poder simpatizar com nossas dores foi uma das verdades mais profundas que vi refletida no modo como Toan me aceitava por completo, com minhas fraquezas e tudo o mais. Certa vez, muitos meses depois de haveremos nos casado, ele me disse:

— Quanto mais toco suas cicatrizes, mais eu a amo. Em suas cicatrizes, vejo seu sofrimento. E sei que ambos são profundos.

Sei que minha jornada tortuosa e difícil até Cuba teve o propósito de que eu conhecesse Toan e me casasse com ele. De acordo com a tradição vietnamita, chover no dia do casamento significa boa sorte, superstição que, em nosso caso, se provou verdadeira. Até hoje, considero que a decisão de me casar com Toan foi a segunda melhor escolha que já fiz na vida, atrás somente da decisão de seguir a Cristo.

No momento em que me casei com meu esposo, eu lhe disse: “Eu te amo tanto, Toan!”. E não parei de falar isso desde aquele dia. Ele sempre ri, suspira e diz com o coração repleto: “Obrigado, Kim!”. Então, alguns segundos depois, acrescenta: “Eu também te amo”.

Por causa das restrições que a embaixada impunha sobre nós, o destino de nossa lua de mel precisava ser um país comunista. Não queríamos voltar para o Vietnã, com medo de que nunca mais conseguíssemos sair. Ficar em Cuba não nos chamava a atenção. O Oriente Médio não tinha nenhum atrativo para nós. Por isso, por eliminação, escolhemos a Rússia.

Uma das lembranças mais engraçadas que tenho desse período de deliberação foi ouvir o supervisor estudantil responsável por nossos planos universitários dizer:



— Toan pode viajar para Moscou, mas você, Kim Phuc, precisa ficar aqui. Você já saiu do país este ano quando foi ao México. Não pode partir de novo.

— Você espera que meu marido vá para a lua de mel *sozinho*? — perguntei, quase caindo na risada.

O supervisor estudantil, reavaliando sua declaração à luz de minha incredulidade, passou os dedos pelo cabelo e, sem nem me olhar nos olhos, respondeu:

— Tudo bem! Podem ir os dois.

O que eu esperava, embora não tivesse certeza, era que minha partida com Toan para a Rússia fosse uma viagem somente de ida. Se tudo ocorresse conforme eu esperava, Toan e eu nunca mais moraríamos em Cuba.

Parte III

---

# **A PAZ TÃO PROCURADA**

---

AEROPORTO INTERNACIONAL DE GANDER,  
NEWFOUNDLAND, CANADÁ

**FIM DA LUA DE MEL**

**OUTUBRO DE 1992**

Eu era uma mulher de 29 anos, de mãos dadas com Toan, meu marido havia três semanas. Eu havia provado que meu destino estava errado: a terrível previsão que minha própria mãe fizera — de que minhas cicatrizes eram uma sentença de morte, as quais me impediriam de me casar — não se concretizara. “Veja, mamãe!”, eu queria gritar. “Veja! Eu encontrei amor verdadeiro!”

*Amor verdadeiro.* Quantas dificuldades eu havia superado para chegar àquela condição de aceitação e cuidado íntimo. Sim, Toan e eu fomos feitos um para o outro. Disso eu tinha certeza. A única dúvida que restava era se Toan concordaria comigo depois que eu lhe confidenciasse meu plano, a ideia que logo precisaria ser compartilhada.

Moscou não era o destino mais charmoso para uma lua de mel, mas disso nós já sabíamos. O que nos incomodava não eram apenas o clima gelado e a nuvem do comunismo, mas também o “pequeno” detalhe de que Toan e eu nunca ficávamos sozinhos. A cada esquina — no hotel, durante os passeios, em todos os jantares — inspetores da embaixada vietnamita na Rússia estavam presentes, monitorando sílaba por sílaba do que proferíamos. Além disso, durante cada um dos dezesseis dias de nossa permanência no país, tínhamos de nos apresentar à embaixada à noite, para informar quais eram os planos para o dia seguinte. Eu não me surpreenderia nem um pouco se ficasse sabendo que até nosso quarto de hotel era vigiado. Toan e eu nos comportávamos como se isso de fato ocorresse, pois agir de qualquer outra maneira equivaleria a correr um risco grande demais.

— É por isso que precisamos nos esforçar ao máximo para nos formar — Toan sussurrou para mim. — O término dos estudos universitários é nossa única esperança.

Eu reconhecia a sensatez do que ele dizia, mesmo que não combinasse com o que estava em meus planos.

Eu ouvira rumores de estudantes cubanos que iam cursar um semestre na Europa e nunca voltavam; em vez disso, desertavam para o Canadá. “Talvez esse plano dê certo para Toan e para mim”, pensei comigo, ao descobrir que passaríamos a lua de mel em uma terra distante. No entanto, sempre que tentava falar do assunto com Toan durante a viagem — enquanto estávamos em um *tour* demorado na Praça Vermelha; enquanto jantávamos juntos apreciando grandes pratos repletos de estrogonofe bem cremoso; enquanto caminhávamos pelos *shoppings* de Moscou —, percebi que meu esposo não tinha vontade nenhuma de desertar.

— E se simplesmente ficássemos no Canadá? — sussurrei para Toan, enquanto ele segurava as calças *jeans* e os rádios tipo *walkman* que planejava vender em Cuba. — Como você acha que seria?

Toan não respondeu com palavras, mas sim com uma grande risada. Aquilo deveria me dizer tudo que eu precisava saber. Decidi ficar em silêncio. Pelo menos até que estivéssemos a caminho de casa.

Em uma tarde aparentemente comum, Toan e eu embarcamos no avião que nos levaria de Moscou a Havana. Eu sabia que teríamos sete horas e meia de viagem antes de descer para abastecer no Aeroporto Internacional de Gander, em Newfoundland, Canadá. Faríamos uma pausa rápida para depois percorrer o trecho final da viagem. Durante o longo voo, abordei cuidadosamente o assunto com Toan mais uma vez: eu não suportaria continuar vivendo em cativeiro; desertar era meu plano. Não tinha certeza de quem eram as pessoas sentadas ao nosso redor ou para quem elas trabalhavam. Por isso, em nenhum momento levantei a voz além de um murmúrio nos ouvidos de Toan.

— Eu não vou voltar para Cuba. Se você realmente precisa ir, entendo, mas eu não posso ir junto.

Achei que meu marido ia desmaiar no assento. Semanas antes, eu lhe havia prometido lealdade absoluta e amor eterno e, agora, conseguia perceber o choque e a perplexidade que ele sentia acerca de minha aparente infidelidade. Eu era a única pessoa que ele aprendera a amar mais que qualquer outra no mundo. E, ainda assim, eu estava escolhendo a minha liberdade em detrimento dele.

— Nós *precisamos* voltar para Cuba — ele me disse, boquiaberto em descrença. — Nós *moramos* lá. Todas as nossas coisas estão lá.

Sim, todas as nossas posses estavam em Havana ou, no máximo, no avião. Enquanto Toan fazia compras na Rússia, ele havia insistido em comprar muitas coisas caras. Como eu já estava elaborando esse plano, tentei dissuadi-lo das compras, dizendo que quase não

tínhamos espaço no novo apartamento para guardá-las. Mas meu argumento não o convenceu. Sentia-me mal por ele ter desperdiçado todo aquele dinheiro, sobretudo ao levar em conta como tínhamos poucos recursos.

— Toan, desculpe-me por ter deixado você desperdiçar todo aquele dinheiro em eletrônicos, roupas e bugigangas, mas minha decisão está tomada.

— *Dinheiro*, Kim? Perder dinheiro é a menor das minhas preocupações! Como posso suportar a ideia de perder *você*?

À medida que absorvia o peso de minhas palavras, Toan tentou um último argumento.

— Pense em minha família, Kim! E na sua também.

Ele tinha a certeza de que eu não estava falando a sério, dado que minha decisão implicaria colocar em risco não só a nossa vida, mas também a de nossos familiares no Vietnã, que certamente seriam punidos por nosso “erro”. Não podíamos simplesmente *desertar*.

— Sim, eu sei, Toan — sussurrei em resposta. — Mas também estou pensando na *nossa* família, nos filhos que *nós* teremos um dia. Você sabe o quanto sofri. Não quero que eles sofram também.



Em Gander, todos os passageiros do nosso voo desceram do avião. Conforme instruídos pelos comissários de bordo, Toan e eu deixamos nossos pertences na aeronave, com exceção da minha bolsa de mão. Entramos no terminal internacional e encontramos assentos junto a um portão próximo. Eu tinha tanta certeza do meu plano que quase esperava que alguém se aproximasse, colocasse a mão em meu ombro e silenciosamente se oferecesse para ajudar, mas isso não aconteceu.

Não podia ficar ali parada, então disse a Toan que iria ao banheiro e voltaria logo. Andei pelo terminal e acabei indo ao toalete. Escondi-me trancada ali dentro, tentando me acalmar e pensar no que faria em seguida. Eu tinha visto policiais canadenses nos corredores e queria falar algo, mas não sabia se podia confiar neles. Quando saí do banheiro, olhei para um dos relógios do terminal. Faltavam apenas 25 minutos para voltarmos a entrar no avião.

Comecei a entrar em pânico, então ouvi uma voz suave dizer: “Ore, Kim”.

Com os olhos fechados, sussurrei: “Querido Senhor, preciso da sua ajuda. Quero ficar no Canadá. Mostre-me como fazer isso”.

Quando abri os olhos, vi uma porta que eu não tinha notado antes. Nela havia uma pequena janela por onde identifiquei sete passageiros do nosso voo: um homem cubano e a filha, uma família cubana de três pessoas e dois universitários cubanos. Eles estavam no corredor a que a porta dava acesso.

Meu coração começou a acelerar. “Eles estão planejando desertar!” Eu *sabia* que era isso. Abri a porta e, quando lhes perguntei em espanhol o que estavam fazendo, eles confirmaram

minhas suspeitas. E me explicaram exatamente o que eu precisava fazer em seguida.

Animada por aquilo que parecia um caminho claro para a fuga, voltei para a área de espera e logo encontrei Toan.

— Por favor, entregue-me seu passaporte — disse, fazendo um pedido que eu sabia ser bem difícil.

Assim que nossos passaportes fossem entregues aos oficiais, a deserção estaria encaminhada e não haveria como voltar atrás. O olhar de meu marido demonstrava a clara compreensão desse fato. Ainda assim, o preço ficava cada vez mais alto à medida que os segundos se passavam. Mas Toan se rendeu. Com sobriedade na voz, respondeu baixinho:

— Ok.

Anos depois, Toan me explicou que, em meio àquela situação inacreditável em que eu o colocara, ele tivera um vislumbre, um método para navegar em meio a águas tão traiçoeiras. “Faça o que ela disser”, foi a ideia. “Faça o que for preciso *para não perder essa mulher*.”

Não sei se essa ideia foi fruto de amor verdadeiro ou de insanidade total, mas felizmente meu marido concordou em ir comigo.

Toan pode até ter se surpreendido com a própria reação, mas eu não fiquei nada surpresa. Desde que nos conhecemos pela primeira vez, ele tomou a resolução de ser fiel a mim, mesmo quando eu ainda não tinha certeza se podia confiar nele por completo. Eu é que estava sendo infiel quando o forcei a escolher entre mim e a vida que ele conhecia e amava.

Ah, Toan, lamento por tê-lo colocado em uma situação tão difícil!

Muito obrigada, Toan, por me escolher — mais uma vez.

Quando chegou a hora de entrar novamente no avião rumo a Havana, meu Toan e eu estávamos seguros em outra sala de espera, com uma janela que dava vista para a pista. De mãos dadas, observamos a fila de passageiros subir os degraus e entrar em nosso avião, prontos para voar até Cuba.

Toan e eu trocamos um olhar revelador, e não pude deixar de sorrir. As primeiras palavras do agente alfandegário quando lhe entreguei nossos passaportes não paravam de se repetir em minha mente:

— Bem-vindos ao Canadá.

---

GANDER, NEWFOUNDLAND, CANADÁ

## MILAGRE SOBRE MILAGRE

### OUTUBRO DE 1992

O que Toan e eu não sabíamos era que nossa deserção coincidia com o breve período na história do Canadá em que o governo cumpria uma ordem de diversificar a população do país. Por meses, todos os refugiados internacionais foram recebidos de braços abertos, a despeito do motivo que os levara a desertar. Depois de dizer ao agente dentro da sala que não queríamos voltar para Havana, ele nos fez somente três perguntas: 1) Qual é o nome de vocês?, 2) De onde são?, e 3) Por que querem viver aqui?

— Phan Thi Kim Phuc e Bui Huy Toan; Vietnã; queremos ser canadenses agora.

Foi o teste mais fácil e mais curto a que nos submetêramos até então.

Menos de uma hora depois, um oficial do aeroporto nos levou para o hotel Fox Moth em Gander, Newfoundland, onde ficaríamos por duas semanas até nossa papelada ser concluída. Depois que nos instalamos, nosso anfitrião temporário nos mostrou uma lanchonete, onde fizemos uma refeição deliciosa. Então, ele nos levou para um quarto confortável e nos deu quantidades extras do *kit* de higiene fornecido pelo hotel, além de um pouco de dinheiro para comprar as coisas de que precisássemos para nos sentir “em casa”. Embora a inequívoca discrição de meu marido funcionasse como uma máscara sufocante sobre ele, de minha parte, pela primeira vez na vida, senti-me como um pássaro fora da gaiola. Exceto pelo tempo que eu passara no *spa* em Sóchi, aquele era o melhor tratamento que já havia recebido na vida. Ah, *liberdade*! Como ela me fazia bem.

Durante aqueles primeiros dias, fiz no mínimo cinco ligações a cobrar para Nick Ut — tio Ut —, que estava morando em Los Angeles, Califórnia. Ficava a um mundo de distância,

admito, mas era um mundo mais próximo do que nunca. Depois que tio Ut me levou para o hospital em Cu Chi naquele fatídico dia de 1972, só voltamos a nos ver em 1989, quando ele foi a Cuba para uma viagem de negócios com a Associated Press.

A agência organizou tudo: as despesas de viagem de Nick e dos outros jornalistas, bem como a permissão da embaixada norte-americana em Cuba para nossa reunião acontecer. Na hora marcada, fui levada ao célebre hotel Habana Riviera, em Havana, onde fiquei à espera de tio Ut por um período que me pareceu somar muitas horas. Finalmente, um grande veículo preto parou e, instantes depois, meu fotógrafo favorito apareceu. O inspetor que me acompanhava — é claro que o governo de meu país não confiaria em minhas intenções para estar lá — entrou em cena e disse:

— Ali está Nick Ut, o de camiseta polo branca e calça *jeans*.

Tio Ut era bem mais baixo do que me lembrava, mais baixinho até do que eu. Minha respiração acelerou e comecei a arfar ao vê-lo vir em minha direção. Antes de me dar conta do que estava fazendo, levantei-me, comecei a andar até ele e então saí *correndo* mesmo, para me aproximar daquele homem tão importante. Cheguei perto do tio Ut e desabei em seus braços, apertando-o o mais forte que conseguia.

Tio Ut se afastou um pouco de nosso abraço e pude ver que ele também estava emocionado demais para falar. “Vou me apegar a esse sagrado emudecimento”, disse comigo mesma. Às vezes, o silêncio fala mais alto que as palavras.



Durante o reencontro com tio Ut, ele me lembrou de que, na verdade, tínhamos nos visto de novo após o bombardeio.

— Fui visitar sua família em Trang Bang, recorda? Você havia acabado de voltar da clínica de queimaduras.

Naquela ocasião, tio Ut dera a mamãe e papai uma cópia bem grande da minha imagem, a fotografia que lhe rendera um reconhecimento muito grande em 1973, o prêmio Pulitzer por Fotografia de Última Hora (hoje chamado de Reportagem Fotográfica). A Associated Press dera à foto o título “O terror da guerra”, algo extremamente adequado não só pelo que ela retratava, mas também porque a cópia em si foi reduzida a pedacinhos por um morteiro que atingiu a casa de meus pais pouco depois da visita do tio Ut.

E mais: enquanto tio Ut seguia para a casa de meus pais, ele próprio foi atingido pelo fogo de um morteiro que deixou buracos em sua perna e também em sua amada câmera. Um soldado vietnamita do sul arrastou tio Ut, tirando-o do perigo iminente. Um colega da Associated Press o levou ao hospital e, pouco depois, lá estava ele tirando fotos de novo. Mas aquela experiência provocou uma mudança nele. Estava farto do Vietnã e resolveu se mudar para o Ocidente.



Semanas depois, tio Ut chegou ao sul da Califórnia e procurou asilo em Camp Pendleton, uma base de treinamento da marinha norte-americana. Depois de um tempo, mudou-se para Los Angeles, onde passou a viver desde então. Tio Ut se casou, teve dois filhos e se tornou cidadão norte-americano, embora *até hoje* não consiga entender muito bem as nuances da língua inglesa.

— Tio! — eu o repreendia em tom de brincadeira — Você mora naquele país, mas não consegue se comunicar com seus compatriotas!

Ao que ele sorria e apenas dizia, em vietnamita, claro:

— Sim, mas continuo tirando fotos excelentes.<sup>22</sup>



Tio Ut e eu passamos as três horas seguintes apreciando um almoço maravilhoso, com peixe e arroz, no lindo restaurante do hotel. Ali, relembramos as cenas que se passaram no Vietnã do Sul, em 1972. Infelizmente, eu não conseguia me lembrar da visita que ele fizera a Trang Bang.

— Gostaria de conseguir me lembrar dessa ocasião! — disse-lhe.

É bem provável que minha mente estivesse ocupada lidando com tantas mudanças, tantas transições e tanta dor.

“Esta visita de agora será muito mais importante para mim. Vou me apegar a cada palavra do tio Ut”, pensei.

— Tio Ut! — eu disse algumas vezes naquela tarde. — Mal consigo acreditar que você está aqui comigo. Tem certeza de que é você mesmo?

Ao que tio Ut simplesmente abria um largo sorriso e dizia:

— Para mim também é muito bom ver você!

Aqueles que receberam a incumbência de nos supervisionar naquele dia foram atrevidos. Em vez de se sentarem por perto no restaurante, ficaram na mesma mesa que nós! Eu estava tão irritada que queria gritar com eles, mas sabia que não seria nada sábio recorrer a essa tática. Em vez disso, olhava para o tio Ut com olhos suplicantes e falava:

— Você me resgatou, tio. Obrigada por ter me resgatado.

Tio Ut concordava com a cabeça, sorria e dizia:

— É claro, Kim Phuc. Claro!

Havia mais em meu olhar que mera gratidão, e o tio Ut sabia disso. Eu não parava de repetir aquele sentimento que soava como um “Você me resgatou... você me resgatou... você me resgatou...”, mudando sutilmente uma palavra enquanto o fazia: “Você me resgatou... me resgatou... me resgata... me resgata”. Em pensamento, eu suplicava: “Por favor, será que você não pode me resgatar agora?”.

Quando eu tinha 9 anos, as ações rápidas, altruístas e decididas de tio Ut em Trang Bang salvaram minha vida. Mas como ele poderia me resgatar daquela situação, em que cada movimento meu era monitorado? Eu sabia que ele teria feito qualquer coisa para me ajudar. Mas não havia nada que ele pudesse fazer, e nós dois sabíamos disso. Eu estava nas garras do comunismo e voltaria para o mesmo cativeiro assim que tio Ut partisse, para o mesmo sofrimento que enfrentava desde o primeiro dia em Cuba.



De volta ao hotel canadense, peguei o telefone do quarto e comecei a discar os números que me conectariam ao tio Ut.

“Por favor, atenda, tio! Por favor, atenda ao telefone.”

Ele não atendeu na primeira tentativa. Horas depois, após Toan insistir, liguei novamente. Toan e eu estávamos aflitos em busca de um raio de esperança, por isso esperei um pouco e liguei pela terceira vez, depois pela quarta e pela quinta.

Apesar de minhas súplicas sussurradas, cheias de emoção (“Tio Ut, onde será que você está? Não tenho ninguém mais com quem entrar em contato! Você é minha única saída!”), fiquei chocada e desgostosa ao perceber que aquele que me resgatara no passado não estava disponível para me salvar dessa vez. Senti-me arrasada. E decepcionada com minha falta de planejamento. Como eu podia ter pedido a Toan que realizasse a deserção sem plano nenhum para recomeçarmos a vida? Em que eu havia nos metido? Fiquei muito abatida naquele dia.

Bem, o que eu não sabia na época é que, na verdade, a falta de resposta do tio Ut foi uma bênção disfarçada. Se ele tivesse atendido aos meus telefonemas, seu forte senso de integridade jornalística o obrigaria a informar seus associados da grande notícia de minha deserção e de meu paradeiro. Era exatamente o contrário do que eu queria e do que precisávamos.

Eu me indagava o que faríamos, Toan e eu. Não tínhamos nenhuma roupa, a não ser a do corpo. Tínhamos um pouco de dinheiro para itens de necessidade básica, não para comprar um guarda-roupa novo. O clima frio e úmido arruinava minhas cicatrizes, e não tínhamos acesso a remédios para aplacar a dor. Não conhecíamos ninguém, não tínhamos nada e éramos completamente ingênuos em relação à vida naquele novo país. Essas preocupações inundavam minha mente, ameaçando me afogar. Ainda assim, minha resolução era firme. “Deus permitiu que chegássemos até aqui”, raciocinei. “Sem dúvida, ele vai nos tirar dessa confusão.”

Durante aqueles dias, Toan observava meu entusiasmo, ouvia minha insistência obstinada de que tudo daria certo e dizia:

— Kim, faz noites que não durmo, preocupado em saber como sobreviveremos aqui. O que acontecerá se os oficiais vietnamitas souberem que deixamos o estilo de vida comunista?

Contudo, observo que você dorme profundamente a noite inteira e chega até a *roncar*! Como isso é possível? Como consegue sentir alegria quando tudo à nossa volta é triste?

Então eu ria, pois a resposta era tão clara para mim!

— Porque, meu querido marido — eu tentava explicar —, estamos *livres* e Deus é bom. Ele proverá tudo de que necessitamos.



Durante nossa permanência em Gander, Toan e eu fizemos amizade com um cubano chamado Ricardo e sua esposa, Holga, que estavam no mesmo hotel que nós. À medida que nos conhecíamos melhor, perguntei ao casal que planos eles tinham. “Quem sabe os planos deles inspirem ideias para os nossos”, pensei. Nas primeiras vezes em que fiz essa pergunta, Ricardo apenas deu de ombros e ficou calado. Mas algo me dizia que ele sabia exatamente para onde iria com a esposa. Ele apenas não confiava em mim o bastante para divulgar que lugar era esse.

Mas persisti, sempre fazendo a pergunta com educação e até em tom de brincadeira. Por fim, meu largo sorriso e meu jeito cativante devem ter cansado Ricardo. Enfim, certa manhã, eu lhe perguntei:

— Ricardo, para onde vocês vão depois daqui?

Ele suspirou, parou um pouco e depois disse com um toque de resignação:

— Toronto.

“Toronto?” O que era Toronto? O som da palavra parecia com *toronja*. “Eu amo essa fruta cítrica!” Talvez fosse um sinal do céu! E, se o fosse, eu não queria perdê-lo.

Em instantes, Toan e eu nos debruçamos sobre um mapa do Canadá com Ricardo e Holga, ouvindo as palavras do casal cubano. Toronto era uma grande cidade, de clima moderado, oferecia muitas oportunidades de emprego e era conhecida por ser amistosa com os imigrantes.

— Toan — sussurrei animada —, precisamos chegar até Toronto. Será o lugar perfeito para nós!

A quase dois mil quilômetros de onde estávamos, Toronto era o lugar mais distante na lista de cidades para as quais o governo canadense providenciaria transporte gratuito para nós. Para qualquer outro lugar além, nós mesmos precisaríamos desembolsar o valor. Eu não sabia disso quando implorei a Toan que fôssemos para Toronto, mas Deus com certeza sabia.



Depois que a decisão foi tomada, Toan e eu nos sentimos aliviados. Contudo, ainda havia a dúvida do que faríamos quando chegássemos a Toronto, onde estaríamos totalmente por conta própria. Alguém nos passou o telefone da Vietnamese Association in Toronto (VAT),

uma agência de serviço voluntário criada para apoiar as pessoas naturais do Vietnã que haviam imigrado para o Canadá. Sem dúvida, eles seriam capazes de nos dar conselhos sobre como nos integrar bem à vida no novo país. Toan e eu, com os ouvidos grudados ao telefone, tínhamos a certeza de que seríamos calorosamente acolhidos. O favor de Deus havia nos conduzido até ali, e eu não tinha nenhum motivo para acreditar que ele nos deixaria afundar agora.

Após três ou quatro toques, um representante da VAT atendeu. Toan fez um gesto com a cabeça, como se estivesse dizendo: “*Você fala*”.

— Sim — comecei, falando em vietnamita —, meu esposo e eu desertamos para o Canadá. Estamos em Newfoundland, mas planejamos chegar a Toronto em breve. Gostaríamos de saber se...

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra palavra, o representante gritou tão alto que afastei o telefone do ouvido.

— Vocês fugiram? Vocês precisam voltar! Precisam ir para casa! Não há nada que possamos fazer por vocês. Vocês tomaram uma péssima decisão!

Toan e eu ficamos tão estupefatos e horrorizados com a resposta explosiva que desligamos abruptamente o telefone. Estávamos em um país livre agora e era *assim* que nos tratavam? Os membros da associação vietnamita não eram nossos conterrâneos? Como é que escolhiam agir *desse jeito*? Em quem poderíamos confiar então?



Muitos dias depois, enquanto eu orava pela manhã apenas na presença do Pai celestial, Deus sussurrou para mim: “Kim, quero que você recorra a *mim* em busca de provisão, não a outro ser humano. Eu vou cuidar de você. Por favor, quando precisar de algo, venha e fale comigo primeiro”.

Quando me levantei daquele momento a sós com Deus, o embrião de uma ideia tomava forma em minha mente. Dentro da bolsa, eu tinha o cartão de visita de uma mulher que morava em Nova York. Alguns anos antes, ela tinha ido a Cuba para uma reunião na qual seriam organizados os preparativos para uma viagem minha aos Estados Unidos. No fim das contas, os oficiais comunistas me proibiram de ir.

Eu nem sabia ao certo qual era a organização que aquela mulher representava, mas, de repente, foi como se tivessem acendido uma luz dentro da minha cabeça. Lembrei que havia guardado o cartão. “Encontre o cartão! Talvez ela possa ajudar.”

Vasculhei minha bolsa até achar o cartão. Então, peguei o telefone do nosso quarto de hotel e liguei para a operadora a fim de fazer uma chamada a cobrar para Nova York. Eu respirava ansiosa. Quando a chamada se completou, ouvi a mulher dizer:

— Alô, Merle falando.

Ao que respondi, já explicando tudo de uma vez:

— Merle! Aqui é Kim Phuc. Lembra de mim? Desertei de Cuba para o Canadá e agora meu marido e eu... precisamos de ajuda! Queremos morar em Toronto. Você pode nos ajudar a encontrar uma forma de fazer isso?

Ouvi Merle suspirar do outro lado da linha e suponho que essa tenha sido a resposta mais apropriada possível, já que eu havia acabado de jogar uma granada bem no colo dela. Merle sabia de algo de que eu também tinha conhecimento: qualquer ajuda que ela me oferecesse poderia colocar em risco seu próprio bem-estar. Mas isso não mudava o fato de que, antes de Toan e eu recebermos permissão de viajar para Toronto custeados pelo governo, deveríamos fornecer ao oficial da imigração um endereço permanente e um número válido de telefone de alguém que assumiria responsabilidade por nós em Toronto.

— Por favor, Merle — eu disse mansinho. — Você poderia nos ajudar hoje?

Vários segundos se passaram até Merle falar alguma coisa e, quando falou, seu tom de voz foi precavido.

— Kim — começou ela —, tenho um amigo em Montreal... Posso colocar vocês em contato com ele...

— Não! Não, Merle! — interrompi. — Toan e eu não podemos ir até Montreal. Não sabemos falar francês. Pelo menos falamos um pouquinho de inglês. Toronto é o lugar certo para nós! Sabemos que é Toronto.

Merle me pediu mais algumas informações, pesou seus pensamentos com cuidado e terminou nossa ligação com uma benevolência que me deixou esperançosa.

— Dê-me dois dias — disse ela com firmeza. — Em dois dias, eu ligo de volta.



Cumprindo sua palavra, Merle retornou a ligação dois dias depois, com uma notícia absolutamente maravilhosa.

— Kim, vou colocá-la em contato com a srta. Nancy Pocock, de Toronto — anunciou, explicando que Nancy era conhecida como “amiga dos refugiados” de toda a região e tinha um carinho especial no coração pelos imigrantes vietnamitas. — Ela trabalha há trinta anos com pessoas exatamente como vocês, Kim, com gente que tem necessidade de recursos práticos para recomeçar a vida.

Quanto terminei de falar com Merle ao telefone, minhas mãos tremiam. Eu precisava forçá-las a ficar firmes o bastante para discar o número de Nancy — a cobrar, é claro. Essa era a resposta pela qual Toan e eu havíamos orado! Uma pessoa compassiva que morasse em Toronto, disposta a nos ajudar a ter o mínimo de condições para retomar a vida. Eu sentia uma empolgação que não cabia em mim, enquanto Toan balançava a cabeça, sem acreditar no que havia acontecido. Mais uma vez, o favor de Deus prevalecera.

Os primeiros minutos de minha conversa com Nancy foram estranhos, já que eu não era fluente em inglês e ela não falava vietnamita. Felizmente, ela tinha em sua equipe um tradutor para o espanhol que trabalhava em período integral; ele se uniu à conversa e passou a verter minhas palavras do espanhol para o inglês. Agradei a Nancy por concordar em nos abrigar e, então, começamos a falar sobre planos específicos de viagem. Era como se estivéssemos nos afogando em um vasto oceano e de repente víssemos um barco de resgate. Nancy era a capitã dessa embarcação maravilhosa. Eu mal podia esperar para lhe dar um grande abraço!

Contudo, quando telefonei para Nancy nos dias seguintes, antes de nossa partida, a fim de acertar os detalhes finais, ninguém atendeu.

— Toan — eu disse em tom tranquilizador, permanecendo tão calma quanto possível —, mesmo que não haja ninguém para nos receber, iremos para Toronto.

E assim começamos nosso trajeto.



Descobrimos que a solução divina para o problema de não saber para onde ir ao chegar a Toronto começou a surgir enquanto estávamos a caminho. Não seria uma viagem rápida. Em vez disso, entraríamos em vários veículos e levaríamos dias para chegar. Em Gander, Toan e eu embarcamos no ônibus que nos levaria ao *ferryboat* para a primeira parte da viagem até New Brunswick. Dali, viajaríamos de trem por três dias, passando pelas cidades de Quebec e Montreal, antes de chegar a nosso destino.

Seria sensato que permanecêssemos calados, sem conversar com ninguém, para não despertar suspeitas. Não sabíamos em quem confiar e não falávamos o idioma local.

No entanto, no início daquela viagem, tamanha aventura me fez sentir muita ousadia. Eu sabia que nossa fuga do comunismo daria certo. Por isso, no *ferryboat*, puxei papo com uma mulher de aparência bondosa que calhou de estar sentada por perto.

— Você vai para Toronto também? — perguntei, ao que ela concordou vigorosamente com a cabeça.

— *Dah!* Sim, sim! — disse ela.

— Ah, você é da Rússia? — perguntei então, ao que ela concordou vigorosamente com a cabeça mais uma vez.

Por meio de vários sorrisos calorosos, respostas monossilábicas e uma versão improvisada da linguagem de sinais que eu esperava que ela entendesse, contei àquela mulher nossa história. Ela aquiesceu e disse que também havia deixado sua terra pátria a fim de construir um futuro melhor em Toronto. Demorou mais ou menos meia hora até que uma compreendesse ao menos um resumo da saga da outra. Finalmente, eu lhe contei que Toan e eu estávamos em apuros. Tínhamos um contato em Toronto, mas a pessoa não estava pronta

para nos receber de imediato como hóspedes. Precisávamos de algo para comer durante o dia e de um lugar para ficar à noite.

A russa começou a mexer na bolsa e, um momento depois, pegou um pedaço de papel.

— Ah! — disse ela, radiante. — *Tam!* Aqui está.

Naquele papel estavam escritos o nome e o endereço de um abrigo em Scarborough onde assistentes sociais ajudavam os imigrantes que chegavam à cidade. A mulher recebera essa informação em Newfoundland e planejava usar o serviço como seu primeiro passo na nova cidade. Quando o *ferryboat* chegou ao porto de Saint John, em New Brunswick, ela me puxou pela manga, convidando Toan e eu para dividir o táxi. E assim fomos, prontos para começar o próximo capítulo da história de nossa vida.

---

**TORONTO, ONTÁRIO****VÁ, DEUS, VÁ!****NOVEMBRO DE 1992**

Toan, eu e nossa nova amiga russa chegamos ao Family Residence, o abrigo temporário para refugiados, assim que o taxímetro marcou dezessete dólares, número que parecia ter vários zeros depois dele, considerando quão pouco dinheiro nós três tínhamos. Tive alguns pensamentos desesperadores enquanto pegava minha bolsa, preparando-me para sair do carro. Então, vi alguém do abrigo andar em direção à janela do motorista, entregar dinheiro canadense para o taxista e lhe desejar um ótimo dia. “Esse lugar paga para ficarmos com eles?” Eu estava pasma!

— Para o hotel Henry’s, ahn? — um dos coordenadores gritou para Toan e eu depois que lhe entregamos nossos papéis de admissão preenchidos. Meu esposo e eu concordamos com a cabeça, sem fazer ideia de que lugar era esse. Logo um dos funcionários do abrigo chamou outro táxi para nós dois, entregou ao motorista dinheiro suficiente para custear a ida e nos disse em tom alegre:

— Bem-vindos ao Canadá!

Naquela correria, perdemos de vista nossa amiga russa. Enquanto aguardávamos o táxi, olhamos para todos os lados, tentando encontrar aquela que tinha sido enviada diretamente pelo céu a fim de nos ajudar a chegar ali. Mas ela havia desaparecido, ao que tudo indicava, já redirecionada para outro hotel.

Suspirei uma oração de agradecimento. “Pai, muito obrigada! O seu favor sobre mim é evidente!” Chegamos ao hotel às seis e meia da noite e fomos recepcionados pelo próprio gerente, que nos saudou calorosamente, nos entregou a chave do quarto número dois e nos



orientou a comparecer à recepção todos os dias para receber o valor diário de auxílio governamental, dezessete dólares por pessoa. Prestamos bastante atenção àquela orientação, pois não tínhamos a menor condição de perder tal oportunidade.

Encontramos o quarto, destrancamos a porta, entramos e suspiramos extremamente aliviados. Que jornada! Afinal, estávamos ali. Era como se o próprio quarto se alegrasse também. Dividido como um apartamento, contava com uma cama gigante, um banheiro com chuveiro e banheira e... uma cozinha! Ficamos maravilhados ao ver tudo aquilo.

— Toan! — exclamei radiante. — Nós podemos *cozinhar*!

Ao que Tom sorriu e disse, meio sem-graça:

— Mas, Kim, só tem um problema: não temos nenhuma comida.

Voltamos ao gerente do hotel. Por causa do longo dia que tivéramos, não nos sentíamos dispostos o suficiente para explorar a rede de supermercados de Toronto; então, perguntamos ao gerente se havia alguma outra opção disponível para nós.

— Ah, sim! — respondeu ele, enquanto procurava o cardápio do serviço de quarto. — Vocês podem pedir algo que esteja nessa lista e a comida será entregue diretamente no quarto.

Enquanto esperávamos a comida chegar, liguei a televisão e, pela primeira vez, vi alguns trechos de *I Love Lucy*, a popular série cômica norte-americana. Notei que aqueles homens e mulheres na tela trocavam algumas palavras afetadas, mas suas piadas me fizeram rir tanto que logo estavam saindo lágrimas de meus olhos. Olhei para Toan, sentado em uma cadeira próxima, para ver se ele estava apreciando o programa tanto quanto eu. Ele estava absorto em seus pensamentos, com o olhar distante e os braços estranhamente repousados sobre os joelhos. Desliguei a TV e deixei o silêncio tomar conta do quarto. Depois de alguns instantes, disse:

— Toan, quem sabe devamos ligar para Nancy Pocock para ver como ela pode nos ajudar?

Ele olhou para o relógio e então respondeu:

— O escritório dela certamente já está fechado. Vai ter de ser amanhã de manhã.

Esse breve diálogo bastou para tirar Toan daquela condição de medo e preocupações. Meia hora depois, pratos com frango grelhado, legumes no vapor, arroz fresquinho e uma sopa oriental deliciosa foram entregues em bandejas. Nós nos sentimos extremamente agradecidos ao gênio que teve essa ideia de “serviço de quarto”. Toan e eu comemos, comemos e comemos mais um pouco, até a barriga estufar; então, nos aprontamos para dormir.



Na manhã seguinte, acordamos na cama instável, mas quentinha, do hotel, estupefatos ao nos dar conta de que havíamos conseguido: nós finalmente tínhamos chegado a Toronto. Vestimos as mesmas roupas do dia anterior, pegamos o pequeno montante que havíamos

recebido e saímos a fim de comprar algo para comer, para vestir e alguns produtos de higiene pessoal. Fomos para a rua, para nossa nova vida canadense. Ainda tenho um dos vestidos que comprei naquele primeiro dia em Toronto. O vestido e a bolsa que viajaram comigo na saída de Cuba também são guardados como tesouros.

Depois que Toan e eu compramos os itens mais importantes para passarmos aqueles primeiros dias — uma gilete para Toan e analgésicos para mim —, ligamos mais uma vez para o número de Nancy Pocock. “Com certeza, alguém vai atender durante o horário comercial”, pensei. E, de novo, o tradutor que falava espanhol foi chamado a fim de conseguirmos falar com Nancy pelo telefone.

Nancy nos informou que já havia conseguido um advogado e que ele estava ansioso para conversar conosco. Ela nos daria todas as coisas essenciais que não tivéssemos conseguido comprar naquela manhã e estava disponível para falar conosco sobre nossos primeiros passos. Toan e eu olhamos para a pequena sobra de nosso auxílio financeiro e concordamos que era sábio gastar alguns daqueles dólares em uma passagem de ônibus até o escritório de Nancy Pocock. Demos um passo de fé, crendo que o investimento retornaria frutos para nós.

Da primeira vez que usamos o ônibus, deixamos passar o ponto onde deveríamos descer, pois não fazíamos ideia de como fazer o motorista parar. Então permanecemos sentados, percorrendo todo o trajeto de novo. Toan e eu observamos com cuidado o que os outros passageiros faziam e, assim, nos preparamos da segunda vez: é preciso se dirigir à saída *antes* de o motorista frear e *então* as portas se abrem para você. Que metáfora esse simples processo seria para nós, enquanto nos estabelecíamos na nova terra!

Mamãe Nancy, conforme passamos a chamá-la, nos recebeu de coração e nos forneceu tudo, de *hashis* a garfos e colheres, e nos garantiu que não seríamos meros sobreviventes em Toronto. Nada disso. Considerando a persistência que identificara em nós, ela tinha a certeza de que *prosperaríamos* por completo. Enquanto despejava sobre nós um sem-fim de informações para analisar, absorver e assinar, seu largo sorriso acalmava nossa alma ansiosa. Coloquei para fora o peso emocional daquela expedição complexa em que Toan e eu nos envolvemos e expressei graças a Deus de todo o coração.

Eu havia procurado a Deus pela primeira vez aos 19 anos e falava com ele todos os dias desde então. Fizera isso porque, em diversas situações da vida, tinha buscado todos os outros salvadores, mas nenhum deles me salvara de nada. Enquanto pensava sobre minha nova vida em Toronto, reconheci como aquela escolha havia mudado tudo. Em meu coração, tinha a certeza de que Deus cuidaria de mim e de Toan também.



Toan e eu logo entramos em uma rotina em nossa residência temporária. Eu esperava que isso acalmasse os nervos à flor da pele do meu marido, mas ele continuou assolado pelos

temores. Em vez de enxergar as bênçãos que nos eram dadas, ele só via os buracos que ainda necessitavam ser preenchidos.

— Kim! — ele disse com intensidade, as sobrancelhas franzidas e a palma das mãos para cima. — A cada vez que conseguimos dinheiro, a quantidade só basta para poucos dias. Não dá para construir um futuro desse jeito. A comida e as roupas, pessoas para nos ajudar... Você não percebe quanto somos necessitados?

Comecei a orar com fervor para que o Senhor cativasse o coração de meu esposo. “Por favor, Pai”, eu implorava dia após dia, “chame Toan para o seu caminho.” Eu orava enquanto estava deitada, enquanto tomava banho, enquanto permanecíamos na fila para receber doação de alimentos, enquanto comíamos nossas refeições diárias. Orava enquanto pegávamos ônibus de um lugar para outro. De fato, eu “orava sem cessar”,<sup>23</sup> assim como a Bíblia havia me ensinado. “Ele é um homem tão bom, Pai”, eu lembrava a Deus. “Mas, com o Senhor... Ah, será ainda melhor!”

Certa tarde, enquanto Toan e eu descansávamos em nosso quarto no hotel, dois homens bateram à porta. Meu marido me olhou de um jeito que dizia: “Eu sabia! Fomos descobertos!”. Na velocidade da luz, Toan nos viu abordados, deportados e presos, embora eu me dirigisse com firmeza até a porta.

— Toan — disse-lhe, depois de observar pelo olho mágico, como o sr. Kretz havia me ensinado a fazer —, parecem boas pessoas. É só isso. Vamos abrir a porta e conversar com eles.

Contrariando seus instintos, Toan concordou e recebemos em nosso quarto o pastor Gary La More e um dos diáconos da Igreja Batista Grace Missionary, em Scarborough.

Um cubano que era voluntário no ministério de espanhol da igreja e trabalhava com frequência no hotel onde estávamos havia comentado sobre nós com o pastor La More. Explicou que Toan e eu havíamos desertado pouco tempo antes e tínhamos muito poucos recursos. O pastor parecia genuinamente interessado em nosso bem-estar e, enquanto conversava conosco, eu sentia que podia me aproximar dele como se fosse um amigo de confiança.

Em certo ponto de nossa conversa, resolvi fazer uma pergunta, para saber se a confiança que sentia nele era bem fundamentada ou não:

— Desculpe-me, pastor, mas o senhor lê a Bíblia, as Escrituras cristãs, a santa Palavra de Deus?

O pastor La More deu uma boa risada e me garantiu que sim, ele lia.

— Ah, que bom. Por favor, continue. Gostaria de ouvir mais sobre sua igreja.

Felizmente, o diácono que acompanhava o pastor La More era chileno e foi nosso tradutor, para que o pastor pudesse nos entender e vice-versa. Ao fim da conversa, fomos convidados para ir àquela igreja bilíngue no domingo. Eles providenciariam o transporte.



Durante as quatro semanas que moramos no hotel, o pastor La More ou um de seus colaboradores aparecia à nossa porta todos os domingos de manhã, pronto para nos dar uma carona até a igreja. Ao relembrar essas experiências de culto, percebo como foram fundamentais para Toan.

Nas três primeiras vezes, Toan reclamou por ir à igreja.

— Nossos dias são tão estressantes, Kim, na tentativa de nos adaptar a essa nova vida — ele suplicava comigo. — Será que não podemos dormir até mais tarde ao menos uma vez por semana?

Toan ainda bebia muito, fumava como uma chaminé e questionava cada versículo da Bíblia que eu escolhia dividir com ele. Rejeitou minha sugestão de dar o dízimo, com a seguinte resposta:

— Dez por cento de nada é nada, Kim.

E assim prosseguimos.

Apesar de minha frustração pela resistência de Toan, eu tomava o cuidado de nunca repreendê-lo, nem envergonhá-lo por seus hábitos e costumes. Eu não o lembrava de nossa falta de recursos financeiros, não revirava os olhos diante de sua teimosia espiritual e não perdi a paciência uma vez sequer. Em vez disso, minha reação era simplesmente orar, sempre orar com fidelidade. “Pai, se o Senhor deseja que Toan mude, então o Senhor precisa mudá-lo”, eu dizia no silêncio de meu coração, com sinceridade em cada sílaba daquele clamor submisso. Eu sabia que insistir para que meu marido começasse hábitos que ele próprio não tivesse a iniciativa de assumir só o tornaria amargo e nervoso. Assim, permanecia calada, sabendo que, do seu jeito e no seu tempo, Deus cativaria o coração de meu esposo.

No último de nossos quatro fins de semana no hotel, no Natal de 1992, Toan não conseguiu mais resistir. Sentiu-se inegavelmente atraído a Jesus e *precisava* ter aquilo que eu tinha.

— Ok, Kim, *eu me rendo* — comentou com um sorriso, estendendo-me as mãos em sinal de rendição. — Quero saber sobre o seu Deus.

O dia seguinte era um domingo e, após o culto da manhã, o pastor La More e o diácono nos deram uma carona de volta. Enquanto entrávamos no carro, contei ao pastor acerca da súbita abertura de Toan em falar sobre as coisas de Deus, ao que o pastor se ofereceu para responder ali mesmo às dúvidas que ele tivesse. Nosso pequeno grupo nem chegou a entrar no hotel antes de Toan aceitar Jesus como seu Senhor.

Na manhã seguinte, Toan acordou com determinação renovada no coração. Não beberia mais, nem fumaria. Deixaria seus velhos hábitos de uma vez e começaria a andar pela fé.

— Não quero valorizar nada mais que a Jesus — ele me explicou.

Uau! Deus havia cativado seu coração.

Ao longo dos anos, sempre que passo por Scarborough e vejo o estacionamento do hotel Henry, penso: “Foi aqui que meu marido conheceu Jesus”. Que lembrança maravilhosa!

---

---

**CHINATOWN, TORONTO****LANÇANDO FORA TODO O MEDO****JANEIRO DE 1993**

No começo dos anos 1990, os refugiados no Canadá à espera de se tornarem cidadãos — um processo que levava dois anos — não tinham permissão para trabalhar. Toan e eu imploramos ao governo para conseguir um emprego. Toda semana, íamos até o departamento de imigração para perguntar sobre trabalho, com o auxílio dos tradutores de plantão. Estávamos dispostos a receber até mesmo uma quantia pequena, mas a resposta era sempre esta:

— Não, vocês não podem trabalhar. Se trabalharem, estarão violando a lei e precisarão voltar para Cuba.

Sem dúvida, não queríamos voltar para Cuba, mas também não queríamos receber esmolas do país, sobretudo depois de tudo que tínhamos visto no Vietnã e em Cuba, lugares onde a sociedade espera doações do governo. Por fim, não tivemos escolha e nos candidatamos à seguridade social.

Durante aquele primeiro ano, enquanto tentávamos nos ajustar às novidades da vida de casados, mudamos cinco vezes de residência, juntando o que sobrava do benefício do governo a fim de alugar um local depois do outro, indo para onde podíamos, em busca de segurança e, posteriormente, proximidade ao emprego. A cada transição, eu enviava uma carta para mamãe e papai lá no Vietnã, desesperada por estabelecer alguma conexão com eles e para que simplesmente soubessem onde eu estava. Mas nunca recebi resposta. Como meu coração doía diante daquele silêncio ensurdecedor!

Um dos apartamentos que alugamos ficava no segundo andar, mas subir e descer dois lances de escada diversas vezes foi demais para minhas dores nas costas. Então, alugamos o espaço no porão da casa de uma família, mas alguns meses escutando a barulhada de crianças agitadas no piso acima de nossa cabeça me cansaram demais. Implorei a Toan que encontrasse outro lar para nós.

Eu tinha crises de pesadelos e, em alguns lugares onde morávamos, eles aumentavam.

— Os soldados! — eu gritava enquanto dormia, assustando Toan. — Eles estão vindo me matar! Querem que eu morra!

Em meus sonhos, eu estava sempre correndo, sempre me esquivando do fogo. Acordava como se estivesse em meio a um frio de congelar os ossos, tremendo dos pés à cabeça.

— Kim! — Toan dizia, tentando me despertar. — Kim, você está no Canadá agora. Está segura. Você não vai morrer.

— Oh, Toan! Segure-me! — eu gritava. — Deixe-me pertinho e me mantenha segura.

— Está tudo bem, Kim. Você não vai sofrer de novo as coisas que enfrentou. Orarei por você enquanto volta a dormir.

Encontrar um lugar para morar que não me desse pesadelos era alta prioridade para mim. Contudo, só alcançamos esse objetivo muitos anos depois.



Na tentativa de me sentir mais em casa em Toronto, procuramos os membros da comunidade vietnamita ali no bairro, Chinatown, e cultivamos amizades com muitas das pessoas que conhecemos. Foi uma recepção bem diferente da que tínhamos recebido da associação vietnamita oficial de Toronto, e ficamos gratos por isso. Desenvolvemos relacionamentos profundos com irmãos em Cristo, sobretudo com nossos queridos amigos Kathy e Gary Parkinson, que se tornaram uma família para nós. De fato, algum tempo depois, quando os Parkinson decidiram se tornar membros de uma das comunidades de fé mais diversificadas da região, a Igreja Batista Faithway, tive a certeza imediata de que deveríamos ir também. Quase todos os domingos, almoçávamos com eles, apreciando a companhia uns dos outros, saboreando a comida deliciosa de Kathy e construindo memórias que até hoje permanecem conosco.

Embora Toan e eu não pudéssemos trabalhar, fazíamos serviço voluntário, atuando como tradutores sancionados pelo governo em Chinatown. Ensinávamos inglês para falantes de vietnamita e espanhol. Na mesma época, também estudávamos inglês como segunda língua.

Lembro-me com nitidez daqueles dias em que, sozinhos, em uma terra estranha na qual as pessoas falavam um idioma diferente, fazendo aulas à noite em uma escola da região, Toan e eu tentávamos desesperadamente sobreviver. Qualquer um que olhasse de fora nossa situação não enxergaria nada além de um imenso vazio: poucos amigos, sem residência estável,

nenhuma conquista acadêmica, sem oportunidade de emprego, sem fonte garantida de alimento — em vietnamita, diz-se: *so khong, so khong, so khong*.

Mas, ao contrário do que *parecia*, foi uma época maravilhosa da vida. Estávamos *livres* afinal. E, pelo menos a meu ver, era Jesus quem guiava nosso caminho. De que mais uma pessoa precisa para vencer e prosperar, afinal? Decidi que, a despeito do que acontecesse ao meu redor, eu escolheria estar contente.



Há uma expressão maravilhosa em inglês que retrata perfeitamente como me senti ao ser “encontrada” em Toronto: “a palha que faz o camelo tombar”. Lembro-me dessa ocasião como se fosse ontem. Toan e eu estávamos olhando pelas cortinas finas de nosso modesto apartamento no segundo andar de um prédio em Chinatown, observando dois homens ociosos posicionados perto da entrada do edifício. Eles agiam de forma suspeita, olhando com frequência para as janelas do nosso imóvel. Não faço ideia de como descobriram nosso endereço, mas ali ficavam, dia após dia, ansiando por uma entrevista ou uma fotografia da “menina da foto”, Kim Phuc.

Não era a primeira vez que eu os via. Na verdade, já vínhamos sentindo a presença deles conosco por um tempo — atrás de nós, ao nosso lado, do outro lado da rua — sempre que saíamos de casa para comprar alimentos nas barracas de rua ou íamos ao prédio do governo para trabalhar como tradutores voluntários.

Por muitos anos, vivi com medo, certa de que estava sempre a dois ou três dias de ser detida por inspetores comunistas. Esse tinha sido o padrão por tantos anos em minha vida que eu me via incapaz de me livrar desse ritmo. A vigilância incessante me deixou cínica e exausta e, para ser bem franca, não aguentava mais. Em Toronto, determinei em meu coração que não viveria mais daquele jeito, sempre olhando furtivamente ao meu redor, sempre preocupada com o que os dias me trariam, sempre temendo pelo pior.

Eu era *canadense* agora, e os canadenses eram livres. Sim, ainda havia uma papelada a ser concluída para que eu me tornasse cidadã, mas resolvi que não viveria mais com medo. O apoio total do governo canadense estava a caminho. Eu já contava com a proteção infalível de Jesus. Não tinha motivos para temer o que as pessoas poderiam fazer comigo. Enfim, poderia abandonar minhas tendências de fuga.

“Concentre-se apenas em viver a vida”, eu dizia comigo mesma. Os pesadelos aterrorizantes que interrompiam meu sono não teriam mais poder sobre mim.

Expliquei para Toan minha decisão: eu não viveria mais com medo; em vez disso, praticaria a coragem que Jesus promete a seus seguidores em toda a Bíblia. Citei vários textos das Escrituras, mais para mim mesma que para Toan, enfatizando a ideia de que não somos mais escravos do medo porque fomos adotados e pertencemos à família de Deus.<sup>24</sup>



Quanto mais falava, mais animada ficava, mesmo com a incredulidade crescente do meu marido. Ele era novo na fé. Não entendia ainda como se livrar de seus temores. E como eram numerosos os medos que ele enfrentava! Preocupava-se com onde encontraríamos nossa próxima refeição. Preocupava-se com qual seria nossa próxima casa. Preocupava-se com emprego, educação e a família que tínhamos o sonho de começar. Era uma máquina de preocupações em tempo integral, completamente tomado pelo inimigo Medo. E ali estava eu, sua esposa, declarando com ousadia: “Vou parar de correr de meus medos, da minha foto, do meu passado. A partir de agora, recuso-me a me esconder”.

Fiquei dentro de casa naquele dia até os fotógrafos lá embaixo desistirem e irem embora. Na manhã seguinte, acordei com resolução renovada, determinada a tão somente viver minha vida.

---

SCARBOROUGH, ONTÁRIO

## TRÊS QUILOS E MEIO DE PERFEIÇÃO

**JULHO DE 1994**

Desde que eu ficara internada quando criança, médicos, cirurgiões, especialistas, enfermeiras, fisioterapeutas e minha mãe, com todas as suas boas intenções, chegaram à mesma conclusão: por causa da gravidade das queimaduras, meu corpo era inapto para gestar uma criança. Nos locais queimados, minha pele havia perdido a elasticidade, e isso seria um problema quando minha barriga de grávida resolvesse aparecer. Meus órgãos internos, embora funcionassem bem, sofreram o forte estresse de ser chamuscados pelo napalm, o que traria dificuldades em todas as etapas do parto. Minha pressão sanguínea — um indicativo de saúde importantíssimo durante a gestação — havia reduzido quase até parar e não dava nenhum sinal de retomar a velocidade. A dor que eu sentia em um dia típico já era intensa; como conseguiria lidar com ainda mais?

Mas, para ser bem sincera, desde a época em que brincava de príncipe e princesa com as espigas de milho junto com minhas amiguinhas de infância, sempre me vira casada um dia e, depois de um tempo, tendo um filho. Agora, Toan, meu príncipe da vida real, e eu estávamos orando justamente por essa questão. “Senhor, é seu propósito que nos tornemos pais? Se for, como isso vai acontecer?”

As questões práticas que vislumbrávamos eram muitas: não tínhamos familiares para nos ajudar a cuidar do bebê, e nossa situação de casa e alimentação ainda era instável. Havia ainda meus diversos problemas de saúde. Seria prudente acrescentar um bebê a toda essa conjunção de fatores?

— Mas, Toan — lembro-me de dizer ao meu marido —, se eu esperar demais para ficar grávida, os riscos só aumentarão...

Eu tinha 31 anos. Pelos padrões obstétricos da época, isso significava que eu estava *velha*!

Com o consentimento de Toan, fui em busca do conselho de um naturopata em Chinatown. Na cultura asiática, os “pulsos” da pessoa são muito importantes e, evidentemente, os meus eram silenciosos. Meu ciclo menstrual era irregular, minha circulação não era ótima e o estresse que eu havia suportado por duas décadas não favorecia minhas glândulas suprarrenais. O médico misturou vários remédios de ervas e me deu instruções completas acerca de como usá-los.

— Volte depois de dez a doze semanas — orientou. — Então, vamos examiná-la novamente.

Nancy Pocock também me colocou em contato com o dr. Phillips, um médico ocidental que ela conhecia, para que Toan e eu pudéssemos considerar outra opinião profissional. Ao refletir sobre o passado, vejo que o fato de Nancy ter me apresentado a esse obstetra transformou todo o meu mundo para melhor. Não apenas as ervas começaram a fazer efeito, como também o médico me garantiu que eu tinha condições de gestar um bebê e incentivou que Toan e eu tentássemos a gravidez.



Seis semanas depois, eu estava dançando em nossa minúscula cozinha, balançando um teste de gravidez com as mãos, cantando os resultados para Toan.

— Consequimos, Toan! Estamos grávidos! Você é papai agora, e eu finalmente sou mamãe!

Toan me puxou em um abraço apertado, seu sorriso deu lugar a uma franca risada e ficamos ali, juntos, pelo que pareceu uma eternidade. Nosso sonho finalmente estava se concretizando.

Toan e eu estávamos lendo a Bíblia juntos certa manhã quando nos chamou a atenção um nome que vimos ali: Thomas [Tomé]. Amamos e decidimos de imediato que esse seria o nome de nosso primeiro menino — se fosse um menino, é claro. Já havíamos escolhido Rebecca se fosse uma menina, mas havia algo de especial em Thomas. Amei o nome desde o princípio.

No momento em que escolhemos o nome de nosso filho, a ideia abstrata de um bebê — dentro de *mim*! — se tornou muito real. Comecei a desenhar imagens do meu bebê, da maneira que o imaginava: perfeitamente formado, saudável, vivo. Eu cantava as mesmas músicas de ninar que minha avó havia cantado para mim quando eu era criança, na esperança de que o bebê reconhecesse minha voz. Conversava com ele dia e noite com a voz mansa, dizendo: “Eu já amo você, filhinho. Que você sempre seja saudável e forte”. Falava essas

coisas em vietnamita, espanhol e inglês, imaginando que eu deveria cuidar de todas as possibilidades, caso ele ou ela um dia morasse em alguns dos países onde eu tinha vivido — apesar disso, em segredo, orava ao Deus do céu, pedindo que meu filho sempre permanecesse ao meu lado.

Na época, Toan e eu ainda fazíamos aulas de inglês e estudávamos por horas toda noite a fim de melhorar nossa pronúncia e fluência. Não me lembro muito dessas aulas, a não ser por um detalhe: o cheiro. Um grupo de imigrantes da África também fazia parte de nossa turma e, embora eu nunca tenha identificado qual fosse, um dos temperos que eles usavam em sua comida me causava enjoo. Como me lembro de ter corrido até o banheiro em diversas ocasiões, enquanto nosso professor prosseguia fielmente com sua explicação!

Durante aquelas rápidas caminhadas até o banheiro, e sempre que me dirigia à estação de metrô ou a uma parada de ônibus, eu segurava a barriga com cuidado, sem querer que o bebê balançasse abruptamente de um lado para outro. Já no início da gestação, o bebê se mostrou grande, e continuava a crescer à medida que os meses se passavam. O médico expressou sua preocupação com isso.

— Se o bebê continuar a crescer nesse ritmo — disse ele quando estávamos na 35ª semana —, certamente teremos de proceder a uma cesariana, e para você isso não é nada bom.

Isso aconteceu em uma quinta-feira à tarde, durante uma consulta regular. Quando Toan e eu nos levantamos para sair, o médico disse:

— Acho que é bom fazer mais um ultrassom, Kim, só para ter certeza de que está tudo bem. Liguem na segunda-feira para marcar.



Na manhã seguinte, minha bolsa estourou. Toan se levantou imediatamente e foi em direção à porta.

— Vou pegar o carrinho de compras no corredor.

— Toan! — gritei, mal conseguindo acompanhá-lo antes que ele saísse correndo porta afora. — O que você vai fazer com um carrinho de compras? Minha bolsa estourou, Toan. O bebê está para nascer.

— Sim, Kim! Eu sei, eu sei! — disse ele, todo afobado. — É por isso que vou pegar o carrinho de compras, para poder transportá-la agora mesmo até o hospital!

Em defesa de meu marido, devo dizer que morávamos a apenas três quarteirões do hospital. Não seria uma viagem longa. Ainda assim, seria sábio eu fazer o percurso dentro de um carrinho de compras? Ah... e estava chovendo!

Por vários minutos, descansei confortavelmente no pequeno sofá da sala, tentando ao máximo acalmar meu esposo, que não parava de ir de um lado para outro, prestes a perder o controle.

— Toan, ainda não temos nenhum problema — eu repetia para ele. — Não estou sentindo dor nenhuma.

Enquanto esperava, repassei na mente aquilo que Toan e eu havíamos aprendido nas aulas de preparação para o parto. Então, pensei: “Mas não estou sentindo dor nenhuma! Não preciso recordar como administrar a dor enquanto ainda não há dor nenhuma para administrar!”.

Uma hora se passou, até eu dizer para meu marido:

— Continuo sem sentir dor, Toan, mas acho que devemos ir para o hospital agora. Não quero pegar uma infecção, nem quero que nosso bebê sofra algum dano.

— Mas como iremos para o hospital, Kim? Não temos ninguém que nos leve até lá!

Considerando que Toan e eu nunca havíamos chamado um táxi, nem discado 911, nenhuma dessas coisas sequer nos veio à cabeça. Em vez disso, optamos por acordar a dona do nosso apartamento, Andy, que morava no andar de cima. Ainda bem que Toan não me pediu que subisse as escadas também.

Depois de ouvir o que estava acontecendo, Andy disse:

— Toan, lamento, mas meu carro não funciona há tempos. Faz semanas que estou indo de ônibus para o trabalho.

Toan insistiu.

— Andy — disse ele com muita calma —, você se importaria de tentar ligar o carro... só desta vez?

Andy concordou em atender ao pedido de Toan, e o carro resolveu dar partida. Por volta das sete da manhã, Toan e eu estávamos acomodados em um quarto de hospital, aguardando ansiosos tudo que estava prestes a ocorrer.



À medida que as horas se passavam, eu ficava cada vez mais ciente da minha falta de dor. A gentil professora de preparação para o parto havia informado as outras mães da classe e a mim:

— Vocês sentirão desconfortos crescentes, culminando com uma dor tão intensa e severa que, se estivessem segurando uma barra de ferro, teriam a certeza de que conseguiriam entortá-la.

“Uau!”, pensei quando ouvi a explicação. “Isso sim é dor!” Ali, no quarto do hospital, eu poderia ter pensado que aquela estranha ausência de dor era motivo para graves preocupações — será que algo estava errado com meu filho? —, mas não foi isso que me veio à mente. Em vez disso, aquela experiência tranquila e pacífica foi recebida por mim como o dom divino que eu acreditava que era.

Pouco antes de Thomas nascer, senti talvez quarenta minutos de pressão intensa, durante os quais concentrei minha atenção na imagem de uma bela rosa vermelha, totalmente desabrochada. As rosas vermelhas são minhas flores preferidas, e a escolha de pensar nelas conseguiu me manter calma. Toan estava tranquilo quando chegamos ao hospital, pois já havia dado vazão a toda a sua agitação enquanto estávamos em casa. E continuou bem quando entrei em trabalho de parto e quando as contrações se intensificaram, estendendo a mão para orar comigo. Mas, ao notar a cabeça grande de Thomas, o médico pegou o fórceps para ajudá-lo a nascer, e foi então que Toan quase perdeu a consciência.

— Fique firme, Toan! — lembro-me de ter dito para animá-lo, enquanto ele se segurava na beirada da cama.

Depois que o médico retirou meu Thomas em segurança, percebi que meu bebê não chorava. Durante várias batidas de seu coração, houve silêncio, alarmando todos os que estavam ali. Olhei para Toan enquanto o médico dava tapinhas nas costas de Thomas. Então, poucos segundos depois, meu menino estava chorando — que som mais maravilhoso! Afinal, eu havia gerado um bebê. Aquele não era um ensaio fotográfico encenado por razões políticas. Era eu mesma, segurando o fruto do meu ventre.



Como Thomas veio antes da data prevista, seu nascimento coincidiu com as provas finais do curso de inglês. De novo, eu não me formaria; porém, ganhara algo muito mais significativo.

— Sim, todos vocês ganharam um diploma — eu disse toda sorridente aos meus colegas de classe quando os vi na cerimônia de formatura de Toan —, mas eu ganhei um bebê. Eu me saí bem melhor, vamos concordar!

Passei três dias no hospital antes de receber alta. Thomas, que teve icterícia, ficou mais uma semana. No fim das contas, isso foi bom, pois eu estava exausta e necessitava descansar. Assim que meu leite desceu, Toan ia de quatro a cinco vezes por dia ao hospital a fim de levá-lo para Thomas. Finalmente, sete dias depois, meu Thomas estava saudável... e em casa.

Durante a internação de Thomas no hospital, o motorista de um grande caminhão estacionou em frente ao nosso prédio, procurou por mim e por Toan e, quando nos encontrou, começou a descarregar caixas e mais caixas de coisas para o bebê. O que aconteceu foi o seguinte: a amada médica de nossa família, Paula Williams, havia colocado um aviso no quadro de anúncios da sala de espera de seu consultório, explicando que um casal de imigrantes do Vietnã necessitava de artigos em bom estado para bebê, qualquer coisa que servisse para um menininho.

Dezenas de famílias responderam doando brinquedos, roupas e itens de decoração para o quartinho. Quando Toan terminou de organizar as roupas, nos demos conta de que Thomas tinha um guarda-roupa completo que duraria até ele completar 7 anos! Que presente generoso de pessoas que nem conhecemos!

Relembro os dias que passamos naquele apartamento minúsculo em Chinatown e ainda consigo sentir o amor que nós três compartilhamos. Finalmente éramos livres, estávamos encontrando nosso caminho em um novo país e não havia nada além de esperança e beleza à nossa frente. Era simplesmente perfeito! Ou melhor, não era bem isso; afinal, mamãe continuava brigada comigo. Como eu nunca havia recebido resposta das cartas que escrevia, não fazia ideia se ela sabia que eu estava no Canadá e que nunca mais voltaria para Cuba. Ou mesmo se sabia que eu me casara e tivera um filho. Ela desconhecía muitas coisas importantes acerca de quem eu estava me tornando e dos sonhos que eu agora acariciava. À medida que os anos se passavam com velocidade cada vez maior, eu me perguntava se algum dia voltaríamos a nos encontrar.

Diariamente, fazia uma oração simples e direta: “Pai, por favor, proteja minha mãe enquanto estamos distantes. E, por favor, que essa distância entre nós termine logo”.

---

SCARBOROUGH, ONTÁRIO

## DEUS PROVIDOR

### VERÃO DE 1996

Por volta da mesma época em que o Senhor estava me ajudando a abrir mão de temores antigos e me mostrando como ministrar à minha família agora em expansão, nós nos envolvemos de forma mais profunda com a igreja e experimentamos um rápido crescimento espiritual. Toan começou a acreditar na literalidade da Bíblia, crendo que não se tratava de fantasia, mas sim de uma verdade confiável — um fato bastante significativo se levarmos em conta o contexto marxista e evolucionista em que ele foi criado. Além disso, Toan havia conseguido um bom emprego como arquivista no departamento de matrículas da Universidade de Toronto. Ali, fez um novo amigo, outro cristão que estava juntando dinheiro para voltar a Hong Kong, sua terra natal, e partilhar o evangelho com seus conterrâneos. Semanas depois, em um congresso de missões em nossa igreja, Toan ficou tão emocionado com os testemunhos radicais dos missionários que chegou a se perguntar se ele também não estava sentindo o chamado de Deus.

— Kim — disse ele —, essa abordagem cristã em relação à vida beneficiaria tantos de meus familiares e amigos lá no Vietnã do Norte! Acho que devo me tornar um missionário para poder contar-lhes as boas-novas da graça.

Maravilhada com tudo que Deus havia feito na vida de Toan, balancei a cabeça afirmativamente. As mudanças foram muito drásticas e aconteceram muito depressa!

Toan sabia que o primeiro passo para realizar esse sonho era cursar teologia. Custaria oito mil dólares por ano. Não tínhamos oito mil dólares — mal tínhamos *oito* dólares! Mas eu sabia que esses zeros a mais não eram nenhum obstáculo para Deus. E então, como você já



deve ter adivinhado, eu orei. Com grande fervor, orei: “Senhor, precisamos de dinheiro!”, como se fosse uma grande novidade. “Toan quer fazer teologia, Pai, mas só será possível se tivermos condições de pagar as mensalidades!”

O dinheiro não era o único problema que parecia ocupar nosso caminho. Ainda morávamos em Chinatown, a uma hora de carro da instituição que Toan havia escolhido, a Faculdade Batista Faithway, e o único meio de transporte que tínhamos era um Honda Accord muito usado e bem antigo, que nem sempre funcionava.

“Pai, precisamos de dinheiro e de um carro que não nos deixe na mão.” Coloquei nossas necessidades diante de Deus, lançando todo o peso delas no chão à minha frente. “Senhor, está vendo nossas necessidades aqui, não está?”

É claro que Deus via nossas necessidades, pois, com uma combinação criativa de acontecimentos que só ele seria capaz de orquestrar, aliou minha decisão de parar de viver com medo à escolha de Toan de deixar de viver para si. Das duas, surgiu um plano verdadeiramente magnífico que envolvia a imprensa canadense, uma ironia que provocou risos em mim e Toan.

Contei a mamãe Nancy que eu queria trabalhar para ajudar a sustentar nossa família enquanto Toan estudava. A resposta dela foi:

— Kim, se você quer fazer *qualquer coisa* “lá fora”, precisará fazer as pazes com a fotografia da qual tem fugido tanto. Terá de suportar um bombardeio de atenção da mídia se quiser ajudar o Toan.

Eu disse a ela que já havia resolvido, em meu coração, parar de viver com vergonha do meu passado e da minha dor.

— Estou pronta — afirmei. — Pode organizar tudo para mim.

Nancy me encarou por um instante, refletindo em minha seriedade.

— Tudo bem, Kim — respondeu afinal. — Se você está certa disso, então posso ajudar.



Poucos dias depois, Nancy marcou uma reunião entre Toan, eu e um advogado especializado em direito do entretenimento, Michael Levi, que logo agendou uma série de entrevistas e oportunidades. Fui entrevistada por uma repórter televisiva que acabou criando uma poupança para mim, com contribuições dos espectadores. A produtora dessa matéria, uma escocesa brilhante chamada Anne Bayin, tornou-se minha amiga. Conversávamos pelo telefone toda semana e, sempre que Toan não podia viajar comigo para eventos de imprensa, Anne me acompanhava. Quanto mais tempo passávamos juntas, mais eu reconhecia que Anne era uma resposta à minha oração por uma amiga tão próxima quanto Hanh fora durante a infância.

— Como se pronuncia o w em inglês? — eu perguntava à tia Anne.

— É *wuh*, Kim... *water, wiggle, wonderful* — ela me treinava com toda paciência.

Em uma viagem a Barcelona, minha dor apareceu de maneira tão inesperada e com tamanha intensidade durante um jantar sofisticado que temi não ter condições de fazer o discurso principal. Olhei para Anne, que estava sentada à mesa ao lado da minha, e disse:

— Tia Anne, a dor... Está demais hoje. Não consigo ficar sentada aqui durante todo o jantar. Preciso levantar e me movimentar.

Tia Anne correu até o coordenador do evento, sussurrou algumas frases, veio em minha direção e me levou para um local aberto.

— Venha, Kim! — disse ela com um sorriso cortês. — Vamos caminhar.

Acho que demos umas dezesseis voltas naquela noite. Após o que pareceu ser uma hora inteira, eu parei, expirei e disse:

— Melhorei. Estou pronta para voltar agora.

Enquanto nos dirigíamos à mesa principal, tive alguns minutos para me compor antes de subir ao palco. “Que sorte a minha ter uma amiga assim!” Mais de vinte anos depois, ela continua a ser uma amiga querida.



A onda inicial de publicidade levou a outra oferta, dessa vez de uma editora que estava interessada em “meu livro”.

— Mas eu não tenho um livro — lembro-me de ter dito a eles. Ao que responderam:

— Nós gostaríamos de ajudá-la a mudar isso.

Quer tentar adivinhar quanto eles me ofereceram para contar minha história?

Oito mil dólares, na lata. “Pai, o Senhor é tão bom!”

Assim que o cheque chegou, Toan não perdeu tempo e se matriculou no curso de teologia. Tendo encontrado moradia mais perto da faculdade, nós nos mudamos mais uma vez. Toan não precisaria se preocupar em fazer um longo trajeto com um carro nada confiável.

A editora me colocou em contato com uma escritora, a srta. Denise Chong. O processo de escrita era, em igual medida, rigoroso e satisfatório. O rigor era duplo. Primeiro, o único idioma comum entre mim e a srta. Chong era o inglês, e eu ainda tinha grandes dificuldades nesse aspecto. Lembro que as sessões de entrevista eram longas e trabalhosas, enquanto ela e eu tentávamos encontrar palavras para expressar nossas intenções.

Em segundo lugar, o desafio mais importante que enfrentei foi forçar minha memória debilitada a recordar inúmeros detalhes de tudo que tinha vivido. *Em que* eu havia pensado enquanto corria pela Rodovia 1 assim que as bombas de napalm foram lançadas? *Quem* foi me ver enquanto eu me recuperava em Barsky e o que essas pessoas disseram para mim? *Quando* os inspetores comunistas começaram a me forçar a fazer entrevistas encenadas? *Como* eu lidava com a dor? Quantas perguntas a srta. Chong tinha para me fazer! E como

eram poucas as respostas prontas. Mas, então, uma lasca de memória emergia. E, assim como um fragmento de luz que passa pela rachadura de uma porta ilumina o quarto inteiro, essa lasquinha abria minha memória de maneiras que eu nem imaginava serem possíveis. Eu conferia os fatos com tio Ut, o sr. Kretz ou com notícias que havia reunido. Pouco tempo depois, conseguia compilar uma cena inteira. “Sim, sim! Foi exatamente assim que as coisas aconteceram nesse dia!”

Fiquei grata ao perceber que as lembranças vinham à tona, mas, para mim, o aspecto mais satisfatório no processo de juntar os pedaços de meu passado foi me dar conta de que eu não nutria mais amargura em relação ao trauma que havia sofrido. Sim, eu ainda tinha cicatrizes terríveis e persistentes, mas a raiva que carregara comigo por tantos anos se fora, ficara para trás. Algumas das fotografias incluídas no livro que a srta. Chong escreveu, publicado em 1999, eram imagens que eu nunca tinha visto. Houve uma em particular, tirada pelo sr. Kretz, que me mostrava tomando banho ao ar livre em Trang Bang. A cena me fez pensar: “Pobre garotinha!”. Era como se Deus tivesse me distanciado da agonia. Eu não enfrentava mais a dor que havia suportado.



Enquanto eu me ocupava com o livro, Toan estudava com afinco, preparando-se para as muitas viagens que faria ao Vietnã do Norte durante as férias da faculdade. Encorajado pela proteção que os cidadãos canadenses desfrutavam ao viajar para nossa terra natal, Toan visitou seus familiares durante essas viagens, fazendo cultos secretos nas casas e conduzindo centenas de pessoas a Cristo, inclusive seu tio, um comunista devoto. O tio de Toan estava gravemente enfermo e não expressava nenhum interesse no “Deus do sobrinho”, até o último dia da primeira viagem de meu marido. Quando Toan foi se despedir, seu tio se acabou em lágrimas e disse:

— Toan, eu quero ser salvo! Concordo em aceitar Jesus Cristo como meu Salvador pessoal! — Seis meses depois, o tio de Toan faleceu.

Durante a segunda viagem de Toan ao Norte, ele visitou o pai, que estava doente e hospitalizado.

— Meu pai é o primogênito de sua família — Toan me disse antes de partir. — Escolher acreditar em Deus seria uma traição terrível aos olhos de sua parentela. Você precisa orar por mim todos os dias enquanto eu estiver lá, Kim.

Eu orei como nunca enquanto Toan estava ao lado do pai; porém, as notícias que recebia de meu esposo só pioravam. O pai não se alimentava mais e parecia esquelético e fraco. A família, presumindo que o fim estava próximo, preparou um caixão e se sentou silenciosa, aguardando sua morte. Ainda assim, Toan se ajoelhou ao lado do leito do pai, rogando ao céu por cura, confiando que um milagre aconteceria.

No terceiro dia em que Toan estava naquele quarto de hospital, seu pai abriu os olhos, que estavam fechados havia mais de 24 horas. Então, envolveu o queixo de Toan com sua frágil mão e sussurrou:

— Filho, eu aceito Jesus Cristo.

Além de se acertar com Deus, meu sogro foi completamente curado. Ele está vivo e passa bem enquanto escrevo estas palavras.

Toan e eu consideramos que fazemos parte dos milhões de seguidores de Cristo ao longo das eras que testemunharam, em primeira mão, o agir milagroso de Deus. O que eu não sabia na época era que Deus só estava começando! Um *tsunami* de bênçãos estava vindo em nossa direção.

---

MEMORIAL DOS VETERANOS DA GUERRA DO VIETNÃ,  
WASHINGTON, D.C., EUA

## TEMPO DE PERDOAR

### NOVEMBRO DE 1996

Em uma manhã gelada de novembro de 1996, pouco mais de dois anos depois do nascimento de Thomas, acordei no quarto de um hotel em Washington, D.C., ansiosa para o dia começar. Eu havia recebido o convite para falar na cerimônia anual do Dia dos Veteranos de Guerra, realizada em frente ao Memorial dos Veteranos da Guerra do Vietnã, no célebre National Mall. Esperava-se a presença de mais de três mil pessoas, e também haveria dezenas de milhares de espectadores assistindo ao evento pela televisão.

Eu acreditava veementemente nas palavras que havia me preparado para dizer e esperava convencer, de maneira sutil, meu público do seguinte: a despeito do problema, a guerra nunca é a resposta. Eu havia descoberto a paz e queria compartilhá-la. Eu havia descoberto o amor e conhecia sua capacidade de cura. O que eu não teria como prever era que todas as minhas elevadas teorias acerca desses princípios morais estavam prestes a passar pelo maior de todos os testes.

Mesmo exaltando os muitos benefícios de conhecer meu Jesus, de me entregar a ele e ser submissa, de lhe obedecer e buscar agradá-lo, reconheço que viver para Cristo cobra um alto preço. Para mim, o aspecto mais desafiador de permanecer em um relacionamento com Jesus era uma coisinha chamada perdão. Eu era grata por Deus haver me perdoado. Mas não tinha certeza se era capaz de perdoar aqueles que tinham me feito mal.

De início, a questão do perdão viera à tona para mim anos antes, bem antes de conhecer Toan, quando li dois breves versículos das Escrituras registrados no evangelho de Lucas.

Jesus disse a seus discípulos: “Eu digo: amem os seus inimigos, façam o bem a quem os odeia, abençoem quem os amaldiçoa, orem por quem os maltrata”.<sup>25</sup>

“Isso não pode estar certo”, pensei. “Talvez eu tenha lido errado.” Li os versículos de novo, dessa vez me concentrando na última parte: “Abençoem quem os amaldiçoa, orem por quem os maltrata”.

Abençoar quem me amaldiçoa? Orar por quem me maltrata? Como é possível fazer isso?

Encarei essas frases por um bom tempo, até que comecei a rir.

— Oh, Pai — disse em voz alta —, o Senhor não se lembra de quantos inimigos eu tenho?

Então comecei a fazer a “lista dos meus inimigos”. No topo da lista, é claro, se encontravam todos os envolvidos na destruição de meu país e no lançamento das bombas de napalm que mudaram minha vida para sempre. Os estrategistas que traçaram os planos de guerra, os comandantes que ordenaram ataques aéreos, os pilotos que jogaram as bombas — eu estava furiosa com todos eles. Eu não sabia o nome de todos os culpados, mas reservei um lugar para cada um em minha lista.

Logo em seguida vinham os oficiais comunistas, cada um dos homens que mataram meus sonhos. Eles me usaram para fazer propaganda ideológica e me arrasaram dia após dia. E eu acreditava que deveriam pagar por tudo que fizeram. Se uma pessoa lhe bater uma ou duas vezes, quem sabe você deva lhe oferecer perdão. Mas e quanto a sofrer golpe atrás de golpe, dia após dia, abuso após abuso devastador? Quem faz isso não deve ser perdoado. Eu tinha toda certeza quanto a isso.

Gastei quase uma hora para fazer a lista, acrescentando nomes ou posições que me vinham à mente, e, ao fim desse exercício desgastante, fechei a Bíblia com toda força e pensei: “Perdoá-los? Pode esquecer! Não tem jeito. O cristianismo é algo difícil demais”.

Eu lutava com a perspectiva de aceitar e colocar em prática essas instruções tão elevadas. Os males cometidos contra mim foram atrozmente demais, e eu temia que perdoar meus malfeitores fosse o mesmo que dar licença para seus pecados ou até mesmo aprová-los. Eu questionava comigo: “Como a justiça será feita se eu mesma não defender minha causa?”.

Contudo, eu continuava a encontrar outros versículos bíblicos sobre o perdão.<sup>26</sup> As Escrituras me pediam para ser terna e compassiva e para acreditar que a vingança é responsabilidade de Deus, não minha.

“Pai, sim, mas o Senhor não entende quão severa é minha dor!”

“Sim, eu sei que o Senhor diz que devemos perdoar, mas e o terror, a destruição, a humilhação, as cicatrizes?”

“Sim, eu sei que a vingança pertence ao Senhor, mas e todos esses anos que me foram tirados? Não deveria eu esperar que a justiça seja feita?”

“Sim, o perdão é o mais sábio a se fazer, mas, Senhor, não consigo perdoar.”

“Sim, mas...”

“Sim.”

“Mas... não.”

Até a pergunta honesta que Pedro, discípulo de Jesus, fez ao Mestre acerca de quantas vezes uma pessoa piedosa deve perdoar me encheu de fúria. “Sete vezes?”, indagou Pedro, ao que Jesus respondeu: “Setenta vezes sete”.<sup>27</sup> Isso dá 490 vezes. Eu fiz as contas: mais de uma década de tragédia e humilhação por parte daqueles que eu havia listado resultava um total de quatro ou cinco *mil* males cometidos contra mim. Por que me importar com apenas 10% do que era necessário no meu caso?

Só me dei conta da loucura daquele raciocínio quando cheguei ao importante momento em que precisei decidir se trilharia a estrada pavimentada com vida, paz e alegria ou se optaria pela rota marcada por sofrimento, amargura e raiva. Eu entregaria minha vida ao senhorio de Jesus ou não? Que caminho eu escolheria?



De volta a Washington, eu estava tremendo quando afinal subi ao palco.

— Caros amigos — comecei com a voz vacilante —, é com grande alegria que estou aqui entre vocês hoje... Como sabem, sou a garotinha que correu para escapar do fogo causado pelo napalm. Não quero falar sobre a guerra, pois não posso mudar a história. Só desejo lembrá-los da tragédia da guerra a fim de que promovamos ações que parem com os conflitos e a matança ao redor do mundo. Eu sofri muita dor física e emocional. Houve momentos em que pensei que não conseguiria mais continuar vivendo, mas Deus me salvou, me deu fé e esperança. Mesmo se eu pudesse conversar face a face com o piloto que jogou as bombas, eu lhe diria que não podemos mudar a história, mas devemos tentar fazer coisas boas no presente e para o futuro, com o intuito de promover a paz.

Quando concluí minhas palavras e os músicos começaram a tocar os clarins, suspirei diante da importância daquele momento e limpei as lágrimas dos olhos e das bochechas. Os momentos que se seguiram foram uma agitação desordenada, enquanto os anfitriões me conduziam rapidamente do palco a um veículo policial que me esperava a fim de me levar de volta para o hotel. Fiz o máximo que pude para cumprimentar todos que estavam esperando para apertar minha mão ou me dar um abraço, mesmo sentindo a urgência do coordenador em me tirar de cena. E, em meio àquele tumulto, havia alguém que necessitava do meu perdão.

O capitão John Plummer era um veterano norte-americano da Guerra do Vietnã que vira minha história ser contada no programa de televisão *Where are they now?* [Onde eles estão agora?]. Ao ver a foto de Nick Ut, o capitão do exército teve lembranças terríveis da guerra. Quando o conheci naquele Dia dos Veteranos, ele se identificou como o homem que havia coordenado o lançamento das bombas de napalm naquele dia na Rodovia 1 em Trang Bang. Agora pastor, o reverendo Plummer disse:



— Kim, eu lamento muito. Sinto muitíssimo pelo que fiz. Será que você consegue me perdoar?<sup>28</sup>

Quando o reverendo Plummer me fez essa pergunta no Dia dos Veteranos de Guerra, segurei as mãos dele, olhei profundamente em seus olhos e disse:

— Está tudo bem. Eu perdoo. Eu perdoo.

Fiquei grata pela oportunidade de estender perdão a uma pessoa, mas e as outras? Como poderia perdoar indivíduos que, em alguns casos, eu nem sabia onde estavam? Sim, eu sabia que integravam determinado grupo militar, de uma ou outra parte desse ou daquele país, mas como poderia ir até eles e perdoá-los sem nem saber seus nomes?

Eu havia memorizado um lindo versículo escrito por um profeta do Antigo Testamento que explica a promessa de Deus para aqueles que o amam: “Pergunte-me e eu lhe contarei coisas maravilhosas, segredos que você não sabe”.<sup>29</sup> E foi exatamente isso que fiz. Quando acordava pela manhã com aquela familiar sensação de amargura obscurecendo meus pensamentos e minhas orações, eu apenas fazia uma pausa, respirava fundo e clamava ao Senhor. Na minha cama, em voz alta, eu dizia: “Ó Deus, por favor, mostre-me coisas que eu ainda não sei sobre como perdoar de verdade aqueles que hoje desprezo. Eles me prejudicaram tanto, Pai, que não consigo pensar direito. Porém, sei que sua Palavra me pede que perdoe essas pessoas, e até mesmo as abençoe. Por favor, explique-me como posso fazer isso”.

Nunca recebi uma resposta clara do Senhor para meus numerosos pedidos, mas sabe o que aconteceu comigo? Com o passar do tempo, enquanto rogava a Deus por sabedoria, percebi que, em vez de murmurar maldições contra os meus inimigos, contra aqueles que me causaram mal, eu comecei a orar por eles. Por exemplo, se vinha à minha mente o nome de determinado jornalista que havia escrito mentiras sobre mim, em vez de me indignar em meu espírito contra o indivíduo, eu dizia: “Pai, por favor, proteja-o. Faça que ele prospere segundo a sua vontade. Ajude-o a fazer um excelente trabalho hoje. Dê-lhe também a sua paz, Senhor”.

Então, seguia-se um período de oração por todos os líderes dos regimes comunistas, a mesma estrutura governamental que havia arruinado uma parte tão grande da minha vida. “Deus, por favor, ilumine esses homens hoje com sua presença e seu poder. Dê-lhes olhos espirituais para enxergar.”

Eu orava dessa maneira por todos os envolvidos na Guerra do Vietnã, por todos que me marginalizaram por causa de minhas cicatrizes disformes, por todos que me interpretaram mal, ou deixaram de me ajudar, ou não me trataram como um ser humano dotado de sentimentos. Eu orava por todos eles, por todas as pessoas registradas em minha lista.

Quanto mais orava, melhor me sentia, e quanto melhor me sentia, mais leve se tornava o meu espírito. Chegou o momento, talvez dois ou três meses após ter iniciado essa prática, em que olhei para as linhas do meu diário de oração e percebi que estava orando com fervor



pelas mesmas pessoas que antes estavam em minha lista de inimigos! Lembro-me de ter pensado: “Uau! Meu coração certamente está mudando, pois agora só sinto amor pelas pessoas que antes eu queria matar”.

Meu coração não estava mais irado. Eu não buscava mais a vingança. A lista de inimigos havia se tornado minha lista de oração, e minha fúria declarou cessar-fogo.

Quando vi todos os nomes inscritos no muro do Memorial dos Veteranos da Guerra do Vietnã, algo despertou bem dentro de mim — creio que foi um chamado. Sim, eu lamentava por todos os homens e todas as mulheres que perderam a vida por causa da guerra. De igual maneira, porém, lamentava por todas as crianças feridas durante as guerras, meninos e meninas que não tinham ninguém para lutar por eles, ninguém para ajudá-los a juntar de novo os pedaços de sua vida. Eu conhecia a tragédia que enfrentavam! Eu tinha sido uma dessas crianças também.

Após aquele evento no Dia dos Veteranos de Guerra, comecei a me movimentar no sentido de criar a instituição hoje conhecida como The KIM Foundation International [Fundação Internacional KIM], organização sem fins lucrativos que ajuda a levantar recursos para custear grupos atuantes na provisão de alívio para as mais de seis milhões de crianças do mundo gravemente feridas ou permanentemente inválidas por causa de guerras ocorridas ao longo da última década. Esses grupos conseguem próteses de membros amputados e aparelhos ortopédicos, medicamentos e cadeiras de rodas, serviços de reabilitação e aconselhamento, além de ajudar a integrar novamente as crianças feridas às comunidades onde vivem.

Para mim, nosso trabalho realizado em Uganda foi de grande importância. Ali, custeamos a criação da escola Nakyessa, com aulas diurnas para alunos que moram na comunidade e regime de internato para estudantes residentes. Naquele país, mais de 90% das crianças não consegue terminar o ensino médio. Isso significa que correm o risco de não encontrar emprego no início da idade adulta. O motivo para essa evasão é a falta de instituições. Não há dinheiro para construir prédios escolares e, sem eles, não há como haver escolarização.

Com um de nossos parceiros, o ministério High Adventure Gospel Communication, construímos salas de aula, um prédio administrativo e quartos residenciais, estruturas que hoje recebem mais de setecentas crianças com idade entre 5 e 17 anos. Eu estive na escola. Abracei essas crianças. Conteí para elas que entendo o sentimento desolador de ficar sabendo que não será possível terminar os estudos. E vi a esperança nos olhos delas quando foram convidadas a voltar a estudar.

Toda vez que minha equipe me traz o relato de mais uma criança que se deu bem, seja em Nakyessa, seja em qualquer outro de nossos projetos, não consigo deixar de vibrar em alegria. “Sim! Nossos esforços estão fazendo a diferença!” E isso verdadeiramente me basta.



Quando o calendário se despediu de novembro e dezembro começou, recebi o maior presente de Natal que poderia imaginar: descobri que estava grávida de nosso segundo filho. Dei a notícia para Toan e Thomas juntos:

— Adivinhe, Thomas? Papai e mamãe estão preparando um amigão para você! Você nunca mais precisará brincar sozinho.

Mais uma vez, Toan e eu consultamos a Bíblia em busca de possíveis nomes. Escolhemos Rebecca se fosse menina e, se fosse menino, nos decidimos por Stephen, em homenagem ao fiel Estêvão, que sofreu martírio por sua coragem e força espiritual. Fiz carinho na barriga em ansiosa expectativa, pronta para que aquele pequenino embrião começasse a crescer, pronta para os nove meses seguintes. Eu já havia trilhado aquele caminho antes e sabia que seria uma jornada bonita e agradável.

— Aqui vamos nós! — exclamei olhando para o ventre, na esperança de que meu pequeno bebê já conseguisse identificar minha voz.

Infelizmente, minha segunda gravidez não foi tão tranquila quanto a anterior. Durante os cinco primeiros meses, enjoei tanto que não conseguia manter nada no estômago. Odores fortes me deixavam mal. E fiquei tão fraca que passei a me questionar se conseguiria chegar até o fim da gestação. Mas, quando o pequeno Thomas, então com 2 anos, se aproximava todo desengonçado, enfiava o rosto em minha barriga e começava a conversar com o irmão, todas as minhas preocupações desapareciam.

Fui atendida pelo mesmo médico maravilhoso que havia me acompanhado durante a primeira gestação, e isso me deu uma paz tremenda.

— Está tudo bem com você, Kim — o dr. Phillips me dizia durante aqueles meses de enjoo terrível. — Muitas mulheres enfrentam náuseas semelhantes às suas.

Fiquei aliviada. Depois de tantos anos recebendo más notícias dos especialistas de jaleco, eu sentia um medo imediato sempre que entrava em qualquer consultório médico.

— Ah, finalmente uma perspectiva boa! — respondi. — Eu acredito em você. Vou ficar bem.



Nove meses depois, no meio da madrugada, liguei para Kathy Parkinson, minha amiga da igreja e disse:

— Kathy, sei que são duas e meia da manhã, mas o bebê vai nascer logo! Você pode cuidar do Thomas enquanto Toan e eu vamos para o hospital?

Felizmente, Kathy e Gary moravam a apenas cinco minutos de distância. Quatro minutos depois, ouvimos uma batida suave na porta. Kathy já estava lá, ainda de pijama. Que bênção é uma amizade fiel!

Por fim, demos as boas-vindas a Stephen, um bebê perfeitamente formado e perfeitamente saudável. Dessa vez, meu marido se mostrou bem mais equilibrado do que quando Thomas chegou ao mundo. Mais uma vez, Deus estava nos mostrando que sempre tem algo bom em mente.



Toda a publicidade inicial de minha história gerou um resultado imprevisto. Um produtor executivo de cinema ficou sabendo da minha biografia e entrou em contato comigo.

— Gostaria de transformar sua experiência em um documentário — ele me explicou. — E você participaria do processo de criação, claro.

No momento em que concordei, a produtora Shelley Saywell foi incumbida do projeto e começamos a esquematizar as principais cenas.

*Kim's Story* [A história de Kim] estreou no Canadá em 1997. Pouco depois, um homem de Montreal que se emocionara muito ao saber de tudo que havia acontecido comigo se ofereceu para providenciar que minha família e eu reencontrássemos meus pais. Essa seria a resposta a décadas de oração. “O que o Senhor tem em mente, meu Deus?”, eu me perguntei.

E o imaginei respondendo: “Não posso divulgar essa informação ainda. Mas acho que você vai gostar do que está prestes a acontecer”.



Muitos anos antes, meu coração estava a ponto de transbordar de amargura, escuridão e raiva, como uma xícara cheia da borra de café espesso, tão escura que tragava toda luz. Eu havia sofrido tanto e perdido tanto que não via motivo para continuar vivendo. Tudo era horrível, todos eram horríveis, a vida em si era horrível. E, para ser bem franca, eu só queria dar um jeito de acabar com tudo.

Por tempo excessivo, carreguei essa borra preta para todos os lados, permitindo que espirrasse de meu mundo interior e sujasse pessoas inocentes que por ali passavam. É pesado demais carregar a escuridão, e isso se demonstrava em todos os aspectos. Meu fardo era imenso. Eu me encurvava sob ele. Afundava debaixo da carga que eu mesma permitira estar ali. Graças a Deus, porém, não permaneci nessa condição. O próprio Deus escolheu falar à minha dor. Certo dia, o Senhor me sussurrou: “Kim, você precisa se livrar da borra preta. Dia após dia, um pouquinho de cada vez, até não haver mais trevas”.

Parecia impossível cumprir essa instrução, considerando quanta borra havia do lado de dentro. Mas então eu me lembrava da orientação: um pouquinho de cada vez. E me perguntava se conseguiria fazer isso.

Comecei com a lista, escolhendo apenas fazer uma oração pedindo bênçãos sobre uma pessoa, em vez de amaldiçoar seu nome. Então passei a orar por duas, depois por três e,

finalmente, pela lista inteira. Quanto maior a frequência e o fervor dessas orações, mais borra conseguia tirar. É claro que não fui eu quem realizou esse processo, mas Deus. Ele é o único capaz de tirar a escuridão de dentro de nós!

Às vezes, em um momento de fraqueza, eu me aproximava novamente da amargura e, como um rio que corre impetuoso por cima de uma represa quebrada, minha xícara se enchia de raiva e miséria mais uma vez. Eu sentia aquela borra negra subindo em minha alma e pensava: “Por que fiz isso de novo?”.

A decisão de retomar a dor nunca valeu a pena. O perdão sempre é o melhor caminho.

Com o tempo, à medida que fui progredindo no processo de fazer escolhas emocionais sábias, percebi que as trevas permaneciam recuadas e que eu estava me enchendo de algo bom. Era paz. E luz. E entendimento, compaixão, amor. Tudo isso vinha do Senhor. Ele estava me enchendo de água limpa, perfeitamente pura.

Quando comecei a praticar outros hábitos, como confessar meus pecados e meu orgulho, bem como meditar cuidadosamente na Palavra de Deus, a água parecia mais limpa, pura e fresca. Quem é capaz de olhar para o mar azul cristalino sem se maravilhar com a beleza que ele revela? Era exatamente assim que me sentia ao contemplar minha condição. Eu tinha sido liberta da amargura. Tinha sido liberta da fúria. Tinha sido lavada e estava vendo o fruto da transformação em minha vida. Parei de apenas dizer que queria me tornar mais semelhante a Jesus; pelo poder que vem dele, essa transição *realmente estava acontecendo*.

Parte IV

---

# **A REDENÇÃO DA MINHA HISTÓRIA**

---

**REGIÃO METROPOLITANA DE TORONTO, ONTÁRIO****O REENCONTRO****SETEMBRO DE 1997**

Eu era a mãe amorosa de dois garotinhos, uma esposa dedicada, uma mulher adulta, de 34 anos, tão perplexa quanto qualquer uma por estar desempenhando qualquer um desses papéis, ainda mais todos ao mesmo tempo. Perto de mim, o bebê Stephen gritava por alimento quando o telefone tocou. Shelley Saywell, a produtora do meu documentário, estava na linha.

— Kim — disse ela —, recebi uma mensagem da madame Ndèye Fall, de Quebec. Ela quer falar com você.

Eu não sabia de quem se tratava. Mas, depois de Shelley me explicar que a madame Fall trabalhava para uma organização global muito importante cujo objetivo é conquistar a paz mundial, dei autorização para que lhe passasse meu número de telefone. No dia seguinte, madame Fall me ligou.

— Kim Phuc — disse ela —, acabei de ver seu filme aqui em Quebec e gostaria muito que você pensasse na possibilidade de servir conosco na Unesco como embaixadora da boa vontade.

As palavras da madame Fall pouco significavam para mim. “O que é Unesco, o que são embaixadores da boa vontade e por que raios ela quer que eu seja isso?”

— Madame Fall — respondi —, muito obrigada por entrar em contato comigo hoje, mas não tenho nenhum desejo de atuar em uma função política. Não sou uma boa escolha para ser embaixadora de tipo nenhum.

— Não, não! Você não está entendendo — explicou ela. — Não se trata de uma posição com nenhum teor político. Em vez disso, é uma oportunidade de atuar como uma embaixadora que promove a cultura da paz.

O que aconteceu foi o seguinte: madame Fall e toda sua equipe no escritório da Unesco em Quebec viram o documentário a meu respeito e se emocionaram com a minha história.

— Todos nós nos lembramos de sua célebre fotografia, mas o filme mostra *outra* fotografia de sua vida, uma imagem marcada não pelo ódio e pela guerra, mas sim por esperança e paz. É essa imagem sua que queremos apresentar ao mundo, o retrato de como a vida pode ser quando se escolhe a paz.

Por mais honrada que eu tenha ficado com o convite, o choro de Stephen me fez voltar à realidade.

— Mas, madame Fall, eu acabei de ter um segundo bebê, que mal completou um mês de vida. Sou mãe, não uma embaixadora! O que posso fazer?

Madame Fall riu e disse:

— Não precisa fazer nada agora. Apenas seja você mesma, a mãe de seu bebê. À medida que surgirem oportunidades para você, vamos elaborar um plano. Por enquanto, por favor, saiba que nos sentiremos honrados em trabalhar com você e encontrar meios para que o máximo de pessoas possível ouça sua história e aprenda sobre seu estilo de vida.

Desliguei o telefone sem fazer a menor ideia do que havia concordado em fazer. Eu não sabia que meu mundo havia virado de cabeça para baixo, não sabia que tudo acabara de mudar para mim.



A segunda fotografia que madame Fall tinha mencionado havia sido tirada alguns anos antes, quando Thomas era bebê. Um fotógrafo se ofereceu para tirar fotos de minha família, e minha imagem preferida da sessão inteira foi a que me mostra segurando Thomas, nós dois com a pele exposta. Na fotografia, que eu havia transformado em um cartão de visita de tamanho maior que o comum, dá para ver a parte de trás de meu pescoço, meu ombro esquerdo, minhas costas — minha cicatriz inteira, tão furiosa e enrugada. E se vê também a parte de trás do pescoço de Thomas, seu ombro direito, suas costas — sua pele nova tão doce e lisa. O contraste é radical.

Estou segurando Thomas junto ao peito, com os lábios próximos a seu ouvido direito, mas sem encostar. Meus olhos estão concentrados em Thomas, que olha em frente, para longe da câmera. Entre nós se cria o formato de um coração, formado pelas linhas e curvas criadas pelo meu ombro, o pescoço dele e meu queixo.

Quando vi a foto pela primeira vez, fiquei sem fôlego.

— Olhe, Toan! Você está vendo o que eu enxergo aqui?

Minhas cicatrizes eram inegáveis, tão evidentes que nos encaravam. Contudo, por causa da direção para onde Thomas olhava, as cicatrizes estavam no passado. Thomas olhava para o futuro, que não era controlado pela guerra nem pela dor. Ao recordar, é como se minha boca estivesse sussurrando no ouvidinho dele a verdade das coisas: “Sim, sua mamãe foi terrivelmente machucada, mas ela continua em pé, e você precisa ficar também. Posicione-se pela paz, Thomas. Defenda a justiça. Você vê esse coração entre nós? Acima de tudo, filho, defenda o *amor*”.

— Não podemos mudar a história —, eu digo em todas as palestras que dou pela Unesco.  
— Mas, com amor, podemos curar o futuro.

Não importa a pergunta, creio que a resposta sempre é o amor.



Havia, porém, um abismo que me impedia de vivenciar totalmente o amor que eu promovia com tanto fervor em 1997: a distância entre meus pais e eu. A comunicação com mamãe e papai era um desafio desde que eu havia partido de Cuba, em 1986. Eles não tinham telefone, embora houvesse um no correio de Trang Bang. Por isso, antes de eu ir embora do Vietnã, nós concordamos que, em um horário marcado, toda semana, eu telefonaria para eles. Esse plano funcionou por um tempo, mas logo todos nós percebemos que o acordo era bem difícil de cumprir. Às vezes, um de nós (ou ambos) estava indisponível no momento marcado; em outras ocasiões, a linha do correio estava ocupada quando eu telefonava; ou, então, eu estava em um lugar sem acesso a um telefone. Nossos melhores planos se esfriaram e seguiu-se um indesejado período de silêncio.

Depois que Toan e eu buscamos asilo no Canadá, escrevi uma carta para meus pais contando sobre nossa deserção, mas, como mudávamos muito de residência, nem sempre eu conseguia lhes dar um endereço confiável para correspondência.

Agora que tínhamos em andamento um plano legítimo de reencontro e, acima de tudo, um plano *com todas as despesas pagas*, Toan decidiu fazer um convite formal para meus pais, chamando-os para vir a Toronto ficar um mês conosco. Toan instruiu meu pai:

— Peça ao funcionário do correio que faça dez cópias desse convite para você e os guarde em locais separados, caso uma ou mais dessas cópias sejam confiscadas pelas autoridades. Você precisará provar nosso pedido de visita. Sempre mantenha uma cópia em mãos.

Meus pais fizeram conforme foram orientados. Tiraram cópias e as guardaram em locais separados, sempre tomando cuidado com os oficiais comunistas, que poderiam impedi-los de fazer a viagem. Em certa manhã, mamãe e papai levaram uma cópia do convite aos oficiais de Trang Bang a fim de pedir permissão para obter os documentos internacionais de viagem. Eles não tinham passaporte, nem visto. Não tinham *nenhum* dos documentários necessários.



A única coisa em suas mãos era um pedaço de papel escrito por dois desertores que moravam no Canadá e dois corações cheios de esperança propulsora desesperada.

— Como vocês ousam pedir permissão para visitar sua filha? — um dos oficiais explodiu, claramente irado porque eu havia escapado das garras comunistas. — Ela desobedeceu a nós! — esbravejou, rasgando o convite de Toan em pedacinhos. Então, começou a encher meu pai de perguntas sobre meu paradeiro e minhas atividades, embora soltasse um “Cale a boca” toda vez que papai tentava responder.



Enquanto essa situação infeliz acontecia em Trang Bang, eu esperava em Toronto com grande expectativa, certa de que ouviria notícias de meus pais a qualquer dia. Mas os dias se transformaram em semanas e as semanas somaram meses, sem que eu recebesse uma resposta. Eu me perguntava: “Por que está demorando tanto? Será que está tudo bem?”.

Quando estava pronta para desistir da esperança do reencontro, outro oficial de Trang Bang visitou minha família para contar que ele e seus camaradas haviam feito uma reunião e queriam que meus pais preenchessem a papelada novamente. Na verdade, era um pedido velado de suborno. Era como se o oficial estivesse dizendo para mamãe e papai: “Vocês me dão algo e eu lhes dou algo em troca”. Meus pais não tinham nada para dar e não queriam me pedir dinheiro, então disseram “não”.

O plano se estagnou novamente, mas as coisas estavam prestes a dar certo. Enquanto meus pais refletiam sobre qual seria seu próximo passo, Shelley Saywell me telefonou para contar que o pai dela tinha um bom amigo que trabalhava como contato canadense com Saigon.

— Quero pedir ao meu pai que escreva uma carta ao amigo dele, pedindo auxílio para você e Toan.

Concordei sem hesitar. Sim, eu cria que Deus é capaz de mudar o coração dos líderes que se colocam no caminho dos sonhos de alguém. E sim, eu cria que Deus tem poder para abrir portas que ser humano nenhum consegue fechar. Quem poderia dizer que não era o próprio Deus em ação nesse caso? Eu considerava a srta. Saywell um instrumento do favor de Deus.

Em poucas semanas, meus pais receberam passaportes vietnamitas e ouviram votos de que fizessem uma boa viagem para o ocidente. Três meses depois, no dia 24 de setembro de 1997, com o visto e todos os outros documentos legais em mãos, eles pousaram no Aeroporto Internacional Pearson, em Toronto, onde Toan e eu esperávamos ansiosos no desembarque.



Meus pais devem ter ficado nos últimos assentos da aeronave, pois Toan e eu observamos pelo menos umas duzentas pessoas saírem antes de conseguirmos enxergar papai e mamãe.

Meu esposo e eu nos enchemos de alegria ao ver que eles haviam chegado em segurança. Mamãe trajava sua roupa de costume — pantalona preta, com uma túnica branquíssima — e papai vestia uma camisa de manga curta e uma calça social de tecido fino, roupas completamente inadequadas para o ar gelado de Toronto. Toan e eu trocamos olhares reveladores. A compra de casacos de inverno precisaria ser prioridade em nossa lista de afazeres.

À medida que mamãe se aproximava, toda desarmonia e toda distância que enfrentáramos por anos se desfizeram de uma só vez.

— *Ma dang o day roi, Ma den duoc Canada roi!* — eu disse animada, assim que ela chegou à minha frente, em carne e osso. “Oh, mamãe, você está aqui! Você conseguiu chegar ao Canadá!” — *Cam on Chua Ba, Ma den Canada an toan* — continuei, sem me dar conta de que não havia parado de falar o suficiente para deixar mamãe dizer algo. — *Con that la sung suong gap lai Ba Ma!* “Graças a Deus que vocês chegaram em segurança. Estou tão feliz em vê-la, mamãe!”

Dava para ver o orgulho no rosto de mamãe enquanto ela me olhava: sua garotinha, toda crescida, casada e mãe de família, dando um jeito de se virar em um mundo completamente novo. Ela me puxou para perto e não parava de me abraçar, como se estivesse tentando encher um tanque de amor que por tantos anos permanecera seco. Apresentei mamãe para Toan, que ficou tão empolgado que não conseguia parar de rir. Mamãe foi até Thomas, que caminhava em volta de nós, e então perguntou:

— Mas, My, onde está o seu bebê? O pequeno Stephen?

Eu me distraíra tanto com a chegada de mamãe que havia me esquecido completamente de Stephen. Eu o havia deixado dormindo no bebê conforto a uns bons quinze metros de distância.

— Oh, não! — disse eu, rindo diante do meu estouvamento. — Meu bebê! Como pude me esquecer?

Corri até Stephen, coloquei o bebê conforto no braço e apresentei meu pequeno para meus pais:

— Vejam o que Toan e eu fizemos!

Mamãe colocou o dedo indicador dentro da mãozinha gorducha de Stephen e olhou profundamente em seus olhos.

— Meu lindo menino! — exclamou ela. — Sou eu, sua avó!

Não me lembro do trajeto pelo terminal até a retirada das bagagens, nem da ida de carro até nossa casa. Só me recordo daquele grupo feliz saltitando pelo ar, com pés que mal tocavam o chão, e o coração leve como uma nuvem. Mamãe e eu estávamos juntas de novo. Era assim que a vida deveria ser!



Fazia bem mais de uma década que eu orava por meus pais, para que nosso relacionamento recebesse cura; para que eles descobrissem a pessoa de Jesus Cristo; e para que Deus redimisse os anos que perdemos “por causa dos gafanhotos”,<sup>30</sup> como disse o profeta Joel, em referência a tudo que foi perdido sem motivo. Tanta coisa se perdera sem motivo entre mamãe e eu! A perspectiva de sua chegada para ficar sob o mesmo teto com minha família era igualmente maravilhosa e preocupante. Se as coisas dessem certo, poderia ser incrível. Mas e se dessem errado? O que nossa família faria? Um mês é um período muito longo para dividir a moradia com um grupo zangado.

No decorrer dos anos, clamei a Deus para que a visita de meus pais fosse um momento feliz, lembrando, a cada vez, o conselho de minha querida amiga Thuy: “Quanto mais choramos, mais devemos orar”.

Bem, uma hora depois de buscar meus pais, todas as apresentações já haviam sido feitas. Dá para imaginar seu cônjuge conhecendo seus pais após cinco anos de casamento? Isso nunca havia passado pela minha cabeça! Mostramos a eles nosso modesto lar e fui providenciar um almoço para nós.

— O que posso preparar para vocês, mãe? — perguntei.

Ela respondeu:

— Qualquer coisa! Faz 24 horas que não comemos!

Mamãe e papai ainda seguiam a tradição caodaísta de se abster de carne por dez dias todos os meses. Sem que eu soubesse, o fim do período de jejum daquele mês coincidiu com a longa viagem do Vietnã para o Canadá.

— Vocês não comeram nada durante os voos? Nem na conexão? — questionei, sem acreditar.

Não, explicou mamãe, com medo de que algum produto oferecido a eles houvesse sido preparado com gordura animal. Corri para a cozinha, onde fiz uma canja simples de legumes e arroz.



Pouco depois, finalmente de barriga cheia, olhei nos olhos de mamãe e perguntei em nossa língua materna:

— Conte-me tudo, mãe. Como estão as coisas lá em casa?

Dessa pergunta aparentemente inocente, surgiu uma verdadeira saga de tragédias, envolvendo a perda do restaurante de mamãe, de sua dignidade e de seus sonhos. O governo abordara mamãe informando que cobraria de imediato um imposto ainda mais alto sobre sua renda. Então, ela escreveu uma carta recorrendo contra o aumento. A resposta do governo foi aumentar ainda mais os impostos, levando-a a indagar, perplexa: “Mas por quê?”.

“Porque você é muito *famosa*”, foi a resposta. “Você é mãe de *Kim Phuc*.”

Os impostos continuaram a aumentar, até que mamãe ficou sem dinheiro e sem condições de tocar o restaurante. Meus pais declararam falência e acabaram se dirigindo para o templo de minha juventude em Trang Bang, a fim de pedir um lugar para ficar. A resposta foi afirmativa, mas só depois de meus pais serem constrangidos pelas perguntas indiscretas do guarda do templo, feitas sem nenhum sentimento. “Então vocês não têm mais casa própria?” “Não têm nenhuma fonte de renda?” “Não têm ninguém que possa acolhê-los?”

Quando mamãe chegou a essa parte do relato, lágrimas encheram meus olhos. Por tantos anos, meus pais custearam a comida do templo, sua manutenção e seu cuidado, só para, depois de um tempo, serem tratados como inferiores, como mendigos, como se fossem pó. Os funcionários que trabalhavam no templo quando meus pais estavam entre as pessoas mais abastadas da vila não eram mais empregados de lá. Os responsáveis pela guarda eram outros, homens e mulheres que não conheciam meus pais, nem meus avós, nem a posição de cada um deles dentro do Cao Dai. Foram tão terrivelmente desrespeitosos com papai e mamãe durante as primeiras semanas em que ficaram no templo que os dois acabaram se dirigindo para um barracão minúsculo nos fundos. Mas essa solução não durou. Quando a primeira tempestade forte assolou a região, o barracão foi quase que completamente destruído.

Mal sabia eu que, no momento em que o convite de Toan chegou às mãos de meus pais, entregue por alguém que sabia de sua moradia no templo, eles estavam sofrendo um nível de pobreza e desamparo que jamais haviam vivenciado antes! “Se conseguirmos chegar até Kim”, disseram um para o outro, “tudo vai dar certo.”

Meus irmãos, minhas tias e meus tios, os ex-vizinhos de meus pais em nossa vila natal — todos eles já tinham problemas demais para resolver. Como esperar que algum deles cuidasse de mamãe e papai também? Mas Toan e eu... éramos o único raio de esperança na noite escura em que viviam.



Naquela noite, depois que mamãe me contou tudo que acontecera com eles, eu fiz o mesmo. Enquanto olhava para ela sentada ali, pensava: “Mamãe, você é tão importante para mim! Como senti falta de compartilhar com você tantos acontecimentos relevantes que vivi!”. Com paciência e bondade que eu nem merecia, mamãe ouviu com atenção meu relato do que me atraía em Toan e por que eu o escolhera como cônjuge. Essa não era uma questão irrelevante. Da perspectiva de mamãe, as pessoas do Norte continuavam a ser “o inimigo”, mas agora eu estava casada com um deles.



Pude perceber, pelas primeiras interações de mamãe com Toan — no aeroporto, no carro a caminho de casa, na cozinha durante a refeição que compartilhamos, ao longo de minha

conversa com mamãe quando Toan entrava e saía do ambiente — que ela não abrigava nenhuma má vontade em relação a ele especificamente. Aliás, os dois, talvez unidos pelo amor profundo que nutriam por mim, eram a personificação do cuidado e da consideração. Ainda assim, queria honrar mamãe, explicando completamente todos os meus motivos. Eu acreditava que ela merecia isso.

Em seguida, havia a questão dos meus filhos: eles eram deformados ou corriam algum risco por eu tê-los gestado em um útero comprometido? Eu sabia que mamãe abrigara esse receio ao longo de toda a vida. Quantas vezes eu a ouvi dizer: “Kim, você nunca vai se casar. Seu corpo jamais poderá gerar filhos”. Mais uma vez, dirigi a conversa aos poucos, apresentando-lhe minha biografia com paciência.

Contei para mamãe como Thomas era obediente e como Stephen gostava de carinho. Comentei sobre os vários exames médicos realizados e sobre como o pediatra havia declarado que eles estavam livres de toda e qualquer doença. Meus meninos eram fortes como touros e tão cheios de energia como as crianças sabem ser.

— Mamãe, eles são *perfeitos* — expliquei, enquanto Thomas fez a travessura de cuspir uma fatia de pepino do outro lado do cômodo.

Em seguida, passei a relatar como foi minha deserção, assunto que a aterrorizava.

— Quer dizer que você simplesmente *foi embora*?

— Não é que eu fui embora, mãe. Eu apenas não voltei.

Conversamos sobre os anos que passei em Cuba e acerca de tudo que me levara a fugir. Falamos a respeito das repetidas interrupções em meus estudos e de como eu estava feliz por ser mãe. E, com cuidado, conversamos sobre coisas espirituais. Eu prosseguia bem devagar nesse assunto, em consideração a ela.

— Como foi que você se deu tão bem? — mamãe perguntou, querendo realmente saber.

— Jesus! É por causa dele que tudo em minha vida deu certo — afirmei cheia de entusiasmo.



Durante os primeiros dias conosco, mamãe começou a gritar no meio da noite, assustando os meninos.

— Ela está se lembrando da guerra — eu lhes dizia baixinho.

Então, eu entrava no quarto de hóspedes e, em pé, junto à cama de mamãe, rogava a Deus em silêncio que acalmasse sua mente. “Tire dela essas memórias!”, eu implorava ao Pai celestial, enquanto mamãe suava e se contorcia de dor.

Em inúmeras situações, eu disse:

— Mamãe, já passei por isso também. Também sofri com pesadelos. Posso lhe garantir que Deus vai ajudá-la. Ele tirará os sonhos ruins de você.

Ela me olhava toda cética, ao que eu argumentava:

— Tudo bem, mamãe, mas ouça: se você não confia que Deus fará isso por você, então, pelo menos por hoje, não assista ao jornal.

Minha mãe adorava assistir ao noticiário vietnamita na TV que Toan colocara no quarto deles, mas aquela transmissão constante de negativismo não ajudava em nada a mente dela.

No início da estada de meus pais conosco, nossa terra natal estava concentrada nos debates sobre as escolhas da assembleia nacional para os cargos de presidente e primeiro-ministro, e os repórteres vietnamitas reagiam aos acontecimentos políticos diários como tubarões quando sentem cheiro de sangue. O que mamãe se perguntava era se os comunistas finalmente sairiam do poder, mas é claro que não foi isso que aconteceu. Ela sabia o que ocorreria: os defensores do comunismo fariam maravilhas de suas causas desumanas e colocariam seus adversários na palma da mão. Mesmo assim, o noticiário lhe parecia irresistível.

— Mãe, hoje é dia de assistir a *Mr. Bean* ou *I Love Lucy* — aconselhei em mais de uma ocasião. — Ou de ligar para um de seus outros filhos amados. Hoje não vamos saturar a mente com escuridão, peso e tragédia, mas sim enchê-la de riso, leveza e alegria.

Mamãe concordava com a cabeça, mas raramente seguia meu conselho. Ao longo do mês seguinte, ela e eu criamos uma rotina eficaz dentro de casa: eu cuidava de Thomas, enquanto ela me ajudava com Stephen. Meu caçula nasceu pesando quatro quilos e, à medida que continuava a crescer, sobrecarregava muito minha força física. A presença de mamãe foi inestimável durante aquelas semanas, carregando Stephen alegremente por toda parte, poupando meus braços, meus quadris e minhas costas. Quase todos os dias, eu preparava ovos, frutas e chá para o café da manhã. Mamãe costumava assumir a cozinha na hora do jantar e preparava uma sopa deliciosa, mesmo que não fosse sua célebre receita.

— Você faz o melhor que pode com o que Toronto tem a oferecer, concorda? — comentei com uma risada. Sim, era o máximo que podíamos fazer.

Quando eu precisava sair para resolver assuntos diversos na rua, mamãe ficava feliz em casa com os meninos.

— Não sei falar inglês — alegava ela —, também não sei dirigir nem resolver as coisas para você na rua. Mas posso cuidar dos meus netinhos. Essa será a minha contribuição.



O mês passou rápido demais. Quando chegou a hora de partirem, mamãe e papai não estavam prontos para dizer adeus. Sim, de tempos em tempos, pairava certa tensão no ar por causa das escolhas espirituais que Toan e eu havíamos feito. No geral, porém, meus pais apreciavam a nossa companhia. E nada os esperava no Vietnã, salvo pelos membros da

família que agora estavam espalhados por vários lugares. Além disso, havia a questão da saúde de papai.

Nas semanas anteriores à visita de meus pais, fiquei bem preocupada, pensando em como papai se comportaria em nosso lar. Ele bebia e fumava, dois hábitos dos quais Toan se livrara com muita luta. Havíamos banido de nossa casa tanto bebidas alcoólicas quanto cigarros, para que Toan não se sentisse tentado a voltar ao seu velho estilo de vida. Embora eu não quisesse tais substâncias dentro de nosso lar, também não me sentia confortável em proibir papai de manter seu costume. Fazia muito tempo que eu não os via, e não queria que as coisas comessem mal.

Sem saber o que fazer, comecei a orar. Lembro-me de dizer, dia após dia: “Pai, por favor, dê-me sabedoria para lidar com esta situação. Não vai ser bom para o Toan ter álcool e tabaco por perto. Além disso, ninguém de nossa família deveria ser fumante passivo. O Senhor pode me mostrar uma solução que preserve meu relacionamento com papai?”.

Por um lado, a situação parecia sem qualquer esperança para mim. Afinal, quem é viciado em bebida e cigarro dificilmente larga essas coisas de uma hora para outra. No entanto, eu havia deparado com um texto bíblico que diz que *todas* as coisas são possíveis para Deus.<sup>31</sup> E eu estava ansiosa para saber se esse pedido entraria ou não na categoria de “todas as coisas”.

Aconselhados por amigos, Toan e eu providenciamos seguro médico de viagem para mamãe e papai; o período de cobertura do seguro se estenderia por todo o período de permanência deles conosco em Toronto. É claro que esperávamos não precisar usá-lo, mas ouvimos diversas histórias terríveis de parentes que tinham vindo de outros países e haviam ficado extremamente doentes, sem nenhum recurso para receber tratamento médico. Queríamos estar preparados, caso houvesse necessidade.



Durante o voo para o Canadá, papai foi proibido de fumar. Isso significa que, por 24 horas (menos duas conexões de duas horas), seu corpo começou o processo de abstinência da nicotina. Logo depois que ele e mamãe aterrissaram, papai ficou tão mal que Toan e eu tememos que ele não conseguisse se recuperar. Apresentou uma tosse forte, que só aumentava em gravidade, fazendo seu corpo balançar violentamente, como se estivesse absorto em um terremoto particular.

Corri até Chinatown e comprei todas as ervas medicinais para alívio respiratório que consegui encontrar e comecei a oferecê-las a papai imediatamente, junto com os poucos goles de sopa que ele conseguia manter no estômago. Todas as vezes que me afastava de seu leito, eu perguntava a Deus: “Está tudo acabado para papai? Senhor, ele está morrendo? Bem diante dos meus olhos?”.



Quando ficou claro que as ervas não eram fortes o bastante, Toan o levou ao médico, que disse que meu pai contraíra uma virose grave. Como ele não se recuperou a tempo de meus pais voltarem no voo marcado, ajudei mamãe a solicitar uma extensão do visto, citando motivos de saúde como a razão para o adiamento. Felizmente para todos nós, a extensão foi concedida. Mesmo que papai não tivesse adoecido, eu gostaria que ele e mamãe ficassem mais.

Ao longo de seis semanas, papai teve dores e permaneceu deitado, tossindo, tremendo, gemendo e se contorcendo. Até que, certa manhã, ele acordou de seu sono agitado, sentou-se na cama e, pela primeira vez desde sua chegada ao Canadá, não tossiu.

— Papai, você está se recuperando? — perguntei.

Ele sorriu e disse:

— My, acenda um lampião para mim, para eu poder ir ao banheiro.

— Papai, é só apertar o interruptor — respondi, toda entusiasmada porque ele queria se levantar.

Naquele dia, papai tomou café da manhã, depois almoçou e, mais tarde, jantou, fortalecendo-se a cada refeição. Então veio o dia seguinte, e depois se passaram as semanas e os meses incluídos na extensão do visto. Nesse período, papai percebeu que não sentia mais vontade de beber, nem de fumar.

Mamãe achava que eu havia colocado uma espécie de feitiço cristão sobre o papai.

— Kim! — ela me olhava incrédula. — O que você fez com seu pai?

— Eu apenas orei, mamãe. Isso é tudo — eu respondia com toda honestidade, garantindo que os cristãos não “enfeitiçam” as pessoas.

Mamãe estava com a pulga atrás da orelha por causa de toda aquela história, já que sofrera por anos as consequências de viver com um fumante, sem fazer a menor ideia de que seria possível ele um dia simplesmente abandonar o vício.

— Suporte aquele cheiro a vida inteira! — ela dizia, igualmente irritada e divertida. — E agora, *puf!* Acabou-se o fedor.

Assim que percebi que meu pai sobreviveria ao que o havia acometido — uma infecção respiratória ou uma grave crise de abstinência ou ambos —, chorei profundamente aliviada.



Em meio a toda a agitação do mês de outubro daquele ano, meu telefone tocou mais uma vez.

— Kim Phuc — ouvi madame Fall dizer —, todos os embaixadores da Unesco se reunirão no mês que vem para uma assembleia geral em Paris, e seria uma honra para nós tê-la como nossa oradora principal.



Senti aquele frio na barriga! “Como eu gostaria de ter terminado o curso de inglês como segunda língua e dominar esse idioma! Como vou conseguir construir frases coerentes para delegados de quase duzentos países?”

— Madame Fall — respondi, na esperança de recusar educadamente o convite —, meu bebê Stephen ainda mama no peito.

Eu sabia que poderia deixar leite materno para minha mãe dar ao bebê com a mamadeira. O problema não era esse. A verdade é que eu não queria ficar a um oceano de distância do meu filho.

— Desculpe-me, mas não posso ficar longe dele por uma semana.

Antes que eu dissesse qualquer outra coisa, madame Fall me interrompeu:

— Ah, sim, Kim Phuc, já pensamos nisso. Por favor, leve Stephen com você.

Fiquei sem fala por um instante. Ela havia acabado com as minhas desculpas. Sem nenhum argumento lógico, concordei, agradecendo à madame Fall a oportunidade. Assim que desliguei o telefone, comecei a pesquisar sobre como fazer um passaporte canadense para meu bebezinho.

Quatro semanas depois, Stephen e eu embarcamos em um voo da Air Canada para a França, deixando Toan, Thomas e meus pais em casa. Eu não sabia disso na época, mas foi naquela viagem de sete horas que nasceu minha missão de vida. Se eu me mostrasse fiel nessa função, passaria a ser conhecida não como uma vítima de guerra, mas sim como uma grata embaixadora da paz.

Após aquele discurso inicial diante da assembleia geral da Unesco — sim, eu consegui, apesar de crer que fosse desmaiar, vomitar ou morrer bem ali no palco —, convidaram-me para dar entrevistas à imprensa em um quarto de hotel providenciado pela organização do evento. Também contrataram uma babá para o Stephen, a fim de que eu pudesse me concentrar nas entrevistas. Que experiência mais satisfatória eu tive! A todo instante, tinha plena consciência de como era bom ouvir perguntas diretas e responder com as próprias palavras. Nada de intermediadores. Nada de tradutores. Nada de segundas intenções ocultas. Nada de manipulação. Nada de mau uso do que eu dizia. Respondi aos repórteres com calma, pesando cuidadosamente as palavras, na esperança de articular bem meus pensamentos.

Essa primeira palestra levou a outra e mais outras, completando uma série de discursos no decorrer daquele primeiro ano. Após cada ocasião, eu conseguia perceber maiores evidências da proteção de Deus sobre mim. Em mais de metade desses eventos, o público tinha a oportunidade de fazer perguntas no final e, durante essas sessões de perguntas e respostas, percebi uma tendência. Pessoas do mundo inteiro me contavam, vez após vez, que, desde que viram minha foto lá em 1972, começaram a orar por aquela “garotinha”. Sentiram-se assombradas pela imagem de uma criança correndo nua por uma estrada, perseguida por um inferno.

Naquele ponto de minha vida, é possível que eu já tivesse questionado milhares de vezes a Deus o porquê da minha situação. Eu entendia os fatos, claro: meus próprios compatriotas haviam jogado bombas na Rodovia 1 na tentativa de interromper as rotas de comércio para os rebeldes do Vietcong. Eu não era o alvo, sem dúvida. Apenas estava no lugar errado, na hora errada. Por muito tempo, porém, não fazia ideia de qual seria o significado maior por trás da minha dor. Contudo, ali estavam muitas pessoas me dizendo que aquela foto as levaria a orar. Será que meu sofrimento havia sido o agente catalisador que me conduzira à família de Deus? Algo assim poderia ser verdade?

Em meu coração, eu sabia qual era a resposta. *Aquelas bombas me levaram a Cristo.* Munida dessa informação, vi multiplicar minha paixão por ajudar os outros a estabelecer a conexão entre a própria dor e o grande plano de Deus.



Ao voltar de Paris, percebi que o inverno chegara ao Canadá. Meus pais haviam ficado dois meses inteiros no país, e a rotina que os quatro adultos tinham estabelecido parecia estar dando certo. Certa tarde, enquanto tomávamos chá, fiz uma pergunta para mamãe.

— Mãe — comecei devagar, estudando suas expressões faciais para ver se encontrava sinais de receptividade —, você e papai gostariam de ficar aqui conosco?

Não especifiquei um limite de tempo, mas mamãe entendeu o que eu queria dizer com aquela indagação: eu os estava convidando para que viessem morar conosco em caráter permanente.

Os olhos de mamãe se arregalaram diante da proposta.

— Aqui é frio — disse ela, mais em tom de observação que de protesto. — Acho que vou gostar da mudança — acrescentou depois de alguns segundos.

Toan e eu concordamos que meus pais deveriam passar por um inverno canadense antes de tomar a decisão definitiva. Apesar das roupas de inverno que compramos para eles (casacos, gorros, luvas e botas de neve), sabíamos que não seria fácil lidar com o despencar da temperatura e a grande quantidade de neve. O inverno em Toronto é uma estação difícil para qualquer um, mas, quando o único clima que a pessoa já conheceu é quente, mais quente ainda e tão quente que você acha que vai derreter, o frio intenso traz uma dor diferente. No entanto, não pude deixar de perceber que, toda vez que passava pela sala e via mamãe e papai sentados perto da janela, observando a neve cair em flocos delicados, havia encanto no rosto deles. Parecia que estavam se adaptando muito bem.



Talvez tenha sido a terrível provação que papai enfrentou em sua saúde ou a união que todos sentíamos depois da decisão coletiva de viver sob o mesmo teto, certo é que algo

alimentou o desejo de mamãe de procurar Toan e a mim para ouvir sobre questões espirituais, para saber mais sobre “esse Jesus” que havíamos decidido seguir. A despeito de qual tenha sido o motivo, por fim, em uma tarde aparentemente comum, mamãe me olhou nos olhos enquanto segurava sua xícara de chá quente e disse:

— Seu Deus é grande, Kim. Seu Deus é *real*.

O Natal estava chegando e, colocando em prática uma dica de meu velho amigo Anh para o desenvolvimento espiritual, aproveitei a oportunidade para dar mais um passo.

— Mamãe, você precisa ir à igreja.

Tanto papai quanto mamãe aceitaram a Jesus como Salvador no culto realizado na véspera do Natal. Isso me deixou em êxtase, agradecida e honrada mais uma vez pelo cuidado de Deus.

Depois que meus pais entregaram a vida a Jesus, nós quatro — mamãe, papai, Toan e eu —, com Thomas e Stephen perambulando à nossa volta, começamos a ler as Escrituras e a orar juntos todos os dias antes de começar nossos deveres diários. Foi especialmente emocionante para mim ver mamãe aprender a ler e a escrever sua língua materna ao estudar os versículos da Bíblia em vietnamita e copiá-los. Foi trabalhoso, mas, como eu costumava lhe dizer, o que poderia ser melhor que memorizar a Palavra de Deus e se alfabetizar ao mesmo tempo? Ela conserva esse hábito até hoje.

Não demorou muito e meus pais começaram a ansiar para que *todos* os seus filhos recebessem a salvação.

— Sim! — disse eu, sabendo exatamente como eles se sentiam. — Quando conheci Jesus, queria que vocês também o conhecessem! E quando Toan conheceu a Jesus, queria que todos os seus conterrâneos o conhecessem! Entendemos a vontade que você sente, mamãe. É parte natural de amar a Deus.

— Vou voltar para o Vietnã e *fazê-los* seguir a Jesus — disse com ênfase. — Sou a mãe de todos, afinal de contas! Eles *precisam* me ouvir!

Não consegui conter o riso.

— Não, mamãe. Não é assim que funciona. O Espírito Santo precisa atraí-los para si. Sua função é simplesmente orar.

Expliquei para minha mãe que, se ela comesse a orar sem cessar ali mesmo no Canadá, Deus começaria a operar no coração de seus filhos lá no Vietnã.

— As mãos do Senhor são fortes — afirmei a ela. — E seu braço sempre consegue alcançar aqueles cujo coração lhe pertence.

Para crédito de mamãe, ela fez exatamente o que instruí, orando com fervor dia e noite para que seus outros sete filhos chegassem ao conhecimento de Jesus Cristo como Salvador e dedicassem a vida a ele. Cinco ou seis vezes por dia, mamãe se retirava de nossa companhia, encontrava um lugar calmo da casa e derramava seu pedido perante Deus. Era exatamente como a viúva persistente retratada nas Escrituras, que continuava a bater e a bater à porta do

juiz da cidade, na esperança de que ele lhe desse uma sentença favorável em uma disputa contra um adversário. Por causa da tenacidade da viúva, o juiz assim procedeu.<sup>32</sup>

Gosto de imaginar Deus como um juiz no céu, sorridente diante das súplicas incessantes de mamãe. “Sim!”, contemplo-o dizendo a ela. “*Sim*, eu atenderei seus pedidos.” E como ele os atendeu! No ano de 2004, todos os meus irmãos e irmãs haviam aceitado a Jesus. Vieram um a um, e mamãe comemorou cada passo que deram.

Stephen era um bebezinho quando mamãe e papai chegaram a Toronto e tinha meses de vida quando eles entregaram a vida a Cristo. Ele andava cambaleante com suas pernas físicas enquanto mamãe e papai cambaleavam com as pernas espirituais. Stephen estava entrando na adolescência quando meus pais começaram a aprofundar sua caminhada de fé e formalizaram sua deserção para o Canadá, marcando essa época com liberdade física e espiritual. Fico pensando nesse paralelo, em como Deus trouxe nascimento e renascimento simultâneos ao meu lar, dando fim aos longos anos de desconexão, desunião e distanciamento, para trazer bênção, graça... e amor. Quanto amor voltamos a partilhar!

Não existe nenhum poder como o de Deus. Não há nada tão bom quanto a bondade de Deus!

---

AQUI, ACOLÁ, EM TODO LUGAR

## PROTEGIDOS O TEMPO INTEIRO

**1998—2011**

Cada vez que era convidada para falar em público, eu pedia a Deus sabedoria para escolher as palavras. “Ajude-me a ajudar essas pessoas a encontrar o Senhor”, rogava. “Que minha história as impulsione à paz.” E foi exatamente isso que ele fez! Dentro de poucos anos, conversei com líderes mundiais e celebridades, músicos famosos e chefes de estado, e, sempre que possível, falei com eles sobre o amor de Cristo.

Lembro-me da vez em que jantei com o grã-duque e a grã-duquesa de Luxemburgo, Henri e Maria Teresa, durante a comemoração do Dia Internacional da Paz naquele país. Mal consegui comer por causa do número de perguntas que o duque fez sobre minha vida. Os garçons vinham à minha frente, entregavam o próximo prato e retiravam o anterior sem que eu tivesse tocado na comida. Finalmente, após cinco ou seis pratos, eu disse ao duque:

— Henri, o senhor me fez muitas perguntas hoje. Estou aqui me questionando se posso fazer uma pergunta para você também.

Henri riu meio sem graça ao perceber que havia dominado a conversa e respondeu:

— Certamente. Por favor, Kim Phuc. Vá em frente.

Aproveitei a oportunidade para sondar a vida espiritual daquele homem tão poderoso.

— O senhor é um rei e tem tudo que alguém pode querer. Dinheiro, poder, família, fama... Mas você tem a certeza da salvação em seu coração?

Fiz uma pausa e então continuei, em tom calmo e sincero:

— Se você morresse hoje, teria a certeza de que iria para o céu? Ou iria para o inferno?

Henri não conseguiu esconder seu espanto. Deixou o garfo de lado, dobrou as mãos debaixo do queijo e disse:

— Kim Phuc, isso sim é que é pergunta. Receio não saber a resposta. Preciso pensar um pouco.

Após um momento de silêncio, ele perguntou:

— Kim, você poderia me dizer como se recebe a salvação?

E a partir de então tivemos uma conversa maravilhosa.

Agradeço a Deus cada uma dessas oportunidades. Na maioria das vezes, não sei se a pessoa com quem converso vai aceitar a Cristo, mas isso não me incomoda. “A salvação pertence a mim”, Deus sempre me lembra. “Sou eu que a faço acontecer. Lance a semente com fidelidade, Kim, e eu produzirei os frutos.”

Sim, Senhor, é isso que eu farei.

A verdade é que *todos* nós somos filhos da guerra, mesmo que nunca tenhamos visto uma bomba cair do céu. Há uma batalha dentro de nós, e o espólio é nossa alma. Deus me mostrou que, em algum nível, todos sabem o que é sofrer e lutar, o que é ter cicatrizes que não se apagam facilmente. “Diga às pessoas que eu lhes darei forças para suportar a dor”, o Senhor me incentivava todos os dias. Eu tive de dizer adeus ao sonho de me tornar médica, mas talvez a cura da alma seja tão importante quanto a do corpo. E eu a considero uma tarefa bem nobre.



Minha história parecia abrir portas para eu falar sobre a bondade e a graça de Deus e o milagre que minha vida se tornara. Eu queria estender essa gratidão àqueles que tinham me ajudado ao longo de minha jornada, aos homens e as mulheres que se recusaram a desistir de mim, apesar da forte tentação que eu enfrentava de desistir de mim mesma. O primeiro em minha lista era Bac Dong.

Toan e eu planejamos uma visita para o Vietnã do Norte. Queríamos apresentar à família de Toan nossos dois meninos, na época com 4 e 1 ano. Além disso, contatei a equipe de Bac Dong para saber se poderíamos fazer uma visita e, quem sabe, comer juntos. O ex-primeiro-ministro, já na casa dos 90 anos, concordou alegremente com o encontro. Quando chegamos, porém, meu amigo tão expansivo e cheio de energia estava estranhamente quieto e reservado.

Ele nos cumprimentou calorosamente e ficou claro que se sentia feliz pelo fato de eu estar realizada com o casamento, a maternidade e por estar reconstruindo uma boa vida para mim. Ao longo dos anos em que ficamos sem nos ver, porém, sua centelha vital se fora. Ele estava fatigado. Estava perto de morrer.

Lembrei-me da última longa conversa que Bac Dong e eu tivemos na noite anterior à minha partida para Cuba.

— Bac Dong — eu disse naquela ocasião —, você precisa crer no Senhor Jesus Cristo. Senão você irá para o inferno!

Não tenho certeza se minha abordagem foi correta. Quem sabe todo cristão novo na fé saia arrombando uma porta trancada, em vez de silenciosamente procurar onde está a chave. Felizmente, Bac Dong deu risada, perdendo meu atrevimento sem nenhuma chateação.

— Ah, Jesus é aquele dos Estados Unidos? — ele respondeu, ao que eu revirei os olhos com impaciência e disse:

— Não, Bac Dong! Israel! Jesus Cristo é de Israel!

Demos uma boa risada ao relembrar aquela conversa tanto tempo depois. Dessa vez, é claro, fui bem mais delicada ao partilhar o evangelho com ele.

— Minha filha — Bac Dong disse baixinho para Toan, apontando o dedo indicador para mim. — Ela sempre será da família para mim.

Fiquei radiante de orgulho. Quer Bac Dong tenha conhecido a Jesus, quer não, foi ele quem Deus usou para agir em minha vida.

Dois anos depois, ele faleceu. Bac Dong foi primeiro-ministro do Vietnã de 1955 até 1987, quando se aposentou. O mundo inteiro mandou condolências por ocasião de sua morte. Ele era considerado um dos maiores e mais influentes aliados de Ho Chi Minh, o fundador do comunismo no Vietnã. Ironicamente, Bac Dong também foi um de meus maiores aliados. Ah, como Deus age de maneiras misteriosas!

Toan e eu também voltamos a Cuba, para que os meninos tivessem uma impressão de como havia sido a época em que seus pais viveram ali e também para visitar *mami* e *papi*, que ainda se encontravam presos nas garras do comunismo. “*Tienem miedo.*” Eles ainda têm medo, foi o que sussurrei para mim mesma quando a porta do terminal do aeroporto se fechou atrás de mim, deixando-os naquelas condições infernais. Eu também reencontraria Perry Kretz na Alemanha e descobriria que ele sofria do mal de Alzheimer. E, embora todos esses reencontros tenham sido profundamente emocionantes para mim, nenhum superou ver Bac Dong. Nem meu contato semanal com Nick Ut. Nem a convivência diária com meus amorosos pais. Não. Foi Bac Dong quem organizou uma verdadeira operação de resgate para mim quando tudo estava terrivelmente sombrio. Poder sentar com ele e segurar sua frágil mão antes que ele passasse desta realidade para a próxima foi um privilégio que eu jamais esquecerei. Gosto de pensar que eu o ajudei a caminhar até o lar.



Para ser bem sincera, junto com todas as ocasiões alegres, houve também tristezas devastadoras. O Senhor estava me ensinando a depender dele mais completamente, a buscar somente nele a satisfação de minhas necessidades. Sim, tais lições me ajudariam a crescer em

sabedoria e graça, mesmo que, no momento em que fui submetida a elas, não fossem nada divertidas.

Ainda que estivesse aprendendo a confiar que Deus redimiria todas as dificuldades que eu enfrentara ao longo da vida, minha história continua a ser a mesma, uma história carregada de dor. Depois que enxergamos algo, não dá para parar de vê-lo. Depois que ouvimos algo, não dá para parar de escutá-lo. Depois que vivemos algo, não dá para desvivê-lo. Sem dúvida, isso é verdadeiro para mim. Portanto, embora esteja crescendo na fé em Jesus a ponto de saber que, na realidade, todas as coisas ruins que acontecem cooperam juntas para o bem em minha vida, o resíduo dessas coisas ruins não deixa de existir.

No dia 11 de setembro de 2001, assisti, junto com o restante do mundo, aos trágicos acontecimentos noticiados pela televisão. Enquanto as pessoas fugiam das torres do World Trade Center na cidade de Nova York, fui levada a voltar no tempo, correndo em frente ao templo do Cao Dai, tentando desesperadamente escapar do fogo. Olhei para cima, para o teto de meu quarto, e não apenas vi bombas caindo como ouvi o *tuc-tuc* peculiar das bombas de napalm — era o que eu via em vez dos repórteres que faziam a cobertura de todo aquele horror em Nova York. As paredes de meu quarto desapareceram e vi um soldado carregando meu priminho de 3 anos, cuja pele caía como se fossem cinzas. Olhei para meu braço e vi chamas envolvendo minha pele. Ali, em minha residência climatizada de Toronto, senti o calor escaldante do Vietnã. Fiquei tão traumatizada por aquelas imagens que não consegui sair do quarto por uma semana, esquivando-me até da minha família para pensar, chorar e orar.

Não repudio a verdade da minha história, pois essa foi a história que Deus me deu. Mas que realidade dura lembrar sempre que essa foi e é a minha vida!



Uma segunda dificuldade foi sempre ter poucos recursos financeiros. Meu papel na Unesco me dá acesso a pessoas famosas e poderosas, mas não é uma função paga. Em geral, as palestras que dou cobrem pouco mais do que minhas despesas de viagem. Sempre foi assim, desde o princípio, uma realidade que Toan e eu aceitamos. Provavelmente, é por isso que eu tenha ficado tão empolgada quando um artista<sup>33</sup> disse que queria nos ajudar.

Vou chamar esse homem de Robert. Ele entrou em contato comigo depois de ver meu documentário na televisão. Tinha uma ideia sobre como ajudar Toan e a mim a garantir um futuro financeiro estável para nossos filhos, nossa prioridade número um. Por isso, marcamos um encontro para conversar sobre o plano.

Robert chegou, Toan e eu o recebemos calorosamente e o achamos muito inteligente, compassivo e talentoso.



— Kim, esta é minha ideia: vou pintar uma imagem sua e lhe darei uma porcentagem de cada cópia que eu vender — Robert explicou. — Podemos começar uma poupança para os seus filhos, a fim de que você tenha a certeza de que o dinheiro não será usado para nada além da educação deles.

Eu não era a primeira pessoa a quem Robert havia abordado com uma proposta semelhante. Com base em seu sucesso anterior nessa mesma ideia, ele nos ofereceu vinte mil dólares em troca do direito à obra original. Dez mil dólares iriam para Thomas e os outros dez, para Stephen. Ao longo dos mais de dez anos seguintes, esse dinheiro renderia juros e seria um verdadeiro alívio para a família inteira. Toan e eu concordamos agradecidos.

Tudo ocorreu conforme planejado. O quadro foi vendido, e a poupança crescia. Todos os anos, Toan e eu recebíamos um extrato do banco onde o dinheiro havia sido investido e, a cada ano, agradecíamos a Deus aquele presente extraordinário para nossos filhos. Não precisávamos nos preocupar com a educação de Thomas e Stephen.

Quando Robert e eu fizemos o acordo, ele tomou o cuidado de olhar bem em meus olhos e dizer:

— Kim, sei que haverá momentos em que Toan e você passarão por apertos financeiros e você se sentirá tentada a sacar parte do dinheiro só para conseguir fechar as contas do mês. Por favor, não faça isso. Esse dinheiro é para a educação dos seus meninos, Kim! Nunca toque nessas economias!

Concordei. Sim, Toan e eu honraríamos esse pedido.



Dez anos se passaram e Thomas decidiu estudar no Faithway Bible College, seguindo os passos de Toan. Nosso filho se mostrou satisfeito em continuar morando em casa, o que nos pouparia muito dinheiro. Felizmente, meu esposo e eu sabíamos que somente depois de Thomas concluir o curso é que precisaríamos pagar o empréstimo estudantil que ele recebera. Enquanto conversávamos, Toan percebeu que não havia chegado o extrato bancário mais recente. Credo que se tratava apenas de um engano, telefonamos para a agência e pedimos que nos mandassem o extrato.

— Desculpe-me — disse a funcionária do banco —, mas o dinheiro dessa conta foi sacado há meses.

Segundo minhas estimativas, o total superava quarenta mil dólares. Só uma outra pessoa tinha acesso àquela conta. Só um outro poderia sacar o dinheiro sem que Toan e eu soubéssemos. Peguei o telefone e liguei para Robert, certa de que havia sido algum equívoco.

Robert não atendeu ao telefone naquele dia, nem no dia seguinte, nem dois dias depois. Aliás, Robert evitou meus telefonemas por seis anos.



Até que, certa tarde, ele atendeu à minha ligação.

— Robert, precisamos nos encontrar — disse eu.

— Sim, é verdade, concordo — ele respondeu.

Toan, os meninos e eu entramos no carro para ir até a casa de Robert. Senti-me nervosa e inquieta durante todo o percurso, enquanto duas perguntas giravam em minha mente: “Por que Robert evitou meus telefonemas por tanto tempo? E o que aconteceu com o dinheiro dos nossos meninos?”.

Usei minhas preocupações como combustível para oração, pedindo a Deus que cuidasse de tudo que estava prestes a acontecer.

Logo chegamos à casa de Robert e fomos recebidos por ele e sua esposa. Robert era um excelente cozinheiro e preparou um verdadeiro banquete, agindo o tempo todo como se não houvesse absolutamente nada de errado. Após o jantar, porém, o clima mudou.

— Kim — ele me sussurrou em particular —, preciso falar com você.

Robert e eu nos retiramos para um cômodo ao lado, fora do alcance dos ouvidos de todos os outros. Logo que ficamos sozinhos, ele me olhou diretamente nos olhos e disse:

— Desculpe-me, Kim, mas o dinheiro se foi.

Fiquei tão chocada que achei que fosse desmaiar.

— Eu tinha tanta esperança que aquele dinheiro ajudaria meus filhos, Robert! — disse incrédula.

— Eu sei. Lamento de verdade. Kim, eu bebi cada centavo que havia ali.

Nem Toan, nem eu sabíamos que Robert era alcoólatra. Embora sua casa valesse milhões de dólares e o conjunto de seus bens tivesse valor ainda maior, ele havia vendido tudo que podia e usado o dinheiro, sem ter mais nada a que recorrer.

— Pela vida que levo, aparento ser rico — ele me explicou —, mas, na verdade, sou muito pobre. Gastei tudo com o vício e não tenho mais nada.

Olhei profundamente para Robert, que me olhava profundamente de volta. Quando meus olhos fitaram os dele, enxerguei uma dor terrível. Eu tinha todos os motivos para estar irada com o que ele havia feito à minha família, mas, em vez disso, apenas senti tristeza.

— Coitado de você! — sussurrei para Robert.

Então lhe dei um abraço apertado e disse:

— Robert, eu o perdoo. De verdade. Mas quero lhe pedir um favor: você é quem vai contar para os meninos.

Robert concordou. Chamou Thomas à parte primeiro e depois Stephen, explicando-lhes exatamente o que havia acontecido. Fiquei feliz ao ver que os rapazes reagiram à notícia com compaixão e gentileza, perdendo Robert também. Mas isso não fez aquela verdade deixar de doer. Tanto dinheiro! E agora, *puf*, ele se fora.

Ironicamente, Robert nunca me deu uma cópia da obra, o que pode ter sido uma intervenção divina, pois eu não precisaria me lembrar constantemente daquela injustiça.

“Eu vou dar um jeito, Kim”, Deus me garantiu a caminho de casa. Para ser bem franca, eu não tinha tanta certeza assim. Thomas estava quase se formando em teologia e também organizando os preparativos do casamento com Kezia, o amor de sua vida, bem na época em que as contas do empréstimo estudantil estavam prestes a vencer. E Stephen fazia planos de começar a faculdade em sete meses. Como conseguiríamos tanto dinheiro assim tão rápido? Mas eu tinha certeza de que Deus havia falado comigo e escolhi crer em sua palavra.

— Esse é um bom lembrete de que é o Senhor quem provê, não os homens — eu disse aos meus filhos.

Por mais difícil que tenha sido descobrir que o dinheiro com o qual contávamos se fora, à minha tristeza se misturava uma estranha sensação de alegria. Todos aqueles anos criando meus filhos me deixavam com a indagação: “Será que estou fazendo as coisas direito?”. Havia encontrado o equilíbrio entre fazê-los honrar os valores bíblicos e prestar contas de seus atos, ao mesmo tempo que eram misericordiosos, bondosos e gentis? Será que lhes havia ensinado as lições de vida mais importantes? Dava exemplo de humildade, sabedoria e amor?

De uma só vez, todas as apreensões maternas que eu tinha se foram. Meus meninos foram prejudicados de uma forma que lhes afetaria profundamente, mas reagiram com compreensão e graça. Olhei para Thomas e Stephen e sorri. *Meus filhos são jovens honrados.*



Lembrei-me de uma decisão que tomei quando Thomas e Stephen eram pequenos, uma época em que os dias de cuidado com os filhos às vezes pareciam sofrivelmente longos. Um dos meninos — ou, em alguns momentos de maior desafio, *ambos* ao mesmo tempo — se recusava a me ouvir e eu me sentia tão irritada por dentro que achava que não conseguiria deixar de gritar. “Por que eles não estão fazendo o que pedi?”, eu me indagava, enraivecida por dentro. “Eles desafiaram minha autoridade de novo!”

Eu conseguia sentir meu rosto desfigurado de raiva, as sobrancelhas unidas, os olhos apertados, os lábios espremidos, prontos para dar vazão à minha ira. Certo dia, quando isso aconteceu, pensei de repente: “Como será que está minha aparência agora?”.

Dei uma pausa na irritação e fui até o espelho do banheiro. Como meu rosto estava feio! Tão zangado. Tão fora de controle.

Relaxe e deixei minha expressão facial suavizar. Respirei fundo e pratiquei dar um leve sorriso. Pensei no quanto amava meus meninos, e meus olhos começaram a refletir amor. Apertei as bochechas com as pontas dos dedos e então massageei as profundas rugas de expressão na testa. “Aí está”, disse comigo mesma, finalmente satisfeita com meu rosto. “*Esta* é a expressão de uma mãe — acolhedora, calorosa e calma.”

Voltei para meus meninos e disse que não faria mais aquela cara de brava. Eles estavam ocupados brincando, então não tenho certeza se me ouviram, nem se tinham condições de entender por que aquela era uma decisão tão importante para mim. Sem dúvida, haveria outras ocasiões em que eles me desafiariam. E, com certeza, eu ficaria frustrada com eles. Mas, no que diz respeito a me permitir sentir raiva a ponto de expressar desgosto na face, resolvi que aqueles dias haviam ficado para trás. Mesmo quando estivesse irritada, eu continuaria a refletir a luz de Cristo.

Sentada no carro com meus filhos quase adultos, voltando para casa, experimentei o fruto daquela importante decisão: somente aqueles que são bem amados é que sabem amar bem. Naquele dia, na casa de Robert, eles haviam amado muito bem.

— Vocês serão abençoados pela maneira como reagiram hoje — afirmei com confiança para meus filhos. Thomas e Stephen concordaram com a cabeça e sorriram.



Toda a provação envolvendo Robert lembrou-me de que os caminhos do Senhor são bem diferentes dos nossos<sup>34</sup> e que, com frequência, não conseguimos enxergar exatamente o que Deus está prestes a realizar em nossa vida, nem por que decide fazê-lo. Para mim, o “caminho de Deus” sempre parecia incluir dor crônica e inconsolável. Muitas vezes, eu dizia para o Senhor: “Se as coisas fossem do meu jeito, essa dor seria resolvida”.

Comecei a orar mais frequentemente por paz em relação à minha dor, dizendo: “Calma, calma! Não precisa gritar”. Quanto mais eu orava, mais verdadeiramente podia admitir para os públicos a quem palestrava: “A dor é minha parceira, como em um casamento”, uma parceira que não deveria ser rejeitada, mas aceita.

Em 2000, ano em que eu ainda tomava analgésicos regularmente para tentar aliviar minhas dores crônicas, uma pergunta surgiu em minha mente: “Por que estou tomando remédio se não me considero doente?”. Espera-se que uma pessoa que sofreu queimaduras sinta dor. A dor simplesmente faz parte da equação. No entanto, ali estava eu, engolindo um comprimido atrás do outro e *ainda sofrendo* com algo chamado dor. “Isso é loucura!”, disse comigo mesma naquele momento. “Não vou mais tomar esses remédios.”

Preciso deixar bem claro que não sou contra medicamentos. Eles ajudam muito as pessoas em diversas situações! Para mim, porém, só serviam para entorpecer meus sentidos. Não faziam nada para acabar com a dor.

“Senhor”, orei enquanto jogava os comprimidos no lixo, “por favor, dê-me métodos substitutos que me ajudem a aliviar esta dor.”

Mais uma vez, as palavras do profeta Jeremias vieram à minha mente.<sup>35</sup> “Sim, Senhor, mostre-me grandes coisas!”

Deus me mostrou promessas em sua Palavra para ajudar a reeducar minha mente. Ele colocou amigos e familiares ao meu redor, dispostos a me auxiliar em momentos de necessidade. Incentivou-me, acima de tudo, a *cantar* quando a dor chegasse. Mesmo um hino tão simples quanto “Sim, Cristo me ama!” pode operar maravilhas sobre braços e costas em dor intensa.

Passei a extrair forte consolo das promessas de Deus quando meu corpo me deixava na mão. Em certa ocasião, sentei-me à mesa da sala de jantar e, em meio a uma dor severa, abri a Bíblia à minha frente. Acho que estava lendo Salmos quando uma lembrança repentinamente me levou para outra época de minha vida, quando tudo que havia eram um livro e uma garotinha.

Eu me via como aquela menina alegre que, muito antes de a guerra chegar a Trang Bang, se aninhava com um livro em mãos. Um dia, transportei-me para o mundo descrito naquelas páginas. Fiquei tão absorta pela história que, quando meu pai me chamou de outra parte da casa (“Phuc, por favor, venha aqui agora!”), nem me mexi. Eu ouvira papai lá em meu subconsciente, mas não respondi.

Eu deveria saber que ele viria atrás de mim.

— Phuc! — disse ele, ao me ver em meu quarto. — Você não me escutou chamar?

— Aham — murmurei, com os olhos ainda grudados no livro em meu colo.

Raras vezes vi meu pai frustrado, mas naquele dia ele ficou bem bravo comigo! Pegou meu livro e saiu do quarto. Sem falar uma palavra, o jogou fora.

— Papai! — lembro-me de ter gritado. — Como você pôde jogar meu livro no lixo?

Ele nem se deu ao trabalho de responder, tratando-me com a mesma desconsideração que eu havia demonstrado por ele.

Ao recordar essa memória, ri comigo mesma. Que menina levada eu era! E que pai amoroso eu tive a bênção de receber — bem, com exceção do dia em que ele jogou meu livro fora! As lembranças vieram em cascata, um belo fluxo que durou vinte ou trinta minutos. Quando me levantei da mesa, consegui dar continuidade ao meu dia com muito menos dor.

E assim tem sido: dores diárias, com remédios diários da parte de Deus.

Num dia, eu o ouço dizer: “Minha filha, tente sorrir. Faça seu rosto dizer ao seu corpo como ele deve se sentir”.

Em outro dia: “Kim, vá caminhar. O movimento sempre muda as emoções e ele vai eliminar sua dor”.

Em mais um dia: “Amada, apenas ligue para uma amiga. Converse sobre outro assunto por meia hora”.

Em outro dia ainda: “Kim, venha se sentar comigo. Deixe-me suportar sua dor por um tempo”. Ali, na presença do meu Pai, ele me lembra de sua fidelidade em minha vida, assim como as pedras memoriais na história de Josué.<sup>36</sup> Deus me ajuda a recordar os momentos em que esteve comigo, as missões de resgate por meio das quais me salvou tantas vezes!

“Pai, lembre-me de que não morri naquele ataque de napalm e que, muito pelo contrário, estou viva para falar sobre aqueles eventos”, eu pedia. Então, colocava uma pedra.

“Pai, lembre-me de que, embora minhas roupas e minha pele tenham queimado sobre mim, meus órgãos internos não sofreram dano.” Mais uma pedra era colocada.

“Deus, lembre-me da compaixão dos médicos para comigo lá em Barsky por tantos meses.” Outra pedra era levantada para que Deus e eu pudéssemos ver.

“Deus, lembre-me de como o Senhor me fez suportar todos aqueles banhos torturantes que ajudaram em minha cura.”

“Deus, lembre-me de ser grata porque uma parte suficiente de meu corpo não foi afetada pelo napalm e assim tive pele disponível para os enxertos e pude ficar inteira novamente.”

“Deus, lembre-me deste belo sorriso que o Senhor me deu. Com ele, posso ministrar a todas as pessoas com quem me encontro.”

“Deus, lembre-me de que toda essa jornada me conduziu ao seu convite de salvação pela graça mediante a fé. Meus familiares e eu fomos transformados para sempre por causa de tudo que enfrentei.”

Se eu contar todas as bênçãos, minha pilha de pedras sagradas tocará o céu. *Ó Pai, que eu sempre me apegue à sua fidelidade. Que eu nunca me esqueça dela!*



Nesses momentos particulares com Deus, comecei a aguçar minha capacidade de identificar as evidências da fidelidade divina em minha vida diária. Sempre que as pessoas me diziam que haviam orado por mim quando eu era criança, eu me apegava a essa declaração, refletindo em cada palavra. Quando ficava sabendo de mais um médico ou mais uma enfermeira que havia cuidado de minhas cicatrizes, gratidão profunda surgia do meu interior. Toda vez que conhecia um novo elemento do enredo da minha vida, outra peça fundamental do quebra-cabeça da minha existência encontrava seu lugar. Que bênção!

Recebi uma dessas peças do quebra-cabeça três décadas após o ataque de napalm em Trang Bang — a resposta a uma pergunta enlouquecedora que me incomodava por todos esses anos. Sim, eu queria saber por que Deus permite que ocorram guerras e por que tantas pessoas precisam morrer. Também queria saber por que aquelas bombas foram jogadas em minha vila no Vietnã do Sul por um de nossos conterrâneos. E por que, dentre todas as pessoas que poderiam ser queimadas naquela tarde, o napalm *me* encontrou. Mas havia uma pergunta que me atormentava acima de todas as outras: *Por que as pessoas do hospital me colocaram no necrotério, deixando-me lá para morrer?*

Veza após veza, eu pedia iluminação ao Senhor. “Por que fui deixada como se estivesse morta, Pai? Eu ainda estava respirando! Eu ainda estava viva! Eu achava que os médicos

faziam um juramento dizendo que tomariam todas as medidas possíveis para ajudar seus pacientes!<sup>37</sup> Isso é verdade ou não?”

Certa ocasião, em uma conferência da Unesco na Espanha, sentei-me à mesa junto com os outros palestrantes e descobri que um deles era um cientista renomado que passara a maior parte de sua carreira estudando o uso bélico de determinados elementos e combinações químicas, entre eles, o napalm.

Como se pode imaginar, nós tínhamos muito que conversar. Aquele cientista já conhecia minha história e, depois que trocamos os primeiros cumprimentos e passamos da conversa trivial a temas mais significativos, ele se inclinou em minha direção e disse:

— Kim, há algo que você precisa saber acerca do tratamento que recebeu logo depois do ataque de napalm. — Com isso, aquele homem cativou imediatamente toda a minha atenção. — O fato de você ter sido deixada sem cuidados por três dias, com as feridas bem enfaixadas com bandagens e o corpo em repouso, foi exatamente o que salvou sua vida.

O cientista explicou que, se as enfermeiras de Saigon tivessem retirado os curativos assim que cheguei ao hospital, o oxigênio do ar teria me feito incendiar e eu haveria morrido ali mesmo. É claro! *O napalm é capaz de pegar fogo novamente!* Como eu nunca havia pensado nisso?

Aliás, anos depois daquela conversa, fui a um evento em Chicago e conheci muitos veteranos da Guerra do Vietnã. Um dos homens que conheci, um norte-americano, perdeu o irmão em um ataque com napalm. O soldado foi levado de avião do Vietnã diretamente para o Havaí. Assim que foi internado no hospital, enfermeiros bem-intencionados retiraram os curativos para examinar as queimaduras. Minutos depois que o ar entrou em contato com sua pele cheia de napalm, ele deu o último suspiro.

Anos depois, quando Stephen, meu filho mais novo, estava na faculdade, eu o lembrei dessa parte de minha história. Ele estava em casa passando o Natal conosco e me contou sobre alguém que fizera alguns comentários a seu respeito que o magoaram muito. Então, eu lhe disse:

— Por anos, alimentei amargura pelos médicos e enfermeiros que me deixaram no necrotério do hospital. Foi só quando o cientista me apresentou uma perspectiva mais ampla que consegui entender por que eles haviam feito aquilo. Gostaria de ter confiado antes em Deus em relação a essa parte difícil da minha história, para que tivesse sido poupada de carregar aquele fardo tão terrível de amargura.

Olhei nos olhos do meu filho, prendendo a atenção de seu olhar terno e atento, e continuei:

— Stephen, você pode fazer uma escolha mais sábia do que a minha. Pode optar por confiar em Deus agora mesmo e estender perdão e graça à pessoa que o magoou, mesmo que a mágoa seja grande. Você pode fazer isso como um ato de fé, crendo que Deus está nessa situação e que está agindo para o bem.

Stephen merece o crédito por ter feito exatamente isso, conseguindo evitar anos de sofrimento.

Tento seguir meu próprio conselho com relação a esse assunto, devo dizer. Por alguma razão que só Deus compreende por completo, minha vida nesta terra ainda não terminou. Há um propósito para eu estar exatamente aqui onde estou. Assim, a despeito da dor que sinto em dias como hoje, quando meus instintos me dizem para me enrolar em posição fetal e gemer, eu olho para o céu, deixo os cantos de minha boca formarem um sorriso, canto louvores com o coração agradecido e lembro que, de algum modo, todas as coisas estão cooperando para o bem. Só o Senhor cura.

E, às vezes, a cura que ele proporciona vem por intermédio de mãos humanas. Esse foi meu caso ao longo dos últimos dois anos. Um novo procedimento realizado por uma dermatologista habilidosa está me prometendo algo impensável: *uma vida com muito menos dor*.



---

---

MIAMI, FLÓRIDA

## MAIS DOR PARA QUE A DOR DIMINUA

### ABRIL DE 2015

Vejo o tratamento como uma espécie de programa intensivo de “controle da fúria”, uma vez que visava abrandar minha pele queimada, cheia de cicatrizes. O termo médico para o processo é *terapia com laser fracionado ablativo*. Hoje terminei o quinto dos sete tratamentos a *laser* prescritos, realizados por minha dermatologista, a dra. Jill Waibel. Durante a recuperação, a dor tem sido aterradora, mais intensa que nas outras vezes. “Por que isso está acontecendo?” Deixei minhas cicatrizes respirar de um dia para o outro; como sempre faço, não encostei a pele em roupas e cobertores; mas, dessa vez, a dor está fora de controle.

Ligo para a dra. Jill, que me ouve descrever de onde vem a dor. Com essa informação, ela me diz que tem quase certeza de que a causa é um único fio de cabelo bem fininho que quer sair de um folículo em meu braço esquerdo — folículo que foi despertado após quatro décadas de sono profundo e escuro.

— A estimulação de um folículo capilar significa que novo crescimento está acontecendo — a dra. Jill Waibel me garante. — Isso significa *progresso*, Kim!

“Também significa dor”, pensei comigo. No entanto, é uma dor que aceito com alegria. Nem todas as dores são iguais. Essa em particular traz consigo uma grande promessa.



Conheci a dra. Jill de maneira bem indireta: um amigo do sogro dela me ouvira falar em uma igreja em Ohio no início do ano. Quando terminei minha apresentação, o homem me

abordou:

— Acho que a nora de um amigo meu pode ajudá-la — ele disse com voz bondosa. — Ela tem uma clínica de dermatologia lá em Miami e está obtendo resultados positivos com os tratamentos que faz.

Em questão de dias, eu estava em contato com a dra. Jill. Em nosso primeiro encontro, ela me explicou:

— A terapia com *laser* fracionado ablativo usa luz concentrada e radiação para aquecer a área afetada e ferver pequeninas porções de tecido cicatricial, isto é, pele ruim, para que pele nova possa crescer.

“Espere aí! O que ela disse? Que vai me ‘aquecer’?” Eu tinha certeza de que não queria ser toda queimada de novo, mesmo que fosse em um ambiente controlado e terapêutico. No entanto, por motivos que não consigo explicar direito, continuei ali.

— Por causa da extensão de seus ferimentos — continuou a dra. Jill —, recomendo sete tratamentos espaçados ao longo de mais ou menos um ano, e então avaliaremos os resultados.

As feridas que o napalm me causara eram extensas, cobrindo mais de um terço do meu corpo. Isso significa que, durante as dezessete cirurgias de enxerto de pele a que fui submetida durante a infância e a adolescência, uma área equivalente a essa teve de ser removida de outra região e reposicionada. Em consequência, além das cicatrizes mais visíveis em meu antebraço esquerdo, a parte de trás das minhas pernas parecia o terreno absurdamente acidentado das estradas de terra tão comuns em minha terra natal, o Vietnã do Sul. Enquanto a dra. Jill me explicava os detalhes do tratamento, eu me tornava cada vez mais receptiva àquela ideia, encarando-a como um grande “ressurgimento”. Precisava pelo menos tentar aqueles procedimentos a *laser*.

Minha empolgação diminuiu drasticamente quando fiquei sabendo do preço das aplicações: de dois a três mil dólares cada uma. Ou seja, Toan e eu precisaríamos conseguir vinte mil dólares para o primeiro ano de tratamento. “E se eu precisar de mais do que sete aplicações?” Minha mente não parava. “Como teremos condições de bancar tudo isso?”

Minha mãe não conseguia entender de jeito nenhum por que eu desejava aquele tratamento.

— Por que você quer convidar mais estresse e dor para a sua vida? — mamãe indagava.

Um dia, enquanto eu argumentava com ela acerca das minhas razões para tentar, o telefone tocou. Do outro lado da linha, falando de Nova York, estava a srta. Rok, agente publicitária da dra. Jill. Se eu permitisse que a imprensa acompanhasse o progresso da minha pele durante as aplicações de *laser* e também depois delas, então o tratamento seria gratuito, patrocinado pela Lumenis, fabricante da máquina de *laser*. Mais uma vez, minha história abriu uma porta inesperada para mim.

Já conversei muitas vezes com Deus sobre essa curiosa dinâmica: como uma fotografia tão antiga continua a afetar minha vida atual. Com muita frequência, sinto Deus me dizer que,

por meio das oportunidades que ele me dá e das pessoas que me permite conhecer, está restaurando pedacinhos daquilo que as bombas tiraram de mim: minha infância, minha confiança, minha paz. Levei muitos anos para ver a mídia como um agente de restauração nas mãos de Deus — com exceção do tio Ut, que sempre enxerguei como um *resgatador*, e não um membro da imprensa. Mas finalmente entendi o papel dessas pessoas e agradei por seu ofício.

Com gratidão, humildade e alívio, aceitei a proposta da srta. Rok. Uma das primeiras entrevistas que precederam o início do tratamento aconteceu no início de junho com Jane Pauley, do programa *Sunday Morning*, da CBS. A entrevista seria levada ao ar no dia 25 de outubro de 2015, um mês após minha primeira viagem a Miami.



Toan e eu viajamos de Toronto para Miami no dia anterior ao meu procedimento. Aterrissamos no Aeroporto Internacional de Miami, onde tio Ut, representando a Associated Press, aguardava nossa chegada. Mesmo sabendo que ele estaria lá, fiquei extremamente feliz ao ver seu rosto. A srta. Rok estava lá também, a fim de organizar uma coletiva de imprensa antes que meu esposo e eu fôssemos levados ao hotel Miami Hilton.

No dia seguinte, o motorista nos deixou na clínica pontualmente. Mais uma vez, a srta. Rok me ajudou a cuidar das entrevistas à imprensa antes que eu fosse conduzida ao consultório e preparada para o procedimento com a dra. Jill.

O preparo para o tratamento a *laser* parecia mais complicado e demorado do que o tratamento em si. Primeiro, um funcionário da clínica tirou fotos das áreas do meu corpo que seriam tratadas. Uma enfermeira gentilmente aplicou creme anestésico em minha pele e então envolveu as cicatrizes em plástico, fazendo que eu me sentisse como uma múmia. O plástico mantinha o calor dentro do meu corpo, e isso ajudava o creme a penetrar fundo na pele. Em seguida, o anestesista explicou que eu receberia algo para entorpecer os sentidos.

Antes disso, porém, a dra. Jill e eu oramos juntas. Nós duas compartilhávamos o amor por Jesus Cristo, e fui confortada pelas súplicas fervorosas que ela fez por mim. Ela pediu que Deus estivesse próximo a mim de uma maneira que eu conseguisse sentir, que me desse paz que ultrapassa todo entendimento e que as habilidades dela fossem usadas para o bem, para curar meu corpo e remover minha dor.

Quando a dra. Jill disse amém, fechei os olhos, rogando para que a anestesia logo fizesse efeito e realizasse sua mágica. Enquanto tentava concentrar minha atenção difusa em liberar a tensão que se concentrara em volta dos meus ombros e diminuir o ritmo da respiração, consegui ouvir os cliques das câmeras dos fotógrafos, cujas lentes miravam cada movimento meu.

Cada tratamento iniciava pela manhã e ia até o meio da tarde, mais ou menos às dezesseis horas. Enquanto eu passava pelo procedimento, Toan e a equipe da imprensa saboreavam um bufê delicioso providenciado pelo consultório da dra. Jill, com sanduíches, saladas, acompanhamentos e várias sobremesas de chocolate. Todos comiam muito bem enquanto, no consultório ao lado, eu voluntariamente deixava que queimassem minhas feridas novamente. A meu ver, todos nós estávamos sendo nutridos, alguns com comida e eu com luz.

Ainda assim, não era a situação ideal, levando em conta as exigências da mídia. Para começar, quase não dava tempo de a anestesia fazer efeito em todo o meu corpo. Eu só podia ser anestesiada depois que o último repórter fazia sua pergunta final, ao passo que a dra. Jill não podia adiar o início do procedimento, já que este se estendia por muitas horas.

— Nunca haverá tempo suficiente — ela me disse durante nosso primeiro encontro. — Mas aceitaremos as coisas do jeito que são.

Sempre que uma daquelas sessões terminava, alguém me saudava pelo microfone.

— Como você está se sentindo, Kim? — perguntava em tom brando algum repórter bem-intencionado, ao que eu gemia e murmurava em resposta, ainda grogue. Eu fazia meu melhor para responder às perguntas, mesmo que o progresso parecesse sutil e vagaroso.

— Deem-me um ano inteiro — eu lhes dizia. — Dentro de um ano, veremos como as coisas estão.

Em segredo, eu tinha grande esperança de ser curada, mas nunca dizia isso em voz alta.



Os possíveis efeitos colaterais da terapia com *laser* fracionado ablativo incluem vermelhidão, inchaço, coceira, descamação, suscetibilidade a infecção e sensibilidade extrema à luz solar. Após cada sessão, a dra. Jill bondosamente nos levava de volta ao hotel e nos dava instruções detalhadas: eu deveria ficar em um ambiente fechado, com a pele exposta o máximo possível, para que tivesse contato com o ar (mas não com o sol). Deveria aplicar em minhas cicatrizes um tipo específico de creme, com a maior frequência possível e na maior quantidade que conseguisse suportar. Deveria tomar dois banhos de vinte minutos por dia, usando o sabonete líquido que ela prescrevera.

Eram aqueles banhos que acabavam comigo.

Por vários anos, muito tempo depois de o tecido cicatricial ter se formado, cobrindo minhas terminações nervosas e meus órgãos, os banhos de chuveiro vinham sendo um conforto para mim, o único momento no qual encontrava alívio de toda minha dor. A água morna suavizava temporariamente o vasto tecido cicatricial, que era de quatro a cinco vezes mais espesso que a pele saudável. Mas aqui? Agora? Perfurada por tantos buracos de *laser*? Aquele fluxo constante de água parecia mais o grande dilúvio ao qual Noé e sua família sobreviveram, uma correnteza selvagem que destruía tudo que passava por seu caminho.

Se você já teve uma queimadura de sol grave e logo entrou no chuveiro para limpar a pele vermelha inflamada, então conhece a dor que sofri. Você dança para dentro e para fora do fluxo de água que vem do chuveiro, numa tentativa desesperada de evitar as pontadas. “Quente demais! Quente demais!”, gritei em 1972 quando o napalm me encontrou. Eu repetia essas palavras nos banhos que se seguiam às aplicações de *laser*, mesmo quando a água estava morna, ou mesmo fria.

O lugar que antes era meu melhor amigo, o chuveiro, parecia ter se tornado um de meus piores inimigos. “Ame seus inimigos”, eu dizia para mim mesma naqueles momentos, distração que às vezes me fazia rir.

Em outras vezes, eu meditava na história bíblica do comandante sírio Naamã, que foi milagrosamente curado da lepra ao seguir a instrução do profeta Eliseu de se lavar sete vezes no rio Jordão.

Naamã ficou irritado porque Eliseu queria que *ele* fizesse alguma coisa, em vez de o profeta simplesmente mover as mãos e curá-lo. Mas, por fim, o sírio caiu em si. Extraordinariamente, foi no sétimo “tratamento” no rio Jordão que a pele de Naamã ficou limpa, sem sinal de lepra.<sup>38</sup>

Ali no chuveiro, eu esfregava e esfregava. “Fique firme e lave, lave, lave”, dizia para mim mesma, queimada e cheia de cicatrizes. “Faça isso com afinco, Kim, e sua pele será restaurada”.

Escolhi acreditar que essa seria a verdade.



Após cada banho, Toan aplicava o medicamento em creme sobre minha pele, a fim de mantê-la hidratada e flexível. Após a primeira sessão, percebemos que meu cabelo longo atrapalhava, pois cobria as cicatrizes do pescoço que também precisavam receber creme. Então o cortei em um Chanel curto.

— Bem mais fácil — Toan me disse depois, ao aplicar o creme da maneira mais delicada possível, em longos e vagarosos círculos.

Já em casa, mamãe me ajudava durante a semana, enquanto Toan trabalhava.

— Kim — ela me dizia com uma careta, enquanto eu gemia e me contorcia —, por que você está se submetendo a mais essa dor, depois de todo o sofrimento que já enfrentou?

— Mamãe, essa dor é pequena quando levo em conta o resultado que ela vai trazer.

É verdade que nem a dra. Jill nem eu sabíamos ao certo como meu corpo reagiria aos tratamentos, mas eu já vislumbrava a melhora na aparência, na textura e na circulação. Agora, só faltava a tal “redução da dor”.

Dois meses depois que as bombas caíram em Trang Bang, a Associated Press relatou que eu estava “quase recuperada”<sup>39</sup> das minhas queimaduras, mas, para ser sincera, ainda estou

em processo ativo de recuperação — no tempo verbal presente, não no passado. As terminações nervosas cicatrizadas por todo o meu corpo podem falhar sem nenhum motivo claro, enviando um raio penetrante de dor por todo o pescoço, as costas e o braço. Essa é a realidade que eu estava tentando modificar, pela graça de Deus e pelas habilidades da dra. Jill. E é por isso que viajei para Miami não sete vezes, mas oito no total.

É com alegria que relato esta verdade: em *alguns* dias — não em todos, preciso ser franca — sinto alívio. Em alguns dias, acordo às sete da manhã, sentindo-me descansada, revigorada e cheia de energia. Hoje dormi bem, para variar um pouco.

Alguns dias, saio da cama sem dor — *maravilha!* —, procedo aos cuidados pessoais e, então, desço as escadas. Leio as Escrituras na mesa da copa e, quando mamãe e meu marido aparecem para se unir a mim, leio um pouco mais em voz alta. Tomamos o café da manhã juntos e vou para meu *home office*, onde respondo aos *e-mails*. Duas ou três vezes por dia, levo mamãe para visitar meu pai, cuja saúde piorou a ponto de necessitar de mais auxílio do que Toan e eu somos capazes de proporcionar — por isso ele agora mora em um lar para idosos da região. Deixo a Bíblia aberta em meu *smartphone* a fim de me conectar com a Palavra de Deus e absorvê-la ao longo do dia.

Oro toda vez que surgem problemas, afinal eles *sempre* acham uma maneira de entrar na vida da gente...

Cochilo na maioria das tardes.

A cada quinze dias, recebemos em nossa casa um grupo de famílias vietnamitas para estudar a Bíblia. Cuido do lanche e me preparo para receber as crianças. Mamãe cozinha sua famosa sopa para nossos encontros; Toan apresenta uma mensagem bíblica para os adultos, em nossa língua materna; Thomas fala em inglês para os jovens; e Stephen ajuda com as crianças menores, brincando e fazendo-as sentir-se em casa.

Você deve imaginar como meu coração de mãe transborda ao ver meus dois filhos servindo ao Senhor. Toan e eu não tínhamos ideia do caminho de vida para o qual o Senhor os chamaria, já que tanto Thomas quanto Stephen expressaram diversos interesses enquanto cresciam. Em várias ocasiões, o aventureiro Thomas estava determinado a ser advogado, piloto ou jogador profissional de basquete — apenas algumas opções de uma longa lista. Stephen, que sempre gostou de ficar em casa, perto de mim, estava convicto de que seria jogador de futebol americano, ou mestre de artes marciais, contanto que as opções profissionais fossem ali por Toronto mesmo.

Por fim, porém, ambos procuraram Toan e a mim para contar de sua decisão em comum:

— Mamãe, papai, queremos nos dedicar ao ministério em tempo integral.

Como isso se desenrolará, ainda não sabemos... É uma obra em andamento. Mas o amor de nossa família por servir os vietnamitas de nossa comunidade acendeu uma chama especial no coração de nossos filhos.

Assim têm sido alguns dos meus dias, e guardo cada um deles no coração! Minha oração é para que a dor se ausente por alguns dias seguidos... ter *algumas* semanas, *alguns* meses, *alguns* anos em que me sinta ótima.

Até lá, canto, sorrio e louvo a Deus. Aprendi a administrar os maiores desafios da vida — terror e tragédia, abandono e manipulação, pobreza e dor debilitante — e a deixar as pequenas inconveniências me divertir, em vez de me chatear.



Uma lembrança acaba de me vir à mente. Fui convidada a falar sobre a paz em meio a um mundo em guerra na Universidade de Buffalo, estado de Nova York. Um dos professores responsáveis pelo departamento que havia me convidado se ofereceu para fazer a viagem de duas horas até minha casa e me levar até o evento. Ele e dois alunos chegaram no dia marcado e, então, seguimos rumo ao *campus*.

Já no instante em que entrei no carro, comecei uma conversa incessante e entusiasmada com meus colegas de viagem. Quando chegamos ao trevo para a Estrada 403, que vai para o leste, o professor não percebeu e continuamos a dirigir para o oeste... em direção a Detroit, e não Buffalo. Duas horas depois, a conversa deu uma acalmada e o professor disse em sobressalto:

— Kim, aquela placa disse que estamos indo para o oeste?

Bem, quando não ocupo o volante, quase nunca reparo onde estou.

— Não sei! — respondi. — Você acha que entramos em algum lugar errado?

Quando descobrimos nosso paradeiro, tivemos a certeza de que chegaríamos atrasados. Ou melhor, *uma hora* atrasados, o mesmo tempo destinado à minha palestra.

O professor manobrou o carro e começou a dirigir para o leste, murmurando que queria “ter um helicóptero” e como se sentia “péssimo” por causa daquele erro. Antes de dizer alguma coisa, esperei sua raiva inicial passar. Então, comentei:

— Professor, sei que chegaremos atrasados ao evento. Porém, mesmo que só haja uma pessoa no auditório, considerarei a noite bem-sucedida. Falarei de coração para essa pessoa. Quem sabe minhas palavras não farão a diferença na vida dela?

O professor ainda estava irritado.

Acrescentei:

— Sempre que cometer um erro, amigo, simplesmente comece de novo e tente mais uma vez. Dedique-se à próxima coisa certa a se fazer... É só isso que podemos fazer.

Às oito e meia daquela noite, exatamente uma hora depois do início previsto para a minha palestra, chegamos ao nosso destino. Nós quatro fomos correndo para o auditório, onde quinhentas pessoas aguardavam pacientemente. Por fim, foi uma experiência maravilhosa.

Depois, o professor me disse:

— Kim, eu peguei fogo de tanta raiva naquele dia, você sabe. Mas suas palavras e sua atitude realmente me fizeram esfriar a cabeça. — Ele me deu um abraço e me agradeceu.

Naquele instante, cogitei que talvez esta seja minha única missão de vida: ajudar a apagar os incêndios que encontro por aí. Todos atravessamos uma ou outra estrada de fogo, seja ela um transtorno relacional, financeiro, físico, emocional ou qualquer uma das inconveniências da vida. Mas, quando você e eu adotamos uma postura de paz, dizemos palavras bondosas e gentis, oferecemos uma oração ou um abraço, ou fazemos qualquer coisa semelhante ao que Jesus fazia, é como se estivéssemos com o extintor de incêndio em mãos: as chamas altas se apagam.

Os estudos, o dinheiro, o alimento, a família, a cura, a liberdade, o reencontro com mamãe — todas as coisas que tanto desejei ao longo do caminho jamais satisfariam minha alma. Somente a paz que Jesus pode oferecer é capaz de apagar as chamas em meu interior.

— Acreditem — eu disse àqueles universitários —, eu realmente desejo encontrar alívio da dor. Mas sabem o que quero ainda mais do que isso? Permanecer perto de Cristo.

Por mais difícil que seja acreditar nisso, cada uma daquelas palavras foi dita de coração.



## ILHA NECKER, CARIBE

## CICATRIZES EXPOSTAS

## AGOSTO DE 2015

— Cobriremos todas as despesas para você e Toan — o coordenador do evento me disse, enquanto eu, distraída, passava o dedo indicador sobre a cicatriz do meu braço esquerdo. “Tenho quase certeza de que a pele está mais macia aqui. Talvez os tratamentos a *laser* estejam funcionando e afinando o tecido cicatricial.”

— Kim — prosseguiu o coordenador, trazendo-me de volta ao seu convite —, será uma honra para nós se você vier compartilhar sua história conosco.

O “conosco”, nesse caso, eram cinquenta dos líderes mais influentes do mundo, grupo que participaria de um seminário com duração de vários dias organizado pelo bilionário Richard Branson, com o tema “O poder do perdão e da gratidão”, em sua ilha particular no Caribe.

— Eu é que me sinto honrada — respondi. — Toan e eu aceitamos esse gentil convite.

Ao longo dos últimos vinte anos, não importa onde estou falando, quando, nem para quem, sempre uso um *ao dai* vietnamita tradicional, complementado por um par de sapatos pretos. Que contraste com a blusa de segunda mão, a saia de bolinhas, o cachecol descombinado e o casaco bege na altura do joelho que usei para o discurso do Dia dos Veteranos de Guerra em 1997! À época, eu não me senti nem um pouco alinhada, mas o que podia fazer? Não tinha dinheiro para comprar roupas. Toan e eu estávamos apenas tentando sobreviver!

Lembro-me de clamar ao Senhor certa noite: “Quero parecer profissional. Quero parecer bonita. Mas, acima de tudo, meu Deus, quero esconder minha pele”. É claro que o motivo para as pessoas me convidarem a dar palestras era, em primeiro lugar, minhas cicatrizes. “Elas vão ter que usar a imaginação, meu Deus. É o melhor que lhes posso oferecer.”

Uma semana depois de pedir ajuda a Deus a esse respeito, encontrei um casal vietnamita em um culto de nossa igreja. Não conhecia nenhum deles, mas senti afinidade imediata pela esposa... e também uma atração instantânea pela roupa que ela vestia.

— Preciso lhe dizer que seu *ao dai* é muito lindo! Você o comprou fora do país?

Ela deu um sorriso maroto e disse:

— Vou lhe dar o número de uma costureira e, em dois dias, você terá o seu também!

Como você já deve imaginar, telefonei para a costureira o mais rápido possível. Em menos de uma semana, nós nos encontramos, ela tirou minha medida e, ao que me pareceu um passe de mágica, fez o *ao dai* mais lindo que eu já tivera na vida. Acho que paguei cinquenta dólares pela roupa, e a uso até hoje. Sinto-me confortável com ela. Pareço profissional. Fico bonita — pelo menos, é o que muitas pessoas já me disseram. E, o mais importante, nenhum centímetro das minhas cicatrizes fica à mostra. Essa tem sido a roupa perfeita para mim.



Quando Toan e eu chegamos à ilha Necker, fomos recebidos por um calor escaldante. Mas o clima não teve nada a ver com o que eu já estava decidida a fazer. Pela primeira vez, usaria mangas curtas em público. Munindo-me de muita coragem, coloquei na mala um vestido leve de verão para o evento.

Durante quase toda a vida, odiei minha pele semelhante a couro de búfalo, mas, de fato, acabei fazendo as pazes com a minha dor. Aceitei as consequências do napalm. Aprendi a amar até mesmo minhas cicatrizes. “Vocês me mantêm humildes”, eu lhes dizia. “Vocês me ajudam a viver.”

Mas ali, na ilha, senti certa inquietação. “O que as pessoas vão pensar de mim? O que vão dizer?”

Lembrei-me de outro convite prestigioso que recebi no ano 2000. Fui chamada para conhecer a rainha Elizabeth, evento que quase recusei. Quando uma das representantes da rainha ligou e me chamou para ir a Londres dali a duas semanas, eu respondi:

— Puxa, desculpe-me, mas não posso comparecer nesse dia.

Uma longa pausa se seguiu, até que ela disse:

— Você não pode vir conhecer a rainha?

— Sinto-me honrada pelo convite — respondi com toda sinceridade —, mas já tenho outro compromisso nos Estados Unidos nesse mesmo dia.

Eu falaria em uma universidade na Califórnia. Como eu amo falar para os universitários! Além de me sentir inspirada pelo otimismo da juventude, estar em meio a um ambiente estudantil sempre me trouxe muita gratificação pessoal. Passei tanto tempo desejando obter uma educação sólida, sem nunca conseguir, que estar em um grande auditório cheio de alunos ansiosos por me ouvir praticamente preencheu essa ausência em mim. De uma

maneira que só Deus seria capaz de orquestrar, em seis ocasiões, representantes de diferentes universidades me concederam títulos de doutora *honoris causa*. Uau! Eu, Kim Phuc, que nunca terminei nem o bacharelado por causa de embustes do governo? Todas as vezes que voltei para casa com o título, insisti, com uma piscadela de olho, que Toan, Thomas e Stephen me chamassem “de acordo”. Como vinha um doutorado depois do outro, os meninos acabaram me chamando de “Doutora doutora doutora doutora doutora doutora mamãe”. Ah, como demos boas risadas disso!

Do outro lado da linha, ouvi a representante da rainha responder, com certa acidez:

— Entendo. — E então me garantiu que transmitiria à soberana minha tristeza em não poder ir.

Foi exatamente isso que contei para tio Ut quando ele me ligou momentos depois.

— Kim, você precisa ir à Inglaterra. É a rainha, Kim. A *rainha*!

Dava até para imaginar a expressão facial de tio Ut pelo seu tom de voz. Então ele me contou que também havia sido convidado e explicou por que nós dois precisávamos comparecer: uma exibição permanente com minha fotografia seria instalada em um museu da Inglaterra.

— Mas, tio Ut, se eles sabiam que precisariam nos chamar, por que então só nos informaram hoje?

— Kim, é assim que as coisas precisam ser, possivelmente por questões de segurança que não temos como compreender.

Senti-me péssima por não poder ir, mas tio Ut não deu a mínima para minhas justificativas.

— Kim, você precisa mudar seus planos!

Sabendo que ele nunca me colocaria em uma enrascada, falei:

— Tio Ut, você sabe que eu o amo. Vou fazer o que você está me pedindo. Vou mudar meus planos e comparecer ao evento.

Toan viajaria comigo e começamos, então, os nossos preparativos.



Toan e eu finalmente chegamos à ala de recepção do Museu de Ciências de Londres, onde tudo havia sido preparado com muita elegância. Todos os convidados estavam impecáveis, esperando a chegada da rainha e de seu esposo, o príncipe Philip. Por trás da fila de cumprimentos, observadores aguardavam ansiosos para ter ao menos um vislumbre da realeza britânica. Como eu vinha de um período frenético de compromissos, só então consegui entender como era raro ter a oportunidade maravilhosa de conhecer uma líder tão renomada.

Na ocasião, escolhi trajar um belo *ao dai* preto, com o corpo cravejado de cristais e o tecido cobrindo cada centímetro das minhas cicatrizes. Eu havia sido preparada acerca do protocolo

de deslocamento da rainha pela fila de cumprimentos: “Ela vai se mover rápido, a fim de ter tempo de saudar cada convidado. Só ofereça a mão se ela estender a dela primeiro. Seja breve na conversa, apresentando apenas a informação que a rainha solicitar”.

Ela chegou ao museu e começou a cumprimentar os convidados, mas, quando veio até mim, percebi que eu não estava nem um pouco preparada.

A rainha Elizabeth estendeu-me a mão coberta por uma luva, olhou atentamente para meu rosto e disse:

— Kim? É você mesma?

Eu ri, enquanto segurava a mão delicada da rainha.

— Sim! Sou eu, Kim Phuc, vossa majestade. De verdade, eu mesma!

— Kim, mal dá para acreditar! — respondeu ela.

Foi então que me dei conta. “Ela não vê nenhuma evidência das minhas queimaduras.” Queria dobrar a manga para mostrar que eu era mesmo aquela garotinha, mas sabia que isso violaria o cerimonial.

Aquele instante permaneceu em minha mente por muito tempo. “Por que tenho tanta vergonha das minhas cicatrizes?”, eu me questioneei. “Eu as escondo por receio de quê?”

Ali, no evento do sr. Branson, eu estava pronta para sair do esconderijo. Estava pronta para caminhar pela fé, sem medo da minha aparência. Estava pronta para expor minhas cicatrizes.



Nunca me esquecerei do calor da ilha Necker — não só da temperatura tropical do lado de fora, mas também do espírito de aceitação e amor que permeava o auditório enquanto eu dava minha palestra.

— Escolha libertar seu coração do ódio — eu disse aos que se reuniam ali. Esse era o primeiro item em minha lista de cinco decisões importantes, e eu queria que os ouvintes considerassem ter essa atitude também. — Sim, seremos magoados nesta vida — reconheci. — Sim, sentiremos que temos todo o direito de fazer aqueles que nos prejudicaram pagar pelas feridas que sofremos. Mas a verdade é esta: somente Deus é capaz de fazer justiça aos males que conhecemos. E carregar ódio e amargura significa abrir mão de uma vida bonita. Aproxime-se de Deus. Escolha amar a Deus. Apoie-se na força sobrenatural de Deus, sabendo que esse é o único meio de fazer coisas sobrenaturais. Abra mão do ódio. Abra mão da amargura. Deixe Deus fazer o que só pertence a ele.

Tendo mencionado quatro dos cinco itens da lista — liberte seu coração do ódio; leve uma vida simples, descomplicada; seja mais generoso com os necessitados que cruzam seu caminho; tenha menos expectativas e você sentirá menos insatisfação —, quando cheguei ao quinto, que eu conhecia de maneira tão íntima, sorri.

— Ande movido pela fé, não pelo medo — completei. — Por puro medo, passei anos demais presa em muitas amarras. Eu temia minha dor. Temia minha aparência. Temia meu destino. Temia a mim mesma. E para onde todo esse medo me levou? Para bem diante das portas do suicídio. Vocês não fazem ideia de como eu era tomada pelo medo. Nem conseguia respirar, de tanto temor.

Fiz uma pausa, depois continuei.

— Até que encontrei a fé. Não uma crença vaga, mas o tipo de fé no qual a pessoa conhece a Deus e se entrega a ele. E sabem o que descobri ao ser envolvida pelo Deus de amor? Que não há medo quando a fé é exercitada.

Contei àqueles homens e mulheres que queria demonstrar o que significava para mim andar movida pela fé, não pelo medo.

— Hoje — falei enquanto erguia bem alto meu braço esquerdo —, estou mostrando minhas cicatrizes em público pela primeira vez. Sempre usei manga comprida. Mas agora já não tenho medo. Estas cicatrizes fazem parte da minha jornada. São parte da minha história. Fazem parte de quem *eu sou*. Decidi que, para caminhar pela fé, preciso abrir mão dos medos: do medo daquilo que vocês podem pensar ao ver minha pele estranha; medo do que vocês podem dizer a meu respeito muito depois de nos despedirmos deste evento; medo de como se sentirão em relação a mim ao notar quanto sou desfigurada...

Antes que eu dissesse qualquer outra palavra, algumas palmas começaram a soar em meio ao auditório silencioso. Então, elas se transformaram em uma salva de palmas, até que comecei a ser aplaudida de pé. Aqueles homens e mulheres extremamente bem-sucedidos tinham lágrimas nos olhos.

— Eu te amo, Kim! — vários dos participantes gritaram acima dos fortes aplausos. Dei um largo sorriso e sussurrei:

— Ah, como eu amo vocês também!

## TRANG BANG, VIETNÃ

## ENFIM, PAZ

## JUNHO DE 2016

A Escola Internacional Chinesa de Dongguan, instituição preparatória para estudantes asiáticos que planejam cursar a universidade fora do país, havia me convidado a falar sobre paz. Aceitei o convite entusiasmada e imediatamente comecei a planejar uma maneira de emendar uma viagem de volta a Trang Bang.

— Fica tão perto do Vietnã! — disse para Toan, que concordou totalmente com o plano.

— Passaremos três dias com minha família em Hanói — sugeriu ele — e três dias com sua família em Saigon.

E assim nos preparamos.

Fazia doze anos desde minha última visita à vila de minha juventude. A última viagem acontecera para dar minhas condolências à família do querido Número 5, que havia falecido de maneira inesperada. O governo vietnamita me proibiu de viajar a tempo para o funeral, que aconteceu em outubro, mas consegui ir na época do Natal. Talvez tenha sido até melhor, no fim das contas. Agora que toda minha família havia escolhido dedicar a vida à fé cristã, celebrar o nascimento do bebê Jesus junto com minha cunhada foi uma experiência extremamente memorável e gratificante.

Dessa vez, minha viagem com Toan não apresentou grandes incidentes, assim como os dias que passamos no Norte. A única recordação que tenho é de como fazia calor. A palavra *escaldante* é a que vem à mente, o que não deixa de ser uma característica dessa região em junho. Só uma parte da casa da família de Toan dispunha de ventiladores. Assim, durante aquelas 72 horas, eu me plantei bem em frente às aquelas pás giratórias. “Sinto muito por

submeter vocês a isso”, eu sussurrava para minhas cicatrizes. Como elas abominavam temperaturas tão altas!

Quando embarcamos no voo de duas horas de Hanói para Saigon, lembrei-me da jornada de uma semana que fiz de Saigon até Hanói a fim de conseguir o auxílio de Bac Dong, quando eu tinha apenas 19 anos.

— Ah, Toan — exclamei ao me acomodar no assento da aeronave —, assim é muito melhor. Não gostaria de ir de carro.

Em Saigon, uma *van* nos esperava no aeroporto. Aquele fora um gesto de gentileza providenciado por meu irmão Número 8, um dos dois que correria junto comigo naquela estrada em chamas. Toan e eu tínhamos falado com ele via FaceTime antes de partirmos de Toronto, e ele havia pedido que levássemos vários tesouros do ocidente. No topo da lista? Cápsulas de ômega 3.

— De todas as coisas disponíveis no Canadá, irmão, é isso que você deseja?

Demos uma boa risada, e eu diligentemente anotei o suplemento em minha lista de supermercado.

Depois de passar algumas horas na casa do Número 8, voltamos à *van* e fomos para o leste, em direção a Trang Bang, onde encontraríamos minha cunhada, que ainda lamentava a perda de Número 5. A casa dela ficava em uma das esquinas ocupadas pela grande propriedade do templo de Cao Dai.

Naquela noite, todos os parentes da região — minhas tias, meus tios, meus irmãos que moram na cidade, minhas sobrinhas, meus sobrinhos, todos os seus cônjuges e filhos — se reuniram para uma deliciosa festa em família. Tanta comida, tanta bebida, tanta leveza, tanta alegria... Décadas depois, como havíamos chegado longe! Nem sempre nossa vida teve tanta fartura.

— Somos muito abençoados — eu disse à minha família naquela noite. — Vocês percebem? Somos *ricamente* abençoados.

Quando olhei para aqueles rostos preciosos que me cercavam, agora tementes ao Deus verdadeiro, enchi-me de lágrimas. Aqueles de nós que crescemos juntos sofremos muita dor no coração, além da dor física. Conhecemos a pobreza, o desamparo, os maus-tratos, a expropriação. Contudo, agora nos víamos salvos, seguros e de barriga cheia. Por um longo tempo, não percebi que Deus estava fazendo as coisas cooperarem para o bem, mas ali as evidências gritavam: “Os desafios que vocês enfrentaram não puderam derrubá-los. Vocês conseguiram! Vocês estão em pé! E, o mais importante, vocês estão em paz!”.



Na manhã seguinte, as duas filhas do Número 5 me acompanharam em uma caminhada às margens da Rodovia 1, em direção ao templo do Cao Dai. Andar na estrada em si seria uma

sentença de morte, já que aquela primitiva estrada de terra hoje é uma rodovia de quatro faixas, lotada de carros e caminhões. Enquanto nós três caminhávamos juntas, estendi a mão para tocar as folhas das árvores viçosas que formavam um muro natural ao longo do acostamento. Quando criança, eu adorava subir naquelas árvores. Os anos de guerra demoliram cada centímetro da bela paisagem que conheci durante meus primeiros oito anos de vida. Após o bombardeio, senti que estava vivendo no apocalipse. Mas, se você olhar para Trang Bang agora, jamais imaginará que aquele local sofreu tanto. Havia muita gente indo apressada de um lugar a outro, com a janela do carro abaixada, o rádio tocando, o celular na mão, todos absolutamente despreocupados.

Ao chegarmos ao templo, minhas sobrinhas gritaram acima do ruído do trânsito:

— Quer entrar, titia?

Hesitei a princípio, mas depois concordei. Quantas vezes aquele lugar fora bombardeado até restarem somente ruínas, apenas para ser construído novamente? Quando pisei na área do templo, parei e de imediato me lembrei do local onde a marca colorida para a bomba fora jogada. Com um balanço da cabeça, concordei comigo mesma: “Sim, aquele foi o dia. O dia em que tudo mudou para mim”.

Quando entramos no templo em si, senti-me quase atacada pelos muitos ídolos que adorara quando jovem. Como eu havia sido devota ao Cao Dai, a filha mais devota que já se viu! Ouvindo o eco dos nossos passos pelo vasto salão onde aconteciam os cultos, fui até uma janela lateral e olhei através de sua pequena estrutura. De repente, tudo voltou à minha mente, uma rajada de recordações, uma dor. “Ali foi o lugar”, murmurei em monólogo. “Naquele pacato trecho da estrada.”

As bombas.

Os incêndios.

Os gritos.

O medo.

A foto que deixou o mundo boquiaberto.

Ah, aquela foto! A *minha* foto. A foto da qual eu quisera tanto me esquivar. A foto que, no fim das contas, me deu uma missão, um ministério, uma causa.

Enquanto permanecia dentro do templo, olhando pela janela, lembrei-me dos horrores de 1972, das provações e dos tormentos que vieram em seguida, das cicatrizes que ainda carrego dolorosamente. Mas então pensei em quão longe havia chegado, tendo descoberto a liberdade, a vivacidade e a paz. Refleti em todo o contentamento, toda a paciência e a alegria que eu reunira ao longo do caminho. “Obrigada, meu Deus!”, sussurrei. “Sim, até mesmo por esta estrada.”





Três semanas após a viagem a Trang Bang, Toan e eu ocupávamos a mesa principal de um requintado evento em Los Angeles, no qual meu amigo Nick Ut ganhou um prêmio pelas conquistas de sua vida inteira. O clube de imprensa local o condecorou por sua obra extraordinária no campo do jornalismo. Ao introduzirem Nick ao auditório lotado, os apresentadores projetaram numa tela gigante a fotografia que lhe rendera o prêmio Pulitzer.

Eu conhecia cada nuance daquela imagem tão bem quanto os detalhes de minha própria mão: a estrada lamacenta, os soldados impassíveis, o contorno das nuvens de napalm. Aquela fotografia havia definido minha vida. Ainda assim, por mais que já a tivesse visto tantas vezes, naquela noite, momentos antes de eu ser apresentada para me unir a meu querido amigo no palco enquanto ele recebia o prêmio, lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Enquanto encarava meus pés na imagem — eles corriam o mais rápido que conseguiam —, pensei na corrida que eu fizera por tanto tempo: uma tentativa desesperada de fugir das bombas, da guerra, da fotografia e também da minha dor. Eu corri da minha religião. Corri do controle comunista. Corri do Vietnã. Corri de Cuba também. Motivada pela tristeza, depois pela raiva, pelo medo e pela determinação, passei tempo demais da vida correndo, convencida de que não havia alternativa. No entanto, o caminho que tracei ao longo de todo esse tempo me levou diretamente para os braços de Deus.

Apertei a mão de Toan antes de me levantar. “Minhas lágrimas não são de tristeza desta vez. São de gratidão, Toan. Graças a Deus, eu sobrevivi!”

## Epílogo

---

### FIRME NA ESPERANÇA

Dou mais de quarenta palestras por ano e, toda vez que viajo, sinto uma pontada de desgosto incomodar meu coração. “Eu preferiria apenas ficar em casa”, penso. Nosso lar nos arredores de Toronto é um refúgio de segurança para minha família e para mim. Passo os dedos pela delicada corrente de ouro ao redor de meu pescoço, presente de uma amiga. Dois pequeninos berloques — uma cruz e uma folha de bordo — balançam. “Ah, Jesus, só você, eu e o Canadá. A vida é tão simples ali!”

Mas então vejo o rosto de sofrendores inocentes, gente cuja vida foi traumatizada pela ignorância e por ultrajes. “Se eu não for, então quem irá?”

Por isso, mais uma vez, digo “sim” ao compromisso de falar. Mais uma vez, faço as malas. Mais uma vez, vou para o aeroporto. Mais uma vez, viajo para “lá”, a despeito de onde seja.

O preço cobrado de minha família é significativo e, muitas vezes, bem caro. Quando Thomas era pequeno e a professora pediu que as crianças fizessem um desenho da mãe, ele pegou os lápis de cor e fez um avião bem alto no céu. Contorci-me por dentro ao ver aquilo, mas não posso dizer que fui pega totalmente de surpresa. Minha mente voltou a uma ocasião emocionante com Thomas, ocorrida enquanto eu partia para outra palestra, dessa vez em Hong Kong.

— Mamãe, este é o último abraço e beijo que vou lhe dar — disse ele, com os olhinhos cheios de lágrima.

Fiquei chocada.

— O quê? Como assim, Thomas?

A preocupação em seu rosto era inegável.

— Está tendo gripe aviária lá em Hong Kong. Você vai pegar a doença e morrer.

Envolvendo meu filho num abraço apertado, perguntei:

— Thomas, você confia no Senhor?

Thomas fungou e respondeu, com a voz engasgada pelas lágrimas:

— Sim, mamãe!

— Eu também, filho. E como nós dois confiamos em Deus, podemos crer em suas promessas, certo?

Mais uma fungada e mais um “sim” baixinho.

Aconcheguei Thomas ainda mais.

— Uma das promessas de Deus diz que ele nos protegerá e nos carregará sob suas asas de segurança todos os dias de nossa vida. Sempre que sentirmos medo, devemos transformar esse medo em combustível para oração. Por isso, quero que você ore por mim enquanto eu estiver viajando. Você pode fazer isso?

Ele concordou com a cabeça.

Gosto de pensar que os compromissos que me levaram para longe fizeram todos nós — Toan, eu e nossos meninos — confiar mais profundamente em Deus.

Mamãe também se preocupava freneticamente sempre que eu viajava para lugares com supostas ameaças terroristas.

— Mamãe — eu disse certa vez, na esperança de que ela seguisse meu conselho —, transforme suas preocupações em oração. Se você ficar preocupada, fará mal a si mesma e não estará cuidando de mim. Mas, se orar, abençoará nós duas. Ficará mais próxima de Deus ao conversar com ele e ministrará a mim, ainda que de longe.

Enquanto mamãe absorvia minhas palavras, não pude deixar de acrescentar:

— Além disso, se qualquer coisa der errado nesta terra, é para o céu que eu vou!

Mamãe não achou graça, mas, daquele momento em diante, passou a orar.

Sinto-me chamada para esse ministério que Deus me deu. Recusar-me a ir até as pessoas que desejam ouvir minha mensagem seria o pior tipo de rebeldia. No entanto, nem sempre sou recebida de braços abertos. Recentemente, quando Toan e eu nos oferecemos para voltar ao Vietnã a fim de construir dois orfanatos e uma biblioteca por meio de nossa instituição, The KIM Foundation International, nosso pedido foi negado. Preenchemos com cuidado toda a papelada necessária, humildemente solicitamos as devidas licenças, colocamos todos os pingos nos “is”, só para ouvir dos oficiais de Tay Ninh:

— Não temos essa necessidade aqui.

Ai! Como foi difícil ouvir isso. Nós sabíamos que havia uma necessidade imensa. No entanto, o que mais poderíamos fazer, a não ser encontrar outro lugar para servir? A realidade é que há *muitos* lugares em necessidade.



Em dezembro de 2016, Toan e eu chegamos a uma parte verdadeiramente caótica do mundo. A Turquia fica abaixo do mar Negro, ao lado do Mediterrâneo e logo acima de Aleppo, na Síria, de onde milhares de pessoas fugiam em busca de sobrevivência. Eu não estava na Turquia para falar sobre a crise dos refugiados, nem para oferecer auxílio com relação a esse problema, mas, sim, para promover a paz.

Contudo, naquela época, algumas fontes de notícias relataram que mais de 2,5 milhões de refugiados haviam se abrigado na Turquia, o que explica por que todas as entrevistas que dei para a imprensa turca acabavam abordando a questão da guerra na Síria. Um cessar-fogo havia acabado de ser firmado entre as duas partes em conflito: o governo oficial da Síria, apoiado pela Rússia e pelo Irã, e os grupos rebeldes do país, apoiados pela Turquia, pela Arábia Saudita, pelo Catar e pelos Estados Unidos. Mas isso não conseguira deter a insanidade que estava por toda parte.

No dia em que Toan, nossos anfitriões e eu chegamos, um bombardeio suicida em um estádio da Síria matou várias pessoas e aterrorizou todas as outras. Como sinto empatia por essa gente devastada pela guerra! A violência absurda pela manutenção do poder, o ativismo irracional, o rastro de destruição e morte — todo aquele cenário era familiar demais para mim, fazendo-me debulhar em lágrimas e também me apegar à oração. “Pai, proteja essas pessoas queridas”, clamei. “Pai, por favor, proteja também o Toan e a mim.”

Após vários dias de entrevistas não agendadas, uma após outra, eu estava exausta. Minhas cicatrizes se ressentiam. Eu precisava de descanso, silêncio e paz. Só tínhamos mais um compromisso — uma visita do prefeito de Sariyer — antes de ir para casa no dia seguinte.

Presumi que a visita do prefeito era motivada por cortesia, apenas para as despedidas. Mas, quando ouvi as batidas na porta de nosso quarto de hotel às dez da noite e a abri, fiquei surpresa ao deparar com o prefeito, seu assistente, vários membros de sua equipe de funcionários e um grupo da mídia reunido. Ah, o sono precisaria esperar!



A última entrevista foi realizada por uma repórter que falava inglês com bastante dificuldade, mas entendi claramente qual era seu objetivo: ela queria que eu assumisse uma posição política em relação à situação.

— Kim Phuc — ela disse, por fim, exasperada —, por ser uma embaixadora da boa vontade, é mandatório que você manifeste sua posição diante dessas questões tão trágicas da guerra.

Engoli em seco diante da intimação. Qualquer coisa que eu dissesse seria transmitida para dezenas de milhares de pessoas da região e ficaria registrada para sempre na história da mídia. Eu desejava que minhas palavras fossem relevantes. Não queria me esquivar da verdade.

Em poucos e valiosos segundos, meus pensamentos voltaram à época em que Thomas e Stephen eram meninos. Todas as noites, quando Toan e eu colocávamos nossos garotos sonolentos na cama, proferíamos a bênção de Arão para eles. “Senhor, por favor, os abençoe e os guarde. Que o seu rosto resplandeça sobre eles e que o Senhor tenha misericórdia deles. Pai, levante a luz do seu rosto sobre a vida deles e sempre, Senhor, lhes dê a paz”.

Orar essa bênção se tornou tão natural para mim quanto respirar — e eu não a orava só por meus filhos. Quase todos os dias, alguém me vinha à memória e eu sentia o desejo de pedir ao Senhor que abençoasse aquela pessoa e a mantivesse para sempre sob sua paz. “Pai, ajude essa pessoa para que não se sinta rejeitada hoje”, eu pedia. “Afaste-a do isolamento e do retraimento. Lembre-a de que o Senhor a ama e que vai atrás dela, mesmo que não se sinta amada”.

Deus nos vê! Ele nos ama! Ele reserva coisas boas para nós!

Sentada naquele hotel da Turquia, orei essa bênção sobre minha vida: “Pai, por favor, abençoe-me e guarde-me enquanto eu respondo com a verdade. Mantenha-me sob os braços da sua paz. Que o seu rosto brilhe sobre mim. Ajude-me a brilhar com amor semelhante ao de Cristo”.

Acalmando-me com um suspiro profundo, olhei bem nos olhos da entrevistadora e disse com confiança tranquila:

— Minha “posição” diante disso, e diante de tudo que importa, é de *perdão*. Minha “posição”, se você quer saber, é de *amor*. Minha fé em Jesus Cristo foi o que me capacitou a perdoar aqueles que me fizeram mal. E, como você sabe, foram muitos os males cometidos contra mim. Foi minha fé em Jesus Cristo que me ensinou a orar pelos meus inimigos, em vez de amaldiçoá-los. E foi minha fé em Jesus Cristo que me deu condições de amá-los. Eu não só os tolero ou sou polida com eles. Não, eu os *amo*. É somente esse amor que dá fim às guerras.

A mulher, que até então havia sido muito profissional, muito séria, muito resignada desde o início de nossa conversa, agora tinha lágrimas nos olhos. Vários segundos de silêncio se passaram até que ela limpou a garganta e sussurrou para mim:

— Você é uma pessoa extraordinária.

— Toda glória ao Senhor — respondi.



Vinte e quatro horas depois de Toan e eu voltarmos para casa, descobrimos, por meio de um alerta de notícia da CNN, que Andrei Karlov, embaixador da Rússia na Turquia, havia sido assassinado durante o discurso que proferia em uma galeria de arte moderna em Ancara, a minutos da região central, onde ficamos. Mais ou menos vinte pessoas foram admitidas no ambiente onde uma exibição seria inaugurada. Todas escutavam atentamente aos

comentários do sr. Karlov (transmitidos ao vivo pela televisão) quando uma delas, um policial turco de plantão no evento, disparou. Sob câmeras que registravam cada ângulo daquela cena, o embaixador caiu ao chão e os demais se acovardaram, cheios de temor.

Assim como fez muita gente ao redor do planeta, olhei as fotos que foram parar imediatamente na internet. Quanta falta de sentido! Que ato traiçoeiro! “Alá é maior!”, o atirador gritou antes de disparar. “Lembrem-se de Alepo! Lembrem-se da Turquia. Alá é maior!”, exclamou.

Imaginei que meu Deus grandioso ficara profundamente entristecido. Para ser honesta, eu também fiquei. Será que minha mensagem tinha feito alguma diferença? Haverá paz na terra um dia?

Eu não conseguia tirar os olhos de uma daquelas fotografias, que mostrava pessoas abrigadas debaixo de uma mesa da galeria. Ao estudar o rosto delas, balancei com a cabeça em reconhecimento. “Conheço esse olhar”, disse a mim mesma. “Conheço o terror. Conheço o desamparo. Conheço o medo. Sei como essas experiências de guerra são desgastantes. Sei que é possível perder a esperança.”

“Não desistam!”, sussurrei para aqueles rostos na tela de meu computador. “Sei que a paz que encontrei pode ser de vocês também. Fui uma garotinha que sofreu demais, mas hoje, vivo tranquila. Sim, é possível que minhas circunstâncias ainda sejam desafiadoras, mas meu coração está totalmente curado!”

“Fiquem firmes na esperança”, recomendei com insistência. “É a *esperança* que os fará vencer.”

## Agradecimentos

---

Gostaria de agradecer humildemente a Nick Ut, fotógrafo ganhador do prêmio Pulitzer, que tirou minha foto e me levou para o hospital. Por muitos anos, tio Ut, eu só consegui agradecê-lo por um desses feitos, mas, considerando o modo como Deus usou sua fotografia — a minha fotografia —, hoje meu coração é grato por esses seus dois atos. Você foi muito além do dever naquele dia de junho de 1972. Louvo a Deus pela compaixão que você demonstrou!

A Associated Press escolheu publicar minha fotografia e, pouco depois, parece que o mundo inteiro a viu. Sou grata à agência por deliberar se era apropriado tornar pública tal imagem e por finalmente decidirem fazê-lo. Gosto de pensar que essa parceria incomum entre nós fez algum bem para o mundo.

Equipe da CBS, vocês também fazem parte da minha vida já há muitos anos. Permaneço grata pelas oportunidades que me deram de contar minha história e, assim, alcançar outros que experimentam sofrimento e dor. Vocês deveriam se orgulhar de sua forma de fazer televisão. Eu, sem dúvida nenhuma, me orgulho dela.

Christopher Wain, todos precisamos de uma testemunha para o nosso sofrimento nesta vida, e você, meu amigo, foi a minha. Obrigada por me visitar no hospital quando tão poucos o fariam. Você é um presente em minha vida.

Pastor Ho Hieu Ha, você me conduziu à decisão mais importante que alguém pode tomar, a de se entregar ao senhorio de Jesus Cristo. Sempre me lembrarei de sua bondade durante aquele culto de véspera de Natal, quando eu era uma moça de 19 anos em busca de paz. Por

causa de sua fidelidade em transmitir a verdade, eu a encontrei. Que muitos outros a encontrem por causa deste livro.

Pastor Nguyen Viet Anh, muito obrigada por responder com tanta paciência e delicadeza a todas as 8.734 perguntas que eu tinha a respeito do que significa seguir a Cristo. Você é um homem bom e piedoso.

Perry Kretz, jornalista extraordinário, você realmente realizou uma grande façanha quando procurou uma resposta para a pergunta: “Será que essa garotinha ainda está viva?”. Você explicitou ao público o meu sofrimento e, conseqüentemente, o sofrimento de todos aqueles que são feridos pelos horrores da guerra. Serei sempre grata a Deus por sua persistência em me encontrar e por seu altruísmo ao conseguir tratamento para minha dor.

Norm Keith, minha advogada e amiga, obrigada por sua tenacidade e suas orações fervorosas. Sua contribuição permitiu que construíssemos uma rede de segurança para tudo o que decidi empreender. Obrigada por encontrar a agente literária perfeita para mim, Lisa Jackson. Considero uma grande bênção ter como amigas pessoas tão profissionais e sábias.

Lisa, você, Michelle Alvis e toda a equipe da Alive Literary Agency me dispensaram bondade constante, graça generosa, compreensão profunda e todo o apoio de que uma mulher poderia precisar. Muito obrigada!

Ashley Wiersma, sem você este livro não existiria. O Senhor nos uniu e você foi a companheira de escrita ideal para mim. Você me encheu de energia quando estive exausta e, em cada página, transformou em palavras o que eu visualizava dentro de mim. Amo você, amiga querida! Estenda meus cumprimentos a Perry e Prisca.

Jan, Sharon, Nancy, Todd e toda a equipe da Tyndale, obrigada por acreditarem em minha história e no poder deste livro para mudar vidas.

Bonne e Sarah, obrigada por compartilharem seu conhecimento editorial com este projeto. Vocês trabalham duro! Este livro é muito melhor por causa disso.

Andy, você e sua família me inspiraram a criar um grupo de oração enquanto eu trabalhava neste livro, ideia que produziu muitos frutos tão necessários. Dan e Joy Loney, muito obrigada por dirigirem esses encontros de oração. Que amizade fiel tenho em vocês!

Anne Bayin, minha irmã e amiga, obrigada por dedicar sua vida para me ajudar a ter êxito. Todos precisam de uma Anne na vida.

Liesa e Enzo Cianchio e família, meus queridos amigos no Canadá, obrigada por acreditarem em mim e por me amarem tanto.

Reg Reimer, meu “irmão mais velho” no Canadá, obrigada por viver com coragem e devoção a Cristo. E por amar minha terra natal, o Vietnã, tanto quanto eu.

Minha amiga Tran Thi Trieu, obrigada pelas décadas de companheirismo. Eu a amo e oro por você todos os dias.

Ainda não sei o nome do piloto responsável pelo lançamento daquelas bombas de napalm em 1972, mas não preciso dessa informação para revelar isto: eu adoraria conhecê-lo um dia.



Adoraria abrir um largo sorriso e lhe dar um abraço apertado. Gostaria muito de olhar em seus olhos e dizer: “Eu o perdoo. Tudo ficou no passado. Vamos seguir em frente, em paz”. A guerra é difícil para todos os envolvidos, por isso, sem dúvida, a guerra em meu país feriu você também. Oro para que você tenha encontrado cura ao longo dos anos que se passaram. E que meu perdão sempre o acompanhe.

Oh, Canadá! Como eu o amo! Obrigada por aceitar meu esposo Toan e a mim em 1992, quando parecia não haver nenhum outro lugar que nos abrigasse. Muito obrigada pela liberdade! Obrigada pela chance que Toan e eu tivemos de construir uma nova vida para nossa família dentro destas fronteiras. Aqui nos sentimos verdadeiramente em casa.

A meus amigos e colaboradores da KIM Foundation International, muito obrigada por fazerem meu trabalho avançar ao redor do mundo e por acreditarem, assim como eu, que todas as crianças merecem viver com saúde, plenitude, liberdade e paz todos os dias enquanto viverem.

A meus amigos da Unesco, muito obrigada por me darem incontáveis oportunidades de falar ao longo dos últimos vinte anos. Que sempre sejamos embaixadores da paz.

Aos cristãos do mundo inteiro que viram minha foto no jornal há décadas, colocaram as mãos sobre a frágil estrutura daquela garotinha e clamaram a Deus para que eu sobrevivesse — e até prosperasse —, meu muito obrigada. Obrigada por estenderem esperança a mim quando eu estava ferida demais para alcançá-la.

Aos médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, fisioterapeutas, dermatologistas e especialistas em *laser* que caminharam comigo no decorrer desses anos: o tratamento que me deram melhorou minha qualidade de vida e sua bondade expandiu meu coração. Agradeço em especial à dra. Le My, que me internou na Unidade Barsky há tanto anos. Deus colocou você em uma posição de poder quando eu era absolutamente impotente, e serei para sempre grata por sua misericórdia, bondade e cuidado.

Steven Stafford, agradeço por seu amor e amizade.

Querida sobrinha Danielle (Hong Duc), cujo pai, meu irmão Phuoc, correu comigo por aquela terrível estrada em chamas. Louvo a Deus por você e peço ricas bênçãos sobre toda sua família. Toan e eu ficamos felizes demais por tê-la conosco aqui no Canadá por sete anos. Agora, já não a consideramos uma sobrinha, mas sim nossa filha.

Meu marido Toan, meus filhos Thomas e Stephen, minha nora Kezia, e meu precioso netinho Kalel Bui: muito obrigada por sempre demonstrarem amor incondicional, apoio inabalável em oração e altruísmo sacrificial enquanto eu compartilho minha história com o mundo.

Finalmente, meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, muito obrigada por me resgatar da escuridão física, emocional e espiritual em que eu me encontrava quando tinha 19 anos. E por planejar para mim uma vida que faz a diferença. O Senhor é meu tesouro. Eu vivo para o Senhor. Foi no Senhor, afinal, que encontrei a paz.

## UMA FOTO TRANSFORMOU MINHA VIDA PARA SEMPRE

*O mundo não me conhecia antes que minha foto fosse tirada na rodovia de uma vila vietnamita. Quem dera eu tivesse fotos de família que mostrassem minha felicidade na época da infância, mas infelizmente não restou nenhuma delas. Essa é a razão do salto de tempo na cronologia das fotos a seguir. Espero que as palavras relatadas neste livro ajudem a preencher aquilo que os olhos não podem ver.*



Em 8 de junho de 1972, tudo que eu amava no meu lar em Trang Bang foi destruído pelo inferno de napalm.



Pham Van Dong, o primeiro-ministro vietnamita, e eu fomos muito próximos, como parentes de sangue. Eu o chamava de Bac Dong, que significa "tio amado".

*Como alguém  
poderia me  
amar com essas  
cicatrices horríveis?*

Tentei fingir que não eram um problema, mas elas sempre me lembravam de que eu era diferente.





*Ninguém acreditava  
que eu fosse fisicamente capaz de gerar  
filhos. A chegada de Thomas em 1994  
provou que todos estavam errados!*





Dec. 1992  
Scarborough - Canada.

Toan e eu rapidamente percebemos que o inverno canadense em nada se parecia com o inverno no Vietnã.



Dec. 1992  
Scarborough - Canada.

## Canadá



*"Mãe Nancy" Pocock com Thomas e eu, em 1994. Nancy foi o primeiro "anjo" de nossa família no Canadá, uma verdadeira amiga de refugiados.*

Sou grato a Toan por ter decidido buscar a liberdade comigo. Nesta foto, estamos celebrando a conquista de nossa cidadania canadense.





Durante uma ida à minha terra natal em 2005, visitei tia Ahn, que perdera dois filhos — Dahn e Cuong — nos bombardeios de napalm e sofrera graves ferimentos naquele fatídico dia em 1972.



## Vietnã

*Meu irmão Número 8 (à esquerda) e meu primos Bon e Tihn (à direita) comigo no lugar onde, quatro décadas antes, tio Ut tirou nossa famosa foto. Infelizmente, o irmão Número 5, que estava à minha frente na foto, morreu poucos dias antes dessa nova fotografia.*



O templo Cao Dai, em Trang Bang, para onde corremos em busca de refúgio. Quando a vila sofreu ataques, fugimos por suas largas portas na direção da Rodovia 1, onde as bombas foram lançadas.

Caminhando pela Rodovia 1, na direção do templo Cao Dai, ao lado de meus filhos, Stephen (à esquerda) e Thomas (à direita), na primeira viagem deles a Trang Bang.







## *Revisitando Cuba*

*Para nosso aniversário de 21 anos de casamento, Toan e eu levamos nossos filhos a Cuba. Queríamos que Thomas e Stephen conhecessem o lugar onde Deus promoveu a união dos pais deles.*

Minha viagem a Cuba não estaria completa enquanto eu não me reencontrasse com a família Díaz. Manuel e Nuria foram como pais para mim na época em que eu frequentava a escola em Havana. Seu amor e seu cuidado me fizeram ver neles o próprio Jesus.



Esta é minha foto favorita de nossa viagem a Cuba, pois mostra a alegria que habita em mim o tempo todo. Embora estivesse com medo de nadar, decidi me aventurar e fazer o mergulho — com a ajuda de um guia.



Este é um dos meus dias mais felizes: em casa, no Canadá, fazendo *muffins* pela primeira vez para mamãe e papai.

## *Presentes de Deus para mim*



Meus dois filhos, Thomas e Stephen, têm grande caráter e grande coração, o que me deixa muitíssimo orgulhosa.

Esta foto foi tirada em novembro de 2016, quando eu havia acabado de chegar em casa depois de uma sessão de tratamento a *laser* para minhas queimaduras. Segurar nos braços um de meus netos, Kalel, ajudou a aliviar a dor.



Não consigo expressar minha gratidão a Deus por ter me unido à dra Jill Waibel. Os tratamentos a *laser* especializados que ela conduziu ao longo de dois anos ajudaram a reduzir minha dor de modo considerável. Ela celebrou comigo meu aniversário em San Diego, em 6 de abril de 2017.



## ESTES DOIS HOMENS TRANSFORMARAM MINHA VIDA PARA SEMPRE

*Se não fosse pelo fotógrafo Nick Ut (à esquerda),  
o mundo talvez nunca conhecesse a tragédia  
que ele captou com sua câmera.  
É meu querido Toan (à direita) captou meu  
coração com seu grande amor e nunca o  
deixou escapar.*



1. Filipenses 4.7.
2. 1Pedro 4.12-13.
3. Nome pelo qual ficou conhecida a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã. [N. da T.]
4. Disponível em <[www.caodai.org](http://www.caodai.org)>, acesso em 8 de nov. de 2017.
5. Para mais detalhes, leia o artigo “The Vietnamese Boat People” [Os vietnamitas dos barcos], disponível em <<http://adst.org/2014/07/thevietnamese-boat-people/>>, acesso em 26 de out. de 2017.
6. João 14.6.
7. Ahn usou dois versículos da Bíblia como prova: “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade: o homem Cristo Jesus” (1Timóteo 2.5); “E este é o testemunho: Deus nos deu vida eterna, e essa vida está em seu Filho” (1João 5.11).
8. Romanos 10.17.
9. “Pois é crendo de coração que você é declarado justo, e é declarando com a boca que você é salvo” (Romanos 10.10).
10. “Vocês são salvos pela graça, por meio da fé. Isso não vem de vocês; é uma dádiva de Deus. Não é uma recompensa pela prática de boas obras, para que ninguém venha a se orgulhar. Pois somos obra-prima de Deus, criados em Cristo Jesus a fim de realizar as boas obras que ele de antemão planejou para nós” (Efésios 2.8-10).
11. Efésios 5.25.
12. Baseado em Salmos 26.11-12: “Eu, porém, vivo com integridade; resgata-me e tem misericórdia de mim. Agora estou em solo firme e louvarei o Senhor no meio do povo”.
13. 1Coríntios 10.27-28.
14. “Se alguém que me segue amar pai e mãe, esposa e filhos, irmãos e irmãs, e até mesmo a própria vida, mais que a mim, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.26).
15. Mateus 6.34.
16. Salmos 46.1; Salmos 9.9 e Isaías 41.10, respectivamente.
17. 2Coríntios 11.23-27.
18. Romanos 8.28.
19. Hebreus 10.16.
20. “Sei viver na necessidade e também na fartura. Aprendi o segredo de viver em qualquer situação, de estômago cheio ou vazio, com pouco ou muito. Posso todas as coisas por meio de Cristo, que me dá forças” (Filipenses 4.12-13).
21. Mateus 5.6.
22. Tio Ut estava correto em sua avaliação! Ao longo das cinco décadas de sua carreira com a Associated Press, ele tirou muitas, muitas “fotos excelentes”, incluindo imagens do ator Robert Blake, da atriz Joan Collins, do cantor Michael Jackson e de Paris Hilton. Ao anunciar sua aposentadoria, em 13 de março de 2017, ele resumiu suas realizações em quatro palavras publicadas em suas redes sociais: “Do inferno a Hollywood”. Lamento o fato da

minha foto pertencer ao primeiro lugar mencionado, mesmo sabendo que, dentre as muitas imagens que tio Ut capturou para a posteridade, a minha é a mais famosa.

23. 1 Tessalonicenses 5.17.

24. Romanos 8.15.

25. Lucas 6.27-28.

26. Confira Mateus 6.14-15; 18.34-35; Romanos 12.19; Efésios 4.32; 1 Pedro 3.9.

27. Mateus 18.21-22.

28. Posteriormente, quando se levantaram vários questionamentos acerca do envolvimento do capitão Plummer no bombardeio de Trang Bang, ele continuou a admitir sua culpa e eu acredito nele. Ao fim de seu serviço militar, Plummer recebeu a Medalha de Bronze por Serviço, com a menção de que “auxiliou na coordenação de um número tremendo de ataques aéreos e atividades de apoio” durante a guerra do Vietnã. O mais importante para mim é que o capitão Plummer foi a primeira pessoa que tive a oportunidade de perdoar face a face, dando início ao processo de cura em meu coração.

29. Jeremias 33.3.

30. Joel 2.25.

31. Mateus 19.26.

32. Lucas 18.1-5.

33. Ao longo dos anos, vários artistas criaram obras que me retrataram de alguma maneira, mas somente um — “Robert” (cuja identidade permanecerá oculta) — se envolveu nessa parte da minha história.

34. Isaías 55.9 diz: “Pois, assim como os céus são mais altos que a terra, meus caminhos são mais altos que seus caminhos, e meus pensamentos, mais altos que seus pensamentos”.

35. Jeremias 33.3.

36. Josué 4.1-7.

37. Alusão ao juramento de Hipócrates, declaração solene feita pelos médicos na ocasião de sua formatura e mediante a qual esses profissionais juram atuar com honestidade. Uma reprodução desse juramento está disponível em <[www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3](http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3)>. [N. da T.]

38. 2 Reis 5.1-14.

39. “Napalmed Girl Recovering in Barsky Medical Center”, *Times Daily*, 8 de agosto de 1972, disponível em <<http://news.google.com/newspapers?nid=1842&dat=19720807&id=2AwsAAAIBAJ&sjid=SsgEAAAIBAJ&pg=5773,141854>> acesso em 16 de nov. de 2017.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:  
[opinioao-do-leitor@mundocristao.com.br](mailto:opinioao-do-leitor@mundocristao.com.br)  
Acesse nosso *site*: <[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)>

RODNEY LEANDRO BETETTO  
COM CARLOS EDUARDO FERNANDES

# LIÇÕES DA BÍBLIA

Como os ensinamentos bíblicos podem ajudar  
você a vencer todos os desafios profissionais

## PARA O SUCESSO NO TRABALHO

MC

# Lições da Bíblia para o sucesso no trabalho

Betetto, Rodney Leandro

9788543303352

171 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Este livro nasceu de breves meditações diárias que envio aos colaboradores da empresa em que trabalho. A aceitação tem sido extraordinária, desde funcionários de níveis operacionais até os altos executivos e membros do Conselho – todos me dão feedback positivo e incentivo. Escolhemos 52 reflexões, que se encaixam em áreas tais como empreendedorismo, comunicação, trabalho em equipe, planejamento, organização, capacitação, disciplina e muitos outros. Entram na lista, também, temas caros à governança corporativa do século 21, como sustentabilidade, resiliência e empregabilidade. Eles foram organizados de maneira que você possa meditar em um tema por semana, ao longo do ano inteiro. Tenho a convicção de que, se você observar o conjunto de princípios que reunimos nesta obra, sua vida profissional será grandemente abençoada. Certamente, isso terá um grande impacto no seu nível de empregabilidade ou no sucesso de seu empreendimento." (O Autor)

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

# é seu filho, não um *hamster*

Reduza o  
estresse na  
educação das  
crianças



# É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin

9788573258356

249 páginas

[Compre agora e leia](#)

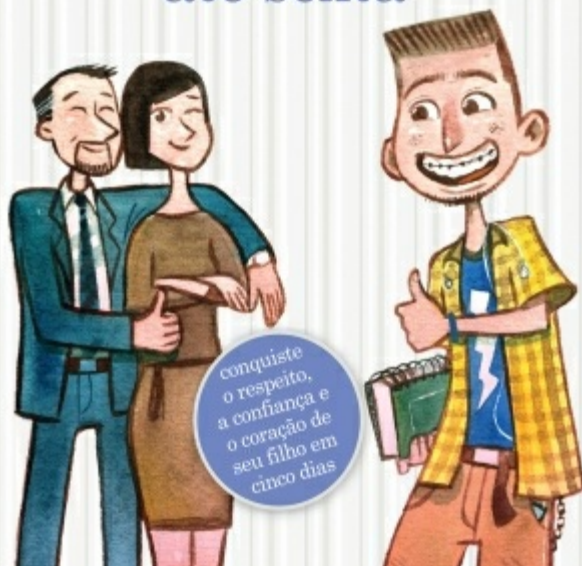
A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

[Compre agora e leia](#)



kevin leman

# transforme seu adolescente até sexta



# Transforme seu adolescente até sexta

Leman, Kevin  
9788573258271  
245 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

[Compre agora e leia](#)



# S.O.S dos pais

Poli, Cris

9788543300450

163 páginas

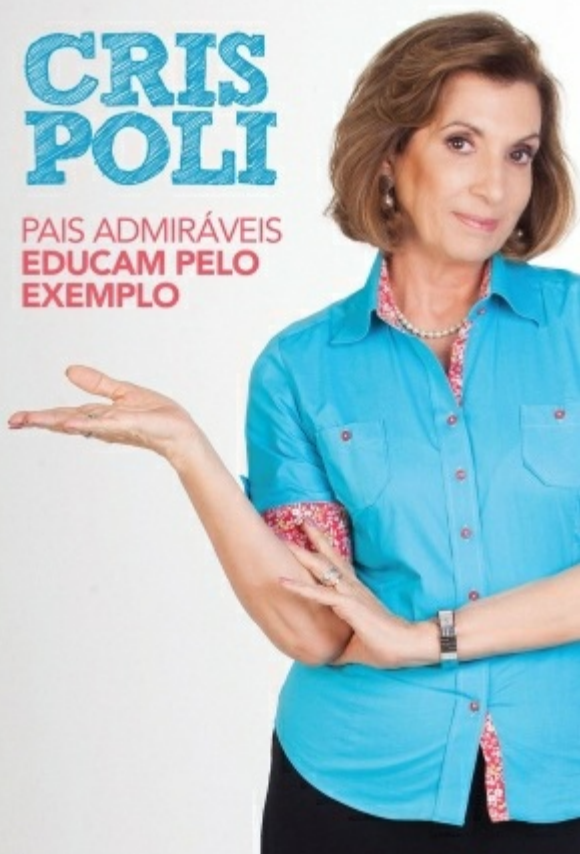
[Compre agora e leia](#)

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão de educar os filhos. - Augusto Cury Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas. Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos. As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por comportamentos ou hábitos não saudáveis adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

[Compre agora e leia](#)

**CRIS  
POLI**

PAIS ADMIRÁVEIS  
EDUCAM PELO  
EXEMPLO



# Pais admiráveis educam pelo exemplo

Poli, Cris

9788573259339

199 páginas

[Compre agora e leia](#)

A máxima "Faça o que eu digo, não faça o que eu faço" não funciona quando o assunto é criação de filhos. As crianças, desde muito pequenas, observam e se espelham nas atitudes e no comportamento dos pais, muito mais do que em seus ensinamentos verbais ou broncas. Todo pai e toda mãe deseja que os filhos sejam amorosos, alegres, pacíficos e pacificadores, pacientes, tolerantes, amáveis, bondosos, fiéis, mansos e que tenham domínio próprio. Então, lembre-se: eles precisam ver essas características em você primeiro! Neste livro, Cris Poli ajudará você a transmitir valores importantes a seus filhos, com a didática que eles compreendem melhor: seu exemplo pessoal. Um livro esclarecedor que não pode faltar na biblioteca dos pais!

[Compre agora e leia](#)